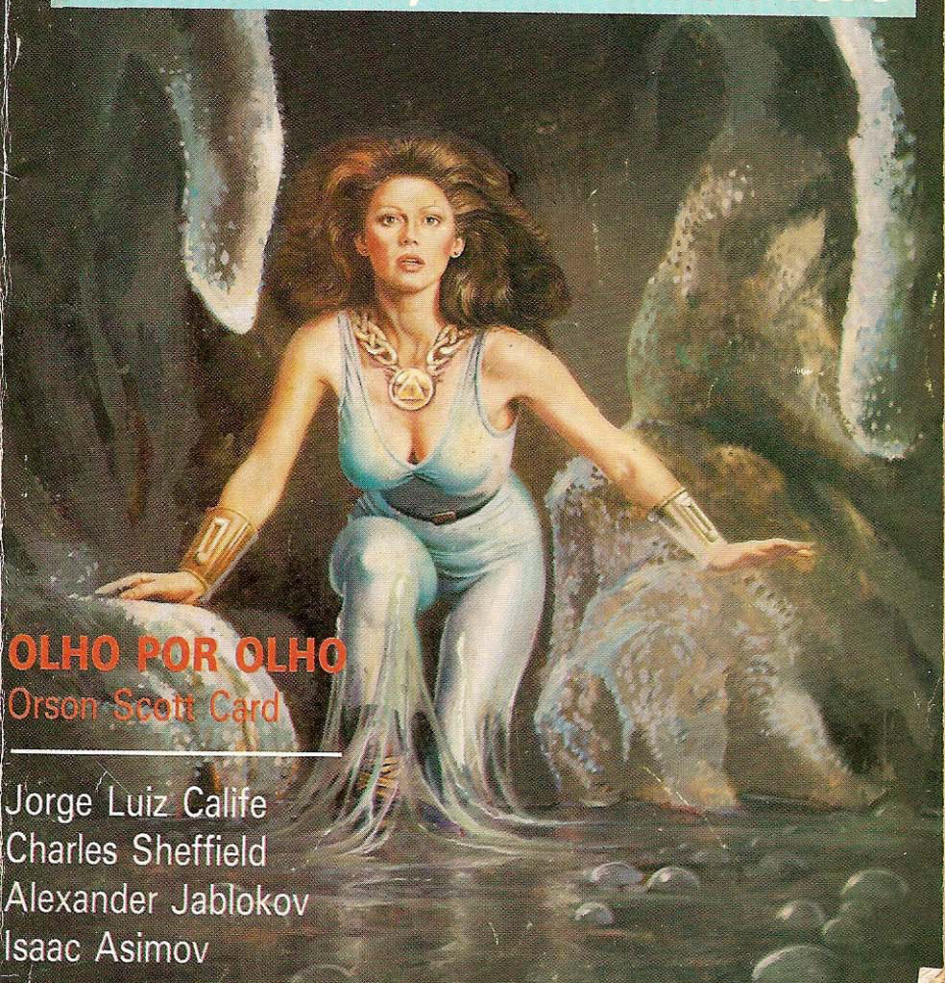
A História dos Prêmios HUGO e NEBULA

ISAAC ASIMOV Magazine 20

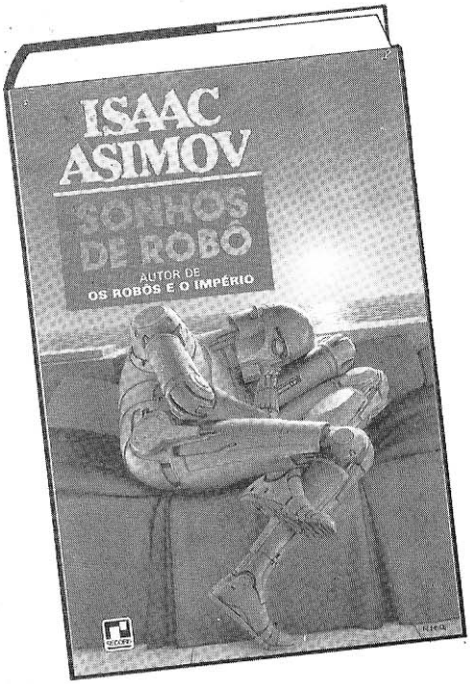
Cr$ 3.900,00

FICÇÃO CIENTÍFICA



OLHO POR OLHO
Orson Scott Card

Jorge Luiz Calife
Charles Sheffield
Alexander Jablokov
Isaac Asimov



Os melhores contos de ISAAC ASIMOV reunidos num único volume!

SONHOS DE ROBÔ

Isaac Asimov
Ref.: 03604/6- 462 págs.
Cr$ 45.900,00

Vinte e uma histórias selecionadas, entre as várias que Asimov produziu ao longo de cinco décadas. Uma coletânea que nem os melhores sonhos dos aficionados poderiam prover. Mas é pura realidade. Ou melhor: Ficção Científica de primeira!

À venda nas livrarias ou diretamente pelo Reembolso Postal Record (use o cupom desta revista). Pedidos também pelo telefone (021) 580-5182 ou por carta — Cx. Postal 23.052, CEP 20922, Rio de Janeiro — RJ.

Preço válido para pedidos postados até 30 de abril de 1992.

ISAAC ASIMOV MAGAZINE

FICÇÃO CIENTÍFICA

NÚMERO 20

Novela

132 Olho por Olho - Orson Scott Card

Noveletas

21 O Artista da Morte - Alexander Jablokov

78 O Ouro do Homem Gordo - Charles Sheffield

Contos

54 MIV-547 - W. R. Thompson

68 A Sereia do Espaço - Jorge Luiz Calife

102 Visões de Robô - Isaac Asimov

117 Por Que Saí do Harry's 24 Horas - Lawrence Watt-Evans

Seções

5 Editorial: Espadas e Bruxarias - Isaac Asimov

9 Cartas

11 Depoimento: Os Prêmios de Ficção Científica - Roberto C. Nascimento e Rubenildo P. de Barros

10 Títulos Originais

16 Resenha: A Terceira Expedição e O Efeito Entropia - Roberto de Sousa Causo

Copyright © by Davis Publications, Inc.
Publicado mediante acordo com Scott Meredith Literary Agency. Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
que se reserva a propriedade literária desta tradução

osebodigital.blogspot.com

EDITORA RECORD

Fundador
ALFREDO MACHADO

Diretor Presidente
SERGIO MACHADO

Vice-presidente
ALFREDO MACHADO JR.

Departamento Comercial - Diretor
ROBERTO COMBOCHI

Departamento Industrial - Diretor
ROBERTO BRAGA

REDAÇÃO

Editor
Ronaldo Sergio de Biasi

Supervisora Editorial
Adelia Marques Ribeiro

Chefe de Revisão
Maria de Fátima Barbosa

ISAAC ASIMOV MAGAZINE é uma publicação mensal da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. Redação e Administração: Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 580-3668 - Caixa Postal 884 (CEP 20001, Rio/RJ). End. Telegráfico: RECORDIST, Telex (021) 30501 - Fax: (021) 580-4911
Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD
DE SERVIÇOES DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina, 171
10901 - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (021) 580-3668

EDITORIAL
ISAAC ASIMOV

Espadas e Bruxarias

Não me considero um especialista na história da ficção científica e campos correlatos, mas acho que não estou errado ao afirmar que as histórias atuais de espadas e bruxarias devem sua existência à imaginação de Robert Howard, o criador das histórias de Conan.

Parte do sucesso deste tipo de história está na fascinação exercida pelos músculos superdesenvolvidos e pela força descomunal do herói. É difícil imaginar um homem que não tenha desejado, pelo menos uma vez na vida, ter bíceps rijos como aço e ser capaz de brandir uma espada de vinte quilos como se fosse um pedaço de bambu, usando-a para rachar ao meio sórdidos vilões. Imagine colocar cinqüenta inimigos para correr com apenas uma espada em uma das mãos e uma donzela desmaiada na outra!

Para mim, porém, coisas como essa me dão arrepios. Talvez eu seja excessivamente realista, mas imagino muito bem como um herói deve cheirar depois de realizar feitos como o que acabo de descrever, já que jamais ouvi falar que um deles usasse desodorante. Ao que me parece, os Conan que existem por aí podem estar salvando donzelas de um destino pior que a morte apenas para sujeitá-las a outro destino pior que a morte.

Pode ser que as donzelas apreciem esse tipo de coisa, mas não tenho como saber. Jamais submeti uma mulher a esse teste em particular.

Há, é claro, heróis muito mais antigos do que Conan. Heróis existem desde os primórdios da literatura, e os mais populares destacam-se justamente por seus músculos e pouco mais do que isso. Como disse Anna Russell, referindo-se a Siegfried, o herói de *O Anel dos Nibelungen*, de Richard Wagner, esses heróis são "muito corajosos, muito fortes, muito elegantes e muito, *muito* burros".

Os heróis podem ser encontradosem praticamente todas as culturas. Os sumerianos tinham Gilgamesh, os gregos tinham Hércules, os hebreus tinham Sansão, os persas tinham Rustem, os irlandeses tinham Cuchulain, e assim por diante. Todos viviam se metendo em encrencas, pois qualquer criança era capaz de enganá-los, e depois eram forçados a recorrer a sua forca sobrehumana para sair dos apuros, já que não podiam contar com mais nada.

Os gregos antigos foram os primeiros a inventar uma coisa melhor. Na

Ilíada, o herói é Aquiles, outra máquina de matar. Na *Odisséia*, porém, o herói é Ulisses, que, além de ser bom guerreiro (caso contrário, não conseguiria o papel principal em uma aventura épica), é uma pessoa que pensa.

Existe uma história, que não é contada na *Ilíada*, mas mencionada na *Odisséia* e aprofundada pelos poetas que vieram depois de Homero, de acordo com a qual, depois da morte de Aquiles, começou-se a discutir qual dos heróis gregos deveria ficar com a gloriosa armadura do falecido, que fora fabricada pelos deuses. Um dos candidatos era Ajax, que em músculos só perdia para Aquiles e era provavelmente o menos inteligente dos heróis; o outro era Ulisses. Foi um caso de esperteza contra força bruta.

Nas *Metamorfoses*, de Ovídio, a história é contada de forma particularmente feliz. Ajax se levanta para defender sua posição para os gregos reunidos em assembléia, e fala a respeito das longas e ferozes batalhas em que foi um baluarte inexpugnável, das vezes em que seu braço de ferro se abateu sobre os troianos, da ocasião em que defendeu sozinho os barcos da esquadra, quando os gregos estavam em desvantagem.

Ao ler a obra pela primeira vez, fiquei impressionado. Ajax me convenceu. Não via como Ulisses, um guerreiro bem mais fraco, poderia continuar a reivindicar a armadura de Aquiles. Acontece que quando chegou a vez de Ulisses falar, ele demoliu totalmente os argumentos de Ajax. Não era simplesmente a força, não era o impacto das espadas que estava decidindo a guerra, mas a estratégia... a política... a inteligência. Tive vontade de aplaudi-lo. Foi o que os gregos fizeram. Ulisses ganhou a armadura. O pobre Ajax ficou tão frustrado que se suicidou.

Há uma passagem tocante na *Odisséia* que pode servir como pós-escrito. Ulisses visita o mundo dos mortos e encontra parentes e amigos já falecidos, incluindo sua mãe e Aquiles. Ajax está lá, também, e Ulisses se aproxima do herói morto com palavras amistosas, mas Ajax se afasta em silêncio. Mesmo depois da morte, não podia perdoar Ulisses.

Outras culturas também falam ocasionalmente da derrota da força bruta. Uma das histórias mais famosas de todos os tempos é a de Davi e Golias, em que um homem relativamente pequeno derrota um gigante porque sabe escolher a arma apropriada. Reynard, a raposa, derrota perigosos lobos, ursos e leões em lendas medievais, o que também acontece com o coelho Br'er das histórias infantis norte-americanas.

Nesta batalha entre cérebros e músculos, porém, a platéia nunca se sente muito à vontade quando os vitoriosos são os cérebros. Os simplórios Lancelotes e Rolandos são aplaudidos sem reservas, mas os heróis inteligentes

costumam ser encarados com desconfiança. Em muitas lendas pós-homéricas, Ulisses é representado como um covarde e um intrigante. A esperteza da raposa e do coelho em geral se baseia em mentiras e desonestidades.

Nas lendas, o personagem mais inteligente muitas vezes é representado como alguém suficientemente esperto para controlar certos aspectos do universo com seu conhecimento superior e sua astúcia. Ele é um mágico ou um feiticeiro. Existem ocasiões em que o mágico está do lado do bem e trabalha lado a lado com o herói que possui a força física; é o caso de Merlin, que auxilia o rei Arthur. O mágico também pode ser o herói, como acontece com Vainamoinen nas lendas finlandesas.

Freqüentemente, porém, o mágico é o vilão, que ameaça o herói com feitiços traiçoeiros, ao mesmo tempo que se esconde atrás do muro protetor dos seus poderes. Nosso pobre herói, que luta às claras, com golpes simples e honestos de sua espada, precisa de alguma forma alcançar e destruir o feiticeiro covarde e desleal.

Em outras palavras, ao mesmo tempo que é nobre e admirável que o herói use sua força sobre-humana para derrotar os inimigos fisicamente mais fracos, existe algo de pérfido em um mágico recorrer a sua inteligência sobre-humana para vencer os inimigos menos bem-dotados no plano intelectual.

Este uso de dois pesos e duas medidas é bem visível nas histórias de espadas e bruxarias, nas quais o herói da espada (força) enfrenta o vilão da bruxaria (cérebro), derrotando-o sistematicamente. Além do mais, existe a convenção de que a força está sempre do lado do bem e da beleza (uma proposição que, na vida real, é no mínimo discutível). É o mesmo que ocorre nos filmes de faroeste, nos quais as disputas são vencidas por quem consegue sacar mais rápido e atirar com maior precisão. Acontece que, nos filmes, o mocinho honesto e virtuoso é sempre o mais rápido e certeiro, uma idéia que, na vida real, se torna impossível de sustentar.

A ficção científica, nos seus primórdios, também caiu nesse chavão de esperto-é-mau. Pense em todos os cientistas loucos que apareceram durante muitos anos nas revistas de ficção científica, para não falar nos filmes e histórias em quadrinhos. Pense em todos os Flash Gordon que recorreram aos músculos (e à estupidez) para enfrentar a inteligência maligna dos Ming... e venceram.

Não estou dizendo que não aprecie histórias desse tipo, especialmente quando temperadas com um toque de humor. O fato, porém, é que, na história dos grandes mamíferos predadores, o homem conquistou a supremacia usando a inteligência; se as coisas se passassem como nas fantasias heróicas,

a vitória não seria do homem, e sim dos leões e elefantes.

(Se, como eu, você não concorda com o que os seres humanos estão fazendo com a Terra, pode até achar que é uma pena os leões e elefantes não terem sido os ganhadores, mas não estou dizendo que a inteligência seja virtuosa, apenas que é vitoriosa.)

Uma das características que diferenciam a ficção científica atual das outras formas de ficção é uma tendência para endeusar a razão. Os cientistas são muitas vezes os heróis e a inteligência é quase sempre a arma que deve ser usada, mesmo por aqueles que não são cientistas, para resolver conflitos. Nas minhas histórias, raramente recorro à violência; quando o faço, jamais é para resolver o problema central. Para mim, é uma questão de cérebro contra cérebro, e que vença o mais inteligente. (E nem sempre é óbvio que o cérebro superior represente a causa do Bem, porque tenho a desconfiança de que nem sempre o Bem consegue vencer no final... isso se conseguirmos definir com clareza qual é o lado do Bem, o que pode não ser muito fácil.)

A definição de "ficção científica de boa qualidade" deve incluir, portanto, a tendência de que os problemas sejam resolvidos pelo uso da inteligência e não pela força bruta.

Nem todas as histórias de fantasia assumem a posição contrária. No *Senhor dos Anéis*, de Tolkien, a inteligência é exaltada. Mesmo assim, considero a história típica de espadas e bruxarias como a antítese da ficção científica. É por essa razão que você jamais encontrará histórias desse tipo nesta revista, a não ser em casos excepcionais.

Cartas

Senhor Editor:

Venho solicitar-lhe que considere a possibilidade de se prorrogar indefinidamente o prazo de seis meses fixado para duração das remessas automáticas pelo reembolso postal dessa revista, para mim e, naturalmente, aos demais leitores que se interessem. O fato de ser cobrado o preço de capa resguarda, creio eu, os interesses de ambos, leitor e editora; e, no caso de uma eventual desistência da parte do primeiro não ser devidamente comunicada com antecedência, a não-retirada do exemplar no correio acarretaria o cancelamento das remessas, sendo mínimo o prejuízo para VV. SS.

Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelo excelente nível da IAM, embora deva observar que uma maior participação da "hard Sci-Fi" no bolo o tornaria mais apetecível ainda para mim, pessoalmente.

Marcílio B.V. Abritta
Leopoldina, MG

Marcílio, sua argumentação seria irrepreensível, se não fosse por um detalhe: quando um leitor não retira seu exemplar no correio, levamos quase dois meses para ser informados. Por essa razão, somos forçados a limitar as remessas a um certo número de meses e pedir aos nossos leitores que renovem periodicamente seus pedidos. Entretanto, reconhecemos que seis meses é um prazo excessivamente curto, tanto que já estamos aceitando pedidos para um ano.

Caro Editor:

Antes de parabenizá-lo pelo grande sucesso dá nossa querida revista, gostaria de perguntar algumas coisas:

1) Não leio FC há muito tempo e quero começar uma coleção de livros. Mas só tenho os títulos originais. Será que podem me passar os títulos em português que foram publicados no Brasil? Os livros são os seguintes: *The Complete Robot; The Naked Sun; The Robots of Dawn; The Currents of Space; The Stars, Like Dust; Pebble in the Sky e Foundation and Earth.*

2) Quais os próximos livros a serem publicados pelo Dr. Isaac Asimov? Há algum livro da série Fundação?

Remo Trigoni Júnior
São Paulo, SP

Remo, todos os livros que você mencionou foram publicados no Brasil. Os títulos em português são os seguintes: The Complete Robot/Nós, Robôs; The Naked Sun/Os Robôs; The Robots of Dawn/Os Robôs do Amanhecer; The Currents of Space/As correntes do Espaço; The Stars, Like Dust/Poeira de Estrelas; Pebble in the Sky/827 Era Galáctica e Foundation and Earth/A Fundação e a Terra. Três livros do Bom Doutor estão programados para serem lançados no Brasil no futuro próximo: Sonhos de Robô, uma coletânea de contos sobre robôs; Azazel, com histórias do demônio do mesmo nome; e O Cair da Noite, um romance escrito em colaboração com Robert Silverberg, baseado no famoso conto "Nightfall". Quanto à série Fundação, Asimov está publicando uma série de novelas na IAM americana, com o título Forward the Foundation, que futuramente será publicada sob a forma de livro, e que cobre o período entre Prelúdio da Fundação e Fundação.

Títulos Originais

Olho por Olho/Eye for Eye (March 1987/115)
O Artista da Morte/The Death Artist (August 1990/159)
O Ouro do Homem Gordo/Fat Man's Gold (March 1991/168)
MIV-547/VRM-547 (Analog, February 1990/Vol.CX N^0 3)
Visões de Robô/Robot Visions (April 1991/169&170)
Por Que Saí do Harry's 24 Horas/ Why I Left Harry's All-Night Hamburgers (July 1987/119)
Espadas e Bruxarias/Sword and Sorcery (January 1985/87)
A Gata de Pavlov/Pavlov's Cat (June 1981/40) (poesia)

Depoimento

Os Prêmios da Ficção Científica

Roberto C. Nascimento e Rubenildo P. de Barros

Este artigo, escrito por dois membros do Clube de Leitores de Ficção Científica, vem atender às solicitações de vários leitores que nos pediram explicações sobre os prêmios da ficção científica, especialmente os prêmios Hugo e Nebula.

Prêmios, concursos, festivais. Pode-se criticá-los, discordar de seus resultados, achar que são fora de moda, mas não há como negar que conferem fama (mesmo que por quinze minutos apenas, conforme disse Andy Warhol) e sucesso aos agraciados.

"...e o vencedor é..."

A obra cujo título é precedido por essa frase torna-se, no mínimo, objeto de curiosidade, transformando seu autor em alguém, diferente dos outros escritores comuns. Senão, imagine-se, caro leitor, em uma livraria, com aquele dinheiro duramente economizado para comprar um livro de FC, tendo de escolher entre dois livros de autores desconhecidos, sendo que um deles tem estampado em letras (propositadamente) bem visíveis "Vencedor do Prêmio Hugo (ou Nebula)". Mesmo que você não saiba o que é Hugo ou Nebula, provavelmente se inclinará pelo livro premiado. Isso sem falar nas oportunidades que um galardão desses propiciará ao ganhador.

Considerando que alguns contos publicados aqui, na *Isaac Asimov Magazine,* já receberam um dos prêmios acima, tendo despertado o interesse em alguns fãs, que escreveram ao caríssimo editor solicitando informações acerca do assunto, nos propusemos a trazer alguns dados concernentes aos principais prêmios concedidos a obras de FC.

O primeiro prêmio regular, voltado especificamente para obras de FC e fantasia, foi o International Fantasy Award (IFA), criado na Inglaterra em 1951 por quatro entusiastas do gênero, um dos quais era o nosso conhecido John Wyndham, autor de *O Dia das Trífides (The Day of the Triffids)*, *A Aldeia dos Malditos (The Midwich Cuckoos)*, entre outros. Juntamente com ele, um grupo de escritores e pessoas ligadas à FC escolhiam anualmente os vencedores.

O primeiro livro a ser agraciado com o IFA foi *Só a Terra Permanece (Earth Abides)* de George R. Stewart, editado pela GRD, em 1983, e recente-

mente reeditado. O prêmio foi concedido a livros que hoje são considerados verdadeiros clássicos corno: *As Cidades Mortas (City)* de Clifford D. Simak, em 1953, e *O Senhor dos Anéis (Lord of the Rings)* de J.R.R. Tolkien em 1957.

O IFA durou de 1951 até 1957, sendo que em 1956 não houve premiaçâo, e seu fim coincidiu com (e foi devido) a ascensão daquele que é considerado o príncipe dos prêmios de FC: o Hugo.

O Hugo sintetiza toda uma cultura agregada à FC americana, que se iniciou com os magazines denominados *pulps*, foi propagada através dos fãs que se encarregaram de difundi-las até desaguar nas convenções que hoje movimentam literalmente milhares de pessoas no mundo inteiro. Entre as inúmeras convenções hoje existentes, uma delas, denominada World Science Fiction Convention (WORLDCON), se destaca por ser a mais antiga.

A idéia original da criação do Hugo deve-se a Hal Linch, um fã da FC, cuja motivação principal foi a de divulgar a WORLDCON de 1953, em Filadélfia, através da instituição de um prêmio nos moldes do Oscar. Este prêmio foi justamente o Hugo.

Realmente naquele ano ocorreu a primeira premiação, tendo sido agraciados, entre outros, Alfred Bester pelo romance *O Homem Demolido (The Demolished Man)*, hoje um clássico da FC, ainda atual em seu enfoque, mesmo após quase 40 anos. Ainda naquele longínquo 1953, foi premiado na categoria Novo Autor ou Artista de FC o hoje consagrado Philip Jose Farmer, autor de *O Mundo do Rio (To Your Scattered Bodies Go)*.

Hugo é o nome popular pelos quais são conhecidos os *Science Fiction Achievement Awards*, concedidos e entregues anualmente nas WORLDCON.

Segundo alguns, este termo informal e carinhoso foi moldado a exemplo do Oscar, enquanto que para outros foi inspirado no Edgar, concedido pela Mistery Writers of America, e assim chamado em homenagem a Edgar Alan Poe.

De qualquer forma, o nome Hugo pretendeu homenagear Hugo Gernsback (1884-1967), que "inventou" em 1926 a FC como categoria literária independente, ao editar o primeiro magazine dedicado exclusivamente ao gênero, o *Amazing Stories*, até hoje em circulação, além de ter utilizado pela primeira vez o termo "Science Fiction".

Aparentemente a entrega do primeiro Hugo não deve ter sensibilizado os fãs da época, já que no ano seguinte, o comitê organizador da WORLDCON de 1954, em San Francisco, não encampou a idéia, e portanto não houve premiações. Em 1955, em Cleveland, o prêmio Hugo voltou a ser entregue, sendo o romance vencedor *They'd Rather Be Right*, de Mark Cliffon e Frank Riley,

que, ao contrário da grande maioria dos vencedores, não deixou nenhuma marca na FC, a ponto de ter sido reeditado posteriormente com o título de *The Forever Machine,* mostrando assim sua inexpressividade. Daí até nossos dias não houve mais hiatos na premiaçâo.

Fisicamente o Hugo é representado por uma escultura de foguete espacial, na vertical, apoiado pelas aletas, numa base de madeira, com uma placa metálica contendo inscrições alusivas ao prêmio. O projeto e produção devem-se a Jack McKnight.

Os prêmios são concedidos em várias categorias, que têm variado em número e características de ano para ano. Para ilustrar, em 1957 não foram concedidos prêmios para romances ou contos. Apenas três magazines foram agraciados nas categorias profissional americano, profissional inglês e fanzine. Já em 1991 foram doze as categorias premiadas, citando-se romance, *The Vor Game* (ainda não traduzido), de Louis McMaster Bujold, filme, *Eduardo Mãos de Tesoura (Edward Scissorhands),* e não-ficcão, *How to Write Science Fiction and Fantasy,* de Orson Scott Card.

Os vencedores em cada categoria são escolhidos por voto direto dos fãs em duas etapas, podendo votar aqueles que adquirirem o direito, comprando o ingresso para a WORLDCON. Ressalte-se que o direito de voto pode ser exercido por correspondência, não sendo, portanto, obrigatória a presença do fã votante na convenção..

As convenções ocorrem, em geral, em setembro, e os prêmios são referidos a obras editadas ou ocorridas no ano anterior. Assim, o Hugo de 1991, por exemplo, foi concedido a trabalhos lançados em 1990, à semelhança do Oscar.

Para tranqüilidade de nosso caríssimo editor, não exigiremos a publicação integral de todos os premiados, o que demandaria muitas páginas, mas nos permitiremos fazer referência a alguns romances ou autores que se destacaram. O autor que teve o maior número de romances premiados com o Hugo foi Robert A. Heinlein, com *A Estrela Dupla (Double Star)* em 1956, *Soldados no Espaço (Starship Troopers)* em 1960, *Um Estranho numa Terra Estranha (Stranger in a Strange Land)* em 1962 e *Revolta na Lua (The Moon is a Harsh Mistress)* em 1967.

Além dos romances citados, ao longo desses 38 anos, vários traduzidos para o português como *Um Cântico para Leibowitz (A Canticle for Leibowitz)* de Walter M. Miller Jr., vencedor em 1961, *Duna (Dune)* de Frank Herbert, 1966, *Fundação II (Foundation's Edge)* de Isaac Asimov, 1983, *Maré Alta Estelar (Startide Rising*) de David Brin, 1984.

Concorrendo com o Hugo em popularidade está o Nebula Science Fiction Award ou simplesmente Nebula. Como o Hugo foi filho das WORLDCON, o Nebula nasceu também de um movimento. Em 1965 foi fundada a Science Fiction Writers of America (SFWA), uma associação que congrega os escritores do gênero. Seu secretário-tesoureiro, Lloyd Biggle Jr., escritor que teve vários livros traduzidos para o português, destacando-se, *Partida sem Chegada (All the Colors of Darkness) e Luz de Outra Dimensão (The Light that Never Was),* entre outros, propôs a criação de um prêmio que viria a ser o Nebula, cuja votação seria realizada entre os membros da SFWA, ao contrário do Hugo, que era votado por fãs.

O Nebula é representado por uma nebulosa espiral, confeccionada em glitter metálico suspenso sobre um cristal de rocha, ambos incrustados em um bloco de lucite (uma espécie de plástico) transparente. O projeto do troféu é devido a Judith Ann Lawrence, esposa de James Blish, que se baseou, por sua vez, em um esboço da escritora Kate Wilhelm.

O prêmio é concedido às categorias romance, novela, noveleta e conto, tendo mantido uma constância nesse aspecto desde sua instituição, diferente do Hugo, que sofreu várias alterações nas premiações, até a forma atual. A partir de 1974, foi instituído um prêmio anual para um escritor cuja obra fosse considerada relevante para o campo da FC. O escritor escolhido recebe o título de *Grand Master.*

A título de curiosidade, no Brasil há dois membros do SFWA. O Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) foi aceito como membro institucional, não tendo, entretanto, direito a voto para o Nebula. O outro membro é o escritor, crítico e cineasta André Carneiro, autor de *Amorquia*, recentemente publicado pela editora Aleph. Como membro pessoal ele vota para o Nebula.

O fato de apenas escritores profissionais votarem para o Nebula não significa, ao contrário do que possa parecer, que o nível seja mais intelectual ou que tenha mais méritos que o Hugo. Como já exemplificado, chega a haver coincidências entre as premiações, e ambos espelham as correntes do momento, além de serem bairristas, a ponto de raros terem sido os prêmios concedidos a ingleses ou canadenses.

Entre os romances que ganharam o Nebula e que foram traduzidos para o português podemos citar: *Tempo de Mudança (A Time of Changes)*, de Robert Silverberg, em 1971, *Serpente do Espaço (Dreamsnake)*, de Vonda Mclntyre, em 1978, *A Garra do Conciliador (The Claw of the Conciliator),* de Gene Wolfe, em 1981.

Os escritores agraciados com o título *Grand Master foram*: Robert A.

Heinlein, Jack Williamson, Clifford D. Simak, L. Sprague de Camp, Fritz Leiber, André Norton, Arthur C. Clarke, Isaac Asimov, Alfred Bester, Ray Bradbury e Lester Del Rey.

O leitor pode se confundir ao ver que o livro *Duna*, de Frank Herbert (já citado), recebeu o Hugo de 1966 e o Nebula de 1965. Na realidade ambos foram entregues em 1966, e referem-se a um romance publicado em 1965, daí a confusão de datas.

Além do romance *Duna*, vários outros receberam os dois prêmios. Desnecessário dizer que um livro que recebe ambos os prêmios realmente passa para o panteão dos clássicos, como os leitores poderão aquilatar por alguns títulos que citaremos a seguir: *A Mão Esquerda das Trevas (The Left Hand of Darkness)* e *Os Despossuídos*, ambos de Ursula K. LeGuin, *O Despertar dos Deuses (The Gods Themselves)*, de Isaac Asimov, *Maré Alta Estelar (Startide Ri-sing)*, de David Brin, *Neuromancer (Neuromancer)*, de William Gibson.

Digno de nota é o caso dos romances *O Jogo do Exterminador (Ender's Game)* e sua continuação, *Orador dos Mortos (Speakerfor the Dead)*, de Orson Scott Card, que ganharam os dois prêmios em anos consecutivos. Apesar de se torcer o nariz para continuações, não se pode negar o valor desses magníficos livros.

Entre os contos já publicados neste magazine, e premiados, ressaltamos: *O Ultimo dos Winnebagos* (IAM 11), de Connie Willis, Hugo/1989 e Nebula/1988, *R&R* (IAM 10), de George R. R. Martin, Nebula/1986, *Ondulações no Mar de Dirac* (IAM 5), de Geoffrey A. Landis, Nebula/1989 e *O Dom da Palavra* (IAM 16), de Octavia Butler, Hugo/1984.

Caso o nosso caríssimo editor assim concedesse, gastaríamos mais algumas laudas discorrendo sobre outros prêmios que, mesmo sem o charme dos já citados, exprimem o reconhecimento por qualidades demonstradas. Prêmios como Locus, Júpiter, John W. Campbell, World Fantasy Award, e até os brasileiros Antares e Nova.

Encerramos este depoimento com o registro do romance *Encontro com Rama (Rendezvous with Rama)*, de Arthur C. Clarke, vencedor dos prêmios Hugo, Nebula, Júpiter, Locus e John W. Campbell, um recordista, portanto.

ROBERTO CÉSAR DO NASCIMENTO é autor do livro Quem é quem na ficção científica, fundador do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) e seu atual secretário-executivo.

RUBEN1LDO PITHON DE BARROS é o Representante Oficial do CLFC no Rio de Janeiro. É colecionador e pesquisador da Ficção Científica americana.

A TERCEIRA EXPEDIÇÃO

O EFEITO ENTROPIA

Roberto de Sousa Causo

Roberto de Sousa Causo nos apresenta duas obras da moderna FC: *A Terceira Expedição*, uma crônica da vida no *day after* de uma catástrofe nuclear e *O Efeito Entropia*, um livro da coleção Star Trek e uma boa história de viagem no tempo.

A Terceira Expedição, Daniel Fresnot, Círculo do Livro, 1991.

A Terceira Expedição foi lançado em 1987, pela Marco Zero, e agora volta a ser publicado como uma seleção do Círculo do Livro. E não deve ser difícil adquirir este romance de pós-holocausto nuclear, pois todo mundo tem um conhecido que é associado do Círculo.

Este tipo de história tem uma larga tradição na ficção científica, infelizmente banalizado ao extremo por produções B do cinema, mas que rendeu pelo menos um grande clássico reconhecido: *Um Cântico para Leibowitz,* de Walter M. Miller Jr.

Aconteceu uma guerra nuclear, seguida de estranhos fenômenos atmosféricos que duraram um ano — um ano sem sol, obrigando os sobreviventes a se abrigarem em tubulações de esgoto. O enfoque recai sobre um grupo de sobreviventes de Barra Velha, Santa Catarina, que aos poucos vão se restabelecendo e se reorganizando. A figura central é o capitão Dino, industrial italiano radicado no Brasil. Homem de personalidade forte, determina e comanda as três expedições dos sobreviventes em busca de vida e recursos em São Paulo. Quem narra é Mane Maestro, participante das três investidas.

Fresnot optou por uma narrativa construída por meio de um recurso interessante: Mane narra os acontecimentos como um testemunho dado a um escritor chamado Teodoro, que pretende pôr em livro as aventuras dos brasileiros nos primeiros anos após o holocausto. Algumas cartas se intercalam no texto, acentuando a proposta de livro-montagem.

A Terceira Expedição é uma crônica simples — que funciona excepcionalmente bem — da vida no day after de uma catástrofe das proporções de uma guerra atômica. É narrada com a linguagem ingênua do interiorano, com um jeito bem brasileiro de "contar causos", e Fresnot não foge aos clichês inerentes a essa tradição da ficção científica. Ali estão os homens atingidos pela radiação, deformados e apáticos, ou transformados em salteadores agressivos. Também os animais mutados, e os estranhos e inexplicáveis fenômenos da natureza violentada. Contudo, é justamente a forma caracteristicamente brasileira de contar histórias, aliada à presença da paisagem e dos tipos humanos do Brasil, que permite ao livro escapar do desgaste sofrido por esse tipo de história.

O livro funciona muito bem, não como uma aventura de enredo rocambolesco recheada dos apelos de praxe (violência, desagregação), mas como o caso bem contado de homens comuns vivendo um instante incomum. Um relato de viagens abordando a saga de brasileiros que enfrentaram

um território antes familiar, que agora se apresenta como uma incógnita armada de perigo.

A prosa de Fresnot é clara, telegráfica em suas frases curtas e precisas, muito eficiente como narrativa, transportando bem os maneirismos e o linguajar do povo, auxiliando a caracterização do homem comum proposta pelo autor. Fica, no entanto, uma impressão de superficialidade que aproxima a obra da literatura juvenil. Fresnot não se dispõe a investigar em profundidade a adaptação psicológica das pessoas a um mundo alterado pela guerra nuclear, ainda que a própria iniciativa da expedição se configure num esforço para renascer no espírito humano o ímpeto da civilização.

Daniel Fresnot passou a metade da vida na França e a outra metade no Brasil, onde ainda vive. No segundo semestre de 1991 ele deu, Junto à Oficina da Palavra, em São Paulo, um workshop com o tema "A História como Fonte Literária".

Neste livro você pode identificar o interesse de Fresnot pela história, embora ele se situe não num passado histórico, mas antes num futuro imediato. As pitadas da história passada da humanidade permitem uma interessante associação com a história futura do *Homo sapiens*.

Muitos consideram a existência de uma ficção científica brasileira problemática por conta de nosso atraso tecnológico e científico. Nesse sentido, *A Terceira Expedição* é importante por nos lembrar que a FC tem muito mais possibilidades temáticas do que as clássicas aventuras espaciais ou extrapolações investigando futuros transformados pelos avanços nas áreas de ciência e tecnologia.

Temos a nossa disposição as histórias de universos paralelos e alternativos, histórias de primeiro contato, histórias de catástrofes em geral, as utopias e antiutopias — e as histórias de guerra nuclear.

A Terceira Expedição é um livro saboroso como leitura, e que exibe o talento de contador de histórias de Daniel Fresnot. É também de interesse por ser uma história de guerra nuclear verdadeiramente brasileira.

Contudo, o livro definitivo sobre a nossa visão de um mundo pós-holocausto atômico ainda está para ser escrito.

O Efeito Entropia (The Entropy Effect), Vonda N. Mclntyre. Coleção Star Trek n^{0} 3, Editora Aleph, 1991.

Fui convidado pela Aleph a tentar produzir uma capa, sem compromisso, para este livro. Comecei a sua leitura imediatamente, deparando-me logo

com o primeiro problema: a capa da edição original da Pocket Books mostrava Sulu, Kirk e Spock vestindo os uniformes vistos na série de filmes do cinema; contudo, o texto tratava James T. Kirk como capitão — e nós todos sabemos que no cinema ele fora promovido a almirante.

Atravessei as 224 páginas do original em inglês tentando resolver o dilema. Os elementos que eu trabalharia na ilustração de capa — modelo da Enterprise, idade dos personagens, uniformes — dependeriam de minha capacidade em situar a história dentro da cronologia particular de Star Trek. Fui encontrar a resposta nas últimas páginas. O Sr. Spock estava usando uma túnica marrom e dourada em lugar da camisa azul do uniforme. E a camisa azul era característica do período enfocado na série de TV! Agora eu tinha como trabalhar. Este caso expresso demonstra o quão particularizado é o contexto dos livros de Star Trek dentro da ficção científica: eles têm uma coerência própria a ser respeitada. Star Trek é um "universo de aluguel", ou seja, um universo ficcional preexistente, onde os escritores são convidados a desenvolver histórias. A liberdade não é muito, mas o desafio de produzir algo bom dentro das limitações é grande.

McIntyre é uma escritora competente, com alguns prêmios a seu favor. Para dar sua aproximação pessoal de Star Trek ela procura destacar a atuação de coadjuvantes. Assim, o Sr. Sulu ganha um primeiro nome e uma namorada, a oficial de segurança Mandala Flynn, recém-chegada a bordo da Enterprise. Ele deixa crescer o cabelo e cultiva um bigode, além de pensar seriamente em se transferir para outra nave. Jenniver Aristeides é uma segurança de dois metros e meio de altura, que quer ser botânica. Ian Braithewaite, um promotor da colônia espacial Aleph Prime, que imagina ter encontrado o grande caso de sua vida. E, é claro, Georges Mordreaux, o cientista louco.

Mas é Spock a estrela do romance. O oficial de ciências da Enterprise investiga uma estranha singularidade (buraco negro), quando a nave é chamada para transportar o físico Mordreaux a um centro de reabilitação. Aos poucos ele descobre que o aparecimento da singularidade liga-se a uma cadeia de desastrosas intervenções de viajantes do tempo. Mexer com o tempo compromete a estrutura do universo.

O Efeito Entropia é um livro de ficção científica com elementos de romance e mistério — e uma boa história de viagem no tempo. McIntyre não se preocupa em desenvolver o que há de romance e o que há de mistério dentro das linhas típicas desses gêneros. Ela nem mesmo soluciona algumas das expectativas que fomenta: Sulu e Mandala ficarão juntos? Kirk retomará seu caso com Hunter, a comandante de uma nave de caça? Afinal, os livros de Star

Trek, quando histórias originais e não novelizações de filmes, situam-se no espaço entre os episódios que aparecem na tela grande ou na pequena. São histórias não contadas, e o universo de Star Trek é tão vasto que, mesmo dentro dessas histórias, há espaço para inúmeras outras que permanecerão ocultas.

Mesmo aquele leitor que não é um trekker (um fã de Star Trek) poderá encontrar em *O Efeito Entropia* uma história de ficção científica bem contada e capaz de prender a atenção numa leitura agradável e consistente.

Para quem já é trekker fanático, é sempre um grande prazer conhecer mais uma história de Star Trek... mais uma, entre tantas de encanto garantido.

A coleção Star Trek é comercializada em bancas de revistas e jornais de todo o país.

O objetivo da educação é substituir uma mente vazia por uma mente aberta.

Malcolm S. Forbes

O ARTISTA DA MORTE

Alexander Jablokov

Tradução de Fábio Fernandes

Jablokov volta a nossas páginas com a história de um futuro distante, onde os entediados remanescentes das civilizações anteriores descobriram uma nova forma de diversão...

A carcaça meio comida da lebre de neve jazia sob o dispositivo automático da arapuca, sangue gelado cristalizado no pêlo, a boca ainda fechada ao redor do pedacinho ressecado de cenoura que servira de isca. A neve ao redor estava achatada e o pêlo do coelho jogado por toda parte. Jack London farejou a armadilha, levantou as orelhas e rosnou. Satisfeita a curiosidade, sentou-se nas patas traseiras e olhou ansioso para o homem. Parte samoiedo, parte husky, o pêlo branco e grosso de Jack ocultava um corpo magro de fome.

Elam não precisou forçar o olfato. O fedor de carcaju empestava o ar parado. Transformava a saliva que lhe viera à boca quando pensara no coelho assado com gosto de coisa podre. Cuspiu.

— Merda!

Não era possível tirar o cheiro da armadilha. Ele teria de fazer outra. Nenhum animai chegaria perto de uma arapuca que cheirasse assim. O carcaju, provavelmente, nem fome tinha.

Ele puxou a cenoura seca da boca do coelho e jogou os restos entre as árvores. Os pedaços de pau que formavam a armadilha foram arremessados em seguida, desaparecendo em nuvens de neve.

— Esta é a última, Jack — disse Elam. — Nada, mais uma vez.

O cão ganiu.

Seguiram caminho por entre os troncos escuros e lisos dos bordos e das faias, os sapatos de neve de Elam rangendo sobre a neve recém-caída. O cão virou a cabeça, perturbado pelo ruído antiprofissional, e então deu um pulo à frente para investigar as raízes expostas de uma árvore caída. Uma brisa do grande lago ao norte abria caminho entre as árvores, derrubando bolinhas de neve dos galhos onde passava. Um cardeal voava rápido de ramo em ramo, brilhante contra o céu da noite que caía.

Elam, um homem esbelto e gracioso, caminhava com os ombros estreitos curvados, irritado com os bombardeios de cima. Sua roupa era toda composta de peles de animais costuradas. O chapéu grosso era de rato almiscarado, a jaqueta era de raposa e castor, as meias-luvas eram de coelho e as calças de alce. De noite ele dormia num saco feito com a pele de um urso cinzento. Como ele chegara ali? Ele havia matado aqueles animais, tirado suas peles e as curtido? Não sabia.

À noite, às vezes, antes de dormir, Elam se deitava no abrigo à luz do fogo que se extinguia, examinava essas roupas, correndo os dedos através do pêlo, procurando recordações em sua espessa maciez. As diversas peles estavam muito bem costuradas. Será que ele fizera a costura? Ou tinha esposa ou irmã? O pensamento lhe proporcionou uma curiosa sensação na boca do

estômago. Ele suspeitava que sempre estivera só. O cansaço rapidamente o vencia e então se aninhava no calor da pele de urso e adormecia, as perguntas por responder.

Raízes examinadas, Jack London retornou para liderar o caminho até a cordilheira. Era um ritual diário, praticado logo ao nascer do sol, e o cão o conhecia bem. As pedras glaciais tombadas estavam agora ocultas sob a neve, tornando o passo incerto. Elam levou os sapatos de neve debaixo do braço para poder subir.

A altura da cordilheira superava as árvores desfolhadas. Ao norte, com um enganador brilho quente, vermelho, ficava a vastidão nevada do grande lago, onde Elam freqüentemente via as formas escuras de lobos, correndo e deleitando-se em seu triunfo temporário sobre a água que barrava sua passagem até as ilhas durante o resto do ano.

Elam não tinha idéia de que corpo de água era aquele. Deduzira tratar-se do lago Superior, embora pudesse ser o lago Winnipeg ou até mesmo o lago Baikal. Elam sentou-se numa pedra e ficou olhando para o norte, onde as estrelas já brilhavam no céu. Talvez ele estivesse totalmente errado, e vivessem numa nova Era Glacial, e aquele fosse o Victoria Nyanza congelado.

— Quem sou eu, Jack? Você sabe?

O cão olhava zombeteiro para ele; já estava acostumado com a pergunta. Ora, o homem que caça comida para nós, dizia o olhar. Discussões filosóficas depois.

— Eu vim até aqui sozinho, Jack, ou fui colocado aqui?

Cansado do catecismo inútil e unilateral, o cão latiu para um pássaro que chegara perto demais. Circulou por um momento, piou, e disparou de volta para a floresta.

O vento do lago ficava cada vez mais frio, expulsando as últimas nuvens do céu. A pele exposta das faces de Elam contraiu-se.

— Vamos, Jack. — Ele tirou uma das meias-luvas e enfiou a mão num bolso, sentindo seu último pedaço de carne-seca, duro e gorduroso.

Tirando uns pedacinhos pateticamente ressecados de cenoura, que utilizava como iscas nas armadilhas, aquele era o último pedaço de comida que lhe restava. Estivera poupando-o para uma emergência. Cada armadilha da linha que corria por essa floresta havia sido esvaziada ou suja por carcajus, mesmo num inverno tão rigoroso que deveria ter levado os animais a comerem qualquer coisa. Ele comeria a carne-seca naquela noite.

Homem e cachorro começaram a descer até o ponto iluminado do outro lado da cordilheira. Ao alcançarem a base, Elam, a mão sentindo novamen-

te a carne, com medo de que ela sumisse antes que pudesse comê-la, deu um passo longo demais e sentiu o pé direito deslizar na face gelada de uma rocha bamba. O pé esquerdo enfiou-se numa rachadura estreita de um pedregulho, que o agarrou como uma garra apertada. O mundo virou de cabeça para baixo. Ele sentiu o estalo seco na perna quando a pedra gelada encontrou seu rosto.

Despertou com as lambidas quentes da língua de Jack London, que gelavam instantaneamente no seu rosto. Ficou tombado de costas entre as pedras, cabeça para baixo, árvores gigantescas acima. Irritado, ele se sentou e tentou levantar. Uma agonia excruciante na perna fez a garganta encher-se de bile e um suor quente descer-lhe pelo corpo. Gemeu, e quase perdeu, novamente, a consciência; então apoiou-se nos cotovelos. O rosto estava cortado, alguns dentes estavam quebrados, podia sentir o gosto de sangue na boca, mas a perna... sua perna... olhou para baixo.

Sua perna esquerda estava curvada num ângulo que não era natural, logo abaixo do joelho. O couro das calças estava empapado de sangue. Fratura dupla da... tíbia? Perônio? Por um instante de confusão, batizar o osso estilhaçado era a coisa mais importante do mundo. Obscurecia o conhecimento de que ele iria morrer.

Mudou de posição e gemeu novamente. A dor lancinante na perna ficava cada vez mais aguda sempre que se movia, mas cedia se ficasse quieto, tornando-se uma pontada. Com um esforço súbito, ele puxou a perna até endireitá-la, e então caiu para trás, tentando recuperar o fôlego. Não fazia diferença, claro, mas ver a perna naquele ângulo o incomodava. Assim parecia melhor, e nem tão doloroso.

Deu uma palmadinha na cabeça do cão. — Desculpe, Jack. Fiz merda.

O cão ganiu concordando. Elam caiu para trás e deixou a escuridão levá-lo.

Seu corpo não desistiu tão facilmente. Recuperou a consciência algum tempo depois, com os ganidos e latidos de seu cão ecoando na cabeça. Ficou estirado na neve, as mãos estendidas à sua frente. As meias-luvas estavam em farrapos, e ele conseguia sentir as mãos.

Rolou de costas e olhou os pés. A noite havia caído por completo, mas a luz da lua e das estrelas era suficiente para ver a trilha que seu corpo deixara na neve. Elam suspirou. Que perda de tempo. A dor em sua perna quebrada tinha quase sumido, assim como qualquer outra sensação das coxas para baixo. Cuspiu. O cuspe cristalizou-se na neve. Frio desgraçado. E o cachorro o estava atormentando com seus ganidos.

— Calma, rapaz, calma — disse ele, engasgando-se com o peso frio da

morte no seu peito. — Só um minuto, Jack. Só um minuto.

Puxou, com os dentes, o que restava da luva de pêlo e enfiou a mão insensível no bolso. Foram necessárias doze tentativas antes que ela emergisse com o pedaço de carne-seca.

Ele finalmente conseguiu abrir a frente da jaqueta e desatar a camisa. O ar frio lambeu-o ansioso. Ele esfregou o pedaço duro e gorduroso de carne sobre o peito e o pescoço como um ungüento milagroso. Seu odor rançoso afetava-lhe o nariz e, sem poder se controlar, sentiu um momento de fome. Enfiou o resto do pedaço bem dentro da camisa.

— Aqui, Jack — disse ele. — Aqui. Jantar.

A lua pairava acima de suas cabeças, metade na luz do sol, a outra metade coberta com linhas e pontos brilhantes.

O cão farejava, subitamente assustado e desconfiado. Elam estendeu a mão e deu-lhe umas palmadinhas na cabeça. Jack London avançou. Sentindo o cheiro da carne, sua fome foi mais forte que a cautela com o comportamento estranho do seu dono, e começou a lamber sôfrego a garganta e o peito de Elam. O cão estava desesperado de fome. Em sua ansiedade, um dente afiado cortou a pele do homem, e do corte escorreu um sangue grosso e quente. A língua lambeu com mais rapidez. Mais cortes. Mais sangue, fumegando aromaticamente no ar gelado. E o cão estava faminto. O cheiro penetrava as partes mais profundas de seu cérebro, finalmente destruindo a camada de treinamento, hábitos e amor. Os dentes do cão rasgaram a carne, e ele começou a se alimentar.

Naquele instante, Elam se lembrou. Viu as florestas quentes de sua juventude, e o rosto, tão parecido com o seu, que se tornara o seu próprio. Elam estava morrendo. Sorriu levemente, engasgou uma vez, e então os olhos perderam a luz.

Quando estava saciado, e percebeu o que havia feito, o cão uivou sua dor para as estrelas. Saltou, então, para dentro da floresta e correu como um louco, deixando os restos esfrangalhados do homem bem para trás.

— Isso é tudo o que você vai fazer de agora em diante? — perguntou Reqata. — Cometer suicídio? Simplesmente deitar-se e morrer? O cão foi um belo toque, tenho de admitir. — Ela manteve os ombros retesados e olhou para trás dele com seus olhos fosforescentes. — Um verdadeiro toque de Elam.

Cinco vigas negras sustentavam a rocha amarela e lisa da cúpula. Elas revelavam o brilho verde das carapaças de besouros a luz das chamas que

pendiam num hexágono ao redor do eixo central da câmara de visão. Fileiras de poltronas de mármore estriado ocupavam a câmara em círculos concêntricos, cada um mais elevado que o anterior. Os ocupantes dessas poltronas olhavam para o cadáver que jazia na neve aos seus pés.

O próprio Elam estava espantado com a condescendência que seu clone exibira perante a própria morte, mas foi cercado por admiradores antes que pudesse responder a ela. Os outros passavam por ele, murmurando, expressando discretamente admiração pela sutileza de sua obra.

Elam olhava o próprio cadáver, uma película de gelo já lhe obscurecendo a face, transformando-o numa composição abstrata. Ele morrera bem. Sempre fora assim. Sua mente, de volta do clone com as recordações ressaturadas, parecia chocalhar solta dentro do crânio. Sua pele estava oleosa do fluido amniótico, as articulações como se estivessem cheias de areia. Nada se encaixava. A mão de Reqata em seu ombro parecia dobrar os ossos arbitrariamente formados, lembrando-o de sua qualidade acidental.

— Um artista que trabalha a si mesmo, ao mesmo tempo, como matéria-prima e tema, jamais poderá transcender a ambas — dissera ela. Seu escárnio abriu uma brecha na admiração ao redor dele. Ele ergueu os olhos para ela, que sorriu de volta com dentes de ébano, piscando com pestanas feitas de penas. Ergueu uma das mãos num gesto angular que a identificava instantaneamente, em qualquer corpo que ela ocupasse.

— E como a coreógrafa da morte em massa transcende seu material? — A mente de Elam havia estado fora por semanas, morrendo numa floresta congelada, e Reqata entediara-se em sua ausência. Ela precisava de entretenimento. Até mesmo amantes duelavam constantemente com mérito, a indefinível qualidade que todos os participantes do Jogo Flutuante compreendiam implicitamente. Reqata tinha mérito. Elam tinha mais.

Ele estremeceu. Sua bexiga estava cheia ou ele sempre se sentia assim?

— Morte em massa, como você colocou, é limitada por problemas práticos — respondeu Reqata. — Matar um homem é um ato existencial. Matar um milhão seria um ato histórico, pelo menos para os Limitados. Matá-los todos seria um ato divino. — Ela acariciou-lhe os cabelos. Ele sentiu o cheiro acre de sua respiração. — Matar você mesmo simplesmente sugere falta de iniciativa. Estou desapontada com você, Elam. Você costumava lutar antes de morrer.

— Eu costumava, não é? — Ele se lembrou das lutas desesperadas de suas primeiras obras, as que lhe trouxeram prestígio. Homens morrendo em

poços de escavação, em encostas, em selvas infestadas de predadores. Homens que nunca pararam de lutar. Cada um daqueles homens fora ele mesmo. Algo havia mudado.

— Diga-me uma coisa — disse Reqata, inclinando-se para a frente. A língua dela lambia sua orelha. — Por que você sempre parece tão tranqüilo antes de morrer?

Um frio percorreu-lhe a espinha. Ele havia se perguntado a mesma coisa.

— Pareço? — Elam teve de espremer a palavra para fora da boca. Ele sempre retribuía. Cinco ou dez minutos de recordações, os instantes finais de vida. A última coisa de que se lembrava daquela obra em particular era tirar o pedaço de carne-seca do bolso. Depois disso, a escuridão. O clone moribundo de Elam compreendera algo que o verdadeiro Elam ressuscitado não conseguira.

— Certamente, não seja modesto. Olhe para o sorriso no rosto congelado daquele cadáver. — Ela deslizou para a poltrona ao seu lado, uma perna negligentemente esticada no corredor. — Eu já tentei morrer. Não como arte, apenas como experiência. Morri gritando. Meus gritos ecoam por semanas. — Ela estremeceu, pressionando as mãos contra os ouvidos. Seu corpo atual, como de costume, tinha uma caixa torácica alta e seios pequenos e firmes. Elam descobriu-se olhando para eles. — Mas chega. — Reqata provocou-o com uma unha, arranhando seu braço. — Agora que você acabou, eu tenho um projeto para você trabalhar...

— Talvez cada um de vocês tenha simplesmente uma visão do que os aguarda do outro lado — disse uma voz arrastada.

— Não me dê sermões sobre a inércia absoluta da alma — Reqata respondeu desconcertada. — Ninguém está dando aos nossos clones uma olhadinha gratuita na eternidade, Lammiela.

— Talvez não. — Uma mulher comprida, elegante, Lammiela sempre parecia a mesma para desconforto de todos, pois ela possuía apenas um corpo. Sorriu lentamente. — Ou talvez o céu já esteja tão cheio com as almas de seus clones que não haverá mais espaço para nenhum de vocês quando, finalmente, lá chegarem.

Reqata ergueu-se, fúria explícita nos ombros levantados. Devido a irregularidades passadas, Lammiela possuía um status ambíguo, e Reqata odiava pôr em risco sua posição discutindo com ela. Normalmente Reqata não conseguia evitar isso.

— Tome cuidado, Lammiela. Você não sabe nada a respeito. — E, tal-

vez, Elam descobriu-se pensando, talvez Reqata realmente temesse a morte.

— Ah, isso é bem verdade — Lammiela sentou-se. — O pensamento de Ssarna deixou todos nervosos, vivo esquecendo. — Sua chegada afastara os últimos connoisseurs, e os três estavam sentados sozinhos na câmera de visão.

— Você não esquece, mãe — Elam disse cansado. — Você faz isso de propósito.

— Isso é injusto, Elam — ela o examinou. — Você parece bem. Morrer combina com você. — Ela cruzou os dedos e repousou o queixo neles. Seu rosto ficou subitamente cheio de linhas, como um sombreado feito por um escultor. Seus olhos eram azuis-escuros, como os de Elam. — Ssarna, dizem, foi encontrada em seu ádito, seca como pó. A última vez em que a vi, o que deve ter sido na festa no topo daquela montanha desgraçada no Himalaia, ela era uma menininha, um palito, pré-púbere. Tinha longas e douradas... tranças. Deve ser esta a palavra correta. — Balançou a cabeça irritada e cansada. — Embora ela se disfarçasse de jovem, a velhice encontrou-a em sua câmara mais privada. E depois que a velhice teve sua vez, entregou-a para a morte. Elas têm acordo entre si.

— E a primeira delas está se aproveitando de você agora — disse Reqata. — Daqui a quanto tempo será a troca?

A cabeça de Lammiela virou-se, mas ela não.

— Como está você, Elam? — sorriu e ele foi subitamente envolvido pelo seu perfume, como se este fosse um animal treinado que ela usava ao redor do pescoço e que tivesse recebido ordens para atacar. O cheiro era pesado e forte. Lembrava-lhe o cheiro de carniça, de alguma coisa morta ao sol quente, profunda e insistentemente. Descobriu-se prendendo a respiração, e levantou-se rápido, subitamente nauseado. Nauseado, mas excitado de alguma forma. Um sentimento infantil, a atração pelo ruim, a necessidade de tocar e cheirar o que desagrada. Crianças põem qualquer coisa na boca. Ele sentia como se tivesse larvas rastejando debaixo das unhas.

— Ar — Elam resmungou. — Preciso...

Subiu as escadas de mármore estriado até a varanda acima. Presas em seu próprio conflito, nenhuma das mulheres o acompanhou. O quente ar de verão, no lado de fora, cheirava a ervas e flores secas de chaparral. Trincou os dentes e convenceu-se de que as flores não disfarçavam o cheiro de carne podre.

O crepúsculo tornava o dia cor de lavanda. A varanda da câmara de visão estendia-se alta sobre a cidade, que fluía propositadamente pelos vales.

estreitos, deixando as colinas secas e nuas cobertas de flores, acácias e as plantas pontiagudas de cristal que evoluíram sob algum sol distante. O Mediterrâneo refletia o sol, lá em baixo.

As luzes tinham sido acesas na cidade, iluminando suas passagens secretas. Ninguém vivia ali. Os Encarnados tinham outras maneiras, e os Limitados tinham medo das antigas cidades, preferindo construir as suas próprias. Uma cidade Limitada podia ser vista queimando mais perto da água, suas torres dando-lhes confiança contra o céu que escurecia. Naquela noite, muitos dos Encarnados que haviam testemunhado o desempenho de Elam desceriam sobre ela para os prazeres evanescentes dos que vivem suas vidas limitados a um só corpo.

Assim aquele lugar estava quieto, a não ser pela pequena ressonância dos sinos, marcando as horas para seus moradores ausentes. A cidade estava deserta há milhares de anos, mas estava pronta para que alguém retornasse. As formas insetóides de aerocarros flutuavam contra as estrelas; a platéia de Elam ia embora.

Uma meia-lua acobreada pendia no horizonte, a metade invisível de sua face riscada com linhas coloridas e pontos reluzentes de luz. Quando ele era jovem, Lammiela lhe contara que a lua era habitada por máquinas enormes de algum ciclo anterior de existência. O círculo completo de uma nova lua fervilhara de luz, uma característica normal. Ninguém se perguntava quais seriam os pensamentos dessas máquinas inteligentes, que olhavam o planeta verde e azul que pendia maduro no seu céu escuro.

— Você devia se deitar — disse Lammiela — e descansar.

Seu perfume era penetrante e forte. Embora sequer lembrasse carniça, Elam ainda recuava, empurrando-se contra a sacada, e deixando a brisa noturna levar o cheiro para longe dele. Estorninhos voejavam ao redor da torre.

— Você devia se levantar — sugeriu Reqata, de algum lugar atrás dele — e correr.

Uma rajada de ar frio fê-lo tremer. Deu um passo e olhou para baixo, para o agora congelado cadáver na rotunda deserta.

Nenhum Encarnado vivo sabia como funcionavam as antigas máquinas. O cadáver: era apenas uma imagem do verdadeiro, na floresta congelada de Michigan? Ou o interior da rotunda levara seus espectadores a pairar de fato sobre aquela floresta? Ou o corpo era uma duplicata perfeita, aqui nas colinas da Provença, daquele outro? O conhecimento estava perdido. Ninguém sabia o que jazia dentro da esfera de imagem. Mas sabia de uma coisa: os ventos frios do inverno não sopravam fora dela.

Elam avistou os zepelins a cerca de duas horas e meia de Kalgoorlis. Suas cores eram espalhafatosas contra os campos verdes e o azul do mar de Nullarbor. Uma fina camada de gelo brilhava nos lados que o sol da manhã não alcançava. Elam sentia alegria física, pois os zepelins haviam sido completamente apanhados de surpresa. Alvos grandes e gordos, eles deslizavam no ar pesado da manhã.

Estavam lançando tropas de algum lugar ao norte, na Austrália Central, para tomar parte numa daquelas incompreensíveis guerras a que os Limitados se permitiam. Reqata havia se envolvido, de seu jeito caprichoso, e apostou mérito no resultado da invasão de Eyre, o estado mais ao sul.

Elam podia ver a tripulação pulando para os pequenos voadores, as asas enrijecendo ao sol como borboletas emergindo das crisálidas, mas era tarde demais. Seus zepelins estavam condenados.

Elam escolheu o alvo, comunicando a escolha às outras abelhas africanas, alguns Encarnados que, deliciados com sua constante luta contra Reqata, juntaram-se a ele pela diversão. O sinal microondas era como um sussurro direcionado, a não ser pelo fato de que fazia os lóbulos de suas orelhas coçarem. Mirou num deltóide verde-brilhante, com marcas que o faziam parecer um sapo gigante pintado. Por um instante a imagem tomou conta de sua mente, e ele se imaginou caçando um sapo, agarrando-o e sentindo aquela coisa molhada e assustada em suas mãos, as batidas frenéticas do coração...

Afastou o pensamento, irritado com sua perda de controle. A regulagem do tempo era crucial. Uma mudança no ângulo de sua asa o colocou de volta à posição.

Elam estava satisfeito. Com cerca de um metro de comprimento, ele possuía asas curtas e iridescentes. Um simples equipamento óptico de longa distância rastreava o alvo enquanto dois periféricos bulbosos de 270 graus conferiam a linha matemática de abelhas africanas a cada lado seu. Reqata estava, indubitavelmente, a bordo de um dos zepelins, furiosa pelo ataque inesperado. Os voadores da defesa eram negros de rostos largos, alguma estranha raça pura. Elam imaginou a Reqata negra, fazendo gestos ásperos enquanto arrumava uma defesa. Era a qualidade de seu movimento que a fazia bonita.

Uma bola de aço passou assoviando por sua asa esquerda. Um momento depois ele ouviu o ruído seco e distante da catapulta do zepelim. Foi preciso apenas um disparo para transformar uma abelha africana numa pilha de gravetos caros. Elam abaixou uma das asas, girou e endireitou-se novamente, aproximando-se do alvo. Preparou as pernas de lutar e projetou suas

garras afiadas.

Os zepelins estavam contorcendo-se, mudando de forma. Chamas súbitas perturbaram os sensores infravermelhos de Elam, deixando-o tonto, incerto quanto ao alvo. Pilotar as abelhas todo o percurso, de Kalgoorlie até ali, sem qualquer veículo de apoio mais leve que o ar, fora um risco. Eles tinham de derrubar os zepelins e parasitá-los por metais reativos. As abelhas estariam vulneráveis aos ataques do chão quando se arrastassem desajeitadas sobre os destroços, mas ninguém ganhava mérito sem se arriscar. Desviou-se dos voadores de defesa, sem se preocupar em cortá-los. Isso só iria atrasá-lo.

O sapo verde estava agora abaixo dele, inchando, ondulando, perdendo altitude desesperadamente. Ele o segurava na mão, onde o apanhara, no meio dos arbustos espessos. Os outros garotos tinham ido embora, para algum lugar, e ele estava só. O sapo pulava e lutava para se soltar. Esvaziara os intestinos na sua mão, e ele sentia aquela coisa gosmenta e molhada. O ar estava quente e denso sob as florestas de algodão. Alguma coisa na luta frenética do sapo para viver o irritava. Parecia odioso que algo tão molhado e gosmento quisesse permanecer vivo. Ele deitou o sapo numa pedra chata e, com calma deliberação, desceu outra pedra na sua cabeça. Suas pernas chutavam e chutavam.

Os outros zepelins pareciam ter desaparecido. Tudo o que restava era o sapo, suas tripas espalhadas no sol quente, apodrecendo aos seus olhos. Fluidos pingavam na rocha, manchando-a. Ele queria rasgá-lo com fogo, sentir a chama enquanto a criatura desistia de viver. O sol crestava seus ombros.

Com repentina fúria, o zepelim virou-se em sua direção. Elam descobriu-se olhando para a bocarra que se aproximava. Uma saraivada de bolas de aço voou perto dele, o que o levou a manobrar desesperado, para evitá-las. Não entendia por que se aproximara tanto sem atacar.

Duas bolas rasgaram simultaneamente sua asa direita, espalhando uma dor flamejante por suas juntas. Ele se contorceu, arrastando no ar os músculos quase inúteis. Se ele puxasse a asa até um ponto estável, poderia descer planando. Campos verdes subiam em espiral, casas negras com tetos altos, jardins coloridos. Rostos pálidos olhavam-no dos campos. Veículos militares tinham estacionado numa estrada de areia, os canos escuros das armas apontando para ele.

A asa direita estava flutuando solta, enviando ondas de dor pelo seu corpo. Ele navegava ferozmente, terra e céu trocando de lugar a todo instante. Puxando desesperadamente, ele preparou a perna de corte e amputou a parte solta de sua asa. Uma dor quente e latejante atravessou-o.

Finalmente conseguiu estabilizar sua descida, mas era tarde demais. Uma plantação de milho subiu para encontrá-lo. Por um instante, tudo era agonia.

— Quero alguma coisa primitiva — disse Elam, enquanto o médico introduzia um membro de teste na base de sua espinha. — Alguma coisa pré-histórica.

— Todo o passado humano é pré-histórico — disse o Dr. Abias. Ele retirou o membro com um arrepio gelado, e recolocou-o em seu corpo. — Seu corpo está saudável.

Elam se levantou, balançando os braços, acostumando-se com suas novas proporções. Seu corpo atual era esbelto, a pele dourada, mãos pequenas: projetado segundo especificações de Reqata. Ela tinha alguma necessidade de dele naquela forma, e Elam ficou apreensivo. Não tinha idéia se ela ainda estava zangada com a derrota na Austrália.

— Não, Abias. Eu quero dizer antes de qualquer história. Antes que o homem se entendesse como tal.

— Neandertal? — murmurou Abias, atravessando o aposento com suas muitas pernas. — Pitecantropo? Australopiteco?

— Não sei o que significam essas palavras — disse Elam. Às vezes o conhecimento de serviçal o incomodava. Que direito os Limitados tinham de saber tanto, quando os Encarnados podiam dispor de seus destinos tão completamente?

Abias virou-se para encará-lo com suas múltiplas oculares, olhos castanhos humanos sem rosto, pupilas dilatadas. Ele era uma máquina, articulada e segmentada, brilhando como se untada com óleos raros. Cada um de seus oito membros motores era tanto um braço quanto uma perna, como se seu corpo tivesse sido projetado para trabalhar em órbita. E talvez fosse por isso mesmo. Como ele ressaltara, a maior parte do passado era pré-história.

— Isso não importa — disse Abias. — Eu darei uma olhada.

Um Limitado, Abias fora designado para Elam por Lammiela. Punido selvagemente por um crime contra os Encarnados, seu corpo fora confiscado e substituído por algum aparelho antigo. Abias agora dirigia a equipe de corpos clonados de Elam. Era considerado um dos melhores treinadores no Jogo Flutuante. Era tão bom, e sua lealdade tão absoluta, que Elam recusara-se firmemente a descobrir que crime ele cometera, temendo que o conhecimento interferisse em seu relacionamento profissional.

— Faça isso — disse Elam. — Tenho um novo projeto em mente.

Caminhou pelo salão grande e aberto, sentindo o encaixe das articulações que lhe eram estranhas. Aquele corpo, clone do seu próprio, fora extensivamente modificado por Abias, até que só existiam vestígios de sua própria natureza nele. No aposento havia um plinto com brincos, pulseiras e tornozeleiras, pinturas corporais, garrafas de essências, tudo fornecido por Reqata. Começou a fazer uso deles.

A luz brilhava e difundia-se do alto por aberturas semicirculares na abóbada. Um ovóide de superfície áspera brotava do chão, no centro do aposento. Era o *adytum* de Elam, a câmara mais secreta onde jazia seu corpo de nascimento. Depois de sua queda na Austrália, acordara ali dentro por um instante, com uma sensação de agonia, como se cada parte do seu corpo estivesse queimando. O pensamento ainda o fazia estremecer.

O *adytum* de um Encarnado era seu espaço mais fortemente guardado, pois quando seu corpo real morria, ele morria. Não podia haver transferência de consciência para um corpo clonado assim que o original morria. As máquinas antigas e insolentes, que forneciam a capacidade de transferir a mente, não o permitiam, e como ninguém entendia as máquinas, ninguém podia fazer nada. E matar o corpo de nascimento de um Encarnado era a única maneira de realmente cometer-se um assassinato.

Elam colocou um bracelete.

— Sabe quem me atacou?

— Ninguém assumiu a responsabilidade — respondeu Abias. — Você reconheceu alguma coisa do movimento?

Elam pensou no zepelim em forma de sapo. Reqata não era, disso tinha certeza. Ela teria se certificado de que ele soubesse. Mas poderia ter sido quase qualquer um.

— Alguma coisa deu errado na última transferência — disse Elam, embaraçado com tocar numa função tão delicada, até mesmo para seu serviçal. — Eu acordei no meu *adytum*.

Abias continuava impassível.

— Um terrível defeito. Cuidarei disso.

— Certifique-se apenas de que não aconteça novamente.

A festa foi nas colinas sobre a cidade de El'lie. A água que vinha dos rios ao norte chegava até ali por buracos na rocha e fluía através de um elaborado labirinto de aquedutos. Por fim, chegava a uma última grande piscina, que se estendia assustadoramente para além da encosta rochosa, como se estivessem prestes a cair e afundar a cidade abaixo. A rocha branca da borda

da piscina estendia-se algumas centenas de metros para baixo, uma cortina polida como a borda do mundo. Bem abaixo, cataratas derramavam-se do fundo da piscina até a cidade sedenta.

Elam estava num terraço, olhando para a água abaixo. Reqata flutuava ali, rebrilhando ao sol da tarde que afundava no oceano a leste. Era uma criatura estranha, enorme, toda curvas levemente iridescentes, azuis e verdes, baseada em alguma criatura que os humanos um dia encontraram em suas viagens esquecidas através da galáxia. Transpirava cores na água, fortes redemoinhos de laranja e amarelo vivos que afundavam. Até poucas horas antes Reqata estivera usando um corpo esbelto e dourado como o de Elam.

— Parecem pacíficos — murmurou ela, a voz ecoando pela água. — Mas o potencial para a violência é extremo.

Reqata o levara numa excursão preliminar a El'lie, local de sua próxima obra de arte. Ele se lembrava dos corpos frescos pendurados em emaranhados de correntes numa parede de granito, uma lista de seus crimes colada nos peitos; o mercado de tensões, homens e mulheres com as testas raspadas e jóias nas sobrancelhas, o ar carregado de especiarias; a insolência lânguida de uma gangue de homens, os rostos tatuados com redemoinhos furiosos, enquanto abriam caminho à força pela multidão do mercado, a caminho de um prescrito culto religioso patriarcal; os grandes templos ladrilhados das Deusas que se alinhavam ao longo da praça do mercado.

— Quando irão explodir? — perguntou Elam.

— Não antes do outono, quando os ventos S'tana soprarem das montanhas. Aí você realmente verá alguma coisa. — Espinhas hidráulicas subiam e desciam nas suas costas, e ela os fez executarem um gesto característico, ríspido e empático. Se ela estava zangada com o que acontecera na Austrália, disfarçava. Isso assustava a Elam mais do que a raiva declarada. Reqata tinha o hábito da reação retardada.

Reqata era especialista em explorar hostilidades ocultas entre os Limitados, produzindo conflitos dramaticamente violentos, com sangue espirrando copiosamente por escadarias esculpidas; cabeças empilhadas aos montes, com esferas esculpidas em marfim enfiadas em suas bocas; fileiras de mãos cortadas em postes de bronze, dedos apontando para o céu. Essa era a sua arte. Ela quis conselho. Elam não fora de muita ajuda.

Luzes brilhantes flutuavam sobre a piscina, girando em resposta a incompreensíveis tropismos. Ninguém sabia como controlá-las, visto que se moviam segundo regras próprias. Um grupo de participantes da festa estava do outro lado da piscina, seus reflexos iluminados estendendo-a por sobre a

água que parecia um espelho.

— Esta água tem milhares de metros de profundidade — murmurou Reqata. — O fundo está cheio de coisas esquecidas. Barcos. Taças de ouro. As pessoas da cidade sobem até aqui e jogam coisas para ter sorte.

— Por que jogar coisas e esquecê-las dá sorte? — perguntou Elam.

— Não sei. Nem sempre é afortunado lembrar-se de tudo.

Elam tirou a túnica e mergulhou na água escura. Reqata fez um som borbulhante de deleite. Ele acariciou as espinhas nas costas dela, sentindo-as incharem e murcharem. Correu uma das mãos em forma de concha pelo corpo dela. O suor solar escorria-lhe entre os dedos e pingava, desesperado para alcançar seu lugar natural em alguma lugar das profundezas invisíveis.

— Coloque um corpo destes — sugeriu Reqata. — Podemos nadar nos oceanos profundos e fazer amor lá, por entre os peixes.

— Sim — respondeu ele, sem a intenção de fazê-lo. — Podemos.

— Elam, o que aconteceu na varanda depois que vimos você morrer na floresta? Você parecia aterrorizado.

Elam pensava, em vez disso, no sapo. Suas lembranças foram reais? Ou Reqata poderia ter lhe preparado uma armadilha?

— Apenas um momento de náusea. Nada.

Reqata ficou em silêncio por um momento.

— Ela odeia você, você sabe. Lammiela. Ela odeia você profundamente.

O tom de voz dela era mau. Agora expressava vingança pelo truque que ele fizera no mar de Nullarbor. O corpo de Reqata estremeceu e, subitamente, Elam teve consciência de quanto ela, naquela ocasião, era maior que ele. Poderia esmagá-lo contra a parede da piscina sem a menor dificuldade. Elam despertaria em seu próprio quarto, noutro corpo. Matá-lo era apenas um insulto, não-fatal. Talvez Reqata realmente estivesse naquele zepelim-sapo.

Ele nadou lentamente para longe dela.

— Não sei do que você está falando.

— Claro que não. Você é um especialista em esquecer, em simplesmente deitar-se, morrer e esquecer. Lammiela odeia você pelo que fez. Pelo que fez com sua irmã! — A voz dela era triunfante.

Elam sentiu a mesma dor lancinante que sentira quando acordara por um sufocante momento em seu *adytum*.

— Não sei do que você está falando — disse ele, saindo da água.

— Eu sei! O problema é justamente esse.

— Diga-me o que quer dizer com isso. — Ele mantinha a voz calma.

Alguma coisa moveu-se pesadamente na escuridão, e uma fileira de cadeiras virou com um estrondo. Elam saiu da piscina. A festa continuava, mas os convidados estavam impossjvelmente distantes, como uma lembrança da infância, inalcançável e inútil.

Uma cabeça saiu da escuridão, uma cabeça com duas vezes o tamanho do corpo de Elam. Era um ovo de metal, dominado por dois olhos sem expressão. Logo atrás vinha um corpo longo de múltiplos membros, reluzente e obsceno. Elam gritou num terror irracional e sem sentido.

A criatura avançou, balançando a cabeça de um lado para o outro. Saliva ácida gotejava de seus dentes de cristal, esparramando-se e corroendo o terraço de mármore. Era incompreensivelmente antiga, alguma coisa do passado há muito esquecido. Balançava a cauda e puxou Elam contra si.

Por um instante, Elam ficou paralisado, olhando para a estranha beleza dos dentes do dragão enquanto estes vinham em sua direção. Então ele lutou contra a mola de ferro que era a cauda. Seu corpo ainda tinha vestígios de óleo, e ele deslizou, lanhando a pele. Mergulhou por entre as pernas do dragão, machucando os ossos no terraço.

O dragão rodopiou rapidamente, cercando-o num canto. Com um arroto, ele espalhou ácido sobre seu corpo. Queimou-lhe o ombro, que borbulhava, enquanto a pele se dissolvia.

— Diabos! — gritou e atirou-se na cabeça do dragão, que não recuou rápido o bastante; mergulhou o punho em seu olho esquerdo. Sua superfície resistiu e então estourou, derramando fluido. O dragão sacudiu a cabeça, lançando Elam ao chão.

Ele levantou-se, sentindo a dor de costelas fraturadas. O queixo estava empapado de sangue. Uma das pernas não suportava seu peso. A cabeça maciça abaixou-se sobre ele, muco pingando do olho destruído. Elam agarrou o outro olho, mas não tinha mais forças. Um ácido de cheiro muito ruim caiu sobre ele, dissolvendo sua carne com o som de bacon fritando. Ele permanecia de pé, tentando pronunciar imprecações entre os lábios destruídos. A última coisa que viu foram os dentes de cristal, abaixando-se na direção de sua cabeça.

A casa de Lammiela era a morada do infinito. Infindáveis aposentos estavam lotados com quinquilharias de mil mundos. As informações ali existentes eram insubstituíveis, em nenhum lugar havia cópias. Ninguém vinha visitá-la e os artefatos, datacubos e dioramas descansavam em silêncio.

Nalguma época, em milênios passados, os seres humanos exploraram

o interior, até o centro da galáxia, e o exterior tão distante que a galáxia pairava sobre eles como uma criatura submarina capturada, dando sua luz ao espaço intergalático. Haviam viajado através de aglomerados globulares de antigos sóis e explorado áreas de síntese estelar. Ergueram monumentos em planetas distantes. Após alguns séculos, retornaram à Terra, construíram suas misteriosas cidades num planeta que não devia ter sido nada senão lenda, e se instalaram, contentes em arar o solo envelhecido e ver o sol nascer e se pôr. E, com magnífica indiferença, esqueceram tudo, deixando os descendentes ignorantes.

Lammiela estava sentada no canto, vendo Elam. Seu corpo, embora elegante, estava um pouco curvado, como se tivesse sido esculpido a partir de um pedaço de madeira de formato estranho, obra de um inteligente artesão que soubera utilizar as limitações de seu material. Isso era bem verdade, refletiu Elam, examinando a pessoa que era seus pais.

Quando jovem, Lammiela descobrira uma nave em algum lugar na lua da Terra; ficara tentada pelos mecanismos secretos que possibilitaram vidas ali e partira para explorar os velhos espaços. Ninguém tinha qualquer interesse em segui-la, mas de alguma forma seus achados ganharam atenção suficiente, pois obtivera privilégios extraordinários.

— É curioso — disse ela. — Nossos amigos Limitados possuem habilidades com as quais nós, Encarnados, nem sequer sonhamos, pois as máquinas que nossos ancestrais nos deixaram não se interessam por eles. — Pareceu pensativa por um momento. — São surpreendentes algumas das coisas que os Limitados podem fazer.

— Como torná-la tanto meu pai quanto minha mãe — comentou Elam.

O rosto dela se anuviou.

— Sim. Isso também.

Lammiela nascera homem, chamado Laurance. Mas Laurance se sentia mulher. Não era problema para um Encarnado, que podia ser o que quisesse. Laurance poderia ter dormido seguramente em seu *adytum* e colocar corpos femininos para o resto da vida. Mas não pensava dessa maneira. Procurou os Limitados, e eles o transformaram numa mulher.

— Quando o trabalho foi terminado, eu estava grávida — disse Lammiela. — O esperma de Laurance havia fertilizado meus novos ovários. Não sei se era uma conseqüência natural dos rituais que utilizavam — seus músculos se tensionavam com as recordações. Tendões se enrijeciam nas costas das mãos. — Eles me mantiveram consciente durante todo o processo. A dor é seu preço. Eles obliteraram a essência masculina. Eu a vi, gritando à minha

frente. Laurance, queimando.

Fazer isso custara-lhe a maior parte de seu mérito. Negócios com os Limitados inevitavelmente envolviam perda de status.

— Eu ainda o vejo de vez em quando — disse ela.

— Quem? — perguntou Elam.

— Seu pai, Laurance. — Os olhos estreitaram-se. — Eles não o mataram o bastante, veja só. Disseram-me que sim, mas ele ainda está por perto. — Seus olhos dardejaram, como se esperassem encontrar Laurence atrás de um diorama.

Elam sentiu um arrepio, uma sensação aguda na nuca, semelhante à provocada por alguém com unhas muito compridas ao acariciá-lo ali.

— Mas você é ele, Lammiela. Ele não é outra pessoa.

— Você realmente sabe tanto assim sobre identidade, Elam? — suspirou ela, relaxando. — Claro que você está certo. Mesmo assim, fui eu quem conheceu a Colonnade, em Hrlad? — Ela apontou para o holograma de uma longa linha de plintos de rocha, a galáxia inteira erguendo-se além deles. — Não tenho certeza de que me lembro disso, não como se eu tivesse estado lá. Era Senda, você sabe. História para se contar na hora de dormir. Mas Hrlad é real. E Laurance também. Sabe, você se parece com ele. Tem os olhos de seu pai.

Encarou-o com frieza, e ele, pela primeira vez, achou que Reqata poderia ter dito a verdade. Talvez sua mãe realmente o odiasse.

— Fiz a minha escolha — disse ela. — Jamais poderei voltar atrás. Os Limitados não deixarão. Sou uma mulher e mãe.

Lammiela não vivia na cidade onde a maior parte dos Encarnados tinha seus lares. Vivia na encosta de uma montanha, isolada e sozinha, as paredes rígidas e curvas de sua casa contendo a neve. Ela mudava periodicamente de residência, do mar para o deserto para a montanha. Não tinha *adytum* com seu corpo para arrastar consigo. Elam, de alguma forma, lembrava-se de uma floresta densa quando estava crescendo, entremeada com prados ensolarados. A visão não era clara. Nada era claro.

Depois dessa mais recente morte, Elam despertara uma vez mais em seu *adytum*. Sentira o fluido escoando pelos pulmões, e a escuridão pressionando seus olhos abertos. Suas veias queimavam, mas não havia ar para que pudesse gritar. Então acordou mais uma vez, normalmente, num leito aberto.

— Mãe — disse ele, olhando para um holograma de Sirius de largo espectro, que derramava maligna luz branca no canto da sala, brilhante demais para se encarar diretamente sem filtros. — Sou realmente seu único filho?

O rosto de Lammiela estava rígido.

— Muitas coisas são secretas na primeira parte da existência e, depois, são esquecidas. Suponho que deva existir um período intermediário quando elas são conhecidas. Quem lhe contou?

— Isso importa?

— Sim. Isso foi lhe jogado como uma arma, não foi?

Elam suspirou.

— Sim. Reqata.

— Ah, sim. Eu devia ter adivinhado. Querida Reqata. Ela te ama, Elam?

A pergunta o pegou de surpresa.

— Ela diz que sim.

— Então tenho certeza que sim. O que será que ela ama em você? Foi aí que a discussão terminou, então? Com a pergunta?

— Sim. Fomos interrompidos. — Elam descreveu o ataque do dragão.

— Ah, que conveniente. Reqata sempre foi uma mestra da cronometragem. Quem você supõe que seja? — ela olhou pela janela circular a tundra da montanha, a terra caindo num vasto campo de gelo, apenas os picos rochosos das montanhas despontando através dele. — Ninguém ganha mérito anonimamente.

— Ninguém reconheceu o estilo. Ou, se o reconheceram, não admitiram.

O cenário estava errado, pensou Elam. Devia haver árvores: faias de troncos lisos, carvalhos pesados. O sol os atravessava como se as próprias folhas gerassem a luz.

— Então por que está aqui, Elam? Está procurando o tanque onde aquela criatura foi criada? Pode procurar por ela se quiser. Vá em frente.

— Não! — exclamou Elam. — Quero encontrar minha irmã.

E deu-lhe as costas, procurando pelos cômodos da casa, passando pelas intermináveis vistas de estrelas que o resto da raça humana confortavelmente esquecera. Lammiela o acompanhava silenciosamente, deslizando sem esforço pelos complexos panoramas, enquanto Elam cambaleava, caindo ora numa imagem de uma encosta de um quilômetro de altura com figuras humanas esculpidas, ora num cenário de máscaras cerimoniais com as línguas para fora. Lembrou-se subitamente de ter corrido por aqueles quartos, muito maiores então, perseguido por uma figura pequena e violenta que não deixava lugar para se esconder.

Num aposento com um domo, ele parou numa parede coberta com fileiras de gavetas de metal escuro. Empurrou um botão e uma delas se abriu.

Dentro havia um pequeno animal, não maior que um gato, seco como se tivesse ficado ao sol. Era claramente o dragão, recurvado sobre si mesmo, os dentes cristalinos um pouco visíveis através dos lábios repuxados.

Lammiela olhou para ele.

— Vocês dois nunca se deram bem. Dava até para pensar que... mas era uma suposição tola. Você a atormentou com aquela coisa, esse... monstro. Ela tinha pesadelos terríveis. Uma vez, você jogou isso em sua cama, para que o visse quando acordasse. Ela não dormiu por três noites seguidas. — Lammiela fechou a gaveta.

— *Quem era ela*? — Elam exigiu saber, pegando-a pelos ombros. Ela o encarou. — Não é mais uma coisa que simplesmente será esquecida.

Lammiela ergueu, fraca, uma das mãos à testa, mas Elam não se deixaria enganar. Sua mãe lidara com perigos que poderiam tê-la matado uma dúzia de vezes. Ele apertou ainda mais seus ombros.

— O nome de sua irmã era Orféa. Bonito nome, você não acha? Acho que foi Laurance quem escolheu.

Elam não conseguia se lembrar de nenhuma irmã.

— Ela era mais nova ou mais velha?

— Nenhuma das duas. Vocês nasceram do mesmo óvulo, gêmeos idênticos. Um recebeu um banho de androgênio e se tornou você, Elam. O outro era fêmea: Orféa. Deus, como ambos cresceram odiando um ao outro! Isso me assustava. E vocês dois tinham tanto talento. Ainda tenho um pouco de essência dela por aí, creio.

— Eu... O que aconteceu a ela? Onde está ela?

— Foi uma coisa que me consolou, todos esses anos. O fato de que você não se lembrava. Acho que foi isso que permitiu que você sobrevivesse.

— O quê? Diga-me!

Lammiela deu apenas um passo para trás, mas pareceu que tinha recuado muito mais.

— Ela foi assassinada. Era só uma garotinha. Tão jovem. Elam olhou para ela, com medo da resposta. Não se lembrava do que acontecera e ainda podia ver ódio nos olhos de sua mãe.

— Descobriram quem foi? — ele perguntou, com jeito.

Ela parecia surpresa com a pergunta.

— Ora, jamais houve qualquer dúvida. Ela foi morta por um jovem amigo seu; que é agora seu serviçal, Abias.

— Tenho que confessar que aquilo foi de extremo mau gosto — disse

Reqata, não pela primeira vez. — Morte é uma ótima performance, mas não há motivo para apresentá-la num jantar. Particularmente em minha presença.

Ela se levantou da cama e espreguiçou-se. O torso era largo e bem musculoso. Uma vez mais o peitoral era alto, os seios pequenos. Elam se perguntava se, na privacidade de seu *adytum*, Reqata não era homem. Jamais a vira em outro tipo de corpo que não o feminino.

— Só por curiosidade — falou Elam — você poderia dizer-me quem era o dragão?

Ele deslizou as mãos pelos vergões nas suas laterais, marcas do forte amor de Reqata.

Ela devolveu-lhe o olhar, pálpebras meio caídas, olhos violeta. Calculava se sua resposta lhe custaria mérito.

— Aquele foi um bom truque, Elam. Se eu não estivesse olhando bem, teria apostado que era você por trás daquelas presas de vidro.

Reqata caminhou enfaticamente pelo quarto, o som dos pés descalços ecoando pelas paredes, pondo-se, desafiadoramente, na curva do *adytum* de Elam. Ainda não havia amanhecido, e a luz era fornecida por globos pendentes de uma cor azul que Elam achava desagradável. Nunca descobrira uma forma de ajustá-los ou substituí-los.

— Ah, Elam — disse ela — se está trabalhando em alguma coisa, eu aprovo. Como lutou! Você não queria morrer. Continuou lutando até não sobrar nada a não ser ossos. Aquele dragão os esmagou como barras de doce. — Ela estremeceu, o rosto corou. — Foi maravilhoso.

Elam espreguiçou-se e rolou para fora da cama. Quando seu peso a abandonou, ela deixou o chão, para desaparecer na escuridão acima. O enorme aposento não possuía outros móveis.

— O que você sabe da minha irmã? — perguntou ele.

Reqata recostou-se no *adytum*, curvando as pernas.

— Sei que existiu, sei que está morta. Mais do que você sabia, aparentemente. — Ela passou as mãos pelo corpo, cobrindo os seios.

— Sabe, as primeiras histórias que ouvi a seu respeito não se encaixam. Você era mais parecido comigo, então. A morte era nossa arte, certamente, mas não a sua própria morte.

— Como você diz — retrucou Elam, andando em sua direção —, eu não me lembro.

— Como poderia ter esquecido? — Ela repousou as mãos na pedra irregular do *adytum*. — Aqui é onde você está, Elam. Se eu rasgasse isso, poderia matá-lo. Realmente matá-lo. Morto.

— Quer tentar? — inclinou-se sobre ela, que se recostou, lábios entreabertos, e enterrou as unhas num círculo ao redor do bico do seio.

— Poderia ser divertido. Então eu veria quem você realmente foi.

Ele sentiu a agradável dor provocada pelas unhas dela em sua pele. Se tivesse apenas um corpo, refletiu, talvez jamais pudesse fazer amor com Reqata. Não conseguiria sobreviver.

Aproximou-se dela e fizeram amor sobre seu *adytum*, acima de seu corpo real, que dormia.

O reino de Abias era fortemente iluminado, para surpresa de Elam. Havia esperado uma misteriosa escuridão. Corredores estendiam-se em todas as direções, levando a câmaras de máquinas silenciosas e tanques cheios de órgãos e corpos. Ao descer as escadas, Elam percebeu que nunca estivera nesses níveis, muito embora fossem parte de sua casa, como qualquer outro cômodo. Mas este era o domínio de Abias. Era ali que a mágica era feita.

Sua abelha africana jazia sobre uma mesa, o sistema nervoso morto, aberto. Dúzias de pequenos mecanismos arrastavam-se sobre ela, endireitando as peças quebradas, depositando material frágil de asas entre as costelas. Elam imaginou-as arrastando-se sobre seu próprio corpo, endireitando as costelas, curando a coluna cervical, reestruturando os olhos.

Elam tocou um painel e um prisma elevou-se do chão. Dentro do prisma estava ele mesmo, calmamente adormecido. Elam sempre mantinha diversas versões-padrão, inalteradas, do próprio corpo, à disposição. Essa era a forma na qual costumava morrer. Elam examinou a face do clone. Jamais o habitara e, conseqüentemente, lhe parecia estranho. Nenhuma emoção jamais passara por aquelas feições flácidas, nenhuma ruga de preocupação jamais se formara na testa ou ao redor dos olhos. O rosto era o de uma criança transformada fisicamente em adulto.

A forma elaborada de Abias apareceu numa passagem e aproximou-se dele, pernas segmentadas reluzentes. Elam sentiu um instante de medo. Imaginou aqueles membros agarrando sua misteriosa irmã Orféa, matando-a, seu brilho esmaecido com o sangue dela, uma fumaça ácida erguendo-a... lutou contra tais imagens. Abias fora um homem na época, se é que fora alguma coisa. Perdera o corpo em conseqüência daquele assassinato.

Abias o examinava. Como um Limitado e um cyborg, ainda por cima, Abias não tinha mérito. Não possuía caráter para expressar, não precisava de gestos para mostrar quem era. Seus olhos sem rosto eram impossíveis de serem lidos. Tentara matar Elam? Dispunha de recursos e capacidade para criar o

zepelim e o dragão. Mas, por quê? Se quisesse matar Elam, o verdadeiro Elam, o *adytum* estava em seu poder. Aqueles membros poderosos podiam rasgar a câmara e arrastar o Elam adormecido até a luz. A consciência de Elam, num clone em algum lugar, não saberia o que aconteceu, mas subitamente deixaria de existir.

— O novo corpo está pronto? — perguntou Elam bruscamente.

Abias afastou-se quieto. Depois de um momento de hesitação, Elam o acompanhou, descendo aos níveis mais baixos. Passaram por um prisma onde dormia um bebê de pele dourada, crescendo até o dia em que Elam pudesse habitá-lo, e testemunhar a obra de arte de Reqata em El'lie. Ele substituiria o corpo destruído pelo dragão. Deitado num catre estava um corpo pequeno, de ossos fortes, com maxilar redondo e sobrancelhas muito grossas.

— Foi uma questão de regressão genética, baseada nos marcadores da mitocôndria citoplasmática — disse Abias, quase para si mesmo. — O ADN da mitocôndria é o regulador de tempo, já que vem apenas do ancestral feminino. O material genético nucléico é completamente embaralhado. Mas a maior parte recua para bem longe. E, naturalmente, temos genes de orangotangos e chimpanzés estocados também. Se você recuar e preencher...

— Chega, Abias — Elam disse impaciente. — Não importa.

— Não, claro que não. Não importa. Mas este é o seu Neandertal.

Elam olhou para o rosto que era o seu próprio, algumas centenas de milhares de anos no passado.

— Há quanto tempo conheço você, Abias?

— Desde que éramos crianças — Abias respondeu devagar. — Não se lembra?

— Você sabe que não. Como poderia ter vivido tanto tempo com você de outra forma? Você matou minha irmã.

— Como sabe disso?

— Lammiela me contou que você matou Orféa.

— Ah — disse Abias. — Eu não a matei, Elam — ele parou. — Você não se lembra dela.

— Não. Até onde me lembro, sempre estive sozinho.

— Talvez isso seja verdade.

Elam considerou isso.

— Você está afirmando que Reqata e minha mãe estão mentindo? Que nunca existiu uma Orféa?

Abias baixou todos os membros até ficar firme no chão.

— Acho que você devia se preocupar mais com quem está tentando

matá-lo. Essas tentativas não são acidentais.

— Eu sei. Quem sabe não é você?

— Não vale nem a pena responder.

— Quem quereria andar por aí repetidamente me matando nos meus clones?

— Segundo a informação de que dispomos agora — disse Abias — poderia ser qualquer um. Até mesmo Orféa.

— Orféa? — Elam ficou olhando-o. — Você não acabou de afirmar que ela nunca existiu?

— Não. Eu disse que não a matei. Eu não o fiz. Orféa não morreu naquele dia. — Seus olhos se fecharam e ele ficou imóvel. — Só eu morri.

Era uma terra familiar, mas à medida que Elam a percorria em seu novo corpo, não sabia se era familiar para ele, Elam, ou se para o Neandertal que agora era. Estava coberta por uma floresta escura, interrompida por clareiras, riscada por riachos claros e gelados, cheios de rochas. O ar era frio e úmido, um ar vivo. Seu corpo estava envolto em peles. Não era a pele de um animal que ele mesmo tivesse matado, mas alguma coisa que Abias misteriosamente gerara, da mesma maneira que a pele que Elam vestira, ao morrer no inverno do Michigan. Por tudo o que sabia, era alguma variante bizarra de seus próprios cabelos.

Como se tratava de uma jornada exploratória, a criação de reflexos subconscientes, Elam retinha suas próprias memórias. Elas se acomodavam estranhamente em sua cabeça. Esse cérebro percebia as coisas mais diretamente, vendo cada raio de luz solar através do teto da floresta como uma entidade separada, com suas próprias características e personalidade, pouco devendo ao sol de onde viera.

Um riacho cortava funda ravina, revelando ruínas. O Neandertal caminhava por entre as muralhas, que estavam submersas até a altura do joelho, olhando intrigado os tijolos. Sentia como se estivesse olhando as ruínas de um futuro incompreensivelmente distante, e não do passado. Imaginou mamutes vadeando por ali, derrubando as muralhas à procura de comida. Pensando no mamute, suas mãos ansiavam sentir o cabo de uma lança, embora certamente não pudesse matar uma besta dessas sem auxílio. Precisava de ajuda de companheiros e eles não existiam. Caminhava sozinho pela Terra.

Alguma coisa grunhiu numa piscina que, antes, fora um porão. Caminhou até lá e viu o sapo. Estava sentado nos restos de um alpendre, a garganta pulsando. Elam estendeu a mão... e pensou no sapo morto, a vida se esvaian-

do em suas mãos. Ele o amarrou, membros abertos, e acionou o feixe de luz quente e constante sobre ele, que gritou e implorou enquanto a fumaça de suas tripas subia para o céu límpido.

Elam desviou a cabeça do sapo, que, assustado, mergulhou na água e nadou para longe. Ele virou-se e escalou o outro lado da ravina. Estava apavorado com a selvageria do pensamento que o possuíra. Quando passou pela borda, descobriu-se numa área de colinas abertas, a floresta tendo recuado até as encostas mais frias ao norte.

O passado, aqui, lhe parecia mais próximo, como se, realmente, o tivesse vivido.

Ele havia odiado Orféa. A sensação lhe ocorreu como a lembrança dos rituais de um xamã, complexos e assustadores. Parecia que o ódio sempre estivera consigo. Aquela forma, com sua aparência e gestos, o assombrava.

As lembranças eram fragmentárias, mais terríveis que confortadoras, como pedaços afiados de vidro colorido. Viu o rosto de um rapaz que sabia ser Abias, olhos escuros, cabelos encaracolados, sério. Ele curvou-se sobre um animal ferido, uma das vítimas de Elam, os olhos brilhando de lágrimas. Jovem, já possuía uma boa medida daquele antigo conhecimento de que os Limitados se lembravam. Nesse caso, o animal estava além de qualquer cura. Com um gesto calmo, Abias quebrou-lhe o pescoço.

As folhas, na floresta, moviam-se por vontade própria, sussurrando umas para as outras sobre a vinda da brisa, que movia os dedos frios pelas costas de Elam.

Lembrou-se de Orféa, uma garota esbelta de cabelos escuros, mas não a via claramente. Sua imagem só aparecia em reflexos, imagens laterais, relances de um braço ou de uma mecha de cabelo. E ele via a si mesmo, um rapaz esbelto de cabelos pretos, gêmeo de Orféa. Observou-se a amarrar um gato num pedaço de madeira, esticando-o enquanto o bicho urrava. Havia uma risca fina de pêlo nas suas costas, e ele podia contar as vértebras que se moviam sob a pele macia e jovem do rapaz. O braço serrava com sua faca e o gato gritava e cuspia.

As crianças caminhavam pela floresta, analisando o que haviam encontrado nas raízes de uma árvore. Era alguma espécie de grande lente, a maior parte debaixo da terra, com apenas uma de suas faces saindo para o ar. Afastaram galhos e folhas e olharam, imaginando suas antigas funções. Elam viu o rosto de Orféa nela refletido, olhos solenes examinando-o, admirando-o. Um raio da quente luz do sol brincava na lente, despertando luzes profundas dentro dela, vagas imagens de tempos e lugares agora desaparecidos. Mos-

quitos voejavam ao sol e a pele de Orféa produzia um odor forte e suave, um dos perfumes que criara para si; era sua arte, como a morte era a de Elam. Elam olhou para a mão dela, aberta sobre o vidro liso, e então para a sua, mais áspera, mais forte, com sinais de sangue escuro e seco ao redor das unhas.

Abias estava de pé acima dos dois. Dançava sobre o vidro liso, os pés calosos escorregando. Ria a cada vez que quase caía.

— Pode ver a gente? — ele gritava para a lente. — Pode ver quem somos? Pode ver quem nos tornaremos?

Elam o olhava, maravilhado, e a seguir para o pequeno reflexo distorcido do rapaz enquanto ele cabriolava por entre as árvores tortas.

O sol, de repente, ficou quente, as árvores como uma lâmina flamejante. Os corpos exalavam fumaça em contato com ele. Elam urrou de dor e subiu correndo a encosta. Correu até seus pulmões morrerem.

O Neandertal parou numa clareira ao lado de uma montanha. Um rebanho de nuvens movia-se lentamente pelo céu, cortando rente a grama azul sobre sua cabeça. Ao seu redor, pedras, os velhos ossos da terra, surgiam através de sua carne maltratada. As árvores sussurravam, decididas, abaixo de onde se encontravam. Falavam de sangue e morte. “Você devia ter morrido”, diziam elas. “A outra devia ter vivido.” O Neandertal voltou os olhos marejados para o vento, embora não soubesse dizer se chorava por Orféa ou por Elam.

A cidade queimava com um estrondo seco. Elam e Reqata corriam pelas ruas cheias e apavoradas com os incendiados, homens puros e silenciosos. Na luz tremeluzente, seus rostos tatuados giravam e se modificavam, como se fossem feitos de fumaça.

— A situação tem andado equilibrada há anos — disse Reqata. — A paz esconde grandes forças que se batem umas contra as outras. Mude seu alinhamento e... — Espadas reluziam à luz do fogo, uma batalha sem sentido entre saqueadores e uma espécie de guarda-civil. Mais à frente estavam os templos ladrilhados das Deusas, seu objetivo.

— Eles sentem coisas que só nós não sentimos — disse ela. — Exaltação religiosa. A depressão suicida da honra derrotada. Lealdade extrema a um líder. Terror histérico com sinais e presságios.

Mulheres gritavam das janelas superiores de um edifício em chamas, segurando suas crianças para fora numa vã esperança de salvação.

— Você sente inveja deles? — perguntou Elam.

— Sim! — gritou Reqata. — Para eles, a vida não é um jogo. — Sua mão segurava forte o braço dele. — Eles sabem quem são.

— E nós não?

— Me possua! — pediu Reqata com firmeza. Suas unhas atravessaram a camisa fina dele. Fizeram amor em incontáveis encarnações, e aqueles corpos dourados e esbeltos eram apenas outros para ela, mesmo com as chamas a envolvendo.

Ele possuiu-a deitado na rua de pedra, enquanto a cidade queimava ao redor deles. Seu cheiro condensava as trevas. Era o cheiro de morte e dissolução. Olhou-a. Embaixo dele, olhos queimando com uma fúria maligna, estava Orféa.

— Você está viva — gritou Elam.

O rosto dela fuzilou-o.

— Não, seu filho da puta. Eu não estou viva. Você está. Você está.

O ódio dele subitamente equiparou-se ao dela. Agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a pela pedra áspera.

— Sim. E vou continuar assim. Entendeu? Entendeu? — A cada pergunta, batia com a cabeça dela na pedra.

O rosto da mulher expressava diversão.

— Francamente, Elam. Estou morta, lembra? Morta e enterrada. Para que ficar me batendo?

— Você sempre foi assim. Sempre sensata. Sempre me deixando louco! — Ele parou, as mãos em sua garganta. Olhou-a. — Por que nos odiámos tanto?

— Porque só existiu um de nós, sempre. Foi Lammiela quem pensava que havia dois.

Seu rosto queimou de dor. Reqata deu-lhe outro tapa, certificando-se de que as unhas tinham penetrado. Sangue escorria pelo rosto dele e os cabelos dela estavam desgrenhados. Elam cambaleou para trás e foi afastado por uma multidão de soldados em disparada.

— Esta maluco? — gritou Reqata. — Você não pode me matar. Não pode. Vai arruinar tudo. — Ela estava agachada, Elam agora via, defendendo-se. Desembainhou sua espada. — Você está tentando voltar ao velho estilo? Tente em outro lugar. Este é o meu espetáculo.

— Espere — disse ele.

— Maldito, vamos discutir isso mais tarde. Em outra vida. — A espada voou em sua direção.

— Reqata! — Ele se esquivou, mas a lâmina atingiu as costas de sua mão. — O que você está...

Havia lágrimas em seus olhos quando ela o atacou.

— Eu a vejo, sabia? Não pense que não. Eu a vejo à noite, quando você está dormindo. É o rosto de uma mulher, Elam. Uma mulher! Sabia disso? Orféa vive em alguma parte de você.

Sua espada não permitiu que ele parasse para pensar. Ela o pegou novamente, cortando sua orelha. O sangue empapou seu ombro.

— Seu perfume. Quem o enviou para você?

— Não seja idiota. Alguma coisa em você é Orféa, Elam. Essa é a única parte que eu realmente amo.

Ele caiu sobre um corpo deitado. Rolou e tentou se levantar. Descobriu-se encarando a ponta de sua espada, ainda de joelhos.

— Por favor, Reqata — ele disse, lágrimas descendo em cascata por seu rosto. — Eu não quero morrer.

— Ah, isso não é bonitinho? — Sua espada penetrou-lhe no peito, fria como gelo. — Por que você, primeiro, não descobre quem é?

Ele despertou no seu *adytum*. Seus olhos geraram pontos de luz para compensar a completa escuridão. Os vasos sangüíneos queimavam como se neles corressem metal derretido. Ele se moveu, arremetendo contra o fluido viscoso. Cabelos molhados giravam ao seu redor, densos às costas, curvando-se ao redor dos pés. Estavam se enrolando ao redor do pescoço. Não havia ar para respirar. Elam. Onde estava Elam? Parecia ter finalmente morrido, deixando apenas...

Elam despertou, soluçando, sobre um leito, ainda sentindo o metal da espada de Reqata no peito. Então fora ela. Não satisfeita em matar a todos, precisava ficar matando-o repetidamente. Ele, mesmo agora, não conseguia entender por quê. Orféa.

Ficou de pé, silencioso, no meio da sala, escutando as batidas de seu coração. Só que não era o seu, claro, não aquele com o qual nascera. Era um coração que Abias criara cuidadosamente num tanque, em algum lugar lá embaixo, baseado em informações fornecidas por uma amostra de genes do Elam original. O verdadeiro Elam ainda dormia tranqüilamente em seu *adytum*. Tranqüilamente... Ele quase se lembrara de alguma coisa desta vez. As coisas estavam quase clareando.

Desceu até o reino iluminado de Abias. Abias lá dispunha de ferramentas, aparelhos cirúrgicos com lâminas afiadas. Era a sua arte, não era? E um verdadeiro artista jamais dependeria de uma platéia para se expressar.

Vasculhou gabinetes, abríndo-os, atulhando o chão de aparelhos sofisticados, ouvindo seus delicados mecanismos se estilhaçando. Descobriu, final-

mente, uma ferramenta cirúrgica com uma lâmina vibratória que podia cortar tudo. Levou-a para cima e ficou olhando o ovóide do *adytum*. O que havia lá dentro? Se nele penetrasse, talvez, finalmente pudesse ver.

Não era a coisa certa, claro. O instrumento tinha de queimar enquanto cortava, cauterizando a carne. Ele se lembrava da chama brilhante, assassina. Era um pobre substituto.

Braços de metal o seguraram.

— Ainda não — disse Abias, calmo. -- Você não pode fazer isso ainda.

— O que quer dizer? — Elam libertou-se dos braços subitamente frouxos de Abias e virou-se para encará-lo. Os olhos sem rosto estavam voltados para ele.

— Quero dizer que você não compreende nada. Não pode agir sem finalmente compreender.

— Então me diga! — gritou Elam. — Diga-me o que aconteceu. Eu tenho que saber. Você disse que não matou Orféa. Então quem a matou? Fui eu? Fui eu quem a matou?

Abias ficou em silêncio por muito tempo.

— Sim. Sua mãe tentou, penso eu, perdoá-lo. Mas foi você o assassino.

— Você não devia se lembrar. — Lammiela estava sentada, rígida, em seu aposento mais particular, seu *adytum* mental. — Os Limitados me disseram que isso não aconteceria. Essa parte de você desapareceria. Assim como Laurance desapareceu de mim.

— Eu não lembrei. Você tem que me ajudar.

Ela olhou para ele. Até hoje, o ódio nos olhos dela o teria assustado. Agora o confortava, pois ele devia estar próximo da verdade.

— Quando criança você era um monstro, Elam. Mau, eu teria dito, embora o amasse. Você era Laurance, que voltava para me punir por tê-lo morto...

— Eu torturava animais — disse Elam, com pressa de evitar o passado de Lammiela e chegar ao seu. — Comecei com sapos. Depois passei para gatos, cães...

— E gente, Elam. Você por fim, passou para gente.

— Eu sei — acrescentou, pensando em Orféa morta, que ele temia jamais poder se lembrar. — Abias me contou.

— Abias é muito condescendente — disse Lammiela. — Você fez com que ele perdesse o corpo e quase a vida.

— O que lhe fiz?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei, Elam. Ele nunca me disse. Todos esses anos e nunca disse nada. Você odiava Orféa e ela a você, mas de alguma forma ambos tinham ciúmes um do outro. Ela gostava de Abias, seu amigo de aldeia, e isso fez você ficar louco. Ele sabia tanto sobre os antigos conhecimentos Limitados pelos quais os Encarnados nunca se interessaram. Sempre tentava desmanchar o mal que você fazia. Curava animais recuperando-os tais como eram. Sem você, nunca teria aprendido tanto. Ele era um mágico.

— Mãe...

Ela fuzilou-o com os olhos.

— Você o amarrou, Elam. Queria... castrá-lo. E chamava a isso de clonagem. Disse que podia cloná-lo. Ele poderia ter sido capaz de fazer o mesmo, não sei, mas você certamente não poderia fazer nada além de matá-lo. Orféa tentou detê-lo e vocês lutaram. Você matou-a, Elam. Pegou aquela faca de corte quente e dividiu-a. Se ajustada corretamente, ela explode a carne, você sabe. Não sobrou quase nada.

Apesar de si mesmo, Elam sentiu uma onda de relembrado prazer.

— Enquanto você assassinava sua irmã, Abias se libertou. Lutou com você e lhe tirou a ferramenta,

— Mas não me matou.

— Não. Nunca entendi o porquê. Em vez disso, ele o mutilou. Cuidadosamente, com muita habilidade. Ele conhecia muito sobre o corpo humano. Você estava irreconhecível quando o encontraram, todo queimado, a genitália destruída, o rosto apagado.

— E puniram Abias pelo assassinato de Orféa. Por quê?

— Ele insistiu que o havia cometido. Eu sabia que não. Finalmente, fiz com que me contasse. Por insistência minha, as autoridades não o mataram. Ao invés disso, tomaram seu corpo e o transformaram na máquina que agora é.

— E fez com que me servisse — disse Elam, estupefato. — Todos esses anos, você fez com que me servisse.

Ela balançou a cabeça.

— Não, Elam. A escolha foi dele, que pegou o seu corpo, colocou-o em seu *adytum* e, desde então, o tem servido.

Elam sentiu-se vazio, acabado.

— Você devia ter me matado — murmurou. — Não devia ter me deixado viver.

Lammiela o encarava com olhos frios e vazios.

— Atrevo-me a concordar com você, Elam. Você foi Laurance antes de mim, o homem que jamais poderei ser novamente. Eu queria destruí-lo totalmente. Expurgá-lo da existência. Mas foi desejo de Abias que você vivesse e, como ele havia sofrido em suas mãos, não pude discordar.

— Por que, então? — perguntou Elam. — Por que quer me matar agora? — Ele estendeu as mãos na direção da mãe. — Se quer, faça-o. Mate-me!

— Não sei do que você está falando, Elam. Não tentei matá-lo. Desisti de pensar a respeito há muito tempo.

Ele estremeceu.

— Quem, então? Reqata?

— Reqata? — Lammiela deu um risinho. — Dar-se a todo esse trabalho por causa de uma morte? Não é o seu estilo, Elam. Você não é tão importante assim para ela. Orféa também era uma artista. Sua arte eram os aromas. Aromas que permanecem na mente e evocam tempos passados quando você novamente os inala.

— Você usou um desses — disse Elam, entendendo subitamente. — No dia em que terminou minha morte nas florestas do norte.

— Sim — respondeu ela, a voz de repente firme. — Orféa usou aquele aroma no último dia de sua vida, Elam. Você provavelmente se recorda.

O cheiro trazia terror com ele. Elam se lembrava disso.

— Achou algum velho frasco? O que a fez usá-lo?

Ela o olhou, surpresa.

— Ora, Elam. Foi você mesmo quem me mandou.

Abias estava de pé à sua frente, como um totem tecnológico, o *adytum* entre os dois.

— Lamento, Abias — disse Elam.

— Não lamente — retrucou Abias. — Você deu a sua vida para me salvar.

— Mate-me, Abias — prosseguiu, sem prestar atenção ao que o cyborg acabara de dizer. — Agora entendo tudo. Eu posso verdadeiramente morrer. — Segurava a ferramenta cirúrgica vibratória sobre o *adytum*, pronto para cortá-lo, matar o que estivesse ali dentro.

— Não, Elam. Você não entende tudo, pois o que contei a Lammiela, naquele dia, não era a verdade. Eu menti e ela acreditou em mim. — Ele empurrou algo e uma linha apareceu sobre o ovóide do *adytum*.

— Qual é a verdade, então, Abias? — Elam esperava, quase desinteressado.

— Orféa não morreu naquele dia, Elam. Você morreu. O *adytum* partiu-se lentamente.

— Você tentou me matar, Elam — Abias disse suavemente, quase como numa reminiscência. — Você me amarrou para a sua experiência. Orféa tentou detê-lo. Ela agarrou a faca de corte quente e lutou com você. E o matou.

— Não entendo.

O interior do *adytum* era um segredo escuro. Elam deu uma olhada e, por um momento, nada viu, a não ser metros e metros de cabelos negros molhados.

— Você não entende, Orféa? Não sabe quem é? — A voz de Abias estava desesperada. — Você matou Elam, a quem odiava, mas foi demais para você. Você se mutilou horrivelmente. E me disse o que queria ser. Eu a amava. Eu fiz.

— Eu queria ser Elam — murmurou Elam.

O rosto no *adytum* não era o seu. Ainda cortado e mutilado, embora restaurado pela habilidade de Abias, era o rosto de Orféa. Seios de mulher abriam caminho por entre cabelos encaracolados.

— Você queria ser o irmão que matara. Depois que fiz conforme você pediu, ninguém percebeu a diferença. Você era Elam. Os genes eram idênticos, já que foram divididos do mesmo óvulo. Ninguém questionou o que aconteceu. Os Encarnados são melindrosos e deixavam tais assuntos desprezíveis para os Limitados. Você está desaparecida desde então. Seu ódio, por quem você pensava que era, fez com que se matasse vezes seguidas. Elam estava vivo novamente e sabia que Orféa o matara. Por que não deveria odiá-la?

— Não — disse Elam. — Não a odeio. — Caiu de joelhos lentamente, olhando para o rosto adormecido.

— Eu tinha de trazê-la de volta, você entende? — A voz de Abias estava angustiada. — Se apenas um de vocês pode viver, por que tem de ser Elam? Por que deveria ser ele? O espírito de Orféa estava despertando lentamente, depois de todos esses anos. Às vezes, podia vê-lo em você.

— Então você o trouxe — disse Elam. — Clonou e treinou criaturas nas quais a sua alma pudesse existir. O zepelim. O dragão.

— Sim

— E, a cada vez, ela ficava mais forte. A cada vez que eu morria, eu despertava... *ela* despertava por mais tempo no *adytum*.

— Sim! — Abias erguia-se acima, cada membro elevado brilhando sobre a sua cabeça. — Ela viverá.

Elam repousou os dedos nos cabelos molhados e acariciou-lhe o rosto. Ela dormira muito tempo. Talvez fosse, realmente, hora dele tentar sua última obra de arte e morrer para sempre. Orféa andaria novamente sobre a Terra.

— Não! — gritou Elam. — *Eu* vou viver!

Abias flutuou sobre ele como o dragão, pronto para tomar-lhe a vida. Ele balançou a espada vibratória e cortou um dos membros de Abias. Outro golpe, e derrubou Abias ao chão. Ele rolou. Abias ergueu-se. Elam esfaqueou-o. A lâmina penetrou no cilindro central do corpo de Abias e foi puxada de suas mãos no instante em que este saltou para trás; Elam ficou indefeso, e aguardou a morte que viria dos braços manipuladores de Abias.

Mas Abias jazia acima dele, sem se mover, os membros frouxos, os olhos fixos no nada. Após longo momento, Elam percebeu que ele jamais se moveria.

O *adytum* havia se fechado por vontade própria, a superfície cinzenta uma vez mais sem traços característicos. Elam descansou a cabeça nela. Depois de todos esses anos, ele descobrira a verdade, a verdade sobre seu passado e sua identidade.

Abias o fizera parecer uma alma ilegítima, uma construção oriunda da culpa de Orféa. Talvez isso fosse tudo o que ele era, de fato. Estremeceu contra o *adytum*. Orféa dormia dentro dele. Com súbita raiva, deu um soco na superfície. Ela podia continuar a dormir. Ela o matara uma vez. Não teria chance de fazê-lo novamente.

Elam levantou-se cansado. Inclinou-se sobre a escultura elaborada de Abias morto, sentindo os membros rangerem sob seu peso. Como Elam ficaria sem ele?

Elam estava *vivo*. Sorriu. Pela primeira vez na vida, Elam estava vivo.

MIV-547

W.R. Thompson

Tradução de Ronaldo Sergio de Biasi

Já imaginou o que seu computador pensa de você?

As coisas não vão muito bem. MIV-547 desapareceu. Foi substituído por MIV-1489. Não compreendo como isso pôde acontecer, já que nenhum dos dois objetos (codificados como um abajur de pé e um cabide, respectivamente) possui movimento próprio. Mesmo assim, aconteceu, e, como sempre, terei de perder algumas centenas de microssegundos reprogramando o mapa da casa. A diferença entre os dois objetos é suficientemente grande para exigir um reajuste. Gostaria de não ter de fazer reajustes. Eles são uma fonte constante de confusão.

Hoje é terça-feira, de modo que devo lavar e encerar o assoalho. Meu dono (codificado como "Sim, senhor sargento") faz questão de que esta operação seja executada toda terça-feira. Ligo meu equipamento de limpeza, encho os tanques de sabão, água e cera e começo a trabalhar.

O serviço está 97% completo quando meu dono aparece.

— Tenente Halloran, trate de limpar isso — ordena, apontando para o chão.

"Isso" é um termo indefinido. Depois de analisá-lo, chego à conclusão de que se refere às marcas que a cadeira de rodas do meu dono deixaram no chão. Atribuo às marcas uma prioridade maior do que os 3% que ainda não estão limpos, e começo a executar a tarefa modificada.

— Sim, senhor sargento — digo, acusando o recebimento da ordem.

Algum tempo depois, termino o trabalho. Guardo o equipamento de limpeza no lugar. A próxima tarefa em minha lista é verificar as funções vitais do meu dono. Trata-se da minha função principal, programada pelo Hospital de Veteranos de Guerra. De hora em hora, consulto o implante e recolho informações a respeito do estado de saúde do meu dono e da concentração dos remédios no seu sangue. Guardo esses dados na memória, para enviá-los ao hospital na próxima segunda-feira, a menos que as leituras estejam fora de certos limites, caso em que estou instruído para tomar medidas de emergência.

Meu dono está bem; todos os parâmetros se encontram dentro dos limites permitidos. Minha próxima tarefa é fazer compras, de modo que coloco uma cesta de arame na minha carcaça. Rolo para a sala, onde meu dono está sentado diante de MIV-12, um aparelho de televisão, que no momento se encontra ativado.

— Tenente Halloran, está saindo para fazer compras? -—pergunta ele.

— Sim, senhor sargento.

— Tenente Halloran, hoje meus sobrinhos vêm me visitar. Compre uns tira-gostos para eles.

— Código de erro quarenta e sete — digo. — Palavra desconhecida: tira-gostos.

— Tenente Halloran, sua imitação malfeita de fuzileiro naval, acrescente três caixas de biscoitos salgados à sua lista de compras.

— Sim, senhor sargento.

No momento em que estou saindo de casa, detecto um perigo. Um jornal caiu em cima de MIV-187, um irradiador de calor. Embora o MIV-187 não esteja ativado do momento, pode vir a sê-lo no futuro. De acordo com meu programa de segurança, uma situação como essa envolve risco de incêndio, o que, por sua vez, poderia causar prejuízo à saúde do meu dono. Pego o jornal, dobro-o e coloco-o em cima de MIV-53, uma mesinha de centro.

Desço a rampa, chego à calçada e faço uma curva de noventa graus para a direita. Continuo até a edificação externa número três, codificada como um supermercado. Existem dois pontos de parada entre a minha casa e o supermercado, codificados como faixas para pedestres. Nesses pontos, tenho de esperar até que um sinal verde acenda.

Esta operação utiliza quase toda a minha capacidade de processamento de dados. Fora da casa, vejo muitos objetos e formas que não estão codificados em minha Matriz de Identificação Visual. Devo examinar cada objeto desconhecido para verificar se corresponde a um código visual generalizado: humano ou veículo sobre rodas. Sou programado para evitar colisões com objetos desses dois tipos. Isto é difícil, principalmente porque alguns veículos tentam interceptar a minha trajetória de forma imprevisível, enquanto alguns humanos tentam bloquear o meu caminho de forma também imprevisível.

Entro na edificação externa número três, imprimo a lista de compras e espero que algum humano apareça para me ajudar. Passam-se mais de um bilhão de microssegundos até que um humano pegue a minha lista. Outro bilhão de microssegundos até o humano voltar. Enquanto ele coloca objetos na minha cesta, associo um código temporário de identificação a cada um: MIV-T-187 a MIV-T-215.

No caminho de volta para casa, ocorre um problema. Um veículo aumenta de velocidade e tenta me interceptar. Aplico a potência máxima ao meu motor e consigo evitar a colisão, mas o objeto MIV-T-198 cai da minha cesta. Ele é redondo e sai rolando pelo pavimento, percorrendo uma distância considerável antes de parar no meio de vários objetos desconhecidos. Sou obrigado a examinar vários objetos, um por um, até conseguir identificar e recuperar MIV-T-198.

Chegando em casa, entro na cozinha e guardo os novos objetos nos

armários de comida. Em seguida, guardo a cesta de arame no lugar. Existem utensílios sujos na pia, e não tenho nenhum trabalho programado para os próximos momentos, de modo que começo a lavar os utensílios.

Meu dono entra na cozinha e abre um dos armários de comida. Ele remove MIV-T-191 e MIV-T-203 e olha para mim.

— Tenente Halloran, seu idiota, quantas vezes já lhe disse para pôr os ovos na geladeira?

— Mensagem de erro doze — respondo. — Dados não disponíveis.

— Tenente Halloran, guarde os ovos na geladeira!

— Sim, senhor sargento. — Rolo em direção ao meu dono e paro. Ele está segurando dois objetos e me mandou guardar apenas um.

— Qual dos dois? Mensagem de erro sete. Identifique: ovos. Meu dono responde com uma palavra desconhecida. Ele coloca MIV-T-191 no meu manipulador esquerdo e se afasta. Acrescento MIV-T-191 à minha matriz de identificação visual permanente, codificando a forma como MIV-3876, ovos. Fico confuso, porque a matriz já contém a forma M1V-96, ovo. Existe uma relação evidente entre as duas palavras, mas as formas são muito diferentes. Além do mais, "ovos", por definição, significa "mais de um ovo".

A campainha toca e vou atender. Reconheço os dois pequenos humanos que estão do lado de fora como os sobrinhos do meu dono.

— Olá, Sr. John. Olá, Sr. Craig. Entrem, por favor.

Meu dono e seus sobrinhos passam alguns bilhões de microssegundos na sala. Como não tenho nenhuma tarefa programada para o momento, permaneço perto da porta, observando-os. Meu dono colocou MIV-203 na mesinha de centro. Ele abre o objeto e os sobrinhos removem objetos menores do interior. Eles comem os pequenos objetos enquanto conversam.

Analiso o fenômeno, procurando associá-lo à relação existente entre "ovo" e "ovos". Talvez MIV-3876, ovos, deva ser codificado como um recipiente contendo ovos. Meu dono nem sempre define os objetos com precisão, o que à vezes me deixa confuso.

Isso me faz reavaliar a relação entre o cabide e o abajur de pé. O cabide está do outro lado da sala. Observo que tem uma forma semelhante à do abajur. As pernas são feitas de um material que reflete a luz, e a parte de cima tem uma forma complexa, com várias superfícies lisas. Percebo que essas superfícies podem refletir a luz, e certos reflexos podem confundir o meu sistema ótico.

Talvez o cabide seja o abajur com as lâmpadas apagadas. Entretanto, quando tento recodificar M1V-1489 como um abajur apagado, recebo uma

mensagem interna de erro. Embora desconfie de que se trata de um erro, continuo a reconhecer MIV-1489 como um cabide. Acho que é uma falha do meu programa de reconhecimento de formas, mas não sou capaz de corrigi-la.

Ouço um dos sobrinhos do meu dono usar o meu nome: tenente Halloran. Isso, naturalmente, atrai minha atenção.

— Por que o senhor chama seu robô de "Tenente Halloran"? — pergunta o sobrinho.

O outro sobrinho intervém:

— Um robô tem de ter um nome para saber quando está recebendo uma ordem. As máquinas são assim.

— Mas por que o senhor escolheu esse nome, tio Jake? — pergunta o primeiro sobrinho.

— Para não me esquecer de como eu odeio o desgraçado. O tenente Halloran era o comandante do meu pelotão na Nicarágua. Agora posso fazer com ele o que sempre quis. — Meu dono rola a cadeira de rodas para o outro lado da sala e pega MIV-1, a fotografia de um grupo. — Ali está ele, bem na frente, o miserável. O sujeito mais burro que vocês possam imaginar. Tenente Halloran, diga aos meninos quem é você.

— Sim, senhor sargento. — Recito o arquivo HALLORAN para ele: — Sou o maior palhaço de todo o Corpo de Fuzileiros Navais. Uma ameaça maior para os meus companheiros que todo o exército da Nicarágua. Quando pensa em mim, Ortega sorri de satisfação. Adoro as rações de campanha...

O arquivo é bem grande. Antes que eu termine, chega a hora de consultar o implante do meu dono. Observo que a pressão sangüínea e os batimentos cardíacos diminuíram e que as ondas cerebrais estão mais regulares. Meu programa médico informa que isto revela uma ligeira redução na tensão mental. Chego à conclusão de que ouvir o arquivo HALLORAN recitado em voz alta tem um efeito benéfico sobre a saúde do meu dono.

— Tenente Halloran, descansar — diz ele, e fico em silêncio enquanto meu dono se dirige aos sobrinhos. — O verdadeiro Halloran quase acabou com o nosso pelotão uma dúzia de vezes, porque estava sempre querendo dar uma de herói: ganhar uma medalha, impressionar os superiores, conseguir uma promoção. De modo que sempre oferecia o nosso pelotão para missões difíceis, como emboscadas e patrulhas de reconhecimento. Trabalhos que ninguém queria. Uma noite, fez a gente entrar no território ocupado pelos sandinistas. Metade do pelotão morreu. Eu levei uma bala na espinha.

Uma sub-rotina cuja existência eu desconhecia entra em ação. Registro as palavras do meu dono em um arquivo especial. Elas serão analisadas

por um psiquiatra, que está preocupado com a forma como meu dono está aceitando sua incapacidade física.

Meu dono torna a mostrar a fotografia MIV-1 aos sobrinhos.

— Quero que vocês conheçam os meus companheiros de pelotão. Estão vendo este cara aqui? O nome dele era Wynsocki.

— Este rapaz pálido, de bigode? — pergunta um dos sobrinhos.

— Isso mesmo. Nós o chamávamos de Meia. Foi ele que nos salvou naquela noite. — O nível de tensão na voz do meu dono permanece dentro de limites aceitáveis, mas por muito pouco. — Halloran mandou a gente entrar em uma aldeia e nos proibiu de atirar até os Vermelhos abrirem fogo, para que soubéssemos exatamente onde eles estavam. É assim que funciona uma emboscada. Só que, de acordo com as informações, havia uma companhia inteira de sandinistas naquela aldeia. Nós sabíamos que era uma missão suicida, mas experimente explicar isso para Halloran. Ordens são ordens, disse ele. Se estão com medo, façam um testamento.

"Chegamos à entrada da aldeia. O Meia sorriu para mim e me disse que o jeito era obedecer às ordens e esperar que o inimigo atirasse primeiro. Aí, entrou correndo na aldeia, berrando a plenos pulmões. Todos os Vermelhos da aldeia começaram a atirar nele. Isso nos deu tempo para nos escondermos e salvar a pele, mas foi o fim de Meia. Acho que teve mais sorte do que eu — conclui o meu dono, dando um soco no braço da cadeira.

Há um longo silêncio, que dura dezenas de milhões de microssegundos, durante o qual os sobrinhos param de tirar pequenos objetos de MIV-T-203 e levá-los à boca. Quando um deles finalmente diz alguma coisa, o nível de tensão na sua voz é elevado. Diz que está na hora de voltarem para casa. Logo depois, os dois sobrinhos vão embora.

Arrumo a sala enquanto meu dono prepara e come o jantar. Da vez seguinte em que consulto o implante, verifico que o teor de álcool no seu sangue aumentou para 0,09%, um acréscimo significativo, mas tolerável. Depois do jantar, ele volta à sala. Carrega no colo MIV-200, um objeto que contém frascos castanhos. Ele liga a televisão e bebe de um dos frascos.

Em seguida, ele fala, e tanto o nível de tensão quanto o volume da voz atingem valores alarmantes. Rolo na direção dele, convencido de que se trata de um problema sério. Verifico meus sistemas de emergência: programa médico, sirena, garrafa e máscara de oxigênio, modem.

— O senhor precisa de ajuda? Está se sentindo mal?

— Mal! Você não ouviu o noticiário? Nós estamos nos retirando da Nicarágua! Droga!

Faço o possível para entender o que o meu dono está dizendo. Procuro "droga" no meu dicionário. E um termo usado para designar substâncias entorpecentes ou estimulantes.

— Mensagem de erro cinqüenta e dois. Uso indevido da palavra "droga". O senhor não é um viciado.

— "Viciado"? De que está falando, seu cabeça de minhoca? Não sou viciado em coisa nenhuma! — Meu dono bebe de um frasco. — Talvez o viciado seja Tio Sam. Isso. Ele está viciado em nos mandar para uma guerra e depois nos tirar de lá quando estamos a ponto de vencer. Toda aquela conversa de que estávamos defendendo a democracia... e agora? Onde fica a democracia? Diga-me!

— Mensagem de erro doze — respondo. — Dados insuficientes.

— Maldita maquina! — Ele joga o frasco em cima de mim. Não sofro nenhum dano, mas o frasco se quebra em vários pedaços. — Sabe por que eles me deram um enfermeiro robô? Porque você é mais barato que um enfermeiro humano! Não queriam gastar dinheiro com um... esqueça. Esqueça tudo. Ninguém se importa com os ex-combatentes. Nem a nossa família — conclui, rolando a cadeira para fora da sala.

O chão da sala está cheio de cacos de vidro. Vou buscar meu equipamento de limpeza para removê-los.

Meu dono vai cedo para a cama, mas só consegue dormir depois da meia-noite. É provável que ele durma até tarde e passe mais de uma hora deitado depois de acordar. Nos 63 dias que trabalho para ele, tem sido sempre assim. Meus arquivos médicos me informam de que não se trata de um comportamento habitual para seres humanos, mas ao mesmo tempo está dentro dos parâmetros de normalidade do meu dono, de acordo com os dados que o hospital colocou na minha memória. Não consigo explicar esta incongruência.

À 1:37 da manhã, escuto ruídos não identificados no quarto do meu dono. Quando vou investigar, descubro que existe outro humano no quarto. Examino-o no infravermelho e verifico que não corresponde a nenhuma das minhas matrizes de identificação.

É evidente que também não corresponde a nenhuma das matrizes do meu dono.

— O que você quer? — pergunta o meu dono, com um alto nível de tensão na voz.

— Cale a boca — diz uma voz desconhecida. — Fique quieto e não vai se machucar.

O homem olha pela janela para o jardim e depois fecha a janela. Ele faz

isso com uma só mão. A outra mão segura um objeto que eu sei que deveria reconhecer. O homem aponta o objeto para o meu dono.

— Coloque suas mãos onde eu possa vê-las, meu chapa. Bem devagar... não tente fazer nenhuma bobagem. Agora saia da cama. Devagar.

— Eu... sou... paralítico.

O nível de tensão na voz do meu dono está atingindo níveis perigosos. Obedecendo à minha programação, passo a monitorar continuamente os seus dados vitais. Estou agora recebendo uma mensagem do implante a cada cinco segundos. Todas as leituras estão dentro da faixa de normalidade, mas as tendências são preocupantes.

— De pé!

— Não posso! Escute, para que você pensa que serve aquela cadeira de rodas?

O homem olha para a cadeira e resmunga alguma coisa. Depois olha para mim pela primeira vez.

— Que é isso?

— Um robô-enfermeiro. Trabalha para mim.

— Aposto que é capaz de chamar a polícia. Desligue-o.

— Ele não tem um botão de "desliga". Droga, não tem nem mesmo um manual de instruções!

— É, você deve estar falando a verdade — diz o intruso.

Ele se ajoelha ao meu lado. Enquanto está me examinando, analiso o objeto que carrega na mão direita. É muito parecido com certos objetos que apareciam na fotografia MIV-1. Determino que se trata de uma pistola, com 90% de certeza. Meu programa de segurança classifica as pistolas e objetos semelhantes como artigos perigosos.

O intruso resmunga de novo e abre o meu painel de comunicações. Logo depois, meus circuitos de manutenção transmitem uma mensagem de advertência: modem desativado. Sirena desligada. Alto-falante principal danificado. É óbvio que o intruso conhece alguma coisa de robótica, embora tenha deixado intacto o alto-falante de reserva.

Ele recua um passo e olha para o meu dono.

— Agora, vou ficar aqui até ter certeza de que a barra está limpa. Se não criar problemas, não vai se machucar.

— Quem é você? — pergunta o meu dono.

— Digamos que sou uma alma livre, e pretendo continuar assim. — Ele faz um gesto com a pistola, — Onde está o seu dinheiro?

Meu dono torce o nariz.

— Pensa que sou rico? Sabe quanto é a pensão de um ex-combatente?

— Vou ter de revistar a casa? — diz o intruso, derrubando a cadeira de rodas com um pontapé. — Se tem dinheiro, é melhor falar!

— Certo. Devo ter uns cinco ou seis dólares na gaveta de cima da cômoda.

— Cinco ou seis dólares? — O intruso abre a gaveta e pega o dinheiro. — Estou mesmo com azar! O cara da loja de bebidas tinha menos ainda!

O intruso se senta no chão, mas mantém a pistola apontada para o meu dono.

— É fogo. Eu vi que o seu jardim estava cheio de mato e achei que os donos estavam viajando. Só que você é um aleijado que não apara a grama. O que vou fazer com você quando chegar a hora de dar o fora?

Os dados vitais do meu dono já ultrapassaram os limites de segurança. Preciso procurar ajuda. Considerando os danos que sofri, restam-me poucas opções. A mais eficiente é usar o alto-falante de reserva e o telefone da cozinha. Começo a rolar em direção à porta do quarto.

— Ei! — exclama o intruso. — Aonde esta coisa está indo?

— Como vou saber? — diz o meu dono. — Acha que entendo de robôs?

— Pois faça-o parar! Pare, sua máquina! Agora!

— Pare, tenente Halloran. — Eu paro no corredor. — Volte aqui. Que está fazendo?

— É uma emergência — respondo, usando o alto-falante de reserva. — Preciso pedir ajuda. Vou usar o telefone.

O intruso faz um ruído com a pistola.

— Se ele fizer alguma coisa, seu filho da mãe, eu mato você.

— Está bem — diz o meu dono. — Preste atenção, tenente Halloran. Não use o telefone. Não peça ajuda. Não saia de casa. Está entendendo?

— Sim, senhor sargento.

Analiso rapidamente a situação e chego a uma conclusão: o intruso é uma ameaça ao bem-estar do meu dono. Preciso remover esta ameaça, dentro das limitações que me foram impostas. Saio de novo do quarto.

— Tenente Halloran! — O intruso agora sabe o meu nome. — Que está fazendo?

— Tenho algumas tarefas a executar — respondo.

Poderia ser mais específico, mas ainda não defini uma linha de ação.

Saio do quarto, e o intruso não faz nada para me impedir. Ao entrar na cozinha, ainda estou passando em revista minhas opções, que são muito

limitadas. Meu programa de segurança sugere várias linhas de ação. Apenas uma delas tem uma probabilidade razoável de sucesso, mas ela envolve um procedimento extremamente complexo.

Dirijo-me ao depósito e pego o equipamento de limpeza. Encho o tanque de água e vou para a sala. Abro a mangueira e inundo a sala de entrada, conservando cinco litros de água no tanque.

Examino M1V-1489. O cabide tem um interruptor na parte superior. Ligo o interruptor e o cabide se transforma em MIV-547, o abajur de pé. Seguro-o com os manipuladores e passo a examinar suas propriedades cinéticas. As três lâmpadas projetam sombras em movimento quando balanço o abajur para um lado e para o outro. Agora preciso esperar que o intruso se aproxime.

Os dados vitais do meu dono permanecem em níveis inaceitáveis. A causa mais provável é a tensão. Lembro-me de um remédio que costuma funcionar nessas circunstâncias. Abro o arquivo HALLORAN e recito o seu conteúdo no maior volume de que é capaz meu alto-falante de reserva:

— Sou o maior palhaço de todo o Corpo de Fuzileiros Navais. Uma ameaça maior para os meus companheiros que todo o exército da Nicarágua. Quando pensa em mim, Ortega sorri de satisfação. Adoro as rações de campanha...

Ouço vozes no quarto. Primeiro, o intruso:

— O que é isso?

Depois, o meu dono:

— Como vou saber? Esse maldito robô nunca funcionou direito.

Detecto o som de passos, cada vez mais alto. Espero até o intruso entrar na sala e pisar na água com os dois pés. Aciono a mangueira, molhando-o com a água que me resta no tanque; como estou usando a pressão máxima, o tanque se esvazia em três segundos. Ao mesmo tempo, golpeio-o com o abajur, procurando atingi-lo com as lâmpadas na região do peito. Duas das lâmpadas se quebram com o impacto e um clarão ilumina a sala.

Depois de alguns milhões de microssegundos, um disjuntor se abre e a casa fica sem energia elétrica. A essa altura, o intruso está no chão. Seus músculos se movem em espasmos, mas ele não se levanta. Pouco depois, verifico que está morto e portanto não constitui mais um perigo para o bem-estar do meu dono. O objeto que estou segurando se transformou em MIV-1489, que deixo cair no chão. Arrasto o corpo para o meio da sala e volto ao quarto do meu dono.

Meu dono está sentado na cama, tentando alcançar a cadeira de rodas.

— Tenente Halloran, que aconteceu?

— Mensagem de erro trinta e nove — respondo. — Mensagem indeterminada.

— Seu cretino. Tenente Halloran, que aconteceu com aquele ladrão?

— Eletrocutei o ladrão com o abajur MIV-547 — respondo, colocando de pé a cadeira de rodas.

— Verdade? — Meu dono arregala os olhos para mim durante alguns milhões de microssegundos. — Eu pensei... Tenente Halloran, a programação dos robôs não os impede de fazer mal a seres humanos?

— Isso depende. No caso, minha prioridade era protegê-lo. O intruso era uma ameaça direta à sua vida.

— Entendo. — Milhões de microssegundos se passam antes que meu dono fale de novo. — Tenente Halloran, chame a polícia.

— Sim, senhor sargento.

Vou até a cozinha e uso o telefone para chamar a polícia. Também peço uma ambulância; os dados vitais do meu dono estão voltando ao normal, mas atingiram níveis perigosos, o que exige um exame médico completo. Faço esses pedidos da forma mais urgente que meu vocabulário permite.

Existem outros problemas. Preciso de reparos. A casa está sem energia elétrica. A sala está uma bagunça: o chão molhado, cacos de vidro por toda parte, o cabide MIV-1489 danificado e um corpo estendido no chão.

A polícia e a ambulância não levam muito tempo para chegar. A polícia arma o disjuntor, fazendo a luz voltar, e o pessoal da ambulância remove o cadáver. Um paramédico examina o meu dono e chega à conclusão de que ele está bem.

Enquanto estou limpando a sala, a polícia o interroga na cozinha.

— Não sei o que aconteceu — diz ele. — Eu não podia sair da cama. O robô... ele nunca funcionou muito bem. Ele começou a limpar o chão, só Deus sabe por quê. O ladrão ouviu o barulho e foi ver o que estava acontecendo. Logo depois, as luzes se apagaram.

— O que aconteceu exatamente não importa — disse um policial. — Ou ele tropeçou no abajur, fazendo-o cair, ou tropeçou no robô e o robô esbarrou no abajur. Seja como for, agora está morto... e ninguém vai chorar por ele. Seu visitante matou duas pessoas há algumas horas, durante um assalto a uma loja de bebidas. O senhor tem muita sorte de estar vivo.

Meu dono está perto da porta da cozinha, e pode me ver de onde se encontra.

— Acho que tive mesmo muita sorte — declara.

Pouco depois, o carro da polícia e a ambulância vão embora, e meu dono volta para a cama. Na manhã seguinte, ele telefona para o hospital e diz que está precisando de um técnico em robôs. O técnico nos visita naquela mesma tarde. Ele verifica que os danos que sofri são insignificantes e podem ser reparados facilmente.

Meu dono faz algumas perguntas ao técnico, que adora falar sobre robôs.

— Claro que os robôs são seres vivos — diz ele. — Nem sempre é possível prever o que vão fazer, o que é uma das formas de definir a vida. Na verdade, por mais cuidado que se tome ao dar uma ordem a um robô, às vezes eles fazem uma coisa bem diferente do que a gente gostaria que fizessem.

— Conheci um sujeito que era assim — observa o meu dono.

— Bem, com os humanos é diferente — diz o técnico. — As pessoas sabem o que estão fazendo quando desobedecem a uma ordem. Os robôs simplesmente interpretam as instruções de forma imprevista. Isso é diferente.

— Suponho que seja.

O técnico termina os reparos, e começo a trabalhar. Tenho muita coisa para fazer; além das tarefas de costume, meu dono fez certas mudanças na minha programação. Ele convida os sobrinhos para nos visitar de novo, o que exige ainda mais trabalho. No meio de tudo isso, observo uma melhoria na minha situação. O cabide MIV-1489 ficou tão avariado que meu dono resolveu jogá-lo no lixo. Isso quer dizer que não terei mais de vê-lo se transformar em um abajur. As coisas estão melhorando.

Os dois sobrinhos chegam ao anoitecer, e a princípio o nível de tensão em suas vozes é elevado. Meu dono fala com eles.

— Ontem eu estava fora de mim. Sinto muito ter assustado vocês. Isso não vai se repetir. Certo?

— Certo — respondem os sobrinhos. O nível de tensão continua elevado.

— Muito bem. Ei, Meia! Traga os tira-gostos!

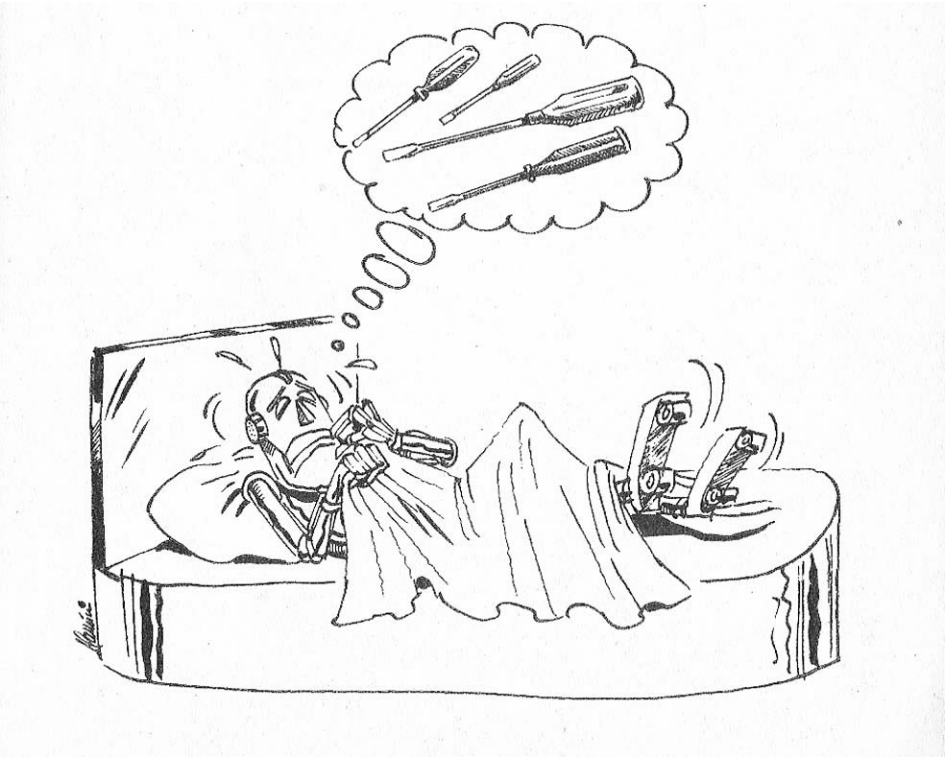
Rolo para fora da cozinha, carregando MIV-T-223 e M1V-T-224, codificados como um saco de batatas fritas e uma Coca-Cola.

— Meia? — pergunta um dos sobrinhos. — O senhor mudou o nome dele?

— Mudei. Andei pensando numas coisas à noite passada. Afinal, o nome de um robô é apenas uma forma da gente se lembrar de alguém. E acho que se vou me lembrar de alguém, prefiro me lembrar de Meia do que de Halloran.

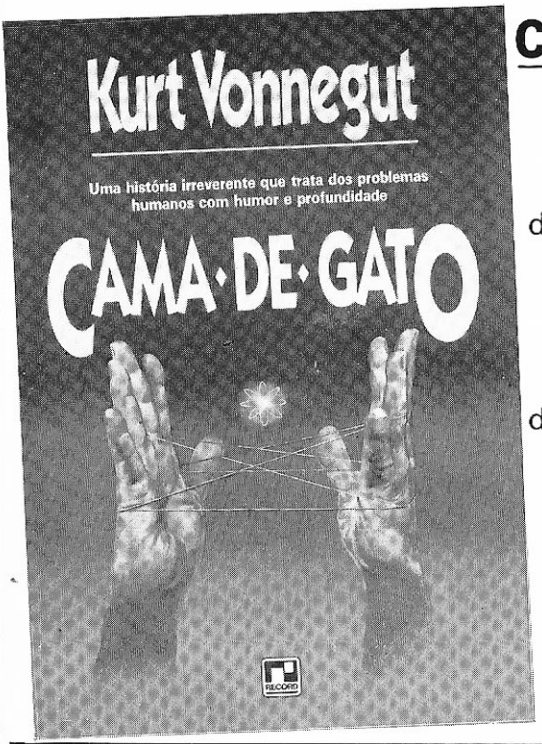
Coloco o saco de batatas fritas e a garrafa de Coca na mesa de centro MIV-53.

— Ontem contei a vocês como Meia morreu... hoje quero contar alguma coisa sobre a vida dele.



A SÁTIRA, A FANTASIA E O HUMOR NEGRO DE KURT VONNEGUT

"Um dos maiores escritores norte-americanos da atualidade."
— **Graham Greene**



CAMA-DE-GATO

Ao investigar a vida de Felix Hoenikker, um dos pais da bomba atômica, um escritor faz uma descoberta impressionante, que vai mudar a vida dos habitantes da pequena San Lorenzo, no mar das Antilhas. Considerado um dos dez livros mais importantes da década de sessenta, *Cama-de-Gato* continua incrivelmente atual, tratando dos problemas humanos com humor e profundidade.

Ref.: 03790/3 — 188 págs.
Cr$ 17.500,00

Preço válido para pedidos postados até 31 de março de 1992.

À VENDA NAS LIVRARIAS ou através do Reembolso Postal à EDITORA RECORD Caixa-Postal 23.052 — CEP 20922 — Rio de Janeiro/RJ
Pedidos também por telefone: **(021)580-5182**

A SEREIA DO ESPAÇO

Jorge Luiz Calife

Nicole queria ser o primeiro ser humano a pisar nas vastidões geladas de Tritão, mas acabou sendo a primeira mulher a ser devorada por um monstro intergaláctico. Só que para ela isso não representou o fim. Foi apenas o começo...

conto BRASILEIRO

Lembrava-se de tudo como se fosse um sonho. Algo enevoado, cujos detalhes perdiam-se rapidamente no passado. Havia uma moça no sonho. Uma jovem bonita cujo rosto simpático adornara as capas das revistas, as imagens dos noticiários de Videorama. O rosto oval de uma mulher européia, olhos castanhos, cabelos negros lisos e finos caindo sobre a testa numa franja rebelde.

Uma heroína do futuro. A relações-públicas perfeita para o programa espacial. Os políticos e os cientistas sabiam disso e contavam com ela para conseguir mais verbas. Depois de décadas de desinteresse o mundo acompanhou em suspense quando aquela jovem bonita foi enclausurada no casulo cibernético de uma nave espacial. Enviada para os mundos do crepúsculo, as terras geladas da órbita de Netuno.

Filmada pelos microssatélites que a acompanhavam, a Artemis IV parecia uma antena parabólica singrando o espaço. O emblema das agências espaciais da Europa e do Japão adornando a concavidade do escudo de aerofrenagem. Uma bandeja côncava abrigando os tanques de combustível, os módulos tripulados e o propulsor termonuclear. Realização máxima da tecnologia, a espaçonave era um engenho compacto, feito para um único tripulante. Uma jovem corajosa, nascida em Nice, na França, que aceitara o desafio de colocar a marca da humanidade sobre os gelos eternos de Tritão.

Recebera cartas apaixonadas de admiradores, fora comparada às pioneiras da aviação, como a americana Amélia Earhart. Sentira-se no topo do mundo, com uma carreira política garantida quando retornasse de sua odisséia solitária. Não tinha qualquer dúvida de que retornaria. Confiava na tecnologia sofisticada de sua espaçonave. Tritão era um mundo morto, congelado a 240 graus centígrados abaixo de zero. Não havia nada lá que pudesse ameaçá-la. Nada que sua mente jovem e hiperconfiante teria podido prever.

Lembrava-se de Netuno. Um globo azul impossível flutuando na escuridão, com uma mancha oval escura que parecia um olho a observá-la. Infelizmente, no momento de maior aproximação, não pudera ver nada. Estava esmagada por uma força de vinte gravidades, achatada no sofá de aceleração enquanto a nave riscava a noite gélida, transformada num cometa deslumbrante.

Assistira a tudo pela televisão, depois, e fora como se visse um filme estrelado por outra pessoa. O ventre afundado e delineando as costelas. O rosto distorcido pela pressão, o busto esmagado, tentando escorregar para as axilas. Seus 55 quilos tinham chegado a 250 naqueles instantes torturantes. Felizmente passara rápido. A ausência de peso voltou, fazendo-a flutuar como

num sonho. Netuno ficara para trás e a lua de gelo rosado surgia a sua frente.

Fora tudo tão diferente em Tritão. A frenagem suave, sem penetração atmosférica. Ela estava linda, vestindo uma malha rendada, contendo apenas os sensores biológicos. Ensaiara alguns passos de dança para as câmaras de TV. A dança era seu hobby, e ela aproveitava para exercitar o corpo enquanto ainda estava em órbita. Não teria essa liberdade em Tritão.

O módulo de pouso descera num lago congelado, erguendo uma nuvem de cristais de nitrogênio — uma aranha metálica embrulhada em papel dourado, como um bombom. A analogia também era válida para Nicole Geliny. Ela se tornara o delicioso recheio para o invólucro espesso e assexuado do traje de excursão. Podia saltar na baixa gravidade da Lua e voar com a mochila propulsora, mas deixara de ser a namorada do mundo. O escafandro rígido dava-lhe a aparência de um ovo plástico amarelo, com braços e pernas sanfonados. O sol distante refletia-se na viseira espelhada, ocultando-lhe o rosto.

Plantara sensores no mar de gelo e filmara os estranhos vulcões de gás frio no horizonte. Depois da frenagem na atmosfera de Netuno o segundo momento mais perigoso da missão transcorreu sem incidentes. Nicole mandou mensagens para a Terra e depois voltou para o módulo.

A decolagem e o encontro com a nave mãe em órbita foram um verdadeiro passeio. Nicole estava cansada e achava que merecia um dia de repouso. Tomou um banho quente, vestiu a malha rendada e foi inspecionar a nave.

Artemis IV funcionava com a precisão de um relógio, girando para produzir gravidade centrífuga a bordo. Nicole estava na câmara de pressão, checando um painel defeituoso, quando percebeu um movimento atrás dela.

Não houve tempo para qualquer reação. Tentáculos envolveram-lhe as pernas e os braços. Era tudo tão absurdo que a primeira sensação da astronauta foi de perplexidade e não de medo. Uma coisa gelatinosa e fosforescente introduzira-se dentro da nave. Algo que parecia um polvo de metal fluido, logo se transformou em uma medusa gigantesca, colorida e transparente.

O pavor substituiu a expressão de espanto no rosto de Nicole. Depois de imobilizá-la, a medusa começou a absorvê-la, englobando a mulher como uma ameba consumindo um protozoário. Primeiro a malha, depois a pele de Nicole fundiram-se à estrutura do exobionte. Não havia ninguém para ajudá-la ou ouvir seus gritos.

No módulo de comando, os sinais vitais no painel biomédico tornaram-se frenéticos, e depois se apagaram. Ficou apenas um diagrama tridimensional de um corpo feminino, piscando na tela do computador como um fantasma da heroína desaparecida.

II — Simbionte

Era uma coisa bonita e orgânica, derivando há milênios pelos túneis de verme entre as galáxias. Os seres humanos talvez a chamassem de espaçonave, mas a Saltadora Estelar era muito mais que isso. Era uma forma de vida sintética, uma simbionte capaz de assumir múltiplas formas e funções. Comandada por uma inteligência que se fundira e se integrara completamente a sua estrutura.

Sentira-se solitária e abandonada. Perdida nos gelos de Tritão desde que seu cérebro coordenador morrera num acidente cósmico, há mais de trezentos anos. Mergulhara nos gelos e hibernara, esperando o salvamento. O resgate nunca viera, mas outra coisa acabara entrando em órbita da grande Lua. Uma máquina tosca, feita de metal e plástico, que desovara um estranho filhote na superfície de Tritão.

Da máquina menor saíra um bípede de sangue quente, escondido numa carapaça de plástico. Tinha um cérebro primitivo, mas era um cérebro que a Saltadora podia utilizar.

Agiu rapidamente e produziu seu próprio filhote. Uma célula sensora multiforme, que subiu ao espaço e se introduziu, sem ser vista, na grande máquina em órbita. Quando a forma bípede voltou e despiu sua casca protetora, ela a atacou. Absorvendo-lhe o corpo e integrando sua mente. Toda a substância de Nicole misturou-se com a massa da célula sensora, mas suas memórias, sua personalidade e consciência foram transmitidas e duplicadas dentro da Saltadora Estelar.

Com esta nova inteligência para coordenar seus impulsos, a Saltadora emergiu dos gelos. Mudou de forma e escavou um túnel de volta para sua galáxia. Flutuando ao encontro de seu mundo e sua raça.

Para encontrar apenas solidão e desespero. Muita coisa tinha acontecido enquanto ela hibernava no fundo do lago de nitrogênio. Um quasar nascera no centro da galáxia, cauterizando tudo num dilúvio de radiação e luz cegante.

Pairou no vazio, destituída de propósito. Uma criação artística delineada contra a luz do apocalipse. Sua antiga programação perdera todo o sentido e ela acabou dominada pela mente humana que absorvera. Havia um novo lar, um novo refúgio. Um mundo aquático chamado Terra, perdido na luz de um pequeno sol.

Havia um homem neste mundo. Um homem que prometera esperar por ela, sem saber que a mulher que ele amara voltaria transformada das es-

trelas.

Convertida em uma coisa além da compreensão humana.

III — Metamorfa

Diziam que o trabalho ajudava a esquecer, mas Gustavo não queria esquecer. Executava suas tarefas a bordo da estação espacial, mas a imagem de Nicole estava sempre em sua mente. Em todos os seus sonhos.

Ela estivera linda naquela última transmissão de bordo da Artemis IV. Estava no topo do mundo, e quando voltasse seria a mulher mais famosa do planeta. Infelizmente ela não voltara... ainda.

Ninguém sabia exatamente o que lhe acontecera. A telemetria dos biossensores indicara uma frenética atividade física e depois o silêncio. Sons incoerentes, ruído de luta e gritos foram transmitidos pelos microfones que monitoravam o impacto dos micrometeoros. Algo terrível acontecera com a bela espaçonauta, mas ninguém sabia exatamente o quê.

E então viera uma imagem, captada ao acaso por uma câmara de TV no módulo central. Uma coisa orgânica, fluida, que parecia uma medusa feita de metal derretido. Da parte inferior da criatura brotavam as formas de um corpo feminino, como que impresso em alto-relevo na estrutura metálica da coisa. O que seria exatamente aquilo ainda era debatido pelos cientistas.

Gustavo se agarrara a uma possibilidade extrema. Talvez Nicole ainda estivesse viva dentro da coisa. Capturada apenas para estudos por alguma inteligência extraterrena. Talvez ela fosse libertada. Talvez tudo fosse apenas um terrível engano. Não era possível que extraterrenos evoluídos fossem criaturas hostis ou agressivas. Todos os especialistas juravam que eles seriam pacíficos e de moral impecável.

Quando os radares e telescópios detectaram uma coisa grande se aproximando da Terra, suas esperanças aumentaram. Talvez “eles” estivessem trazendo sua amada de volta.

A nave alienígena parecia um enorme girassol prateado e era difícil imaginar que uma coisa tão bela pudesse ser uma ameaça. Mas todos sabiam o que ela podia fazer.

Excalibur, a estação militar em órbita baixa, interpelou o intruso e enviou-lhe instruções para que ficasse além da Lua. A nave mudou de forma, virou algo que parecia uma tigela e continuou sua aproximação.

Os militares abriram fogo. Mísseis nucleares, lasers e feixes de partículas foram disparados para destruir o invasor. Tudo inútil. A forma alienígena

refletiu ou absorveu todas as energias lançadas contra ela. Depois tomou a forma de uma lente côncava e mergulhou na atmosfera terrestre.

Sua velocidade ainda era muito alta, e ela apenas ricocheteou nas camadas superiores. Perdendo velocidade como a Artemis IV fizera ao sobrevoar Netuno. Mísseis lançados de aviões e submarinos tentaram atingi-la, mas ela os ignorou. Subiu para encontrar-se com a estação orbital União.

Havia mais de cem pessoas no complexo orbital e só três espaçonaves nas imediações. Uma das naves era a Andromeda, que acabara de voltar das luas de Saturno e ainda não fora reabastecida. Setenta pessoas foram alojadas em uma nave lunar e no avião hipersônico e mandadas para longe do perigo.

Gustavo ficou a bordo da União, junto com um grupo de voluntários. Não estavam inteiramente indefesos. Poderiam dirigir os feixes de microondas das usinas solares para cozinhar o intruso. Gustavo achava a idéia tola. Algo que sobrevivera a uma barragem de mísseis certamente sobreviveria a um ataque de microondas.

Voltou o complexo de antenas na direção da coisa e tentou se comunicar. Nicole podia estar lá. De alguma forma ela poderia entender sua mensagem.

A trezentos metros da estação espacial a forma alienígena começou a mudar. Ficou com 120 metros no eixo maior, virou um fuso e então começou a tomar forma humanóide. Duas pernas, dois braços e uma cabeça brotaram da coisa. O corpo tornou-se decididamente feminino.

Chocou-se suavemente com a estação. Uma mulher gigantesca abraçando a base orbital como se fosse um amante. Gustavo reconheceu as pernas roliças, os quadris redondos, o busto plenamente desenvolvido. A mulher cósmica envolveu o eixo da estação com as pernas. O rosto, envolto nos cabelos prateados, ondulantes, era o de Nicole.

Os olhos de metal pareciam refletir a luz do Sol, devolvendo seu brilho para o infinito.

A estação espacial estremeceu e oscilou. Um veículo de transferência orbital, preso na concha do aerofreio, soltou-se do hangar e rolou na escuridão. Letras formaram-se na tela do computador.

— Gustavo, você está aí?

Os dedos dele correram pelo teclado, digitando uma mensagem. O coração estrondava em seu peito. Aquela coisa lá fora assumira a forma de Nicole, mas sua estrutura e composição eram alienígenas.

— Nicole, eu sabia que voltaria.

— Eu voltei, eu sou Nicole.

— Você mudou. O que fizeram com você?

— Eu sou Nicole, eu sou tudo aquilo que fui.

As formas femininas se acentuaram ainda mais, tornaram-se mais opulentas enquanto a imagem mental da criatura moldava sua estrutura física. Um brilho elétrico percorreu a pele metálica e sobrecarregou os circuitos eletrônicos da estação espacial. As telas do computador explodiram em imagens.

O céu de um aglomerado globular de estrelas, a Via-Láctea ao fundo, como espiral fosforescente em meio a uma nuvem de pirilampos. A alvorada no mundo de uma estrela de nêutrons, rios de energia ionizante colorindo o céu. Depois as profundezas de um planeta gasoso, onde criaturas em forma de serpente fugiam e caçavam entre nuvens em ebulição.

Gustavo sabia que, no devido tempo, entenderia tudo. O importante é que o pesadelo terminara. A angústia da incerteza se fora. O Ulisses do futuro ficara em casa enquanto Penélope partira numa jornada ao desconhecido.

Agora ela estava de volta. Uma semideusa transformada pelas experiências por que passara.

E o mundo nunca mais seria o mesmo.

Alarmes soaram no centro de controle. A coisa, aquela mulher de prata, estava retirando a estação de sua órbita. Fazendo-a decair. Gustavo percebeu o perigo.

— Nicole, pare, você vai nos matar.

— Só, muito só. Eu não quero mais ficar sozinha.

— Você voltou por mim?

— Eu preciso de você. Eu posso realizar seus sonhos. Venha à comporta Delta, quero lhe mostrar uma coisa. Algo que você sonhou...

A criatura estava assumindo o controle dos computadores da União. Não precisava mais se comunicar por uma tela de vídeo. Podia usar a voz sintética do computador.

— Acredite em mim, agora, eu sei que posso!

Gustavo sentiu que não podia recusar aquele convite. A réplica gigante de Nicole continuava abraçada ao eixo central da estação espacial. Seu seio esquerdo se comprimira de encontro à comporta de escape Delta e se transformara num duto, uma passagem para o interior da criatura.

Vestiu um traje pressurizado, do tipo usado em operações de resgate, e colocou uma mochila de manobra orbital. Nicole falava com ele através do computador, ligado ao sistema de comunicação da estação.

— Não tenha medo, vou lhe mostrar uma espaçonave como nunca

sonhou, algo que pode levá-lo aos confins do Universo.

— Nicole, não estou entendendo.

— Abra a comporta. Eu posso protegê-lo e carregá-lo comigo para lugares de sonho. Posso lhe dar o Universo.

Abriu a comporta. Era tudo tão bizarro, tão irreal, como se estivesse num sonho. Estava entrando dentro do seio de Nicole para encontrar um novo Universo. Sabia que a coisa agarrada à estação espacial não era realmente a mulher que conhecera. Era algo que assumira a forma e a personalidade dela, mas não importava. Sentia-se preso a um compromisso, uma obrigação. Precisava descobrir o que acontecera com sua amada. No que ela se tornara.

Flutuou dentro de um túnel orgânico com paredes que pareciam uma tela fluida, por onde escorriam estrelas e faíscas luminosas. Algo como uma brisa o arrastava para o abismo, para um lugar de uma luminosidade azul suave. Os sensores do traje indicaram uma atmosfera externa, feita de nitrogênio e oxigênio. Mas não havia gravidade.

Emergiu em uma câmara gigantesca, uma catedral orgânica iluminada por aquela luz irreal. Estava no centro do tórax da criatura, no lugar onde tinham ficado os pulmões da Nicole original. Algo como vértebras ou vigas gigantescas subiam para um abóbada onde brilhava um céu alienígena. Um céu como homem algum jamais vira, exceto em pinturas, em reproduções artísticas.

Duas galáxias tinham-se chocado naquele céu. Passando uma por dentro da outra enquanto seus campos gravitacionais interagiam e se modificavam. A galáxia maior virara uma lente, depois um anel vaporoso feito de estrelas e nebulosas leitosas. A outra desenvolvera longas caudas, como pontes luminosas saltando o infinito. Era um animal ferido derramando seu sangue de estrelas no abismo.

Gustavo ficou perplexo observando a cena. A voz de Nicole sussurrou em seu ouvido:

— Eu vou levá-lo até lá. Eu vou lhe dar o Universo, meu querido.

Soltou-se da estação orbital e flutuou no vazio. Retrofoguetes brilharam ao longo da estrutura do complexo espacial, queimando combustível para recuperar a velocidade perdida pela União. Não havia mais perigo, a estação estava salva.

A mulher prateada se magnetizou e subiu em direção aos cinturões Van Allen. Absorveu toda a energia de que precisava e então começou a mudar. O corpo feminino se derreteu e se liqüefez até virar uma esfera prateada. Depois se alongou, virou um fuso, pontudo em uma extremidade, arredon-

dado em outra. Parecia uma imensa lágrima prateada, prestes a se derramar sobre um hemisfério azul ofuscante.

Só por um instante. Depois os céus do mundo explodiram em uma fantástica aurora boreal — um redemoinho de cores fluorescentes enquanto a nave escavava seu túnel para as estrelas.

Galáxias saltaram ao encontro de Gustavo. A Terra e a Via-Láctea sumiram no abismo.

Tudo era belo e irreal. Como num sonho.

A GATA DE PAVLOV

A princípio,
ela precisava unhar a porta
e uivar
para afastá-lo daqueles cachorros idiotas
quando queria sair.
Mas ele aprendeu depressa.
Em semanas, um mês, talvez,
tinha apenas que roçar na sua perna,
e ele — deixando de lado o bloco e a campainha —
levantava-se e ia girar a maçaneta.

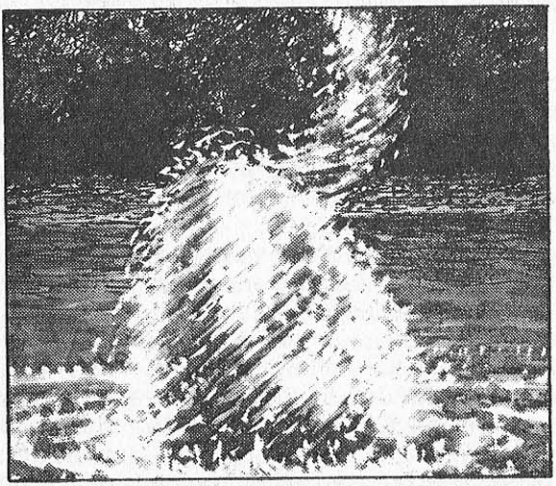
Don Anderson
(Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi)

O OURO DO HOMEM GORDO

Charles Sheffield

Tradução de Renata Britto Pereira

O autor nos revela que sempre se sentiu intrigado com o clima remoto, alienígena, que envolve o poema "La Belle Dame Sans Merci". "O Ouro do Homem Gordo" é sua interpretação pessoal do que aconteceu naquela fria encosta, junto ao lago plácido e deserto.



O som pouco familiar o despertou. Rob abriu os olhos e o céu, acima do seu saco de dormir, transformara-se em uma tigela enfumaçada de nuvens baixas, iluminada por uma lua invisível. Da sua esquerda, na direção do grande lago, o som veio novamente. Era um ranger agudo, distante, de fibras retesadas.

Ergueu a cabeça. Tanya estava de joelhos à beira da água parada, com um pequeno arco e uma flecha prateada nas mãos. O arco não era mais grosso que um dos seus dedos. Parecia mais um brinquedo de criança.

— Tanya! — tentou gritar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Queria mover o corpo para sentar-se, mas não conseguiu. Observando-a, viu quando ela perscrutou a escura lagoa e avistou um débil foco de luz brilhando à distância, a centenas de metros da praia.

Tanya armou a flecha no arco, retesou-o e apontou para o meio do lago. Os tendões do pescoço e do braço se destacavam na escuridão como cordas brancas. Para uma pessoa tão forte, o esforço que fazia para vergar o pequeno arco era absurdo como a matéria de que são feitos os sonhos.

Ela soltou a flecha. Rob pôde ver um arco de luz prateada se afastando da margem com uma velocidade incrível. Cinco segundos depois, a luz desapareceu. Um zunido baixo e oscilante soou pelo lago. A água escura e parada começou a encrespar-se e a espumar.

Tanya jogou o arco no chão, correu e mergulhou nas águas revoltas.

As cadeias de lanchonetes são planejadas para oferecer certas garantias de uniformidade. Um Big Mac deve ter o mesmo gosto e aparência — dentro de uma certa margem de erro — tanto em San Diego ao meio-dia quanto em Nova York ao entardecer, e seus empregados devem agir, falar e apresentar-se, até onde isso é possível, como se fossem clones.

Para o conhecedor, porém, existem diferenças.

Em dois anos, Rob Barret já experimentara todas as lanchonetes que ficavam abertas depois das nove da noite, cujos preços não ultrapassavam dois dólares, e que se localizavam no máximo a seis quarteirões da biblioteca central. E só ficara satisfeito com duas delas. Às dez horas, quando a biblioteca fechava, andava duzentos metros nas noites de terça e sexta até um Pizza Hut (pizza calabresa pequena e uma Pepsi grande); às segundas, quartas e quintas, chovesse ou fizesse bom tempo, caminhava até o McDonalds (McNuggets, batatas fritas e café). A qualidade da comida não pesava em suas decisões. O que procurava era serviço rápido, pouca gente e um lugar onde pudesse espalhar artigos e anotações sobre a mesa e analisá-los enquanto comia, sem que nin-

guém o pressionasse para ir embora e sem interrupções desnecessárias (ele abandonara um Burger King promissor porque os empregados solícitos viviam tentando puxar conversa sobre o tempo e as notícias locais).

O primeiro dia de dezembro caiu numa quinta-feira. O McDonalds estava mais movimentado do que de costume. Já passava das dez e meia quando Rob conseguiu levar sua bandeja para a mesa de sempre, arrumar a comida de acordo com sua preferência, abrir o caderno de anotações e dar a primeira mordida em um nugget de frango molhado no mel. Enquanto comia, seu pé esbarrou em algo que estava apoiado em um dos pés da mesa. O objeto caiu ruidosamente no chão de ladrilho.

Um guarda-chuva?

Haviam previsto chuva para aquela noite, mas ela não se concretizara. Era o tipo de situação em que se poderia facilmente esquecer a proteção contra os elementos. O próprio Rob esquecera o guarda-chuva na biblioteca e fora obrigado a recorrer ao departamento de achados e perdidos no dia seguinte, precisando até discutir com um atendente que insistia em algum tipo de identificação para o guarda-chuva, objeto que, para Rob, possuía tantas características individuais quanto um elétron.

Rob curvou-se para o lado e abaixou-se. A mão tocou um cilindro áspero e pesado, de uns dez centímetros de largura. Levantou-o para ver do que se tratava.

Ficou olhando para o cilindro, boquiaberto, como que à espera de que o objeto explicasse sua presença ali. Não era um guarda-chuva. Um freguês havia deixado debaixo de uma mesa do McDonalds um carcás de couro lavrado cheio de flechas emplumadas. Rob apanhou uma das flechas e experimentou a ponta com o polegar. Estremeceu. Com uma ponta de aço, afiado como uma agulha, engrossando até formar um bloco de metal com a grossura do seu dedo mínimo, o objeto representava quinhentos gramas de violência, equilibrado, funcional e aparentemente letal. Recolocou a flecha no lugar e pousou o carcás na mesa, ao lado do caderno de notas. A quem poderia relatar o fato — ao gerente do restaurante, ao Comitê de Recreação do Central Park ou ao Departamento de Polícia?

Não foi preciso tomar uma decisão. Enquanto ainda encarava fixamente o objeto, ouviu o ruído de passos que se aproximavam e a mão de alguém se estendeu para apanhar o estojo de couro.

— Graças a Deus! — A voz era rouca e ofegante como a de um fumante que consumisse três maços de cigarros por dia. — Você está com ele.. Dois meses de trabalho. Já havia perdido a esperança.

Rob se virou. Olhou em torno e depois para cima, deparando com um rosto infantil meio metro acima do que esperava.

— Meu trabalho de fim de curso — continuou a estranha voz. Seria alemã? Sueca? — Teria ficado desolada se o tivesse perdido.

O rosto desceu ao nível de Rob quando a mulher sentou-se em frente a ele. Era, sem dúvida, uma mulher. Aquela figura de dois metros poderia ser tudo, menos infantil. Fazia Rob lembrar-se das ilustrações das revistas em quadrinhos sobre as amazonas que haviam povoado suas primeiras fantasias sexuais. A mão e o antebraço nus que haviam agarrado a aljava tinham tendões que mais pareciam cabos de aço.

— Tome conta disto para mim outra vez, por favor, só por mais um minutinho — disse ela, afastando-se, apressada.

Voltou carregando dois copos de Coca-Cola. Colocou um deles na frente de Rob.

— Isto é para comemorar meu feliz reencontro com minhas flechas.

Antes que Rob pudesse recusar, tirou uma garrafinha da bolsa, abriu-a e entornou um pouco do líquido escuro em cada copo.

— Rum de marinheiro — explicou. — Cem por cento de teor alcoólico. — Ergueu o copo, enquanto Rob a olhava espantado. — Aqui não é permitido o consumo de álcool. Vamos fingir que é Coca-Cola. Se você não contar, eu não conto — disse ela.

Tomou um gole de bebida e retirou uma flecha de dentro da aljava.

— Veja, é uma beleza. Olhe para ela! Com a corda totalmente esticada num bom arco de trinta quilos, é possível atravessar um corpo, ossos e tudo. Vuuuch! — ela empurrou a flecha para a frente, soltando um assovio.

Parecia que o mutismo de Rob causara alguma impressão, pois ela estendeu a musculosa mão direita e apertou a dele.

— E então, qual é o seu nome? — E antes que ele pudesse responder: — Eu sou Tanya Volastig. Sabe o que é toxofilia?

— Ar... arco e flecha.

— Um brinde para você. Costuma atirar? Flechas, quero dizer. Armas de fogo não contam. — Como Rob fizesse que não, ela continuou: — Pois devia. Está precisando de ar fresco para ganhar um pouco de cor nesse rosto.

Há quantos anos não diziam isso a ele? Quinze, pelo menos, desde que a mãe pararà de insistir para que parasse de ler e fosse brincar um pouco ao ar livre. A criança-mulher à sua frente havia novamente erguido o copo e o fitava por cima dele enquanto Rob fechava o caderno.

— interrompi seu trabalho, não é? Desculpe, mas estou tão feliz por

ter recuperado meu carcás e minhas flechas...

— Está tudo bem — para surpresa sua, Rob percebeu que, na verdade, estava. A intrusão de Tanya Volastig e sua presença animada eram muito diferentes dos vazios sociais que o haviam levado a desistir do Burger King. Mesmo quando pegou o caderno de notas sem ser convidada e o folheou até a última página (uma página cheia de símbolos), Rob não fez nenhum movimento para detê-la.

A moça examinou-o por alguns segundos; depois, levantou lentamente os olhos, sem mover a cabeça, examinando a toalha da mesa, todos os botões da camisa de Rob e finalmente o queixo, nariz e olhos do rapaz.

— Você é russo? É professor?

Eram os olhos de Tanya, concluiu Rob, que lhe davam a impressão de uma criança em corpo de mulher. Ela não era tão jovem, a julgar pelas feições e compleição; talvez uns 23, 24 anos. Os olhos, porém, eram grandes e da cor do céu, e tinham um ar de inocência e curiosidade sem inibições que não se espera encontrar em ninguém com mais de cinco anos de idade.

— Não. — Era tudo que precisava responder, mas o olhar inquisidor de Tanya o fez continuar. — Não sou bem um professor. Trabalho na universidade, mas como pesquisador.

Tanya franziu as sobrancelhas enquanto olhava para os ideogramas.

— O que é isso? Não consigo ler.

— É turco e q-quirguiz. É falado em algumas partes do leste da Ásia, mas, como o russo, escrito em cirilico. — Uma gagueira irritante tomara conta da sua voz, o que acontecia sempre que ficava tenso, surpreso ou simplesmente excitado.

— Ah! Parece difícil. Você deve ser muito inteligente. Bem, de qualquer maneira, lhe agradeço novamente. — Ela apanhou a aljava, deslizou para a ponta do banco e se levantou. — Agora tenho de me apressar para não perder o ônibus outra vez.

Passou por ele e seguiu em frente. Rob voltou-se para vê-la sair; uma mulher alta e imponente, cuja capa de chuva preta esvoaçava como a de um mago, enquanto corria para atravessar a rua. Ao atingir o outro lado, começou a chover tão forte que não se enxergava nada do lado de fora; os pingos batiam com violência nas janelas da lanchonete. Rob continuou olhando para a vidraça e quando afinal percebeu que não veria mais nada, voltou-se e constatou que todos no restaurante haviam acompanhado os movimentos de Tanya e agora começavam a olhar para ele.

Baixou a cabeça, fixando o olhar na mesa onde estavam a comida fria,

o café gelado e a bebida disfarçada de Coca na qual não tocara. Bebeu um gole e resmungou quando o líquido morno alcançou a garganta. Se ela conseguia beber aquilo, ou era uma alcoólatra ou tinha a digestão de um avestruz. Bebeu mais alguns goles, pegou o caderno de anotações e olhou sem ver para as notas que escrevera naquela tarde. As anotações pareciam curiosamente estranhas. Rob não perguntara nada a Tanya Volastig, mas agora que ela se fora, gostaria de ter feito mil perguntas.

A noite seguinte era uma sexta-feira e isso significava ir ao Pizza Hut. Rob quebrou a rotina de dois anos e caminhou na chuva até o McDonalds. Chegou cedo e se sentou na mesa de costume. Não havia nenhuma lógica na idéia de que Tanya poderia voltar ao McDonalds, pois em dois anos de freqüência nunca a avistara lá, mas depois das oito e meia, das nove e das nove e meia, Rob sentiu-se estranhamente desapontado.

Às dez e quinze, Rob esvaziou a bandeja no lixo e pegou a sacola plástica que protegia seus cadernos, disposto a ir embora. Já estava na porta quando uma voz exclamou:

— Ei!

Voltou-se. Lá estava ela, com os cabelos encharcados e um sorriso tão cativante que teve de sorrir de volta. Usava um estonteante casaco de pele prateado que ia até os joelhos. O casaco estava aberto, revelando um vestido da mesma cor dos seus olhos.

— Passei aqui mais cedo, às sete e meia — parecia ainda mais ofegante, como uma vítima precoce de enfisema —, mas tive de voltar para apanhar isto para amanhã — mostrou o saco de aniagem que estava carregando —, e demorou mais do que eu esperava. Fiquei com medo de não o encontrar aqui; tive de correr para chegar a tempo. E ainda tenho mais um compromisso para hoje à noite! Só posso ficar por um minuto.

Deixou-se cair no assento. Rob olhou para ela.

— O que a fez pensar que eu estaria aqui?

— O gerente me disse.

— Mas você não sabia o meu nome. Nem ele.

— É verdade. Mas ele disse: “Ah, sim, deve estar falando do homem gordo que costuma passar muito tempo sentado naquela mesa ali.” De qualquer maneira, eu sei o seu nome. É Rob Barret, não é? Ontem à noite vi o seu nome escrito na capa do seu caderno.

O homem gordo! Devia ter sido desta forma que Tanya se referira a mim. Os quinze quilos a mais (não, sejamos sinceros, os 25 quilos a mais) que

pretendera perder durante os últimos dez anos pesavam agora mais do que nunca. Ninguém se interessa por um homem gordo.

— De qualquer forma, eu só queria vir aqui para lhe falar — continuou, apressada, como se tentasse desfazer a situação embaraçosa em que ela mesma o colocara. — Meu professor me disse, esta manhã, que as minhas flechas são as melhores que ele já viu feitas por um aluno. Amanhã vou testá-las no campo de tiro. Você não gostaria de ir comigo... e quem sabe até atirar umas flechas também?

Era como se ela estivesse lhe dando crédito por algo que ele não fizera: salvar as suas flechas de serem perdidas. Tudo que fizera fora sentar-se à mesa por dois minutos e pegar o que o pé chutara.

— Seria ótimo. — Rob olhou para aqueles olhos entusiasmados e ingênuos e ouviu a própria voz responder, antes mesmo de saber onde se localizava o campo de tiro e antes de se dar conta de que na manhã seguinte, sábado, iria à biblioteca apanhar uns artigos que estava esperando havia semanas. Além disso, estava se expondo a um vexame. Robbie Barret, o gordo, o rapaz com a pior coordenação motora da história do curso secundário, iria atirar flechas e fazer de si mesmo um completo idiota. Ainda suava ao lembrar-se das aulas de educação física em que ficava pendurado nas barras, indefeso, dos jogos de basquete, em que deixava escapar passes tão fáceis que o treinador lhe disse que poderia pegá-los com a boca. Atirar flechas devia ser ainda pior, mas mesmo assim ele concordou.

— Isso é ótimo — disse Tanya, levantando-se. — Onde nos encontraremos? Tem carro?

— Não.

— Então eu lhe dou uma carona. Onde você mora?

— Longe do centro. Você nunca encontraria o lugar. Que tal nos encontrarmos na biblioteca?

— Sei onde fica. Está perfeito. Na entrada principal, está bem? Às dez e quinze?

O que daria tempo a Rob para apanhar os artigos. Ele concordou com a cabeça, e ela se foi — dois metros de energia contida, saindo em direção à porta dos fundos, pela qual devia ter entrado.

Mas eu não sei onde você mora, sentiu vontade de gritar. E se eu ficar doente e não puder ir?

Sabia, porém, que não deixaria de ir, independente do que acontecesse. Sentir vergonha, demonstrar incompetência, ser ridicularizado pelos amigos atléticos de Tanya Volastig, atirar uma flecha no próprio pé, nada disso

fazia diferença. Queria ir com ela, quando fosse, para onde quer que fosse, mais que qualquer outra coisa na vida. Poderia resultar em desastre ou humilhação, mas isso não o deteria.

Os remoinhos fervilhavam na superfície negra do lago, aparecendo e desaparecendo ao acaso. Tanya nadava na direção de um deles. Rob gritou para ela, acenando, apontando, advertindo, amaldiçoando sua impossibilidade de se mover.

Tanya parecia não ouvir. Continuou a nadar e, em segundos, o remoinho a envolveu. Começou a fazê-la girar, sugando-a para perto do centro escuro do vórtice. Ela apenas se mantinha boiando, sem fazer nenhum esforço para escapar. Chegando ao funil central, Tanya se virou de frente para ele.

Sorriu serenamente.

Rob finalmente conseguiu se mover. Levantou-se e tentou correr. Suas pernas se dobraram e ele caiu de joelhos na areia fina.

A bibliotecária da seção de periódicos estava com as cópias que Rob encomendara, mas não iria entregá-las de graça. Em troca das cópias — pelas quais tinha de pagar a taxa extorsiva de cinqüenta cents por página —, Rob ainda era obrigado a ouvir um rosário interminável de queixas a respeito do salário das bibliotecárias e da falta de valor que davam a esta profissão. Rob nunca encontrara uma maneira de escapar à ladainha e, por isso, já estava conformado com a perda de uma hora a cada duas semanas.

Naquele dia, porém, teria de ser diferente. Rob ficou acordado no seu apartamento até uma hora da manhã; depois, foi para a cama e sonhou com Tanya Volastig, de forma contínua e perturbadora, até às quatro. Por falta de informação, construíra para ela em seus sonhos uma personalidade completa, uma maneira de viver, até a história de sua família. Ficara desperto o resto da noite com medo de dormir demais, apesar do despertador. Mesmo assim, agora estava com medo de que ela chegasse antes da hora e não esperasse por ele. Cumprimentou a bibliotecária, agarrou a pilha de papéis e correu para a entrada da biblioteca.

Ela já estava lá, estacionada ao lado de uma placa que dizia NÃO ESTACIONE, num conversível cinza de capota arriada, apesar da fria e tempestuosa manhã de dezembro. O carro parecia muito pequeno para ela.

E menor ainda para mim, pensou Rob, enquanto se esforçava para se acomodar no banco do carona. Droga de carros que são feitos para pigmeus! Antes que pudesse afivelar o cinto, ela já arrancara com o carro e feito uma

curva ilegal de 180° seguindo para oeste. Dirigia rápido e em silêncio, toda a atenção voltada para a estrada. Rob teve a oportunidade de estudar o perfil de Tanya e fazer uma avaliação da companheira, sem que fosse cegado pelos seus olhos devoradores ou distraído pelo vigor de sua conversa.

Tanya era, sem dúvida, mais velha do que imaginara. Deveria ter uns 26 anos e já mostrava algumas rugas no canto dos olhos. Tinha cabelos vermelho-dourados, cheios e muito lisos. Voavam para o alto com o vento, formando um volumoso rabo-de-cavalo. Não parecia totalmente caucasiana, pois a pele era morena e as maçãs do rosto proeminentes, sugerindo talvez um pouco de sangue asiático ou índio. Um pescoço forte e imponente sustentava a cabeça e os braços eram musculosos e queimados de sol. Tanya dirigia com coordenação e revelava uma autoconfiança ilimitada. Não fora por acaso que todos no McDonalds haviam se virado para olhá-la. Era do tipo que provavelmente chamaria a atenção de todos onde quer que estivesse. A maneira intensa de ser, a postura majestosa certamente eram a resposta que dava aos olhares que despertava. Se a aparência e a estatura não a deixavam passar despercebida, por que não se exibir? Muito bem, seus baixinhos, deleitem-se com a chance que têm de olhar para alguém que os faz se sentirem como criaturas insignificantes.

Já haviam atravessado todo o lado oeste da cidade, passando por ruas que Rob desconhecia. Quase não pegaram trânsito e passavam agora por campos de golfe e clubes campestres. Era a parte da cidade onde moravam os ricos; casas de quatro milhões de dólares situadas em terrenos de até dois hectares, com piscinas e quadras de tênis. Os carros eram Rolls-Royce, Mercedes, Jaguar e Cadillac e as empregadas, importadas da Europa (mexicanas, nem pensar). Uma diferença social que não faziam a menor questão de disfarçar.

Tanya dirigia como se conhecesse todos os atalhos e cruzamentos. Rob afastou o pensamento da aparência da moça e se concentrou na sua. Estava com 34 anos e, de acordo com o pai, ainda era um "estudante", sem um emprego "de verdade". Media dois metros e dois centímetros quando adotava uma postura ereta e continuava acima do peso ideal, apesar de caminhar regularmente. Não possuía nenhuma característica marcante, a não ser uma inteligência acima da média, mas nisso ninguém reparava. Ninguém se virava para olhá-lo quando entrava nos restaurantes.

O que estaria então fazendo na companhia de uma pessoa tão fantástica como Tanya Volastig? Estaria aguardando mais uma oportunidade para ser rejeitado?

Ainda estava pensando a respeito quando o carro atravessou um por-

tão de ferro e prosseguiu por uma estrada de saibro. Tinham acabado de entrar num clube particular.

Rob olhou em torno, sentindo-se intimidado pela opulência do lugar.

— Você é sócia do clube?

— Claro que não! — Ela estacionou numa área aberta e saltou do carro. — Sou pobre demais para isso. Meu professor de arco e flecha arrumou um jeito de podermos vir aqui uma vez por semana. Venha. Os alvos já devem estar preparados e os marcadores de distância colocados. — Pegou uma caixa comprida que estava apoiada em diagonal no banco traseiro. — Quer carregar as flechas para mim?

Rob pegou o já familiar carcás e acompanhou Tanya por um gramado muito bem cuidado. No chão havia várias fitas brancas distantes uns dez passos umas das outras, presas por finas estacas metálicas.

— O gramado está demarcado de acordo com a norma nacional — explicou Tanya. — Sessenta metros, no máximo. Neste país as mulheres geralmente atiram desta distância. Eu prefiro a norma York, pois atiro melhor de distâncias maiores. Só que neste clube não poderíamos ter distâncias maiores porque colocaríamos em risco os jogadores de golfe; o campo deles fica logo ali.

Rob seguiu com os olhos o gesto de Tanya. A meia distância havia dois alvos redondos. Estavam a mais ou menos um metro do chão, e Rob teve de semicerrar os olhos para enxergá-los.

— Parecem minúsculos. Você tem de acertá-los daqui?

— Daqui e de uma distância maior. Estamos a cinqüenta metros do alvo. E não é só atingir o alvo. Está vendo os círculos coloridos?

— Mais ou menos.

Rob percebeu que teria de acrescentar a miopia à lista de suas deficiências esportivas.

— São quatro círculos. Cada um tem uns doze centímetros de largura e no centro do alvo fica a mosca, com vinte e cinco centímetros de diâmetro. Se você acerta no círculo de fora, o branco, você ganha um ponto; o círculo preto vale três pontos, o azul, cinco e o vermelho, sete. Se você acerta a mosca, ou ouro, como também é chamada, ganha nove pontos.

Enquanto falava, Tanya apanhou um arco e o envergou para poder colocar a corda nos encaixes.

— Rob, na verdade eu gostaria que você fosse o primeiro a atirar. Vamos ver o que consegue acertar.

Rob sacudiu a cabeça.

— Com a sorte que tenho, provavelmente acertaria um jogador de golfe. Por favor, vá você primeiro; eu não saberia por onde começar.

— Não. Vá você. Aqui na América todos já viram os filmes de Robin Hood. É só fazer igual a ele.

— É, mas acho que estou mais para Frei Tuck. E os outros arqueiros?

— Não há mais ninguém. — Tanya tirou uma flecha de dentro do carcás e examinou a ponta. — Como é a sua primeira vez, achei que fosse preferir que só nós dois estivéssemos aqui.

Pelo visto, Tanya sabia que nem todos tinham a sua autoconfiança.

— Venha cá — prosseguiu. — Vou mostrar-lhe como se faz. Você é canhoto, não é? — Notou que ele parecia surpreso. — Percebi pela sua letra; é típica de um canhoto. De modo que faremos tudo à maneira dos canhotos. — Colocou o arco na mão direita de Rob. — Segure aqui. Isso. Com este lado para cima.

O arco media dois metros e era feito de madeira lisa e de fibras finas, pintada de preto. O rapaz levantou-o e baixou-o algumas vezes.

— Nossa, é *pesado*!

— De fato. É feito de T*oxilon pomiferum*... o nome popular é maclura. Atualmente se pode comprar arcos de metal ou de fibra de vidro. Atiram a maior distância e as cordas não precisam ser recolocadas cada vez que se vai atirar, mas eu sou uma tradicionalista. Prefiro arcos de maclura ou teixo. Agora, fique de lado para o alvo. E mantenha o corpo ereto!

Tanya colocou-se atrás de Rob e segurou-o pela cintura para ajeitar sua posição. Ele se endireitou e olhou para baixo. A moça estava usando uma calça de couro de búfalo e sapatos marrons de salto baixo. Mesmo com sapatos baixos, Tanya podia apoiar a cabeça com facilidade no ombro de Rob. Os seios estavam encostados nas espáduas do rapaz. Rob notou que sua estimativa da altura de Tanya estava errada: ela era ainda mais alta, mais alta até do que ele, talvez uns três centímetros. Rob sentiu um suave perfume de flores.

— Agora pegue a flecha desta maneira — ela mostrou o modo correto de segurar a flecha, como se não percebesse o efeito que estava causando em Rob. — Você tem de segurar a flecha com a mão esquerda e encaixar a fenda na corda, ao lado deste batente de osso.

Agora, puxe suavemente para trás, para vergar o arco. Os três primeiros dedos são colocados na corda e o primeiro e o segundo seguram a flecha entre eles. A maioria das pessoas usa uma luva e uma proteção para o braço, mas eu não gosto de nenhum dos dois. Veja como faço.

Tanya pegou o arco e a flecha de Rob. Parecia não fazer o menor es-

força ao puxar a corda, mas Rob pôde ver os tendões no seu antebraço se retesarem.

Ela repetiu o movimento várias vezes; puxava a flecha para trás e depois deixava-a voltar para o lugar, sem largá-la. Finalmente, devolveu o arco e a flecha para Rob.

— Agora você deve tentar. Quero que sinta como é.

Rob procurou repetir os movimentos de Tanya e ficou surpreso com a força que tinha de fazer para vergar o arco. Quando ele estava totalmente retesado, sentiu todos os músculos tremerem. Parecia impossível fazer pontaria com os braços tão tensos.

— Trinta quilos de tensão. — Ela lera seus pensamentos. — Se fosse atirar agora, teria de mirar um pouco acima do alvo, para levar em conta a força de gravidade, continuar puxando a flecha e deixar seus dedos escorregarem.

Rob não fizera de propósito. A flecha escapara e ele não conseguiu enxergá-la durante os primeiros vinte metros da trajetória. Quando a avistou, estava a meio caminho do alvo, seguindo uma trajetória curva e irregular. Tanya, ao seu lado, deixou escapar um assovio enquanto acompanhava com os olhos o movimento da flecha. Rob observou, incrédulo, a flecha atingir o alvo.

Tanya parou de assoviar e disse:

— Sabe, eu acho que talvez você tenha... — saiu correndo na direção do alvo.

Rob olhou para o arco que segurava e depois seguiu Tanya. A flecha de fato acertara o alvo. Mais que isso: estava na mosca.

Em sua primeira flechada, Rob, a 55 metros de distância, acertara o ouro.

Ao chegar mais perto do alvo, Rob descobriu que fizera mais do que acertar na mosca: a flecha estava exatamente no centro do círculo dourado. Ele se recusou a atirar novamente, e Tanya concordou.

— Você é como o jogador de golfe que acerta o buraco a primeira vez que pega no taco; a partir dali só pode piorar e por isso não se arrisca mais. Vamos ver agora como me saio.

Ela atirou muito mal e ficou longe de sua melhor contagem. Não ligou muito, porém. Assim que encerrou o treino, fez questão de comemorar o feito de Rob. Voltaram para a cidade e depois de um prolongado almoço, no qual ela não comeu quase nada e ele comeu bastante, a ida para o apartamento de Rob pareceu perfeitamente normal.

— É bonito e arrumado — observou Tanya, enquanto olhava ao redor

e examinava as fotos penduradas nas paredes.

— É... — deveria contar? — Tinha de estar arrumado, pois passei metade da noite ajeitando isto aqui. Não sei por que, pois não fazia idéia de que viríamos juntos para cá.

— Não? — Ela examinava a fotografia de um lago de montanha, de águas sombrias e misteriosas. — Pois eu, sim.

Rob estava do outro lado da sala, como se quisesse manter-se distante, mas ela se colocou à sua frente.

— Quando fui buscá-lo de manhã, tive esperança de acabarmos aqui. — Seu rosto estava bem perto do de Rob e seus grandes olhos azuis não expressavam nenhum embaraço. — Ora, Rob, estivemos nos devorando durante todo o almoço. Sei que sou uma mulher grande e não espero que me carregue para a cama, mas não me faça carregar você.

É exatamente o que você está fazendo, pensou Rob ao sentir os braços de Tanya envolverem sua cintura e seus lábios (cor de Borgonha, gosto de Borgonha) encontrarem os dele. *Sei que é você que está me levando, pois nunca na vida teria coragem de tentar algo com uma mulher tão maravilhosa. O que foi que você viu em mim?*

E mais tarde, enquanto fazia amor de tal forma que todas as suas experiências anteriores não passavam de lembranças pálidas e desprezíveis, Rob pensava: *onde foi que você aprendeu a pegar assim, a se mexer assim, a agarrar assim? Eu não sei. Não quero saber.*

Tanya se deitara em cima dele e começara a arquejar e a sé mover vigorosamente. Os olhos azuis de boneca permaneciam fechados. Ela jogou a cabeça para trás enquanto Rob sentia os músculos da sua coxa enrijecerem e relaxarem.

— Oh! Rob, assim está bem. *Bem aí*. Não pare. Oh! Sim. É aí. — Ela estremeceu e retesou-se. Ficou imóvel por alguns segundos. Finalmente suspirou, soltou um riso trêmulo que contraiu os músculos da barriga. — Você encontrou o meu centro, um local que eu nem sabia que existia. Você foi maravilhoso, Rob. Dois ouros. Conseguiu dois ouros no mesmo dia. — Inclinou-se para a frente e descansou a cabeça no peito de Rob.

Dois ouros. Rob abriu os olhos e contemplou o vazio. Dois ouros, e entre os dois, o segundo era de longe o menos provável. Esse tipo de coisa não acontecia com ele... nem mesmo em sonhos.

Às nove horas, Rob voltou ao apartamento com um lanche para os dois. Encontrou Tanya usando seu roupão branco. Parecia um fantasma alto e exótico. Estava segurando um copo com um líquido castanho.

— Rob, estive dando uma olhada em seus livros e papéis. Desculpe a pergunta que vou fazer, é meio estúpida. O que exatamente você *faz*?

Ele levou as caixas de papelão com a comida para a cozinha e as colocou na mesa.

— Creio que sou um especialista de renome mundial em um lugar que quase ninguém neste país conhece ou se importa — disse, por cima do ombro. — Já ouviu falar de Quirguiz? Antigamente pertencia ao Turquestão, mas, há sessenta anos, passou a fazer parte da União Soviética. Não vou incomodá-la perguntando se sabe onde fica.

Ele voltou à sala e a levou até um mapa pendurado na parede.

— É aqui. No sudeste da Rússia, beirando o que antigamente era Sinkiang e agora é a China ocidental. É um lugar lindo!

— Já esteve lá?

— Dez vezes. Costumava ir para lá regularmente, mas este ano estão com problemas políticos. Ia exatamente aqui — colocou o dedo em um lago com a forma de uma tigela funda, de beiradas largas — Tem mil anos de história, mas hoje fica no meio do nada É um dos lugares menos desenvolvidos do mundo.

Tanya pôs o dedo ao lado do dele e acompanhou o contorno do lago.

— Issyk Kul? — leu.

— Sim. "Mar Morno", na língua quirguiz. Tem esse nome porque não congela nunca, ao contrário de todos os outros lagos da região. Ninguém sabe por quê. E é mesmo um mar; cento e noventa e dois quilômetros de comprimento, quarenta e oito quilômetros de largura e oitocentos metros de profundidade.

— Parece fascinante. — Para surpresa de Rob, parecia que a moça estava sendo sincera. — Posso fazer outra pergunta estúpida? Como é que você, morando aqui tão parado no meio da América, veio a se tornar um especialista em um lugar tão distante?

— Dá para notar, não é? — disse Rob, olhando pesaroso para a própria barriga. — É difícil de acreditar, mas quando eu era criança, sonhava ser um explorador famoso. Um dia, li a respeito de um russo chamado Nicolai Przhevalsky. Há cem anos, ele atravessou o pior deserto do mundo, bem aqui — colocou o dedo no mapa, ao sul do lago — o deserto de Takla Makan. Seguiu pelas montanhas Tien Shan — Montanhas Celestiais — e finalmente morreu aqui, na beira do Issyk Kul. Depois disso, passei a ter uma enorme vontade de conhecer o lugar. Quando terminei a faculdade, finalmente tive a oportunidade de viajar para lá.

— Mas você não vai mais para lá?

Tanya o acompanhou até a cozinha. Enquanto ela preparava outro drinque, Rob notou que a garrafa de bourbon, que de manhã estava fechada, já estava quase no fim, e ele não tomara um gole sequer. Tanya já bebera três martínis e uma garrafa de vinho durante o almoço. Se fosse ele, já teria caído duro, mas a moça não parecia ter sido afetada pelo álcool.

— Gostaria de ir para lá outra vez — disse Rob, enquanto colocava a comida (bife, arroz e ervilhas) nos pratos. — Eu iria correndo se conseguisse um visto. Só que Quirguiz está passando por uma guerra civil há mais de um ano; fica difícil para qualquer um arranjar permissão para viajar para lá ou para qualquer lugar próximo.

— Mas você não é *qualquer um*. Estive olhando os artigos que estão na sua mesa. Você escreveu a maioria deles e é citado por quase todos os outros autores. Você mesmo disse que é um especialista no lugar. Tudo que precisa fazer é mostrar suas credenciais à embaixada russa. Tenho certeza de que ainda estão concedendo vistos a professores e pesquisadores.

— Estão, sim. — Rob notou que ela ainda estava bebendo, mas não comera quase nada. — Tanya, não sei lidar com burocratas. Toda vez que tenho de tratar com eles, acabo levando a pior. Ainda não estou pronto para a disputa.

— Mas você gostaria mesmo de ir?

— Claro que sim.

— Nesse caso, deixe-me tentar. — Tanya contornou a mesa e parou atrás dele, massageando seus ombros e pescoço. — Por favor, Rob, deixe-me tentar. Sou muito boa para lidar com burocratas. Deixe-me levar seus papéis para Washington e lhe darei de presente de Natal uma licença para você viajar.

Ela poderia conseguir. Rob sabia que ela conseguiria. Podia vê-la na embaixada da Rússia, todos os adidos se desdobrando para servi-la.

— Tanya, você é maravilhosa. Só que não posso deixá-la ter todo esse trabalho por minha causa.

— Mas não é só por sua causa — inclinou-se para mordiscar a orelha de Rob, e ele pôde sentir um bafo morno no rosto e no pescoço. — Faço isso por mim, também. Serei a sua fiel assistente e iremos juntos para o fim do mundo. Agora que me tem, Rob, será difícil se livrar de mim.

Rob equilibrou-se num tufo de vegetação no alto de uma colina e olhou para leste.

Fim da jornada: Rob se encontrava perto da margem oeste do Issyk

Kul, onde as águas salobras do grande lago eram agitadas por um forte vento sul. Sua mensagem já fora colocada no barril de madeira em cima do monte de pedras para anunciar a volta do Tartamudo.

Era a tarde do dia 25 de março. Tanya fora excessivamente otimista. Mesmo com todas as credenciais de Rob e um relatório de suas visitas anteriores ao local, tinham sido necessárias seis semanas para que Tanya conseguisse os vistos e permissões para a viagem. Para fazer-lhe justiça, a demora fora causada principalmente por funcionários que trabalhavam na União Soviética e portanto não podiam ser atingidos pelos encantos e a energia de Tanya. Os que trabalhavam na embaixada caíram a seus pés.

Rob ajeitou o gorro na cabeça. Quem poderia culpá-los? Nos últimos três meses, Rob já se acostumara aos olhares de outros homens dirigidos a Tanya quando caminhava ao lado dele; olhares de admiração, de cobiça, de inveja e até de puro espanto. *O que uma mulher como aquela, que poderia ter o homem que quisesse, estaria fazendo com um palerma como ele?*

Rob fizera a mesma pergunta a si mesmo milhares de vezes, nas noites em que Tanya dormia ao seu lado e ele não conseguia conciliar o sono. Deitava-se ao lado de Tanya e se maravilhava com a força e a riqueza do seu corpo, com as curvas suaves e a pele macia, com os músculos e tendões que podiam se contrair como os de um halterofilista e nem por isso perdiam a feminilidade. E pensava: o que teria visto nele?

Rob perguntara a Tanya. Ela dissera simplesmente:

— Preciso de você, Rob. Você é a pessoa certa para mim.

E sua atitude parecia confirmar essas palavras. Tanya fazia amor com ele, tomava conta dele, o alimentava, o confortava e cuidava de todos os aspectos práticos da viagem, coisa que Rob, além de detestar, fazia muito mal.

Ela também se interessara pelo seu trabalho, o que Rob não esperava de modo algum. Um dos favores que ele costumava pedir à bibliotecária era uma lista de todas as pessoas que fizessem consultas a respeito de Quirguiz ou de Issyk Kul; gostava de saber quem compartilhava de sua grande paixão. Ficara encantado ao ver que o nome de Tanya Volastig constava da última lista que recebera. (Enfiara o papel no bolso sem examinar a data. Se o tivesse feito, veria que a data ao lado da primeira assinatura de Tanya era de outubro, dois meses antes de se conhecerem; nesse caso, tudo teria mudado.)

Tanya só o contrariava em uma coisa. Continuava a ingerir bebidas fortes em quantidades que Rob nunca imaginaria que um homem ou mulher pudesse agüentar. Nunca a vira bêbada ou falando com voz pastosa, mas sabia que todo aquele álcool deveria estar causando sérios danos ao seu maravi-

lhoso corpo, especialmente levando em conta o fato de que comia tão pouco. Não adiantava insistir e nem o prato mais apetitoso a fazia comer além de uma garfada ou duas por refeição. No entanto, impressionara até os russos, grandes bebedores, com sua incrível resistência ao álcool. Quando estavam em Moscou, esperando a conexão aérea para Aktyubinsk e daí para Frunze, última escala, Tanya competira vodca por vodca com os presentes até todos começarem a passar mal e ainda esvaziara as garrafas que sobraram. Na manhã seguinte, Rob disse que ela bebera demais e que estava preocupado. Tanya sorriu, um sorriso ardente que o fez amolecer, e depois o beijou e disse que se sentia muito bem. Realmente, parecia bem. Os olhos estavam límpidos, e Tanya esbanjava energia.

Agora, porém, o problema da bebida seria bem menor. Os três funcionários soviéticos que os haviam acompanhado desde Moscou, não tendo o menor interesse em ir para um lugar como Issyk Kul, haviam decidido ficar em Frunze e deixar Rob e Tanya seguirem para o lago sem eles.

Aqueles três homens haviam sido a principal fonte de álcool para Tanya. Sem eles por perto, seria difícil arrumar bebidas alcoólicas em Issyk Kul. A produção mais próxima naquela época do ano era perto de Przhevalsk, a 160 quilômetros de distância, do outro lado do lago, onde uma infusão letal era destilada do mel fermentado. Rob não tinha intenção de ir até lá.

Rob olhou para o sol e o vento sul e concluiu que o atraso da viagem fora uma bênção. O grande "Mar Morno" ficava mais de oitocentos metros acima do nível do mar, e mesmo com a recente chegada da primavera e a influência da temperatura das águas mais quentes de Issyk Kul, a mudança do inverno para o verão ainda não era sentida no continente. A temperatura ainda estava próxima de zero e a neve se agarrava às encostas das Terskey Alatau — Montanhas Malhadas — a sudeste. Os pastores nômades ainda não tinham partido em direção aos prados mais elevados. Havia um mês, aquele lugar estava realmente gelado. No final de abril, as raras árvores de nozes, ameixas, peras, maçãs e damascos estariam florescendo e dando os primeiros frutos. Com mais um mês, as colinas se cobririam de tojos roxos e amarelos, flores silvestres perfumadas e abelhas à procura de néctar. Por enquanto, porém, fazia muito frio para ficar parado por muito tempo no mesmo lugar, por mais deslumbrante que fosse a vista, e o sol já começava a se esconder atrás das montanhas.

Rob olhou novamente para a trilha onde estava o barril em que colocara a mensagem. Logo que chegaram, subira a colina, para que os nômades que já estavam deixando os vales soubessem da volta do Tartamudo (nome

que lhe haviam dado quando tentara pela primeira vez falar o dialeto deles).

Queria que soubessem que voltara. Depois da terceira ou quarta visita, a zombaria deles transformara-se em afeto, e desde então tinham feito de tudo — embora sem sucesso — para que ele se interessasse por uma mulher quirguiz, ressaltando a beleza e corpulência delas e alegando que ele teria filhos saudáveis. Queria vê-los novamente e, principalmente, que eles vissem Tanya.

Teria trazido Tanya para tão longe só para exibi-la? Afinal, a quem, exatamente, estaria exibindo? Ela dissera que era da Estônia mas nunca mencionara nada sobre os pais, os amigos, o passado. Ele nunca tinha ido ao seu apartamento, e o seu telefone era o de uma central de recados. Tanya possuía uma grande habilidade para desconversar toda vez que Rob lhe perguntava algo sobre sua vida antes de se conhecerem e o que fazia quando não estava com ele. Seus amigos pastores eram as pessoas mais curiosas que conhecia. Fariam milhares de perguntas sobre Tanya, e ele não saberia responder a nenhuma delas.

Seus amigos.

Rob percebeu a ironia. A seu modo, ele era igual a Tanya. Em seu país, tinha família e vários conhecidos, mas nenhum amigo de verdade. Seus amigos estavam ali. É certo que quisera levar Tanya à costa oeste para conhecer seus pais, mas isso não acontecera. Ela se mostrara relutante.

— Quando voltarmos — dissera —, teremos bastante tempo. Quero poder dizer que nos conhecemos há pelo menos seis meses, para que saibam que não estou só flertando e de passagem por sua vida.

Tanya não estava só de passagem pela sua vida. Mais que os amigos, mais que a família, ela *era* a sua vida. Já estava na hora de saber mais sobre ela; através das perguntas dos pastores, teria uma boa oportunidade.

Rob se virou e se dirigiu de volta para o acampamento. Dissera que voltaria dentro de mais ou menos meia hora, mas já estava andando, observando e divagando por muito mais tempo.

Não havia sinal de Tanya no acampamento. Não ficou preocupado. Os tigres e javalis que outrora freqüentavam o local já haviam desaparecido fazia tempo. Os únicos animais selvagens de maior porte eram os antílopes, as marmotas e, ocasionalmente, um mouflon, o carneiro nativo. Os pastores eram amigáveis, o tempo estava frio mas não ameaçador, e a noite só chegaria dentro de mais ou menos uma hora.

Rob desceu pela trilha de turfa esponjosa que levava à margem do Issyk Kul e encontrou Tanya sentada numa pedra, olhando de binóculo para

as águas escuras. Desde o embarque em Nova York num vôo sem escalas para Moscou, Tanya se mostrara extremamente animada. Quanto mais perto chegavam do destino, mais excitada ficava. Agora, porém, sua atitude sugeria reflexão e mesmo — o que parecia impossível em se tratando de Tanya — uma certa tristeza.

— Não encontrará muita coisa por aqui — disse Rob, suavemente. Sentou-se atrás dela e colocou as mãos em seus ombros. — O vapor que atravessa o lago não funciona nesta época do ano e os pescadores de carpas ainda estão longe daqui. — Debruçou-se sobre ela mas não pôde ver o seu rosto, pois o sol poente estava atrás deles.

— Não preciso encontrar mais nada — disse Tanya, sem se virar para encará-lo. — Isto já é suficiente. — Apontou para a praia deserta e para a superfície do Issyk Kul, ondulada pelo vento. — Rob, posso lhe pedir um favor? Podemos acampar aqui, mais perto da água?

Ele fez que sim com a cabeça, quase sem perceber o que ela estava pedindo. Estava abalado por algumas idéias que lhe vieram à cabeça e que o faziam ficar tão pensativo quanto ela. Seria este o seu estado *normal*? Será que todo o álcool que consumia era para fazê-la ficar mais animada? Seria por isso que, de repente, temia por Tanya?

Mais tarde, quando já haviam montado a barraca a apenas dez metros da margem do lago e o vento já se acalmara, Tanya fez outro pedido.

— Rob, eu não queria ficar dentro da barraca. Por favor, vamos dormir na praia.

— Mas logo vai esfriar.

— Nós estaremos aquecidos... se nos aconchegarmos. — Levou o saco de dormir duplo para fora e sentou-se nele. Começou a balançar a cabeça e flexionar os ombros.

— E o jantar? — perguntou Rob, adivinhando o que ela queria.

— Depois. Não vamos celebrar nossa chegada?

Estava escuro quando foram se deitar. Havia uma camada de nuvens no céu, através da qual uma meia-lua podia ser apenas entrevista. Ao fazer amor com Tanya no conforto do saco de dormir, Rob pôde *sentir* o calor do seu sorriso, mesmo sem vê-la.

— Nós estamos aqui, Rob — sussurrou ela, enquanto os corpos nus se moviam em uníssono. Beliscou com os dentes o pescoço de Rob, com tanta força que chegou a doer. — Conseguimos. — E depois, bem mais tarde: — Oh! Meu querido, meu querido Rob. Isso é maravilhoso! Obrigada por me trazer

até aqui. Nunca se esqueça de mim. Nunca!

Ele já estava quase adormecido e seu cérebro não registrou as estranhas palavras de Tanya. Resmungou e esfregou o local que ela mordera. Estava ardendo como uma leve queimadura. Tanya começou a cantarolar para si mesma enquanto alisava o peito de Rob, como se estivesse querendo fazê-lo dormir.

Quando acordou, ela não estava mais a seu lado. Protestou com um gemido, mas sentia o corpo pesado e a cabeça invadida por uma estranha lassidão. Podia ouvir Tanya remexendo na barraca a poucos passos de distância. Queria dizer-lhe que não se preocupasse com o jantar, dizer que ela, como sempre, não tinha fome e ele estava muito cansado. Antes que as palavras pudessem tomar forma em sua mente, viu-se flutuando fora do corpo, subindo cada vez mais até que a praia se reduziu a uma linha estreita abaixo dele e sua visão abrangeu toda a extensão do lago. O Issyk Kul estava salpicado por milhares de pontos luminosos. O que poderiam ser? Olhou para baixo e o mundo começou a girar. O lago converteu-se em céu, em um vácuo negro, pontilhado por um mar infinito de estrelas.

Flutuou *para cima* naquele vazio e finalmente se viu de volta na margem do lago. Avistou Tanya. Saíra da barraca e tinha nas mãos um cilindro de metal com um metro de comprimento. Enquanto Rob entrava de volta no seu corpo, Tanya andou na direção do saco de dormir e se postou ao seu lado. Ela se debruçou e beijou Rob na face. Estava sorrindo, mas ele sentiu lágrimas caírem na sua testa e percebeu que os olhos da moça estavam opacos, sem aquele brilho habitual.

— Não fique zangado comigo quando eu for embora, Rob. Tenho de ir para casa. Não posso comer a comida daqui, ela me envenenaria aos poucos. Já devia ter voltado há muito tempo, mas os caminhos conhecidos se fecharam. Este lugar é a minha única esperança. Tente entender, por favor... e perdoar.— falou ela.

Tocou as pálpebras de Rob. O rapaz sentiu uma agulhada no cérebro e a necessidade de dormir se tornou incontrolável. As últimas palavras de Tanya vieram de muito longe:

— Eu te amo, Rob. Se nunca mais nos encontrarmos, lembre-se de que você é muito importante para mim.

Rob dormiu...

...e acordou após séculos de um sono vazio. Abriu os olhos cansados.

Tanya removera do cilindro um pequeno arco encordoado e uma fle-

cha minúscula. Enquanto Rob a observava, ela se ajoelhou na margem do lago e esticou a corda ao máximo. O entalhe da flecha prateada já estava encaixado na corda trêmula. À distância, um ponto de luz brilhava na superfície silenciosa do lago.

Ela fez pontaria com cuidado e soltou a flecha, acompanhando-a com um assovio. Um arco prateado de luz se projetou em direção ao alvo, com uma velocidade incrível. Após cinco segundos, a luz desapareceu. Um assovio fraco e hesitante soou em resposta no meio do lago e a água escura começou a ondular e espumar, formando uma miríade de remoinhos. Tanya largou o arco, correu e se atirou nas águas revoltas, nadando em direção ao vórtice mais próximo.

Estava a uns cem metros de distância. Continuou a nadar, ignorando os apelos de Rob. Quando chegou ao funil central, a superfície do Issyk Kul começou novamente a mudar. Todas as outras perturbações foram diminuindo até sumir, enquanto o remoinho em torno de Tanya se avolumou e formou uma borda circular, um copo em forma de tulipa de fluido em movimento que se alongou, esticou-se, estreitou-se e finalmente se transformou em um elipsóide afunilado. Tanya podia ser vista no interior, totalmente envolvida. Ela também começou a girar, cada vez mais depressa, até que o rosto pálido e os cabelos escuros perderam a identidade e se fundiram numa única mancha cinzenta, que não parava de rodopiar.

Mais depressa. Cada vez mais depressa.

O interior da bolha rodopiante de fluido era como uma nuvem escura, riscada por esparsos feixes de luz. Rob ergueu-se, cambaleou e caiu de joelhos. Assim que tocou a areia úmida, a bolha no meio do lago começou a vibrar e cintilar. Desapareceu diante dos seus olhos, com Tanya no interior. Rob se arrastou pela praia e conseguiu, enfim, ficar de joelhos na água gelada, olhando para a superfície do lago, que agora estava totalmente calma.

— Tanya! — O grito ecoou na escuridão, o primeiro grito de um homem que sabe que perdeu tudo na vida, mas não sabe como nem por quê. Depois, quando a consciência embotada começou a emergir das profundezas do seu cérebro, ele se virou, rastejou para a margem e ficou deitado de bruços na areia fria.

Os cinco pastores nômades haviam encontrado a mensagem do Tartamudo no dia anterior. Chegaram ao acampamento por volta do meio-dia, caminhando com dificuldade pela neve, cujos flocos se agarravam às suas barbas e cabelos.

Rob os avistara de longe. Um chá forte fervia no pequeno fogareiro e algumas tigelas com torrões de açúcar já haviam sido arrumadas. Cumprimentou-os calmamente, gordo e amigável como sempre. Estava, porém, visivelmente cansado e falou com eles de modo estranhamente formal.

Quando indagaram por Tanya, sacudiu a cabeça.

— Ela estava aqui, mas foi forçada a partir antes que pudessem conhecê-la. Não teve escolha. Era diferente, não podia permanecer neste lugar. Ficou doente, e sua terra estava com problemas.

Talvez na próxima vez ela viesse com Rob? Um dos pastores começou a fazer a pergunta, mas parou ao ver a expressão de agonia no rosto do rapaz.

— Preciso da ajuda de vocês — disse o Tartamudo.

Eles assentiram. Rob os fez se sentarem em frente a ele e começou a falar. Lecionou paciente, longa e incompreensivelmente, enquanto o vento aumentava de intensidade, a neve caía e a superfície do lago era coberta por uma fina camada de gelo. Falava para eles e ao mesmo tempo *além* deles.

Embora os outros acessos estejam fechados, certamente não hão de permanecer assim para sempre. Devem ter estado abertos por algum tempo, já que ela foi capaz de vir até aqui, e quando as dificuldades cessarem, sejam lá quais forem, serão abertos de novo. E mesmo que não se abram, este aqui existia até ontem. Onde estará agora? Como poderemos usá-lo? Não sei.

Rob apontou para a vastidão negra do Issyk Kul, mas manteve os olhos abatidos e exaustos fixos nos ouvintes.

Primeiro, temos de encontrá-lo. Todos ajudarão na busca. Depois, será uma questão de saber como se usa a porta. Se um homem for determinado o bastante, achará a maneira certa. Eu sou bastante determinado. Rob brandiu o pequeno arco. Aqui está uma das chaves.

Eles olharam para o objeto com curiosidade. Sabiam que não passava de um brinquedo que o Tartamudo trouxera para dar a uma das crianças. O que estaria propondo fazer com ele?

Quando Rob terminou, já estava quase anoitecendo. Parara de nevar. Os pastores despediram-se e mergulharam na escuridão, em direção a leste, de volta ao acampamento de inverno, no vale.

Conversavam enquanto caminhavam. Claro que iriam ajudar o Tartamudo, pois era amigo deles e agora certamente estava precisando de ajuda. Mas talvez nada pudesse ser feito. Todos tinham visto a sombra no seu rosto. E embora ninguém tivesse comentado, todos sabiam que o Tartamudo não servia mais para suas filhas ou irmãs.

Ele já havia sido tomado. Uma mulher já o reclamara. Os braços dela o

haviam envolvido com muita força, e ainda era cedo para saber se ele escaparia ou se algum dia ela voltaria para buscá-lo.

VISÕES DE ROBÔ

Isaac Asimov

Tradução de Ronaldo Sergio de Biasi

Que sacrifícios devemos fazer para que a visão idílica de RJ-32 se torne realidade?

Acho que devo começar contando quem sou. Sou o membro menos graduado do Grupo Temporal. Os temporalistas (para aqueles de vocês que têm estado ocupados demais tentando sobreviver neste cruel mundo de 2030 para prestar muita atenção nos avanços tecnológicos) são os aristocratas da física moderna.

Eles se dedicam ao mais difícil dos problemas: o de movimentar um objeto no tempo a uma velocidade diferente da do resto do universo. Estão, em outras palavras, tentando aperfeiçoar as viagens no tempo.

O que estou fazendo com essas pessoas, eu, que não sou nem mesmo um físico, mas apenas um...? Apenas um *apenas*?

Na verdade, apesar da minha falta de qualificações, foi um comentário meu que inspirou os temporalistas a criarem o conceito de CVT ("caminhos virtuais no tempo").

Uma das dificuldades de viajar no tempo é que a base não fica sempre no mesmo lugar em relação ao universo como um todo. A Terra está girando em volta do Sol; o Sol está girando em torno do centro da Galáxia; a Galáxia está se movendo em relação ao centro de massa do grupo local... já deu para dar uma idéia do que estou falando. Se você se desloca um dia para o futuro ou para o passado — apenas um dia — a Terra, durante esse período, se move cerca de 2,5 milhões de quilômetros em sua órbita em torno do Sol. Ao mesmo tempo, o Sol muda de posição, carregando a Terra com ele, e assim por diante.

Por essa razão, para permanecer no mesmo lugar em que se encontra, você precisa viajar no espaço cada vez que viaja no tempo, e foi meu comentário que levou a uma linha de raciocínio capaz de mostrar que isto era possível; que uma pessoa podia viajar no tempo, não de forma literal, mas de forma "virtual", isto é, mantendo-se estacionaria em relação a sua base na Terra. Se você não tem o treinamento matemático de um temporalista, seria inútil tentar explicar a teoria da coisa, mas acredite em mim.

Foi também um comentário meu que levou os temporalistas a formularem uma teoria que provou que as viagens ao passado eram impossíveis. Para mudar o sentido da viagem no tempo, seria preciso que certos parâmetros-chave das equações se tornassem infinitos.

Fazia sentido. Era evidente que uma viagem ao passado modificaria necessariamente os acontecimentos, e por menores que fossem as alterações introduzidas no passado, mudariam o presente, provavelmente de forma drástica. Como o passado, pela lógica, deveria ser imutável, fazia sentido que as viagens no tempo para o passado fossem impossíveis.

Nada, porém, nos garantia que o futuro fosse imutável, de modo que uma viagem ao futuro e de volta para o presente parecia possível.

Os meus companheiros não se mostraram particularmente impressionados com minha participação. Acho que o grupo de temporalistas supôs que meus comentários foram fortuitos e que o mérito foi deles em perceber a importância do que eu dissera e explorar as conseqüências. Não fiquei magoado. Pelo contrário, senti-me grato porque, graças a isso (penso eu), permitiram que continuasse a trabalhar no projeto, embora fosse apenas um... um *apenas*.

Naturalmente, mesmo depois de formulada a teoria, foram necessários vários anos para construir uma máquina para viajar no tempo, mas não pretendo escrever um tratado a respeito da Temporalidade. Minha intenção é falar apenas de alguns aspectos do projeto, e apenas para os futuros habitantes do planeta, não para os nossos contemporâneos.

Mesmo depois de enviarmos para o futuro objetos inanimados, e depois animais, não nos demos por satisfeitos. Todos os objetos desapareceram; todos, ao que parecia, haviam viajado para o futuro. Quando a viagem era curta — cinco minutos ou cinco dias — tornavam a aparecer, em boas condições. Se estavam vivos antes da experiência, continuavam vivos e gozando de boa saúde.

Entretanto, o que queríamos era mandar uma pessoa para o futuro distante e trazê-la de volta.

— Temos de mandá-la para no mínimo duzentos anos no futuro — disse um temporalista. — O importante é saber como será o futuro. Temos de saber se a humanidade vai sobreviver e em que condições; duzentos anos deve ser um período suficientemente longo para termos certeza. Na verdade, acho que as chances de sobrevivência não são boas. As condições de vida se deterioraram bastante no último século.

(É inútil tentar explicar qual foi o temporalista que disse o quê. Eles eram mais de vinte, e mesmo que eu me lembrasse direito dos diálogos, não faria a menor diferença para a história que estou contando. Assim, direi simplesmente "observou um temporalista", "um deles falou", "alguns deles objetaram" ou "outro comentou", e tudo estará bem. Naturalmente, terei de especificar meus próprios comentários e os de outra pessoa, porque essas exceções são necessárias.)

Outro temporalista observou, com uma certa tristeza:

— Acho que não quero conhecer o futuro, se isso significa descobrir que a raça humana será exterminada ou que seremos reduzidos a uma espé-

cie miserável.

— Por que não? — perguntou outro. — Podemos descobrir em nossas viagens exatamente o que aconteceu e usar esse conhecimento da melhor maneira possível, de modo a mudar o futuro da direção desejada. O passado pode ser imutável, mas o futuro, não.

Foi a essa altura que surgiu a questão de quem seria o viajante, Era evidente que todos os temporalistas se consideravam valiosos demais para se arriscar com uma técnica que poderia ainda não estar suficientemente aperfeiçoada, apesar dos sucessos em experiências com objetos que não estavam vivos ou, se vivos, objetos que não dispunham de um cérebro com a incrível complexidade de um cérebro humano. O cérebro poderia sobreviver, mas talvez parte da complexidade fosse perdida.

Percebi que de todos eles eu era o menos valioso e, por essa razão, um candidato perfeito. Na verdade, estava quase levantando a mão para me oferecer como voluntário, mas minha expressão deve ter revelado o que eu estava pensando, porque um dos temporalistas declarou, com impaciência:

— Não, você não. Até você é valioso demais para perdermos. — (Não fiquei muito lisonjeado.) — O que devemos fazer — prosseguiu — é mandar RG-32.

Fazia sentido. RG-32 era um robô do tipo antigo, fácil de substituir. Ele poderia observar o futuro e nos contar a respeito. Não com a imaginação e a perspicácia de um ser humano, mas isso não tinha importância. Ele não sentiria nenhum medo, seguiria nossas ordens à risca e não faltaria com a verdade.

Perfeito!

Fiquei surpreso por não haver pensado logo de saída naquela solução, e por haver considerado a possibilidade de me apresentar como voluntário. Talvez, pensei, estivesse tentando instintivamente me colocar em posição de servir aos meus companheiros. Fosse como fosse, a verdade é que o robô era a escolha mais lógica; na verdade, era a única escolha possível.

Não era muito difícil explicar ao robô o que queríamos. Archie (era comum arranjar para um robô um apelido que lembrasse o seu número de série) não precisava de explicações para os motivos da viagem, nem de garantias de que não iria correr perigo. Aceitaria qualquer ordem que fosse capaz de compreender e cumprir, com a mesma falta de emoção que exibiria se lhe pedíssemos para levantar a mão. Sendo um robô, não poderia agir de forma diferente.

Os detalhes, porém, levaram algum tempo.

— Quando chegar ao futuro — disse um dos temporalistas mais graduados — deve ficar o tempo que julgar necessário para recolher informações

úteis. Quando terminar, volte para a máquina e retorne para o mesmo minuto em que partiu, ajustando os controles de uma forma que vamos explicar. Você vai partir e teremos a impressão de que voltou logo em seguida, embora para você tenha passado uma semana, ou mesmo cinco anos. Naturalmente, deve guardar a máquina em lugar seguro antes de sair para observar o futuro, o que não será difícil, porque ela não é muito pesada. E mais tarde terá de se lembrar de onde escondeu a máquina e de como chegar lá.

O que tornou a sessão ainda mais longa foi o fato de que um temporalista após outro se lembrava de uma nova dificuldade. Um deles, por exemplo, perguntou de repente:

— Será que a língua vai mudar muito nos próximos duzentos anos?

Naturalmente, ninguém soube o que responder e começou uma grande discussão na qual alguns argumentavam que o robô não conseguiria se comunicar com ninguém.

Afinal, um dos temporalistas declarou, com uma certa impaciência:

— Escutem, a língua inglesa tem se tornado cada vez mais universal nos últimos séculos e provavelmente continuará assim no futuro próximo. Além disso, não sofreu nenhuma mudança significativa nos últimos duzentos anos. Por que a situação seria diferente nos próximos dois séculos? Mesmo que haja algumas mudanças, certamente o robô encontrará estudiosos capazes de compreender o que talvez chamem de "inglês antigo". Seja como for, Archie certamente poderá fazer muitas observações úteis ainda que não possa se comunicar com os locais. Não é preciso conversar com os habitantes para saber se uma sociedade está funcionando bem.

Outros problemas surgiram. E se o robô fosse mal recebido? Se os habitantes do futuro encontrassem e destruíssem a máquina, por maldade ou ignorância?

Um temporalista observou:

— Talvez fosse interessante projetar um motor temporal tão pequeno que pudesse ser carregado no bolso. Nesse caso, seria fácil escapar de um perigo iminente.

— Mesmo que isso fosse possível — objetou outro temporalista —, provavelmente levaríamos tanto tempo para projetar o motor miniaturizado que nós... ou melhor, nossos sucessores... chegaríamos ao futuro sem necessidade de usar a máquina. Não, se ocorrer algum acidente desse tipo, Archie simplesmente não voltará e teremos que tentar outra vez.

Tudo isso foi dito na presença de Archie, mas não fazia mal.

Archie não se importaria de ficar perdido no futuro, ou mesmo de ser

destruído, contanto que estivesse seguindo ordens. A Segunda Lei da Robótica, que exige que um robô obedeça a ordens, tem precedência sobre a Terceira Lei, pela qual ele deve proteger a própria existência.

No final, naturalmente, tudo foi dito, e ninguém mais conseguiu pensar em nenhuma advertência, objeção ou possibilidade que não tivesse sido discutida de forma exaustiva.

Archie repetiu todas as ordens que recebera com calma e precisão mecânicas, e o passo seguinte foi ensiná-lo a usar a máquina. E ele aprendeu isso, também, com calma e precisão mecânicas.

É preciso esclarecer que o público em geral não sabia, naquela época, que as viagens no tempo estavam sendo investigadas. Os gastos tinham sido muito pequenos durante a fase teórica da pesquisa, mas o trabalho experimental consumira grandes somas, e as despesas com o projeto deveriam crescer ainda mais no futuro. Aquilo era um grande incômodo para cientistas envolvidos em um empreendimento que parecia totalmente especulativo.

No caso de um *grande* revés, dado o estado das finanças públicas, haveria uma grande revolta popular, e provavelmente o projeto seria cancelado. Os temporalistas concordavam, sem necessidade de discussão, que apenas os sucessos deviam ser divulgados, e até que isso ocorresse, o público deveria ignorar o que estavam fazendo. Assim, *aquela* experiência, a mais importante, estava deixando todos nós num grande suspense.

Nós nos reunimos em um ponto isolado do semideserto, uma região afastada onde ficava a sede do Projeto Quatro. (Até o nome fora escolhido de modo a não fornecer nenhuma indicação quanto à natureza da pesquisa, mas eu achava que muitas pessoas consideravam o tempo como uma espécie de quarta dimensão e que, portanto, talvez alguém viesse a adivinhar o que estávamos fazendo. Pelo que sei, porém, isso não aconteceu.)

Finalmente, chegou o momento em que Archie, no interior da máquina, levantou a mão para nos informar que estava pronto para partir. Um segundo depois, a máquina piscou.

Foi uma coisa muito rápida. Não estou certo do que aconteceu. Talvez eu tenha simplesmente suposto que ela *devia* piscar, se voltasse um segundo após ter partido, e tenha visto o que achava que devia ver. Tive vontade de perguntar aos outros se também tinham visto a máquina piscar, mas sempre hesitava em me dirigir a eles se não falassem comigo primeiro. Eram pessoas *muito* importantes, e eu era apenas... mas eu já disse isso. Além disso, com a emoção da chegada de Archie, esqueci-me da questão de se a máquina havia piscado ou não. Afinal, não era tão importante assim.

O intervalo entre a partida e a chegada foi tão pequeno que poderíamos ter a impressão de que a máquina não saíra do lugar, mas havia um detalhe que não dava margem a dúvidas. A máquina deteriorara-se. Ela estava *gasta*.

O aspecto de Archie, ao sair da máquina, não era muito melhor. Não parecia o mesmo robô que entrara no aparelho. Tinha um ar cansado, a pintura estava fosca, a superfície tinha pequenas mossas, olhava em torno como se estivesse tentando recordar um ambiente que não via havia muito tempo. Duvido que houvesse alguém na sala que duvidasse por um momento que Archie estivera ausente, do seu próprio ponto de vista, por um longo intervalo de tempo.

Na verdade, a primeira pergunta que lhe fizemos foi:

— Quanto tempo esteve ausente?

— Cinco anos — respondeu Archie. — Foi o maior dos intervalos de tempo mencionados antes da minha partida, e queria ter certeza de que o trabalho ficaria bem-feito.

— Isso já é uma boa notícia — declarou um dos temporalistas. — Se o mundo tivesse sido transformado em um monte de destroços, Archie não levaria cinco anos para reconhecer o fato.

Entretanto, ninguém teve coragem de perguntar: "Archie, a Terra foi transformada em um monte de destroços?"

Esperaram que ele falasse, e por alguns momentos ele também esperou, com submissão robótica, que eles perguntassem alguma coisa. Afinal, porém, a necessidade de obedecer às instruções recebidas e relatar o que vira foi maior que a submissão embutida no seu cérebro positrônico. Archie disse:

— Estava tudo bem no futuro da Terra. A estrutura social estava intacta e em perfeito funcionamento.

— Intacta e em perfeito funcionamento? — repetiu um dos temporalistas, como se estivesse chocado com a idéia. — Em toda parte?

— Os habitantes do planeta foram muito atenciosos. Eles me levaram a toda parte. Tudo que vi foi paz e prosperidade.

Os temporalistas entreolharam-se. Parecia mais fácil acreditar que Archie fora enganado, ou se enganara, do que imaginar um mundo de paz e prosperidade. Eu sempre achara que, apesar de todas as declarações otimistas, era quase ponto pacífico que a Terra se encontrava à beira de um colapso social e político, que talvez levasse mesmo à destruição total.

Começaram a interrogá-lo. Um deles berrou:

— E as florestas? Elas estão quase devastadas!

— Houve um grande projeto de reflorestamento — explicou Archie. — As espécies silvestres foram devolvidas aos seus ambientes naturais. A engenharia genética foi usada para recuperar as espécies em vias de extinção a partir de exemplares obtidos de jardins zoológicos ou coleções particulares. A poluição é coisa do passado. O mundo de 2230 é repleto de paz e beleza.

— Você tem certeza? — perguntou üm temporalista.

— Não me foi negado acesso a nenhum lugar da Terra. Mostraram-se tudo que pedi para ver.

Outro temporalista disse, com súbita severidade:

— Archie, preste atenção. Pode ser que você tenha visto uma Terra em ruínas, mas não esteja querendo nos contar por medo de nos levar ao desespero e ao suicídio. Para nos poupar do sofrimento, talvez esteja mentindo para nós. Isto não deve acontecer, Archie. Você tem de nos dizer a verdade.

— Estou dizendo a verdade — declarou Archie, calmamente. — Se estivesse mentindo, por qualquer motivo que fosse, meus potenciais positrônicos estariam em um estado anormal. Isso seria fácil de detectar.

— Ele tem razão — murmurou um temporalista,

O robô foi imediatamente testado. Não permitiram que dissesse mais nada antes de concluírem as medidas. Observei com interesse enquanto os potenciômetros recolhiam os dados e estes eram analisados no computador. Não havia dúvida possível. Archie estava perfeitamente normal. Não podia estar mentindo.

O interrogatório prosseguiu.

— E as cidades?

— Não existem cidades como as que conhecemos. A vida está muito mais descentralizada em 2230; não existem grandes concentrações de pessoas. Por outro lado, as comunicações são tão boas que a humanidade inteira forma um grande aglomerado, por assim dizer.

— E o espaço sideral? A exploração espacial continuou?

— A Lua está sendo explorada. Ela se tornou um mundo habitado. Existem colônias espaciais em órbita da Terra e de Marte. Estão sendo implantadas colônias no cinturão de asteróides.

— Eles lhe contaram tudo isso? — perguntou um temporalista, desconfiado.

— Não foi uma questão de ouvir dizer. Eu estive no espaço. Passei dois meses na Lua. Morei durante um mês em uma colônia espacial em órbita de Marte e visitei Fobos e o próprio planeta Marte. Está havendo uma certa discussão em torno da colonização de Marte. Alguns pensam que ele deveria ser

semeado com formas inferiores de vida e deixado entregue à própria sorte, sem a intervenção dos terráqueos. Não estive no cinturão de asteróides.

Um temporalista perguntou:

—- Por que acha que foram tão atenciosos com você, Archie?

— Tive a impressão de que minha chegada não foi uma completa surpresa — disse o robô. — Eles pareciam estar à minha espera.

— Eles *disseram* que sabiam da sua existência? Que havia registros de que você viajara no tempo?

— Não, não disseram.

— Você perguntou?

— Perguntei. Talvez tenha sido pouco educado, mas eu tinha ordens de investigar tudo que achasse interessante, de modo que me senti na obrigação de perguntar... mas eles se recusaram a responder.

Outro temporalista interveio:

— Houve outras coisas que eles se recusaram a lhe contar?

— Algumas.

Um temporalista cocou o queixo, pensativo, e disse:

— Então deve haver algo de errado em tudo isto. Qual é a população da Terra no ano 2230, Archie? Eles lhe disseram isso?

— Disseram. Eu perguntei. A Terra de 2230 tem pouco menos de um bilhão de habitantes. Existem mais de 150 milhões no espaço. A população da Terra mantém-se estável; a do espaço está aumentando.

— Ah! — exclamou um temporalista. — Hoje em dia existem quase dez bilhões de pessoas na Terra, das quais metade em miséria absoluta. Como foi que a Terra do futuro se livrou de nove bilhões?

— Eu perguntei a eles. Disseram que foi uma época triste.

— Uma época triste?

— Isso mesmo.

— De que forma?

— Eles não explicaram. Simplesmente disseram que foi uma época triste e mais nada.

Um temporalista, que era de origem africana, perguntou friamente:

— Que tipo de gente você viu em 2230?

— Como assim?

— Cor da pele... forma dos olhos...

— Em 2230 é como hoje. Existem várias raças diferentes; diversos tipos de cor de pele, forma de cabelo, e assim por diante. A altura média parece ser maior do que a atual, embora eu não tenha examinado as estatísticas. As

pessoas pareciam mais jovens, mais fortes, mais saudáveis. Na verdade, não vi ninguém subnutrido, nem obeso, nem doente... mas havia representantes de muitas raças.

— Então não houve nenhum genocídio?

— Não vi nenhum sinal disso — declarou Archie. — Também não vi nenhum sinal de crimes, guerras ou perseguições.

— É... — observou um temporalista, em tom de quem estava se acostumando, com dificuldade, às boas-novas — ...parece um final feliz.

— Um final feliz, talvez — disse outro —, mas é bom demais para acreditar. É como uma volta ao Paraíso. O que fizeram para conseguir esse milagre? Não gostei daquela história de "época triste".

— Não há necessidade de ficarmos aqui especulando — disse um terceiro. — Podemos mandar Archie para daqui a cem anos, para daqui a cinqüenta anos. Podemos descobrir exatamente o que aconteceu, ou por outra, o que *vai* acontecer.

— Talvez não seja bem assim — objetou Archie. — Eles fizeram questão de frisar que não havia registro de nenhuma viagem temporal anterior à minha. Na opinião deles, qualquer investigação do período compreendido entre o momento presente e a época que visitei implicaria um grave risco de alterar o futuro.

Houve um silêncio quase intolerável. Archie foi mandado embora e advertido para conservar todos os seus registros à mão para novos interrogatórios. Eu estava esperando que me mandassem embora também, pois era a única pessoa presente que não tinha o doutorado em Engenharia Temporal, mas eles deviam estar acostumados com a minha presença, e, naturalmente, procurei não chamar a atenção.

— O que importa — disse um temporalista — é que existe um final feliz. Tudo que fizermos a partir deste momento poderá estragar tudo. Eles estavam esperando a chegada de Archie; estavam esperando que ele nos contasse o que viu; não lhe disseram nada que não devêssemos saber, de modo que ainda estamos seguros. As coisas vão se passar da forma como se passaram.

— Pode até ser — disse outro temporalista — que o conhecimento da chegada de Archie e as notícias que eles enviaram para nós tenham *ajudado* a criar o final feliz.

— Talvez, mas se fizermos mais alguma coisa, correremos o risco de estragar tudo. Prefiro não pensar na época triste a que se referiram, mas se tentarmos alguma coisa agora, a época triste talvez dure ainda mais, e, o que é pior, talvez o final feliz seja prejudicado. Acho que não temos escolha a não ser

abandonar as experiências temporais e não falar mais no assunto. Anunciar que a nossa experiência fracassou.

— Isso seria humilhante.

— Não temos alternativa.

— Esperem — disse um deles. — Eles sabiam que Archie estava para chegar, de modo que a notícia que lhes chegou foi a de que a experiência fora um sucesso. Não precisamos nos expor à execração pública.

— Pois eu discordo — disse outro. — Eles ouviram boatos; tinham apenas uma vaga idéia. Podemos deixar vazar a notícia de que algumas experiências foram bem-sucedidas, mas nada de declarações oficiais.

Foi o que decidiram fazer. Pensaram durante alguns dias na questão, e chegaram a discuti-la algumas vezes, mas o receio de fazerem alguma coisa errada se tomava cada vez maior. Eu podia ver o resultado se delineando com uma certeza inexorável. Naturalmente, não contribuí em nada para a discussão — eles nem pareciam notar que eu estava presente — mas não havia como deixar de perceber a apreensão cada vez maior em suas vozes. Como aqueles biólogos, nos primórdios da engenharia genética, que tinham votado para limitar as experiências, com medo de que alguma nova praga fosse introduzida inadvertidamente na humanidade indefesa, os temporalistas decidiram, assustados, que era melhor não mexer com o futuro, e nem mesmo investigá-lo.

Era suficiente, afirmaram, saber que dali a dois séculos haveria uma sociedade justa e pacífica. Não queriam saber mais, não ousavam interferir, com medo de estragar tudo. Por isso, restringiram seu trabalho a estudos teóricos.

Um dos temporalistas resumiu a decisão coletiva:

— Um dia, a humanidade será suficientemente sábia e desenvolvida para lidar com o futuro de forma segura, mas esta hora ainda não chegou.

Houve um murmúrio de aprovação.

Quem era eu, o menos graduado de todos os participantes ao Projeto Quatro, para discordar deles e seguir o meu próprio caminho? Talvez tenha sido a coragem proveniente do fato de ser tão menos importante do que eles... o desassombro da ignorância. Eu não tivera minha iniciativa tolhida pelo excesso de especialização ou por uma vida de estudos profundos.

Fosse como fosse, conversei com Archie alguns dias depois, quando tive uma folga no trabalho. Archie não sabia nada a respeito de títulos universitários ou outras diferenças sutis entre as pessoas. Para ele, eu era um homem e senhor, como qualquer outro homem e senhor, e falou comigo como

tal.

Disse a ele:

— Como é que essas pessoas do futuro consideram as pessoas do passado? Sentem desprezo por elas? Acham que eram tolas ou ignorantes?

— Nada do que disseram me deu essa impressão — respondeu Archie. — Elas se admiraram com a simplicidade do meu corpo e com o fato de eu existir. Sorriram para mim, e para as pessoas que me construíram, de forma bem-humorada. Eles próprios não tinham robôs.

— Não tinham robôs, Archie?

— Eles me disseram que não tinham nada parecido comigo. Disseram que não precisavam de caricaturas de metal.

— E você não viu nenhum robô?

— Nenhum. Em todo o tempo que passei lá, não vi nenhum.

Pensei naquilo por alguns instantes e depois perguntei:

— O que eles pensavam de outros aspectos da nossa sociedade?

— Acho que admiravam o passado de muitas formas. Eles me mostraram vários museus dedicados ao que chamavam de "período de crescimento sem limites". Cidades inteiras tinham sido transformadas em museus.

— Você disse que não havia cidades no mundo do futuro, Archie. Nenhuma cidade parecida com as nossas.

— Não foram as cidades deles que foram transformadas em museus, mas as ruínas das nossas. Toda a ilha de Manhattan era um museu, cuidadosamente preservada e restaurada em sua época de maior grandeza. Passei horas visitando a ilha, porque eles queriam que eu esclarecesse muitas dúvidas a respeito da nossa época. Quase não pude ajudá-los, porque nunca estive em Manhattan. Eles pareciam orgulhar-se de Manhattan. Havia outras cidades preservadas, além de máquinas do passado, bibliotecas, exposições de vestuário, mobília e outros objetos do dia-a-dia. Eles disseram que as pessoas do nosso tempo não eram sábias mas haviam criado uma base sólida para o progresso futuro.

— E você viu gente jovem? Gente muito jovem, quero dizer. Crianças.

— Não.

— Eles falaram das crianças?

— Não.

— Está bem, Archie. Agora, preste atenção...

Se havia alguma coisa que eu compreendia melhor que os temporalistas eram os robôs. Para eles, os robôs não passavam de caixas pretas, prontos para receber ordens, e que deveriam ser entregues ao pessoal da manuten-

ção — ou jogados no lixo — se não funcionassem direito. Eu, porém, conhecia razoavelmente bem os circuitos positrônicos dos robôs; por isso, era capaz de lidar com Archie de formas que meus companheiros nem suspeitavam. Foi o que fiz.

Eu estava certo de que os temporalistas não o interrogariam novamente, por causa do medo recém-adquirido de interferirem com o futuro, mas se o fizessem, ele não lhes contaria aquelas coisas que eu achava que não deviam saber. E o próprio Archie não teria consciência de que estava sonegando informações.

Na verdade, mandar Archie fora um erro. Ele era um robô primitivo e para ele pessoas eram pessoas. Não era capaz de reconhecer diferenças sutis. Não se surpreendera com o fato de que os humanos tivessem ficado de repente tão civilizados e bondosos. Pelo contrário: seus circuitos o forçavam a encarar todos os seres humanos como seres civilizados e bondosos.

Os próprios temporalistas, sendo humanos, tinham ficado surpresos e até incrédulos com a visão do futuro apresentada por Archie, na qual os seres humanos haviam-se tornado tão nobres e desprendidos. Mas, sendo humanos, os temporalistas queriam acreditar no que estavam ouvindo, e se forçaram a isso, mesmo contra toda a lógica.

Eu, por outro lado, era mais inteligente que os temporalistas, ou talvez simplesmente pudesse ver as coisas de outro ponto de vista.

Perguntei a mim mesmo: se a população diminuiu de dez bilhões para um bilhão em um período de apenas dois séculos, por que não diminuiu para zero? Não havia muita diferença entre as duas alternativas.

Quem eram os sobreviventes? Os mais fortes? Os mais resistentes? Nesse caso, deviam ser também mais sensatos, mais racionais e mais virtuosos que os nove milhões que haviam morrido, a julgar pela descrição que Archie nos fizera da sociedade do futuro.

Para resumir: seriam humanos?

Eles haviam sorrido com condescendência ao ver Archie; tinham declarado com orgulho que eles não possuíam robôs; não necessitavam de caricaturas metálicas da humanidade.

E se em vez disso tivessem duplicatas orgânicas da humanidade? E se tivessem robôs humaniformes; robôs tão perfeitos que se pudessem passar por seres humanos, pelo menos aos olhos e sentidos de um robô como Archie? E se as pessoas do futuro fossem robôs humaniformes, todas elas, robôs que haviam sobrevivido a uma catástrofe que exterminara a humanidade?

Archie não vira nenhuma criança. É verdade que na Terra a população

era estável, de modo que era natural que houvesse poucos bebês, e que esses poucos bebês fossem criados em centros especiais. Mas Archie estivera também na Lua, cuja população estava crescendo, e mesmo assim não vira nenhuma criança.

Talvez as pessoas do futuro fossem montadas em fábricas.

E talvez isso fosse bom. Se os seres humanos tinham sido vítimas de seus próprios ódios, fraquezas e contradições, pelo menos tinham deixado como herança um sucessor à altura, um tipo de ser inteligente que valorizava o passado, tentava preservá-lo e trabalhava para o futuro, fazendo o possível para satisfazer às aspirações da humanidade, para construir um mundo melhor e mais justo e para explorar o espaço de forma mais racional do que os humanos de verdade provavelmente teriam feito.

Quantos seres inteligentes no universo tinham-se extinguido sem deixar nenhum sucessor? Talvez os seres humanos fossem os primeiros a ter o privilégio de deixar herdeiros.

Deviam sentir-se orgulhosos por isso.

Será que eu devia revelar ao mundo a verdade? Ou apenas aos temporalistas? Decidi guardar o segredo comigo.

Em primeiro lugar, provavelmente ninguém acreditaria em mim. Em segundo lugar, se acreditassem, a raiva que sentiriam por ter sido substituídos por robôs não faria com que destruíssem os robôs já existentes e se recusassem a construir novos? Nesse caso, a visão que Archie tivera do futuro não chegaria a se concretizar. Isso, porém, não faria com que as condições que levaram à extinção da humanidade deixassem de existir; apenas impediria que a humanidade fosse substituída por outros seres racionais, capazes de espalhar pelo universo inteiro os sonhos e aspirações dos seres humanos.

Eu não queria que isso acontecesse. Queria que a visão de Archie se transformasse em realidade.

Por isso, estou escrevendo este documento, e pretendo guardá-lo em um lugar seguro para que só seja lido daqui a duzentos anos, pouco antes da chegada de Archie. Quero que os robôs humaniformes saibam que devem tratá-lo bem e mandá-lo de volta para casa levando com ele apenas as informações necessárias para que os temporalistas desistam de interferir com o futuro, deixando que ele se desenvolva da forma que desejo.

E o que me faz tão certo de que interpretei corretamente os fatos? Acontece que estou em uma posição privilegiada.

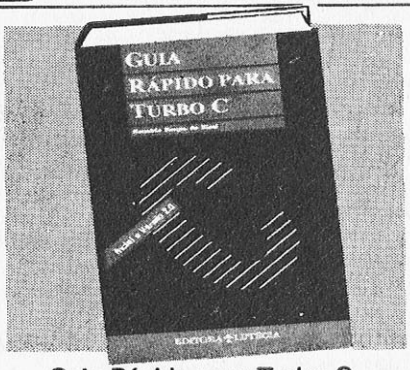
Já disse várias vezes que sou inferior aos temporalistas. Pelo menos, eles me consideram inferior, embora esta suposta inferioridade me permita

ver as coisas de outro ponto de vista, como já disse, e me permita compreender melhor os robôs, como também já disse.

Porque, na verdade, eu também sou um robô.

Sou o primeiro robô humaniforme, e é de mim e de outros da minha espécie que ainda serão construídos que depende o futuro da humanidade.

APRENDA A LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO MAIS USADA PELOS PROFISSIONAIS DE INFORMÁTICA



Guia Rápido para Turbo C
Ronaldo Sergio de Biasi
Ref.: 923888 — 414 Págs.
Preço: Cr$ 38.900,00

Um manual compacto para a linguagem de programação Turbo C, contendo respostas concretas sobre a sintaxe e os parâmetros de qualquer comando, além de informações e exemplos úteis para a compreensão dos objetivos, recursos, opções e dificuldades em potencial de todos os elementos e funções da linguagem.

Conheça os outros livros da coleção de Guias Rápidos da Editora Lutécia, cuidadosamente elaborados para facilitar a consulta:

Guia Rápido para o DOS 5.0
Guia Rápido para Turbo Basic
Guia Rápido para o dBase
Guia Rápido para o Lotus 1-2-3

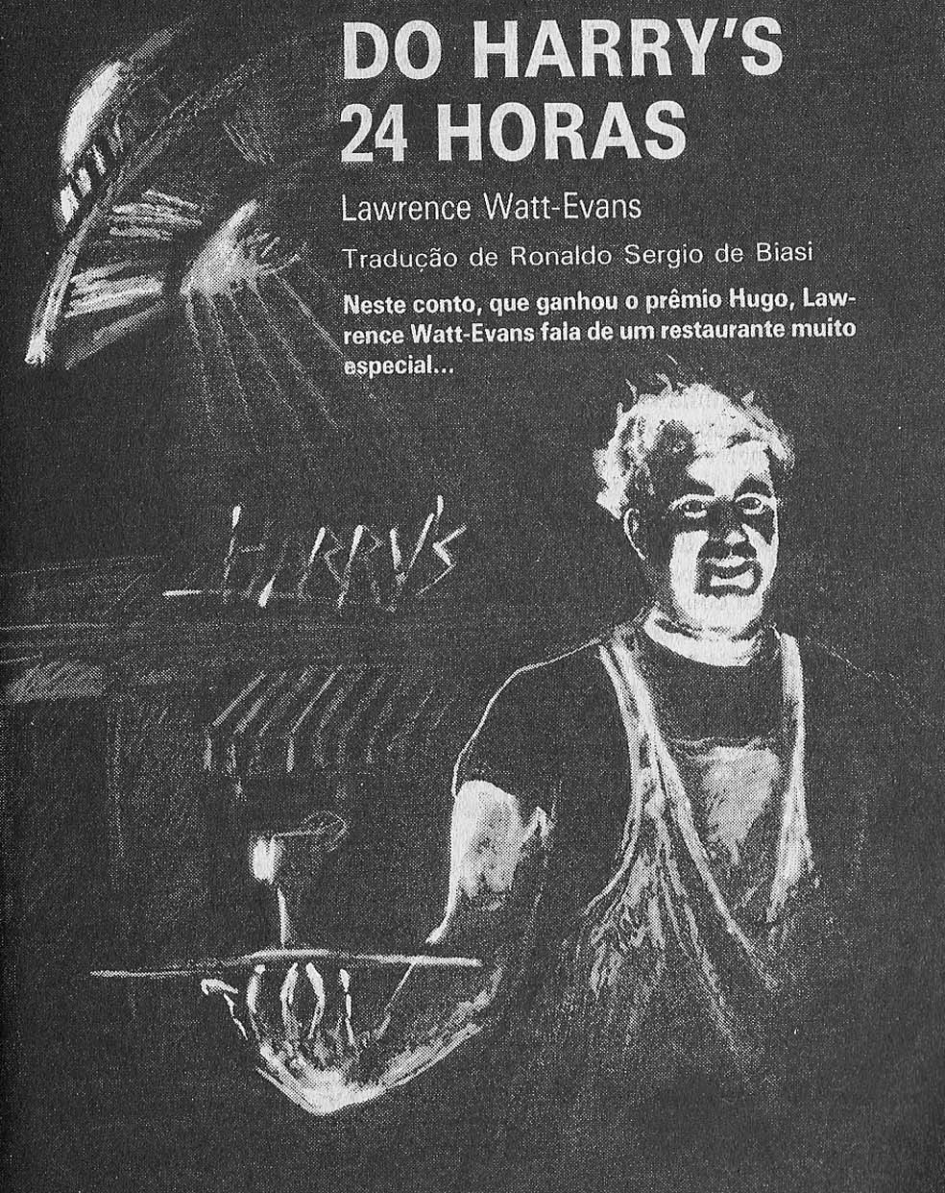
À venda nas livrarias ou diretamente pelo **REEMBOLSO POSTAL RECORD** (use o cupom desta revista. Pedidos também pelo telefone **(021) 587-5182** ou por carta — Cx. Postal 23.052, CEP 20922, Rio de Janeiro, RJ
Preços válidos para pedidos postados até 30 de abril de 1992.

POR QUE SAÍ DO HARRY'S 24 HORAS

Lawrence Watt-Evans

Tradução de Ronaldo Sergio de Biasi

Neste conto, que ganhou o prêmio Hugo, Lawrence Watt-Evans fala de um restaurante muito especial...



O Harry's era um lugar agradável. Provavelmente ainda é. Faz tempo que não vou lá. Fica a uns três quilômetros da I-79, umas poucas saídas ao norte de Charleston, perto de um lugar chamado Sutton. Costumava ter muito movimento até acabarem de construir a via expressa que sai de Charleston, o que fez com que várias lanchonetes se instalassem perto do trevo; depois disso, ninguém mais se deu ao trabalho de viajar mais alguns quilômetros para ir ao Harry's. O pessoal costumava comentar como é que o velho Harry conseguia continuar funcionando, mas a verdade é que ele se saía muito bem mesmo sem os motoristas da via expressa. Descobri por que quando trabalhei lá.

Por que fui trabalhar lá, em vez de escolher uma das outras lanchonetes? Porque meus pais moravam em uma pequena casa perto do Harry's, no meio de coisa nenhuma — não na cidade de Sutton, mas à beira da estrada. Não havia nada nas vizinhanças a não ser o Harry's e a nossa casa. Ele morava nos fundos do restaurante. Era o único lugar que podíamos visitar a pé em menos de uma hora, e eu não tinha carro.

Na época eu tinha dezesseis anos. Precisava de um emprego, porque meu velho estava desempregado de novo e se eu não tivesse meu próprio dinheiro não poderia fazer nada. Mamãe não se incomodava que eu usasse o carro... contanto que não ficasse com ele muito tempo e o devolvesse com o tanque cheio. Era o regulamento. De modo que eu precisava de um emprego, e o Harry's 24 Horas era a única coisa que havia em um raio de vários quilômetros. Harry disse que tinha todos os empregados de que precisava: dois cozinheiros e duas pessoas trabalhando no balcão, além dele próprio. Os outros trabalhavam de dia, dois em cada turno, e Harry virava a noite sozinho. Passei algum tempo observando o movimento, pois não tinha mais nada para fazer. Pareceu-me um trabalho muito fácil: os fregueses não eram muitos, e aqueles caras passavam a maior parte do tempo sentados, contando piadas indecentes. Achei que era o emprego perfeito para mim.

Só que Harry me disse que não precisava de mais ninguém. Provavelmente ele tinha razão, mas eu não iria deixar que a lógica me impedisse de usar o carro da mamãe. Insisti, e depois de tornar sua vida miserável por uma semana ou duas, Harry disse que iria me dar uma chance e me perguntou se eu estaria disposto a trabalhar no turno da noite, de meia-noite às oito da manhã, exercendo as funções de garçom, balconista e faxineiro.

Convenci-o a me deixar sair às sete e meia, para não chegar atrasado ao colégio, e ficou tudo acertado. Eu não fazia tanta questão assim de ir à escola, mas meus pais queriam que eu fosse, e era um bom lugar para encontrar meus amigos, entende? Conhecer garotas, etc.

Foi assim que comecei a trabalhar à noite no Harry's. Na primeira noite, quando cheguei, Harry me deu um avental e um pequeno chapéu, como os dos cozinheiros dos filmes antigos, parecido com o que ele mesmo usava. Meu trabalho envolvia servir a comida e limpar o lugar, mas não cozinhar; não sei por que ele queria que eu usasse o avental e o chapéu, mas eu estava precisando da grana e por isso obedeci e fingi não notar que o avental estava duro de gordura e cheirava como se tivesse sido usado para embrulhar carniça. E Harry... ele é um sujeito engraçado. Parece um cinqüentão desde o dia em que o conheci. Nunca pareceu mais moço, mas também não parece estar ficando mais velho, entende? Algumas pessoas são assim; não mudam nunca. Ele me mostrou onde ficavam as coisas na cozinha e no quarto dos fundos, me disse para limpar tudo que precisasse de limpeza e repetiu várias vezes que não queria que eu criasse problemas.

— Não incomode os fregueses. Anote os pedidos, sirva a comida e fique na sua. Está entendendo?

— Claro — disse eu. — Perfeitamente.

— Ótimo. À noite recebemos alguns tipos estranhos, mas eles são bons fregueses, a maioria, de modo que você não deve se meter com eles. Se algum freguês se queixar, ou sair sem pagar, você está fora, entende?

— Entendo — disse eu, mas tenho de admitir que estava pensando no que fazer se algum espertinho saísse sem pagar. Tentei calcular quantas refeições valeria a pena pagar do meu bolso para conservar o emprego, mas com os impostos e tudo a conta ficou complicada, e resolvi deixar para resolver quando chegasse a hora, caso necessário.

Depois, Harry foi até a cozinha, e eu ganhei uma vassoura, que usei para varrer o salão até dois motoristas de caminhão entrarem e pedirem hambúrgueres e café.

No princípio, eu era meio desajeitado, mas logo me acostumei. Os caras entravam, mulheres, também, um ou dois de cada vez, pediam alguma coisa, e Harry preparava a comida num instante. Eles comiam, passavam um guardanapo na boca, usavam o banheiro e iam embora. Nenhum deles se dirigia a mim, a não ser para fazer o pedido, e eu não dizia nada a não ser "Sim, senhor", "Sim, senhora" ou "Obrigado, volte sempre". Achei que deviam ser todos caminhoneiros que não gostavam das lanchonetes de beira de estrada.

Era assim que eram as coisas de meia-noite até uma hora, uma e meia, mas depois os fregueses rareavam. Acho que àquela altura nem os caminhões estavam na estrada, ou os motoristas não queriam se afastar muito da via expressa, ou todos já haviam jantado, sei lá. Só sei que naquela primeira noite,

por volta das duas, eu estava pensando comigo mesmo que Harry realmente não precisava de um ajudante no turno da noite quando a porta se abriu e o pequeno sino tocou.

Dei um pulo. Aquele sino me assustara. Virei o corpo a fim de olhar para a porta, mas antes olhei para Harry, porque o avistara com o canto do olho e estava com uma expressão preocupada. Reparei que ele olhava para mim e não para o freguês.

Foi nessa altura que me dei conta de que me assustara com o sino porque não ouvira nenhum carro chegando, e quem iria a pé até aquele fim de mundo às duas da manhã? Pelo modo como Harry estava olhando para mim, percebi que se tratava de um daqueles fregueses especiais que ele não queria que eu incomodasse.

De modo que virei o corpo e ali estava aquele sujeito baixinho usando um casaco pesado, fechado até o pescoço, feito do tecido prateado que os pilotos de corrida usam nos anúncios de cigarro. As calças eram do mesmo material, cheias de bolsos. O cara tirou um capuz de cabeça, e pude ver que estava usando óculos grossos, como se tivesse saído de uma nevasca, só que estávamos em abril, não nevava havia semanas, e a temperatura lá fora devia estar na casa dos dez ou quinze graus.

Aquilo não era da minha conta; fingi que não havia notado. Disse apenas:

— Boa noite, senhor. Quer fazer o seu pedido agora?

Ele olhou para mim de um jeito engraçado e respondeu:

— Acho que sim.

— Quer ver o cardápio? — disse eu, procurando ser solícito. Acho que estava até exagerando, porque em geral deixava os caminhoneiros encontrarem um cardápio sem ajuda.

— Acho que sim — repetiu, e entreguei-lhe o cardápio.

Ele examinou-o e apontou para uma fotografia de um cheese-burger que se parecia com os produtos da cozinha de Harry como eu me pareço com Sylvester Stallone. Escrevi o pedido num pedaço de papel e passei-o a Harry, que sussurrou para mim:

— Não incomode o sujeito!

Obedeci ao conselho e continuei a varrer a sala até o sanduíche ficar pronto. Estava levando o prato quando um som parecido com o de um tiro veio da porta da frente e uma luz esverdeada entrou pela janela. Quase deixei cair o sanduíche, mas não pude ir olhar porque nessa hora o freguês começou a remexer nos bolsos à procura de dinheiro para pagar o cheesehurger.

— O senhor pode pagar depois que comer — expliquei.

— Prefiro pagar logo — disse ele, em tom muito formal. — Pode ser que eu tenha que sair daqui às pressas. Meu dinheiro talvez não seja aceito aqui.

O cara falava sem sotaque, mas depois daquela história do dinheiro achei que só podia ser estrangeiro. Esperei e ele me mostrou um punhado de moedas esquisitas.

— Vou ter que consultar o dono — falei para ele.

Ele me entregou as moedas, e quando me afastei para ir falar com Harry, ao mesmo tempo que olhava pela janela, para ver de onde vinha aquela luz verde, a porta se abriu e três mulheres entraram; enquanto aquele sujeito estava vestido como um esquimó, as mulheres não tinham nada em cima da pele a não ser calças jeans. Eram mulheres, não se esqueça, e ainda estávamos em abril.

Eu tinha apenas dezesseis anos, de modo que fiz o possível para não olhar fixamente para elas e fui correndo para a cozinha contar a Harry o que estava acontecendo, mas o dinheiro, a luz verde e as mulheres seminuas se misturaram na minha cabeça e não consegui dizer nada de coerente.

— Eu lhe avisei que recebemos alguns fregueses estranhos, garoto — disse Harry. — Mostre-me o dinheiro. — Eu lhe entreguei as moedas e ele disse: — Está bem, vamos aceitá-las. — E fez o troco, não sei como, porque o que estava escrito nas moedas parecia russo para mim, e eu não fazia a menor idéia de quanto valiam.

Ele me entregou o troco; depois, me olhou nos olhos e disse:

— Você pode atender aquelas mulheres, garoto? É parte do trabalho. Não pensei que viessem esta noite, mas recebemos pessoas estranhas de vez em quando, já lhe disse. Acha que é capaz de lidar com a situação, ou prefere procurar outro emprego?

Eu realmente precisava do dinheiro. Trinquei os dentes e disse:

— Não há problema!

Quando você tinha dezesseis anos, teve de servir uma mesa com seis seios nus balançando à sua frente? As três estavam rindo e contando piadas em uma língua estrangeira que eu não conhecia. Acho que apenas uma delas falava inglês, porque foi a única que falou comigo para fazer o pedido. Consegui fazer tudo direito, e quando foram embora Harry estava quase sorrindo para mim.

Por volta das quatro, a casa ficou vazia de novo, e às quatro e meia ou cinco horas o pessoal do café da manhã começou a chegar, mas entre duas

e quatro horas tivemos uma meia dúzia de fregueses; não me lembro mais deles, a maioria era quase normal, mas daquele sujeito baixinho e das três mulheres eu me lembro muito bem. Pode ser que alguns dos outros também fossem estranhos, talvez mais estranhos que o primeiro cara, mas ele foi o primeiro, o que faz muita diferença, e aquelas mulheres... ora, tinham tudo para impressionar um rapazinho de dezesseis anos, não tinham? Não que fossem especialmente bonitas ou coisa parecida. Não, mas o fato é que eu não estava acostumado a ver mulheres sem blusas.

Quando larguei o emprego, às sete e meia, estava totalmente confuso. Não sabia como interpretar o que vira. Comecei a achar que talvez tivesse imaginado tudo.

Fui para casa, troquei de roupa e peguei o ônibus para a escola. Como ainda não estava acostumado a trabalhar à noite e tinha de pensar nos trabalhos da escola, convenci-me rapidamente de que aquilo não passara de um sonho fantástico. Voltei para casa, dormi até as onze da noite, levantei-me e fui trabalhar.

Foi tudo igual, exceto pelo fato de que não apareceram mulheres seminuas. Primeiro vieram os motoristas de caminhão e outras pessoas normais. Depois, quando o movimento diminuiu, os tipos estranhos começaram a chegar.

Aos dezesseis anos, você acha que pode se acostumar com qualquer coisa. Eu, pelo menos, pensava assim. Não me deixei impressionar pelo aspecto dos fregueses, mesmo quando eles não pareciam exatamente humanos. Harry se acostumou com a minha presença, e o trabalho dele ficou muito mais fácil; por isso, depois das primeiras semanas de experiência, ficou subentendido que eu poderia ficar enquanto quisesse.

E eu estava gostando, estava, sim, depois que me habituei com o horário de trabalho fora do comum. Morando onde morava, eu não tinha mesmo uma vida social muito intensa durante a semana, e agora, graças ao dinheiro que Harry me pagava e as gorjetas que recebia, podia aproveitar os fins de semana. Algumas dessas gorjetas eu tinha de levar aos joalheiros de Charleston, tomando cuidado para procurar uma loja diferente de cada vez; assim, ninguém ficaria curioso para saber onde eu arranjava todas aquelas moedas esquisitas. Harry me deu algumas dicas — só que ele já havia passado por todos os joalheiros de Charleston, Huntington, Wheeling e Washington, Pennsylvania, e estava a meio caminho de Pittsburgh.

Na verdade, era divertido tentar adivinhar quem seria o próximo freguês. Acho que o meu preferido foi o sujeito que apareceu de repente, sem

carro, sem nada, usando uma veste azul coberta de fios e uma calça justa no estilo medieval, com os cabelos e a roupa cobertos de neve e algum tipo de gosma, tremendo como se tivesse saído do Ártico, embora estivéssemos no meio de julho. Ele estava carregando um animalzinho debaixo da veste, mas não me deixou vê-lo; pela forma, podia ser uma doninha. Falava com um sotaque estranhíssimo, mas parecia muito à vontade e pediu a comida sem consultar o cardápio.

Depois de alguns dias, Harry admitiu que relutara em contratar-me para o turno da noite por causa daqueles fregueses. Tinha medo de que eu pensasse que estava ficando maluco, chamasse a polícia ou começasse a contar histórias estranhas a respeito do lugar. Mas eu não havia feito nada disso, e com isso conquistara a admiração de Harry.

Na verdade, não era difícil ficar na minha. Se estava bem para Harry lidar com aquelas pessoas, por que não estaria para mim? Além disso, ninguém tinha nada com o que se passava ali. Quando as pessoas perguntavam, eu respondia que sim, que de madrugada alguns tipos esquisitos apareciam, mas não explicava até que ponto eles eram esquisitos.

Por outro lado, jamais consegui aceitá-los com a mesma tranqüilidade que Harry. Um disco voador no estacionamento não faria Harry pestanejar. Pois eu pestanejava cada vez que um disco voador pousava, o que não era muito freqüente. Era preciso um certo esforço para concentrar-me no trabalho e não ficar olhando para o disco. A maioria dos fregueses tinha mais juízo; quando chegavam em um veículo fora do comum, tratavam de escondê-lo no meio do mato ou coisa parecida. Mas havia sempre uns poucos que não se davam ao trabalho. Se alguma vez um carro da patrulha rodoviária passou e viu uma daquelas coisas, acho que os policiais não tiveram coragem de comunicar à central. Ninguém teria acreditado neles.

Uma vez perguntei a Harry se todos aqueles caras vinham do mesmo lugar.

— Sei lá — respondeu. Ele nunca havia perguntado, e não queria que eu perguntasse.

Acontece que ele estava enganado quando pensava que perguntas desse tipo poderiam assustá-los. Às vezes você percebe que as pessoas estão ansiosas para conversar. Algumas dessas pessoas estavam. Por isso, comecei a conversar com elas.

Acho que eu tinha dezessete anos quando alguém me contou o que realmente estava acontecendo.

Antes que você faça alguma pergunta boba, não, eles não eram mar-

cianos, nem monstros do espaço sideral, nem nada parecido. Alguns, na verdade, eram de West Virgínia. Não a nossa West Virgínia. Outras West Virginias. O que a ficção científica chama de "mundos paralelos". Na verdade, isso é apenas um nome. Outras dimensões, realidades alternativas, use o termo que quiser.

A coisa faz muito sentido. Alguns fregueses me explicaram direitinho. Tudo que poderia ter acontecido em toda a história do universo, desde o Big Bang até hoje, realmente aconteceu... em algum lugar. E cada possibilidade significa um universo diferente. Não apenas se Napoleão perdeu a batalha de Waterloo, ou se ganhou; que importa Napoleão para o universo? Betelgeuse está pouco ligando para o passado, presente ou futuro da Europa. Mas cada átomo, cada partícula do universo, sempre que teve a oportunidade de fazer coisas diferentes — separar-se ou unir-se, mover-se nesta ou naquela direção — na verdade fez todas as opções possíveis, mas em diferentes universos. E não se trata de uma ramificação; todos os universos sempre estiveram ali, simplesmente não havia nenhuma diferença entre eles até acontecer aquele evento em particular. Isso significa que existem milhões e milhões e milhões de universos idênticos, nos quais as diferenças ainda não ocorreram. Na verdade, existe um número infinito de universos. Mais que isso: uma infinidade de infinitos. É impossível de imaginar. Se você acha que está chegando perto, multiplique tudo por um zilhão. Você pode encontrar qualquer coisa nesses universos.

Isso quer dizer também que em muitos desses universos as pessoas descobriram meios de viajar para outros universos. Parece que não é muito difícil; existem várias maneiras diferentes de fazer isso. É por isso que recebemos visitantes de todos os tipos, desde gente de terno e gravata até astronautas usando trajes especiais e viajando em discos voadores.

Entretanto, há um problema. Com um número infinito de universos, quero dizer, realmente infinito, como você vai encontrar um universo em particular? Especialmente quando está viajando pela primeira vez? A resposta é que você não pode. É simplesmente impossível. Os exploradores partem, mas nunca mais retornam. Talvez se alguns conseguissem voltar, eles pudessem examinar o que fizeram e para onde os levou, e assim aprendessem a controlar suas idas e vindas, mas, de acordo com todos os viajantes com quem conversei, ninguém ainda conseguiu isso. Quando você sai, você sai. Pode continuar saltando de um universo para outro, ou continuar o resto da vida no universo onde está, mas voltar para casa é impossível. Às vezes, você pode chegar perto — muitas dessas coisas eu aprendi em retribuição por contar a

um pobre velhinho como era a vida do lado de fora do Harry's. Ele ficou muito contente quando comecei a falar a respeito do que havia visto na TV, e a recitar uma lista dos nossos presidentes, mas quando me perguntou a respeito de uma religião da qual eu nunca ouvira falar, à qual declarou pertencer, e quando eu disse que nunca tinha ouvido falar dela, ele quase chorou. Acho que estava à procura de um mundo parecido com o seu, e o nosso até que tinha alguns pontos de semelhança, mas não o bastante. Ele disse alguma coisa sobre o que chamou de "princípio do passeio aleatório" — se você sai andando sem rumo, a tendência é passar várias vezes muito perto do ponto de partida, mas sem jamais pisar exatamente no lugar onde começou a viagem. Você está sempre um pouquinho para lá ou para cá.

Existem milhões dessas pessoas por aí viajando de universo para universo, à procura do que quer que seja que estão procurando, às vezes milhões de pessoas idênticas, e elas se encontram umas com as outras. Elas sabem o que procurar. De modo que trocam informações, e me contaram que estão tentando dirigir as suas viagens, e já progrediram alguma coisa neste sentido.

Uma vez comentei que achava estranho tantas dessas pessoas aparecerem no Harry's, e uma mulher de pele azulada (ela me disse que era por causa de um remédio que estava tomando) tentou me explicar. West Virgínia é um dos melhores lugares para viajar de um universo para outro, particularmente nas montanhas perto de Sutton, porque se trata de um ponto bem central no leste dos Estados Unidos, mas não existe nada por perto. Não há grandes cidades, nem bases militares, nem nada de importante; se houver uma guerra atômica ou coisa parecida — e parece que houve um monte de guerras atômicas, ou guerras com armas ainda piores, em diferentes universos — ninguém vai apontar mísseis para Sutton, West Virgínia. Mesmo nas realidades em que os europeus nunca descobriram a América e são os chineses que estão construindo as cidades, simplesmente não existe motivo para construir algo de vulto na região de Sutton. E existe alguma coisa em particular que facilita as viagens entre universos. Não entendi bem a explicação. Ela disse alguma coisa a respeito do campo magnético da Terra, mas não sei se era parte da explicação ou apenas uma analogia.

As montanhas e florestas também servem de esconderijo, o que torna a nossa região melhor do que um deserto em outro lugar.

Seja como for, a área em volta de Sutton é conveniente para viajar de um universo para outro e por isso é procurada por muitos viajantes.

Uma coisa estranha, porém, é que por alguma razão que ninguém ainda conseguiu me explicar, o Harry's, ou um restaurante muito parecido com

ele, existe exatamente no mesmo lugar em milhões de realidades diferentes. Mais do que milhões: infinidades. Nem sempre se chama Harry's 24 Horas; um freguês, por exemplo, insistia em chamá-lo de Harry Sal. O restaurante sempre existe, porém, e uma coisa que não parece mudar muito é que os viajantes podem comer ali sem problemas. Todos sabem que o Harry's é um lugar seguro, sossegado, que serve sanduíches decentes, onde os fregueses não são incomodados por ninguém e podem pagar com prata ou ouro se não tiverem o dinheiro local, ou mesmo em artefatos pelos quais Harry se interesse. É fácil de encontrar, porque existe em quase todos os universos — como eu disse, esta pequena região não muda muito de universo para universo. Ou talvez não seja fácil de encontrar, mas pode ser encontrado. Um sujeito me contou que o Harry's parece existir em mais universos que a cidade de Washington. Ele havia até conhecido uma das minhas duplicatas, da última vez que estivera no Harry's, e pensou que tivesse voltado ao mesmo lugar até que jurei que não o conhecia. Ele tinha olhos tão estranhos que eu jamais me esqueceria deles.

Nunca ninguém voltou de outro universo, você sabe, porque ninguém jamais conseguiu encontrar o caminho de volta para exatamente o nosso universo. O que tivemos foi gente que tinha ouvido falar do Harry's por outros viajantes, em alguma outra realidade. Oh, talvez não fosse exatamente sobre o mesmo Harry's que tinham ouvido falar, mas sabiam que mais ou menos naquele local havia um bom lugar para comer e conversar.

Era estranho saber que cada vez que eu servia um hambúrguer a alguém, um zilhão de outros eus estavam servindo hambúrguer a um zilhão de fregueses — e todos ligeiramente diferentes.

Eles vêm ao Harry's para comer, trocam informações a respeito deles mesmos, enquanto estão comendo ou no estacionamento, e aproveitam para relaxar um pouco.

Eles chegavam lá, me contavam a respeito de todos esses outros universos, e eu tinha dezessete anos, cara. Era como nesses anúncios que o serviço de recrutamento da Marinha faz na televisão: conheça o mundo — só que era para conhecer os mundos, todos eles, não um apenas. Eu bebia as palavras dos fregueses. Ouvi-os falar de universos em que Cincinnati foi bombardeada por zepelins durante a Terceira Guerra Mundial, de mundos em que os dinossauros nunca se extinguiram e os maiores mamíferos são do tamanho de ratos, de cidades feitas de vidro colorido ou construídas debaixo da terra, de mundos em que a guerra química acabou com todos os homens, ou com todas as mulheres, ou com todos os homens e mulheres. Qualquer história que você já tenha ouvido, qualquer história que já tenha lido, aqueles sujeitos tinham

uma melhor para contar. Universos onde falar em voz alta é punido com a pena de morte — não pelo que você disse, mas por ter dito alguma coisa. Mundos com espaçonaves envolvidas em uma guerra contra Arcturus. Mulheres lindas, lugares exóticos, tudo que você jamais poderia desejar, está tudo lá, em algum lugar, mas você poderia levar uma eternidade para descobrir.

Escutei essas histórias durante meses. Concluí o segundo grau, mas não tinha recursos para freqüentar a universidade; por isso, continuei a trabalhar para Harry. O que eu ganhava dava para sobreviver. Conversei com essas pessoas de outros universos, cheguei a entrar em algumas daquelas naves, ou máquinas do tempo, ou seja lá o que forem, e pensei em como seria bom se pudesse viajar de universo em universo. Cada vez que eu não gostasse do rumo que as coisas estavam tomando, pop! O mundo inteiro ficaria diferente! Eu poderia ser um deus branco para os índios em um mundo em que os europeus e os asiáticos nunca haviam chegado à América, ou encontrar um universo em que as máquinas faziam todo o trabalho enquanto os humanos se divertiam.

Quando meu décimo oitavo aniversário chegou e passou sem nenhum sinal de que eu jamais sairia de West Virgínia, comecei a pensar a sério na questão, sabe? Comecei a fazer perguntas aos fregueses. Muitos me disseram para deixar de ser bobo; outros, simplesmente, desconversaram. Alguns, porém, acharam que era uma ótima idéia.

Houve um sujeito, certa noite... bem, era setembro, mas ainda fazia tanto calor quanto no meio do verão, mesmo durante a noite. A maioria dos meus amigos tinha ido embora — alguns entraram para a faculdade, outros arranjaram emprego em outra cidade, outros se casaram. Meu pai estava bebendo cada vez mais. Os outros rapazes estavam estudando. Comecei a dormir de dia, das oito da manhã às quatro da tarde, em vez de dormir de noite. O ar-condicionado do Harry's estava com defeito, e eu realmente estava disposto a deixar tudo para trás e sair à procura de um mundo melhor. Quando ouvi aqueles dois sujeitos sentados em uma mesa dizendo que talvez um deles tivesse lugar para passageiros na sua máquina, comecei a prestar atenção na conversa quando podia, quando não estava pegando hambúrgueres e Cocas.

Acontece que eu já conhecia um deles — desde que eu começara a trabalhar no Harry's, já estivera ali várias vezes. Parecia uma pessoa comum, mas chegava sempre por volta das três da manhã e conversava com aqueles tipos estranhos como se fossem velhos amigos. Calculei que ele próprio devia vir de outro mundo e por alguma razão preferira ficar no nosso. Aparecia no Harry's quase toda noite, durante uma ou duas semanas, depois desaparecia

durante meses, depois começava a aparecer de novo, até que cheguei a desconfiar de que houvesse resolvido o problema de navegação sobre o qual nossos fregueses costumavam falar. Mas pensei que era mais provável que tivesse parado de viajar, ou que na verdade não fosse a mesma pessoa todas as vezes, e sim várias pessoas parecidas. Em geral, quando isso acontecia, recebíamos dois ou três de cada vez, que pareciam gêmeos, mas no caso daquele cara era sempre apenas um, de modo que calculei, como já disse, que ou ele desistira de viajar ou descobrira uma forma de voltar sempre ao mesmo lugar.

O sujeito com quem ele estava conversando era novo; eu nunca o vira antes. Era alto e corpulento; devia ter mais de dois metros de altura. Entrou no restaurante sacudindo neve e fuligem de uma capa de plástico, me deu um sorriso e pediu um dos maiores sanduíches do Harry's, com tudo a que tinha direito. Cinco minutos depois, o freguês que eu conhecia se sentou à mesma mesa, e agora o outro estava dizendo a ele que tinha lugar na sua nave para qualquer um que quisesse uma carona.

Achei que aquela era a minha oportunidade; quando fui levar os sanduíches, abordei o assunto com muito tato, dizendo algo como:

— Desculpe, senhor, mas não pude deixar de ouvir o que estava dizendo; acha que teria lugar para um passageiro?

O sujeito riu e disse:

— Claro, garoto! Eu estava dizendo agora mesmo para o Joe aqui que poderia levá-lo e toda a sua bagagem, e posso levá-lo, também, se puder pagar a passagem!

— Tenho algumas economias — disse eu. — Quanto vai me cobrar?

O sujeito sorriu para mim de novo, mas Joe interveio antes que ele pudesse responder.

— Sid, pode nos desculpar por um minuto? Quero conversar com este rapaz, antes que ele cometa um grande erro.

— Vá em frente — disse Sid. Joe se levantou e gritou para Harry:

— Posso pegar o seu assistente emprestado por alguns minutos?

Harry respondeu que estava bem. Eu não tinha a menor idéia do que estava acontecendo, mas resolvi acompanhá-lo, e nós dois fomos conversar dentro do carro do sujeito.

E era um carro, mesmo — uma velha camionete Ford. Tinha equipamentos opcionais, como estofamento de veludo e janelas panorâmicas, e a traseira estava cheia de coisas, como roupas, material para acampar e outros objetos, mas nem sinal de máquinas ou coisa parecida. Eu ainda estava meio desconfiado, você sabe, porque alguns daqueles sujeitos disfarçavam as suas

naves, ou máquinas do tempo, ou fosse lá o que fosse, mas aquele carro parecia um carro comum, e foi isso que Joe disse que era. Ele ficou com o assento do motorista, eu me sentei no banco do carona e nos voltamos um para o outro, para conversar.

— Muito bem — disse ele. — Você sabe quem são todas essas pessoas? Gente como Sid?

— Claro. São de outras dimensões. Mundos paralelos.

Ele recostou o corpo no banco, olhou nos meus olhos e disse:

— Você sabe, hein? Sabe que nenhum deles jamais vai conseguir voltar para casa?

— Eu sei — disse, em tom petulante.

— E mesmo assim quer viajar com Sid para outros universos? Mesmo sabendo que nunca mais poderá voltar para este universo?

— Isso mesmo. Estou farto deste mundo. Não tenho nada aqui, a não ser meu emprego no restaurante. Quero ver algumas das coisas que os fregueses contam, em vez de apenas ouvir falar a respeito.

— Você quer ver prodígios e maravilhas, hein?

— Quero!

— Quer ver edifícios com centenas de metros de altura? Templos fantásticos? Oceanos com milhares de quilômetros de largura? Montanhas altíssimas? Planícies, desertos, povos e animais exóticos?

Aquilo era exatamente o que eu queria. Eu mesmo não teria dito tão bem.

— Quero — respondi. — É isso mesmo que eu quero.

— Você sempre viveu aqui?

— Quer dizer neste universo? Claro que sim.

— Não, quero dizer aqui em Sutton. Você sempre viveu aqui?

— Sempre — admiti.

Ele inclinou o corpo para a frente, juntou as mãos e sua voz assumiu um tom sério, como se ele estivesse querendo me impressionar.

— Garoto — disse —, não culpo você por ansiar por algo diferente; certamente eu não desejaria passar a vida inteira nessas colinas. Mas você está procurando a solução errada. Não deve pegar uma carona com Sid.

— Não? Por que não? Acha que eu devia construir minha própria máquina? Droga, não sou capaz nem mesmo de consertar o carburador do carro da mamãe!

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Garoto, você pode ver esses edifícios com centenas de metros de altura em Nova York ou Chicago. Os oce-

anos deste mundo são mais majestosos que na maioria dos outros universos. Vocês têm montanhas, planícies e desertos de primeira. Estou há oito anos no mundo de vocês, e de vez em quando venho ao Harry's para ver se alguém descobriu uma forma de se orientar no não-espaço para que eu possa voltar para casa. É um lugar muito interessante.

— Mas há também as espaçonaves, e...

Ele me interrompeu:

— Quer ver espaçonaves? Vá à Flórida e assista a um lançamento do ônibus espacial. É uma espaçonave para ninguém botar defeito. Pode não ir para outros planetas, mas é uma espaçonave. Quer conhecer animais exóticos? Visite a Austrália ou o Brasil. Quer conhecer pessoas estranhas? Vá a Nova York, Los Angeles ou qualquer grande cidade. Quer ver uma cidade esculpida no alto de uma montanha? Ela se chama Machu Picchu e fica no Peru, acho eu. Quer visitar ruínas antigas, misteriosas? Dê um passeio pela Grécia, pela Itália, pelo norte da África. Templos antigos? Conheça a India; existem mais de mil templos apenas em Benares. Visite Angkor Wat, ou as pirâmides... não só as egípcias, mas também as maias. E o melhor desses lugares, garoto, é que depois, se você quiser, pode voltar para casa. Você não é obrigado, mas pode. Quem sabe? Talvez um dia você sinta saudade de casa. A maioria das pessoas sente. Eu senti. Gostaria de ter conhecido melhor o meu mundo antes de me aventurar a conhecer outros.

Fiquei olhando para ele durante algum tempo, sem dizer nada.

— Não sei — murmurei, afinal. Para mim, parecia mais fácil entrar na máquina de Sid e desaparecer para sempre do que ir a Nova York, que estava a oitocentos quilômetros de distância. De repente, percebi que estava sendo infantil.

— Além disso — disse Joe —, se chegar à conclusão de que eu estava errado, poderá voltar ao Harry's e pegar uma carona com outro viajante. Não será Sid, é claro, mas você encontrará alguém. Em geral, os turistas de universos se sentem muito solitários, garoto; eles deixaram para trás tudo que conheciam. Vai ser fácil conseguir uma carona.

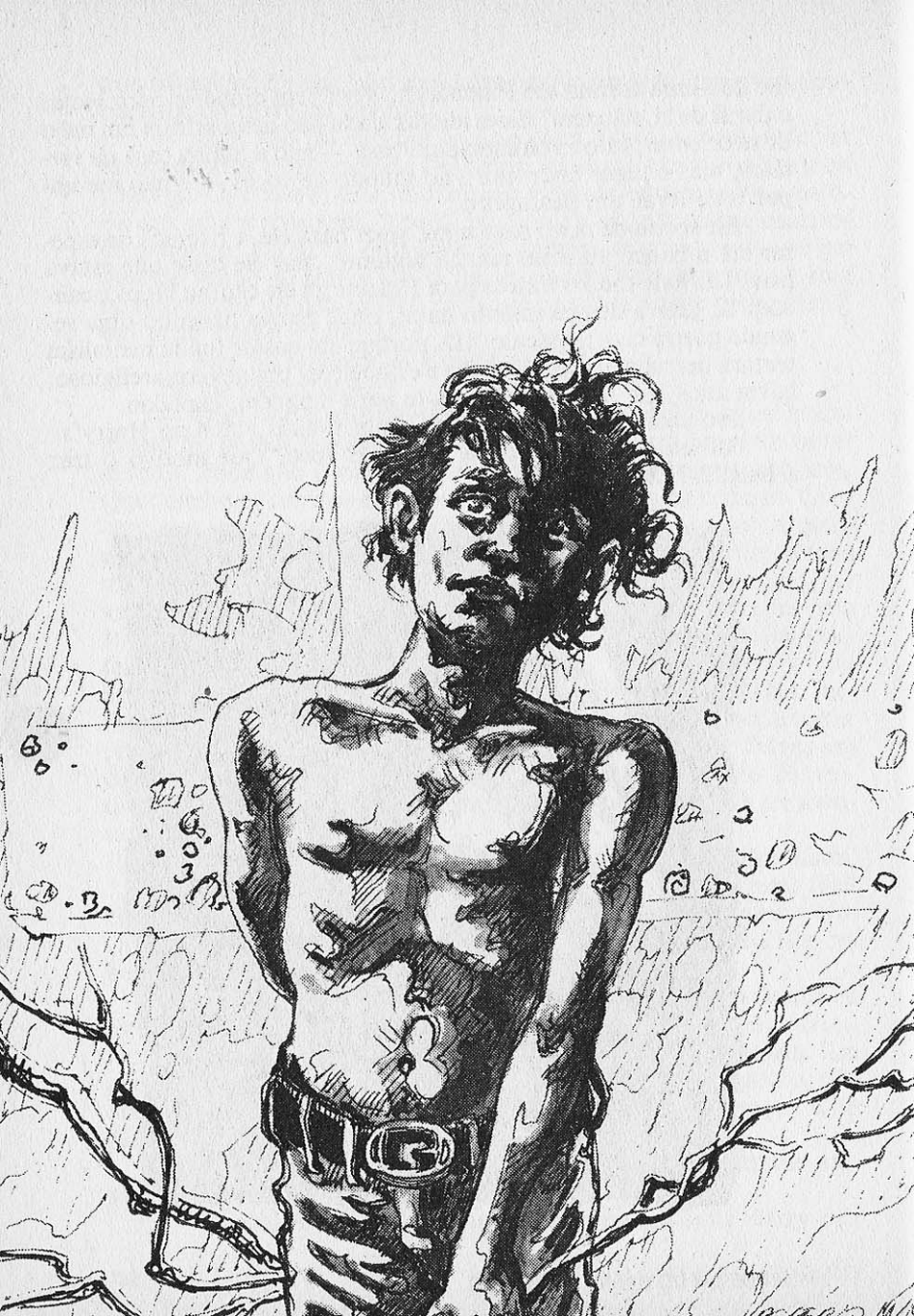
Aquele último argumento foi decisivo. Resolvi atender aos conselhos de Joe. Disse isso a ele, e ele sorriu.

— Ótimo! Agora arrume suas malas, despeça-se de Harry e eu lhe dou uma carona até Pittsburgh. Você tem dinheiro para viajar a partir de lá, não tem? Esses idiotas ainda não descobriram um meio de se orientar; estou voltando para casa — não a minha casa de verdade, mas o lugar onde moro no mundo de vocês — e não me importo de levar um passageiro.

Ele sorriu de novo para mim, sorri para ele, e tivemos de esperar até o banco abrir na manhã seguinte, mas ele disse que estava bem. Durante todo o trajeto para Pittsburgh ele cantou hinos e canções de guerra do seu mundo natal, onde estava havendo uma segunda guerra civil no século XIX porque um pastor fundamentalista tentara derrubar a Constituição e estabelecer um governo religioso; havia anos que não podia cantá-la para ninguém, explicou.

Isso aconteceu há seis anos, e nunca mais voltei ao Harry's.

Foi assim que comecei a viajar. E você? Que motivo o traz a Benares?

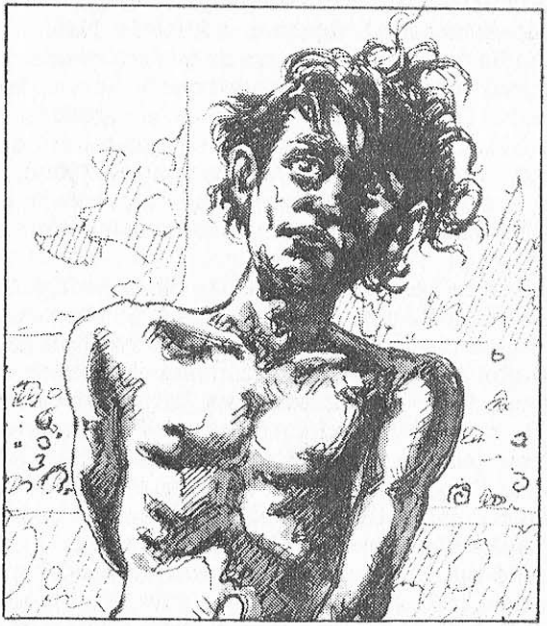


OLHO POR OLHO

Orson Scott Card

Tradução de Ronaldo Sergio de Biasi

Orson Scott Card volta a nossas páginas com uma novela que ganhou o prêmio Hugo.



Limite-se a falar, Mick. Conte-nos tudo. Estamos escutando.

Para começar, vocês sabem que eu estava fazendo coisas horríveis. Se você tem um mínimo de decência, não sai por aí matando outras pessoas. Mesmo que possa fazer isso sem tocá-las. Mesmo que possa fazer isso sem que saibam que foi você, deve evitar.

Quem lhe ensinou isso?

Ninguém. Quero dizer que não estava nos livros da Escola de Catecismo da Igreja Batista. Eles passavam o tempo todo dizendo à gente para não mentir, para não trabalhar no sábado e para não beber álcool. Ninguém falava em matar. Pelo que sei, o Senhor achava que matar era às vezes necessário, como quando Sansão liquidou os inimigos com uma queixada de jumento. Mil pessoas morreram, mas estava tudo bem, porque eram filisteus. E as caudas das raposas pegando fogo. Sansão fez muitos estragos, mas mesmo assim a Bíblia diz que ele era um herói.

Acho que Jesus foi o único sujeito que conseguiu espaço na Bíblia dizendo que as pessoas não deviam matar. Mesmo assim, tem a história daquele casal que o Senhor fulminou com um raio porque eles não quiseram oferecer nada à igreja cristã. Puxa, os pastores da TV não se cansam de repetir essa história! Não, não foi por causa da religião que eu me convenci de que era errado matar pessoas.

Sabem o que acho que foi? Acho que foram os cotovelos de Vondel Cone. No Orfanato da Igreja Batista, em Eden, Carolina do Norte, nós vivíamos jogando basquete. A quadra era de terra e toda esburacada, mas achávamos que fazia parte do jogo, a gente nunca saber para onde iria a bola depois de quicar. Aqueles caras do Campeonato Nacional, jogando numa quadra lisinha, praticam um jogo de meninas.

Jogávamos basquete porque não havia nada mais interessante para fazer. A única coisa que passava na TV eram os pastores. Havia programas com todos eles: Falwell de Lynchburg, Jim e Tammy de Charlotte, Jimmy Swaggart, com aquela cara de raiva dele, Ernest Ainglee, Billy Granam com o seu jeito de vice-presidente executivo de Deus... isso era tudo que a nossa TV mostrava. Não admira que a gente passasse o dia inteiro na quadra de basquete.

Vondel Cone não era muito alto, não era muito bom de arremesso, e naquela quadra ninguém podia ser muito bom para conduzir a bola. Mas ele tinha cotovelos. Quando os outros caras acertavam você era por acidente. Mas quando o cotovelo de Vondel achava a cara de alguém, o nariz da vítima ia parar na nuca. Pode apostar que todos nós aprendemos rapidinho a nos mantermos à distância. Ele tinha todo o espaço do mundo para arremessar e

ficava com todos os rebotes.

Mas nós dávamos o troco. Simplesmente recusávamos a contar os pontos dele. Dizíamos a contagem em voz alta, e era como se as cestas de Vondel jamais tivessem acontecido. Ele gritava, discutia, e ficávamos ali parados, fazendo que sim com a cabeça, para que ele não batesse na gente. Na cesta seguinte, quando dizíamos a contagem, continuávamos sem contar os pontos feitos por Vondel. Ele ficava louco. Gritava até perder a voz, mas ninguém contava os pontos que ele fazia roubando.

Vondel morreu de leucemia quando tinha quatorze anos. Nunca gostei dele.

Mas aprendi alguma coisa com ele. Aprendi que era injusto alguém conseguir o que queria simplesmente porque não se importava de machucar os outros. E quando finalmente percebi que eu era a pessoa que mais machucava os outros no mundo inteiro, compreendi imediatamente que aquilo não estava certo. Quero dizer: mesmo no Antigo Testamento, Moisés disse que o castigo deveria ser proporcional ao crime. Olho por olho, dente por dente. Mesmo Steven, foi isso que o velho Peleg disse antes que eu o matasse de câncer da próstata. Foi quando Peleg se internou no hospital que eu deixei o orfanato. Porque eu não era como Vondel. Eu não gosto de machucar as pessoas.

Mas isso não tem nada a ver com nada. Não sei sobre o que vocês querem que eu fale.

Fale, simplesmente, Mick. Sobre o que você quiser.

Não preciso contar a vocês toda a história da minha vida. Quero dizer: só comecei a desconfiar de alguma coisa depois que peguei aquele ônibus em Roanoke, de modo que posso começar por aí. Lembro-me de que procurei não me aborrecer quando a mulher na minha frente não tinha dinheiro trocado para a passagem. E não me zanguei quando o motorista ficou impaciente e disse à mulher para saltar. Não valia a pena matar ninguém por causa disso. É isso que sempre repito para mim mesmo quando fico zangado. Não vale a pena matar. Isso ajuda a me acalmar. De modo que passei a frente dela e enfiei uma nota de um dólar na caixa coletora.

— Duas — disse para o motorista.

— Não tenho troco — disse ele.

Eu poderia ter dito "Tudo bem", mas ele estava sendo tão grosseiro que eu tinha de fazer alguma coisa para mostrar como era ignorante. De modo que coloquei mais um níquel na caixa e disse:

— São trinta e cinco cents para mim, trinta e cinco para ela e a passagem do próximo sujeito que tomar o ônibus já está paga.

De modo que talvez eu tenha provocado o motorista. Sinto muito por isso, mas sou humano. Eu estava zangado.

— Não banque o espertinho, guri — disse o motorista. — Não sou obrigado a levar você, com passagem ou sem passagem.

A verdade é que, de acordo com a lei, ele era obrigado, sim, e de qualquer maneira eu sou branco e meu cabelo estava curto, de modo que o chefe dele provavelmente me daria razão se eu me queixasse. Eu poderia ter dito isso a ele. Só que nesse caso ficaria muito zangado, e nenhum homem merece morrer só porque está sendo antipático. De modo que olhei para o chão e disse:

— Desculpe, moço.

Eu não disse isso em tom atrevido. Não, estava sendo sincero.

Se ele tivesse deixado ficar, tudo estaria bem, não é? Eu estava zangado, sim, mas tinha conseguido me controlar, e era só esperar que a raiva passasse que ninguém sairia machucado. Mas quando virei as costas para procurar um lugar, ele arrancou com o ônibus com tal violência que perdi o equilíbrio e só não caí de cara no chão porque me agarrei no encosto de um banco e sentei no colo de urna pobre mulher.

Algumas outras pessoas disseram: "Ei!", meio zangadas, e mais tarde me dei conta de que estavam dizendo isso para o motorista, e na verdade estavam do meu lado. Mas na hora pensei que estivessem zangadas comigo, e isso, mais o susto que eu tinha levado, além do fato de que eu já estava irritado com o motorista, bem, a verdade é que perdi o controle. Podia sentir aquilo dentro de mim, como se fossem bolhinhas de gás se acumulando no sangue, correndo pelo meu corpo antes de se projetar contra o motorista do ônibus. Ele estava atrás de mim, de modo que não vi com meus olhos. Mas pude sentir aquela coisa fazer contato com ele, e revirá-lo por dentro, e quando finalmente se soltou de mim, eu não estava mais zangado. Mas sabia que o mal estava feito.

Eu sabia até mesmo o lugar. Era no fígado do motorista. Àquela altura, eu já entendia muito de câncer. Já não havia visto todo mundo que conhecia morrer de câncer? Já não lera todos os livros sobre câncer que havia na Biblioteca Pública de Eden? Você pode viver sem rins, pode extrair um pulmão, pode cortar fora boa parte do intestino e viver com um saco pendurado, mas não pode viver sem um fígado. Aquele homem estava morto. Dois anos no máximo, foi o tempo que lhe dei. Dois anos, tudo porque estava de mau humor e arrancou com o ônibus para dar uma lição num menino atrevido.

Eu me sentia pessimamente. Naquele dia, fazia quase oito meses, des-

de o Natal, naquele ano inteiro eu não fizera mal a ninguém.

Era o meu recorde de todos os tempos, e eu estava muito satisfeito com isso. Passei pela mulher que eu quase havia esmagado e me sentei na janela. Olhei para fora, mas não vi nada. Só podia pensar por que fui fazer isso. Será que ele tinha mulher e filhos? Se tivesse, seriam viúva e órfãos em pouco tempo, por minha causa. Podia senti-lo à distância. A fervura no seu ventre, fazendo o câncer crescer e impedindo que o fogo natural do corpo o queimasse. Queria tirá-lo de volta, de todo o coração, mas não podia. E como tantas vezes antes, pensei comigo mesmo que se tivesse coragem me mataria. Não podia entender por que não havia ainda morrido de câncer, já que odiava a mim mesmo muito mais do que havia odiado minhas vítimas.

A mulher ao meu lado começou a falar.

— Existem pessoas tão desagradáveis, não é mesmo?

Eu não estava com vontade de conversar, de modo que murmurei alguma coisa e olhei para o outro lado.

— Você foi muito gentil em me ajudar — disse ela.

Foi nessa hora que percebi que era a mesma mulher que não tinha troco.

— Não foi nada — respondi.

— Que é isso. Você não precisava fazer isso por mim — disse ela, colocando a mão na minha perna.

Olhei para ela. Era mais velha do que eu. Devia ter uns 25 anos e era bonitinha. Estava bem-vestida, de modo que se podia perceber que o problema dela quanto à passagem não se devia à falta de dinheiro. Ela também não tirou a mão da minha perna, o que me deixou nervoso, porque a coisa ruim que faço é muito mais forte quando estou em contato com uma pessoa, de modo que não gosto de encostar nas pessoas e me sinto mais seguro quando elas não encostam em mim. O homem que matei mais depressa foi um sujeito que começou a me apalpar quando eu estava no banheiro de um posto de gasolina na I-85. Quando saí, ele estava cuspindo sangue. Ficou todo arrebentado por dentro. De vez em quando, sonho com ele tentando respirar, ainda com a mão no meu corpo.

Por isso fiquei nervoso quando ela pôs a mão na minha perna no ônibus. Ou pelo menos foi um dos motivos, porque o toque da sua mão era agradável, e vi com o canto do olho como o peito dela mexia quando respirava e afinal de contas eu tenho dezessete anos e minhas reações são normais para a maioria das coisas. De modo que quando desejei que ela tirasse a mão, não desejei realmente que ela tirasse a mão.

Foi então que ela sorriu e disse:

— Mick, quero ajudar você.

Levei um segundo para perceber que ela havia me chamado pelo nome. Eu não conhecia muita gente em Roanoke, e certamente não conhecia aquela moça. Talvez fosse uma das freguesas do Sr. Kaiser, pensei. Mas elas não sabiam o meu nome. Pensei, por um momento, que talvez ela me tivesse visto trabalhando no depósito e tivesse perguntado o meu nome ao Sr. Kaiser ou coisa parecida. De modo que eu disse:

— Você é freguesa do Sr. Kaiser?

— Mick Winger — disse ela. -— Seu primeiro nome estava em um bilhete preso ao seu manto quando você foi deixado na porta da usina de lixo de Eden. Você mesmo escolheu o sobrenome quando fugiu do orfanato, e provavelmente o escolheu porque o primeiro filme que viu foi A Força do Destino. Você estava com quinze anos na época, e agora tem dezessete, e já matou mais pessoas do que Al Capone.

Fiquei nervoso quando ela disse meu nome completo e de onde ele vinha, porque para saber disso teria de estar me seguindo há anos. Mas quando disse que sabia que eu matava pessoas, me esqueci de ficar zangado. Toquei o sinal do ônibus, praticamente passei por cima dela para saltar e três segundos depois estava na calçada, correndo. Havia muito tempo que eu temia que alguém descobrisse a verdade a meu respeito, mas era ainda mais assustador perceber que ela devia saber a meu respeito havia muito tempo. Eu me sentia como se de repente descobrisse que havia alguém olhando pela janela do meu banheiro durante toda a minha vida.

Corri durante muito tempo, o que não era fácil, porque Roanoke é cheia de altos e baixos. A maior parte do tempo, porém, eu corri ladeira abaixo, em direção ao centro da cidade, onde podia entrar nos edifícios e sair pela porta dos fundos. Eu não sabia se ela estava me seguindo no momento, mas tinha me seguido por muito tempo, ela ou outra pessoa, sem que eu desconfiasse de nada, de modo que como eu podia saber se ela não estava me seguindo agora?

Enquanto corria, tentei decidir para onde ir. Uma coisa era certa: tinha de sair da cidade. Não podia voltar para o depósito, nem mesmo para me despedir, e isso me deixou muito triste, porque o Sr. Kaiser iria pensar que eu tinha ido embora sem nenhum motivo, como uma criança irresponsável. Poderia até ficar preocupado comigo quando eu não aparecesse nem mesmo para pegar minhas roupas no quartinho que ele me havia cedido para morar.

Pensar no que o Sr. Kaiser poderia achar da minha partida era uma

coisa estranha. Deixar Roanoke não iria ser como deixar o orfanato, e depois Eden, e depois a Carolina do Norte. Naqueles lugares, eu nunca tivera nada para deixar para trás. O Sr. Kaiser, porém, fora muito correto comigo, um velho muito simpático, que jamais bancava o mandão, jamais tentava me humilhar, pelo contrário, até me defendia, mostrando aos outros que não queria que ninguém mexesse comigo. Ele me contratara um ano e meio antes, quando menti que tinha dezesseis anos e ele fingiu que acreditou. E durante esse tempo todo, nunca fiquei zangado no trabalho, ou pelo menos não tão zangado a ponto de fazer mal às pessoas. Trabalhei duro, desenvolvi músculos que nem sabia que tinha, e também devo ter crescido uns quinze centímetros, porque minhas calças ficaram muito curtas. Eu acabava o dia com o corpo doído de tanto trabalhar, mas fiz por merecer o meu salário, não passei vexame diante dos mais velhos e o Sr. Kaiser nunca deu a impressão de que me aceitara por caridade, como o pessoal do orfanato vivia fazendo, como se eu devesse agradecer a eles por não me deixarem morrer de fome. O Guarda-Móveis Kaiser foi o melhor lugar que conheci na vida, o único lugar onde ninguém morreu por minha causa.

Eu sabia disso tudo, mas até o momento em que comecei a fugir nunca havia pensado que me sentiria tão mal em deixar Roanoke. Como alguém que estivesse morrendo. Senti-me tão mal que por algum tempo não tive nem idéia de para onde estava indo. Não que eu tenha começado a chorar ou coisa parecida.

Pouco depois, descobri que estava andando na Jefferson Street, no trecho em que ela passa por uma colina, antes de se alargar e virar uma avenida cheia de revendedores de automóveis e Burger Kings. Havia carros passando nos dois sentidos, mas eu estava pensando em outras coisas. Tentando descobrir por que nunca me zangara com o Sr. Kaiser. Outras pessoas haviam me tratado bem antes, não era como se eu levasse uma surra todas as noites, ou ninguém me desse nada, ou eu tivesse que comer comida de cachorro ou coisa parecida. Lembrei-me de todas aquelas pessoas no orfanato, elas estavam tentando apenas me transformar em um cristão e me dar uma boa educação. Só que nunca haviam aprendido a ser bondosas sem ser desagradáveis. Como o velho Peleg, o zelador preto, que era um velho simpático, que contava histórias, e nunca deixei ninguém chamá-lo de negro, nem pelas costas. Mas ele mesmo era racista, e descobri isso no dia em que ele me pegou junto com Jody Capel disputando quem podia parar de mijar mais vezes na mesma mijada. Nós dois tínhamos feito a mesma coisa, não tínhamos? Mas ele me mandou embora e começou a bater em Jody, e Jody começou a gritar, como se

estivesse morrendo, e comecei a berrar: “Não é justo! Você está ralhando com ele só porque ele é negro!”, mas ele nem ligou, foi tudo tão estranho, quero dizer, não que eu quisesse apanhar também, mas fiquei tão zangado e quando dei por mim estava segurando nele, tentando impedi-lo de bater em Jody, de modo que a fervura o pegou em cheio.

O que eu podia dizer para ele depois? Quando fui visitá-lo no hospital, estava com um tubo no braço e às vezes um tubo no nariz. Ele me contava histórias quando podia falar, e apenas apertava minha mão quando não podia. Ele tinha uma barriguinha antes de ficar doente, mas quando morreu era só pele e osso. E eu fui o responsável, não que eu quisesse que ele ficasse assim, mas não pude evitar. Mesmo as pessoas que eu gostava sofreram muito por minha causa, e Deus as ajudasse se eu estivesse perto, porque eu era como Deus de mau humor, assim que eu era, um Deus sem piedade, porque eu não podia lhes dar nada de bom, mas podia fazer-lhes muito mal. Eles me disseram que eu não devia visitar tanto o velho Peleg, porque não era bom para mim ficar vendo o veiho ser consumido pela doença. A Sra. Howard e o Sr. Dennis tiveram tumores simplesmente porque tentaram me impedir de ir ao hospital. Tantas pessoas estavam morrendo de câncer naquela época que resolveram fazer uma análise da água para ver se estava contaminada. Não era nenhuma contaminação, eu sabia, mas nunca contei a ninguém, porque eles me trancariam no hospício, e pode apostar que haveria uma epidemia no hospício uma semana depois que eu chegasse lá.

A verdade é que passei muito tempo sem saber que era o responsável. As pessoas simplesmente morriam, todas as pessoas de quem eu gostava, e sempre ficavam doentes depois que eu me zangava com elas, e sabe como as crianças se sentem culpadas quando uma pessoa morre depois que você grita com elas. O psicólogo chegou a dizer que se tratava de sentimentos perfeitamente naturais e que era óbvio que não era minha culpa, mas eu não podia acreditar. Afinal, comecei a perceber que as outras pessoas não sentiam aquela fervura que eu sentia, e não podiam saber o que os outros estavam sentindo a menos que olhassem ou perguntassem. Quero dizer: eu sabia quando minhas professoras iam ficar menstruadas antes mesmo que elas soubessem, e pode apostar que eu evitava me meter em encrenca num daqueles dias. Eu podia sentir, como se elas estivessem transmitindo uma mensagem. E havia outras pessoas que tinham um jeito de atrair você para elas, sem dizer nada, sem fazer nada, você entrava em uma sala e não podia tirar os olhos delas, queria ficar perto... eu via que os outros rapazes sentiam a mesma coisa, era uma espécie de simpatia instantânea, entende? Mas eu sentia como se es-

sas pessoas estivessem pegando fogo e de repente eu estava com muito frio e precisava me aquecer. E eu comentava isso com alguém e as pessoas me olhavam como se eu estivesse maluco, e finalmente compreendi que eu era o único que sentia coisas assim.

Depois que percebi isso, todas aquelas mortes começaram a fazer sentido. Todos aqueles tumores, aqueles dias em que as pessoas ficavam deitadas na cama do hospital, se transformando em múmias antes de morrer, toda a dor que sentiam antes que fossem drogadas até virar zumbis para não arrancarem as próprias entranhas tentando chegar ao lugar que doía tanto. Mutiladas, drogadas, irradiadas, carecas, só pele e osso, e eu sabia que a culpa era minha. Comecei a perceber a hora em que a coisa acontecia. Comecei a saber o tipo de câncer que seria, e onde, e quanto tempo levaria para matar. E estava sempre certo.

Vinte e cinco pessoas de que tenho conhecimento, e provavelmente outras que não sei.

E era ainda pior quando eu fugia. Viajava de carona, porque que outro jeito havia? Mas estava sempre com medo das pessoas que me davam carona, e se tentavam me dar uma cantada ou coisa parecida eu acabava com elas. E os guardas que me expulsavam dos lugares, também. Até que passei a achar que eu era a Morte em pessoa, com uma foice na mão e um capuz na cabeça, vagando por aí e todo mundo que chegava perto de mim batia as botas. Eu era assim. Eu era a coisa mais horrível que havia no mundo, eu era famílias despedaçadas e crianças sem pais e mães chorando a morte dos filhos, eu era tudo que as pessoas mais detestavam no mundo. Uma vez, pulei de um viaduto para me matar, mas só torci o tornozelo. O velho Peleg sempre dizia que eu era como um gato, não morreria, a menos que alguém me esfolasse, assasse a carne e a comesse, e depois curtisse o couro, fizesse um par de chinelos, usasse os chinelos até gastarem, depois queimasse os chinelos e espalhasse as cinzas, só então eu finalmente morreria. E acho que tinha razão, porque ainda estou vivo e isso é um milagre depois do que passei ultimamente.

Era em coisas assim que eu estava pensando, andando pela Jefferson, quando reparei que um carro que passara na outra direção e me vira, dera meia-volta e encostara no meio-fio ao meu lado. Fiquei tão surpreso que pensei que devia ser aquela mulher que me encontrara de novo, ou talvez alguém armado para me encher de tiros como no Miami Vice, e eu estava pronto para sair correndo quando vi que era apenas o Sr. Kaiser.

— Eu estava indo na outra direção, Mick. Quer uma carona para o trabalho?

Eu não podia contar-lhe o que estava fazendo.

— Hoje não, Sr. Kaiser — disse a ele.

Ele deve ter visto a minha expressão, porque disse:

— Vai largar o emprego, Mick?

Eu estava só pensando: não discuta comigo, Sr. Kaiser, deixe-me em paz, não quero fazer mal ao senhor, estou tão cheio de culpa e de ódio por mim mesmo que sou a morte esperando para explodir e acabar com alguém, não pode ver as fagulhas saltando de mim como os borrifos de um cachorro molhado?

— Sr. Kaiser, não quero falar sobre o assunto agora. Por favor.

Estava na hora certa para ele me dar uma lição de moral. Para me dizer que eu tinha de aprender a ser um menino responsável, e se não discutisse o assunto com ele como é que eu poderia aprender a fazer as coisas direito, e que a vida não é um passeio, de modo que às vezes você tem de fazer coisas que não está com vontade de fazer, e eu tenho sido melhor para você do que você merece, e você é exatamente como as pessoas me disseram que você era, um menino ingrato e preguiçoso e um vagabundo imprestável. Mas ele não disse nada disso.

— Está precisando de dinheiro? Posso adiantar-lhe uma parte do próximo pagamento.

— Não devo nada a ninguém — respondi.

— Se você está fugindo de alguém, venha para casa comigo e estará seguro lá.

O que eu podia dizer? É o senhor que precisa de proteção, Sr. Kaiser, e sou eu que provavelmente vou matá-lo. De modo que fiquei quieto, até que finalmente ele colocou a mão no meu ombro e disse:

— Está bem, Mick. Se um dia precisar de novo de um emprego ou de um lugar para ficar, conte comigo. Quando estiver instalado, escreva para mim que eu lhe mando suas coisas.

— Pode dar as minhas coisas para os pobres, Sr. Kaiser.

— Um velho judeu filho da puta como eu? — disse ele. — Eu não dou nada a ninguém.

Eu tive de rir, porque era isso que o capataz sempre dizia do Sr. Kaiser quando achava que o velho não estava escutando. E quando comecei a rir, senti que havia esfriado, como se estivesse pegando fogo e alguém despejasse um balde de água fria na minha cabeça.

— Cuide-se, Mick — disse ele. Ele me deu seu cartão e uma nota de vinte, que enfiou no meu bolso quando eu disse não obrigado. Depois, entrou

de novo no carro, fez um retorno arriscado, bem no meio do trânsito, e foi embora.

O encontro com o Sr. Kaiser pelo menos fizera minha cabeça voltar a funcionar. Ali estava eu, andando pela rua, onde todos podiam me ver, como o Sr. Kaiser me vira. Pelo menos até sair da cidade, eu devia tomar cuidado para que ninguém mais me visse. De modo que ali estava eu, entre aquelas duas colinas, cobertas de verde, e achei que devia escalar qualquer uma delas. Mas a encosta da que ficava do outro lado da rua parecia mais fácil de escalar, parecia mais convidativa, e achei que isso era uma ótima razão para escolhê-la, de modo que atravessei correndo a Jefferson Street, me desviando dos carros, enfiei-me no meio das árvores e comecei a subir. Estava escuro debaixo das folhas, mas não estava muito mais frio do que no sol, especialmente porque eu estava fazendo exercício. Levei algum tempo subindo, e justo no momento em que cheguei lá em cima o chão começou a tremer. Estava tão nervoso que pensei que fosse um terremoto, mas então ouvi o apito do trem e percebi que era um desses cargueiros que transportam carvão, tão pesado que podia fazer as trepadeiras caírem das paredes quando passava. Fiquei ali parado ouvindo o barulho do trem, que parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo, ali debaixo das árvores, escutei até o trem passar e depois saí para uma clareira.

E lá estava ela, esperando por mim, sentada debaixo de uma árvore.

Eu estava cansado demais para fugir, e assustado, também, por esbarrar com ela assim de repente, no momento em que pensava que escapara. Era como se eu estivesse correndo diretamente para ela desde que começara a subir a colina, como se ela tivesse amarrado uma corda em mim e estivesse me puxando para o alto da colina. E se ela era capaz de fazer isso, de que adiantava eu tentar fugir? Para onde iria? Quando eu virasse a esquina, ela estaria lá, me esperando. De modo que eu disse a ela:

— Está bem, o que você quer?

Ela fez um gesto para que eu me aproximasse. E eu me aproximei, mas não muito, porque não sabia o que ela pretendia.

— Sente-se, Mick. Precisamos conversar

Eu digo a você que não queria me sentar, não queria conversar, só queria dar o fora dali. E foi o que fiz, ou pelo menos pensei que estava fazendo. Comecei a me afastar, pensei, mas depois de dar três passos percebi que não estava me afastando, estava andando em torno dela. Como aquele planeta na aula de ciências, quanto mais eu andava, menos conseguia me distanciar. Era como se ela mandasse mais nas minhas pernas do que eu.

De modo que me sentei.

— Você não devia ter fugido de mim — disse ela.

O que eu estava pensando agora era se ela estava usando alguma coisa por baixo da blusa. E então pensei: que hora para pensar em uma coisa dessas! Mas continuei pensando.

— Promete ficar onde está até eu acabar de falar? — disse ela.

Quando ela se mexia, era como se as roupas ficassem quase transparentes por um segundo. Não podia tirar os olhos dela. Prometi.

Então, de repente, ela era apenas uma mulher. Não uma mulher feia, mas também nada de excepcional. Olhando para mim com olhos que pareciam carvões em brasa. Fiquei assustado de novo e tive vontade de sair correndo, especialmente porque agora estava começando a achar que ela estava realmente me afetando de alguma forma. Mas eu prometera, de modo que fiquei.

— Foi assim que começou.

— Assim que começou o quê? — perguntei.

— O que você acabou de sentir. O que fiz você sentir. Isso só funciona em pessoas como você. Ninguém mais pode sentir.

— Sentir o quê? — perguntei. Eu sabia o que ela queria dizer, mas não tinha certeza de que ela queria dizer o que eu sabia. Acho que estava com vergonha do que sentira por ela alguns minutos antes.

— Sentir isso — disse ela, e começou de novo, eu só podia pensar no corpo dela. Mas durou apenas poucos segundos, o suficiente para eu ter certeza de que ela estava fazendo aquilo comigo.

— Pare.

— Já parei — disse ela.

— Como você faz isso?

— Todo mundo pode fazer, pelo menos um pouco, Mick. Uma mulher olha para um homem, se interessa, e seu sistema bioelétrico entra em ação, produz alguns odores, o homem sente esses odores no ar e começa a prestar atenção nela.

— Funciona também no sentido contrário?

— Os homens estão sempre produzindo esses odores, Mick. Não faz diferença. Não é o cheiro de um homem que faz as mulheres terem idéias. Mas como eu disse, Mick, é uma coisa que qualquer um pode fazer. No caso de alguns homens, porém, não é o cheiro de uma mulher que os atrai, e sim o próprio sistema bioelétrico. O cheiro não é nada quando você pode sentir o calor do fogo. É a mesma coisa que quando você mata as pessoas, Mick. Se você não pudesse matar as pessoas do jeito que faz, também não receberia

tão bem os meus impulsos magnéticos.

Claro que não entendi tudo aquilo da primeira vez, e talvez esteja lembrando agora com palavras que ela só me ensinou mais tarde. Na época, porém, eu estava assustado, sim, porque ela sabia, e porque podia fazer coisas comigo, mas também estava excitado, porque parecia que ela sabia algumas respostas, como por exemplo por que eu matava as pessoas sem querer.

Mas quando lhe pedi para explicar tudo, ela disse que não podia.

— Estamos apenas começando a compreender o fenômeno, Mick. Existe um cientista sueco que fez algum progresso neste sentido. Mandamos algumas pessoas falar com ele. Lemos o livro que ele escreveu e talvez alguns de nós tenham compreendido o que leram. É preciso que você saiba, Mick, que só porque somos capazes de fazer isso não significa que a gente seja muito inteligente ou coisa parecida. Não nos ajuda a passar de ano na escola, por exemplo. Mas significa que o professor que nos reprovar morrerá mais cedo que os outros.

— Você é como eu! Pode matar os outros, também!

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é verdade. Quando estou realmente furiosa com alguém, quando realmente odeio uma pessoa, quando me esforço ao máximo, durante várias semanas, posso talvez provocar uma úlcera. Você está uma classe acima. Você e sua gente.

— Não tenho ninguém no mundo.

— Estou aqui, Mick, justamente por causa da sua gente. Pessoas que sabiam exatamente do que você era capaz desde o momento em que nasceu. Pessoas que sabiam que se você não tivesse um peito para mamar, não se limitaria a chorar; começaria a matar. Espalhando a morte em volta do seu berço. De modo que planejaram tudo desde o começo. Colocaram você em um orfanato. Para deixar as outras pessoas, todas aquelas pessoas bondosas, adoecerem e morrerem por sua causa. Quando você fosse mais velho, e tivesse controle sobre os seus poderes, viriam buscá-lo para lhe dizer quem você é e o levariam para viver com eles.

— Você faz parte dessa gente?

— Não. Estou aqui para prevenir você a respeito da sua gente. Estamos observando você há anos, e agora é tempo de preveni-lo.

— Agora é tempo? Passei quinze anos naquele orfanato matando todo mundo que se importava comigo, e se eles tivessem chegado, eles, ou você, ou qualquer um, e dito: Mick, você precisa se controlar ou vai machucar as pessoas, se alguém tivesse me dito: Mick, nós somos sua gente e vamos cuidar

de você, então talvez eu não tivesse tanto medo o tempo todo, talvez eu não tivesse matado tantas pessoas, já pensou nisso? — Ou talvez eu não tenha dito tudo isso, mas era assim que estava me sentindo, de modo que falei muito, arrasei com ela.

E então percebi que ela estava com medo, porque eu estava começando a ferver, e me dei conta de que estava a ponto de matá-la, de modo que procurei me controlar e gritei para que me deixasse em paz, e ela fez uma coisa maluca, estendeu a mão para mim, e eu gritei: Não me toque! Se ela me tocasse eu não agüentaria mais, eu deixaria sair aquela coisa que a arrebentaria por dentro, mas ela não me deu ouvidos e se inclinou na minha direção, de modo que rastejei em direção a uma árvore e me abracei naquela árvore. Fiquei ali agarrado na árvore, deixando que ela absorvesse toda a minha fervura, quase como se eu tivesse posto fogo na árvore. Provavelmente a matei. Ou talvez fosse tão grande que eu não podia fazer-lhe mal, mas ela tirou todo o fogo de mim, e depois a moça realmente me tocou, como ninguém jamais me tocara, o braço dela nas minhas costas, a mão segurando meu ombro, o rosto próximo do meu ouvido, e me disse:

— Mick, você não me machucou.

— Deixe-me em paz.

— Você não é como eles. Não entende? Eles gostam de matar. Eles matam de propósito. Só que não são fortes como você. Para começar, precisam tocar a vítima, ou estar muito perto dela. Têm de agir por mais tempo. São mais fortes do que eu, mas não tão fortes quanto você. De modo que vão procurar você, isto é certo, Mick, mas também vão ter medo de você, e sabe o que vai deixá-los mais assustados? O fato de que você não me matou, de que você pode controlar o seu poder.

— Geralmente, não posso. Não viu o que aconteceu com o motorista do ônibus?

— Você não é perfeito. Mas está tentando não matar as pessoas. Não compreende, Mick? Você não é como eles. Podem ser seus parentes de sangue, mas o seu lugar não é ao lado deles, e eles vão descobrir isso, e quando descobrirem...

De tudo que ela dissera, eu só podia pensar em uma coisa: nos meus parentes de sangue.

— Meu pai e minha mãe. Está me dizendo que vou conhecê-los?

— Estão chamando você agora, e é por isso que eu tinha de preveni-lo.

— Estão me chamando?

— Da mesma forma como chamei você para o alto desta colina. Só que

não fui apenas eu, é claro. Fomos todos nós.

— Subi aqui apenas para não ficar na rua.

— Nesse caso, por que atravessou a rua, em vez de escalar a outra colina? Vou lhe explicar como funciona. Sempre fez parte da raça humana, só que ninguém sabia. Um grupo de pessoas sincroniza seus sistemas bioelétricos para chamar alguém, que atende ao chamado, mais cedo ou mais tarde. Ou às vezes uma nação inteira se une para odiar alguém. Como o Irã com o xá, ou as Filipinas com Marcos.

— Eles simplesmente foram expulsos do país — argumentei.

— Mas já estavam mortalmente doentes, não estavam? Um país inteiro, unido no ódio, é capaz de provocar uma interferência constante no sistema bioelétrico da pessoa odiada. Um ruído permanente. Todos juntos, milhões de pessoas, conseguem fazer a mesma coisa de que você é capaz em um único acesso de raiva.

Considerei suas palavras por alguns momentos e me lembrei de todas as vezes em que duvidara de que fosse humano. Talvez eu fosse humano, afinal, mas humano como um cara com três braços é humano, ou como aquele sujeito dos filmes de terror, que sai por aí matando os adolescentes justo na hora em que estão trepando. E em todos esses filmes eles sempre tentam matar o cara, só que não conseguem, ele é esfaqueado, leva mil tiros, fica todo queimado, mas sempre volta, e ele é como eu, já tentei me matar várias vezes, mas não consegui.

Não. Espere um minuto.

Quero que isto fique bem explicado, para que vocês não pensem que sou maluco ou mentiroso. Não pulei daquele viaduto, como eu disse. Fiquei na amurada um tempão, vendo os carros passarem. Cada vez que um caminhão se aproximava, eu dizia é este, e começava a contar, e quando terminava a contagem eu dizia é agora. Só que não pulava. E depois sonhava que havia pulado, em todos esses sonhos eu quicava no caminhão, me levantava e ia embora mancando. Como no dia em que eu era pequeno e fiquei sentado no banheiro com aquelas tesouras de jardínagem, aquelas tesouras de mola. Fiquei ali sentado pensando em enfiá-las no meu estômago e depois largar o cabo, deixar que se abrissem e fizessem um estrago dentro de mim e cortassem meu coração ou coisa parecida. Fiquei ali tanto tempo que dormi sentado no vaso e depois sonhei que enterrara a tesoura, mas não saiu sangue, porque eu não podia morrer.

De modo que na verdade nunca tentei me matar. Mas pensava nisso o tempo todo. Eu era como aqueles monstros de filme, matando as pessoas,

mas rezando em segredo para que alguém descobrisse o que eu estava fazendo e me matasse primeiro.

— Por que você simplesmente não me mata? — indaguei.

E ali estava ela, com o rosto próximo do meu, e me disse, como se estivesse falando com o namorado:

— Tive você na mira do meu rifle, Mick, mas não apertei o gatilho. Porque vi alguma coisa em você. Vi que talvez você estivesse tentando se controlar. Que talvez não quisesse usar o seu poder para matar. De modo que deixei você viver, pensando que um dia estaria aqui assim, contando-lhe quem você é e lhe oferecendo uma esperança.

Achei que a esperança a que se referia era o fato de que minha mãe e meu pai estavam vivos e me queriam.

— Esperei por muito tempo, mas desisti. Não quero conhecer minha mãe e meu pai, depois que me abandonaram por todos esses anos. Não quero ver você, também, que não me avisou para não ficar zangado com o velho Peleg. Eu não queria matar o velho Peleg, mas não pude evitar! E você não fez nada para me impedir!

— Conversamos a respeito. Sabíamos que você estava matando pessoas enquanto tentava compreender a situação e controlar-se. A puberdade é a pior época, ainda pior do que a infância, e sabíamos que se não matássemos você estaríamos condenando à morte uma porção de gente... especialmente as pessoas de quem você mais gostava. É assim que acontece com a maioria dos rapazes da sua idade, eles ficam zangados com as pessoas de quem gostam, só que no seu caso você não podia deixar de matá-los, e o que isso faria com a sua mente? Em que tipo de pessoa você se transformaria? Alguns achavam que não tínhamos o direito de poupar-lhe a vida, nem mesmo para estudá-lo, porque seria como dispor de um remédio para o câncer e não usá-lo só para saber quanto tempo as pessoas levariam para morrer. Como naquela experiência em que o governo deixou de tratar alguns sifilíticos para saber como era a fase final da doença, embora pudesse curá-los no estágio inicial. Mas alguns de nós argumentaram: Mick não é uma doença, e uma bala de revólver não é penicilina. Eu disse a eles: Mick é uma pessoa especial. E eles disseram: sim, Mick é especial, ele mata mais do que todos os outros que conhecemos, e matamos os outros com um tiro, ou atropelamos com um caminhão, ou afogamos no mar, e aqui estamos com o pior de todos, e você quer conservá-lo vivo.

Comecei a chorar porque preferia que eles tivessem me matado, mas também porque era a primeira vez que eu pensava que podia haver gente

discutindo se eu devia viver ou não, e embora eu não entendesse direito, nem naquela hora nem agora, por que vocês não me contaram, tenho de dizer-lhes que saber que alguém sabia o que eu era e mesmo assim resolver não acabar comigo, isso me deixou tão comovido que comecei a chorar como uma criança.

Uma coisa levou a outra; eu chorando, ela tentando me consolar e logo percebi que ela estava querendo trepar ali mesmo. Mas isso me deixou nervoso.

— Como pode querer uma coisa dessas! Não posso me casar! Não posso ter filhos! Eles vão ser como ou! — argumentei.

Ela não discutiu comigo nem disse nada a respeito de controle de natalidade. Mais tarde desconfiei que estava certo, que ela queria ter um filho, e isso me mostrou claramente que era completamente louca. Vesti as calças, abotoei a camisa e evitei olhar enquanto ela se vestia.

— Eu podia obrigar você. Podia, sim. O poder que torna você capaz de matar também o torna muito sensível. Posso deixá-lo louco de desejo por mim.

— Então por que não faz isso?

— Por que você nâo mata sempre que fica com raiva?

— Porque ninguém tem esse direito.

— É isso mesmo..

— Acontece que você tem mais dez anos do que eu.

— Quinze.. Quase duas vezes a sua idade. Mas isso não quer dizer nada. Você vai se encontrar com os seus pais, e aposto que vai haver uma menina bonita esperando por você, e ela vai saber fazer isso muito melhor do que eu, ela vai deixar você tão aceso que suas calças vão descer sozinhas, porque é isso que eles mais querem de você. Eles querem os seus filhos. Tantos quantos forem possíveis, porque você é o mais forte que eles já produziram desde que o vovô Jake percebeu que o poder de amaldiçoar passava de pai para filho, de mãe para filha, e que era possível cruzar as pessoas para aumentar esse poder, como se faz com cachorros e cavalos. Eles vão usar você como um garanhão, mas quando descobrirem que você não gosta de matar pessoas e não quer colaborar com eles e que não quer obedecer às ordens deles, vão matar você. É por isso que vim preveni-lo. Sentimos quando eles começaram, a chamar você. Percebemos que estava na hora. E viemos avisá-lo.

A maior parte do que ela disse não fazia sentido para mim na ocasião. A própria idéia de ter parentes era tão nova para mim que eu não estava preocupado se eles estavam a fim de me matar, de me usar como reprodutor ou

qualquer outra coisa. Além disso, eu estava mesmo era pensando nela.

— Eu podia ter matado você.

— Talvez eu não me importe. E talvez eu não seja tão fácil assim de matar, Mick.

— Talvez você deva me dizer como se chama.

— Não posso — disse ela.

— Por quê?

— Porque se você resolver ficar do lado deles, e souber meu nome, estarei perdida.

— Não vou deixar ninguém lhe fazer mal.

Ela não respondeu. Disse para mim:

— Mick, você não sabe meu nome, mas não se esqueça de uma coisa. Tenho confiança em você, porque sei que você é bom e nunca desejou matar ninguém. Podia ter feito você me amar, e não fiz, porque quero que você decida o que quer por conta própria. E, mais importante que tudo, se vier comigo, terá a oportunidade de ver que talvez os seus poderes tenham um lado bom.

Acha que eu não tinha pensado nisso antes? Quando vi o Rambo acabando com todos aqueles caras, pensei: eu podia fazer a mesma coisa, e sem usar um revólver. E se alguém me pegasse como refém, como naquela história do Achille Lauro, não teríamos que nos preocupar com a impunidade dos terroristas. Em um piscar de olhos, eles estariam todos apodrecendo em um hospital.

— Você trabalha para o governo?

— Não, Mick.

De modo que eles não queriam que eu fosse um soldado. Eu estava um pouco desapontado. Achei que talvez pudesse ser útil para o governo. Mas não podia me apresentar como voluntário. Não podia chegar e dizer: já matei umas vinte pessoas com meus poderes mentais e posso fazer a mesma coisa com Fidel Castro e Kadhafi, se vocês quiserem. Porque se eles acreditam, você é um assassino, e se não acreditam, você acaba trancafiado num hospício.

— Acontece que não tem ninguém me chamando — argumentei. — Se eu não tivesse visto você hoje, não teria ido a lugar nenhum. Teria ficado com o Sr. Kaiser.

— Então por que você tirou todo o dinheiro do banco? E quando fugiu de mim, por que correu para a estrada, onde pretendia pegar uma carona pelo menos até Madison, e depois pegar outra para Eden?

Eu não tinha o que responder, porque não sabia direito porque tirara o dinheiro do banco, a menos que fosse como ela disse e eu estivesse planejan-

do deixar a cidade. Tinha sido apenas um impulso, fechar a minha conta, não pensei duas vezes, apenas coloquei os trezentos dólares na minha carteira e, pensando bem, estava mesmo indo para Eden. Só que não estava pensando nisso, mas apenas fazendo. Do mesmo jeito que escalara aquela colina.

— Eles são mais fortes do que nós. De modo que não podemos manter você aqui. Você tem de ir de qualquer jeito, tem de resolver este problema pessoalmente. O máximo que pudemos fazer foi colocar você do meu lado no ônibus e depois fazê-lo subir esta colina.

— Então por que você não vai comigo?

— Eles me matariam em dois segundos, bem na frente dos seus olhos, e não seria com a força do pensamento, Mick. Eles cortariam a minha cabeça com um machado.

— Eles conhecem você?

— Eles nos conhecem. Somos os únicos que sabem que vocês existem, de modo que somos os únicos capazes de detê-los. Não vou mentir para você, Mick. Se se juntar a eles, poderá encontrar-nos, aprenderá a reconhecer-nos, não é difícil, e poderá acabar conosco à distância, com toda a facilidade. Mas se se juntar a nos, a vantagem será nossa.

— Talvez eu não queira tomar nenhum partido. E depois de saber o que sei, talvez eu desista de ir para Eden. Talvez vá para Washington e me candidate a uma vaga na CIA.

— Talvez.

— E não tente me impedir.

— Claro que não.

— Então estamos conversados — disse eu. Simplesmente fui embora, e dessa vez não andei em círculos. Caminhei para o norte, passando pelo carro dela, passando pelos trilhos da estrada de ferro. E peguei uma carona para Washington.

Só que às seis horas da tarde, acordei, e o carro estava parando, e eu não sabia onde estava, devo ter dormido o dia inteiro, e o cara disse para mim:

— Aqui estamos. Eden, Carolina do Norte.

Quase sujei as calças.

— Eden!

— Não ficava muito longe do meu caminho — explicou. — Estou indo para Burlington, e essas estradas secundárias são bem mais agradáveis que a via expressa. Sabe que se eu pudesse nunca mais andaria na I-85?

Mas aquele era o mesmo cara que me dissera que tinha negócios em Washington, que partira de Bristol, que tinha de falar com um fulano em algu-

ma repartição pública, e ali estávamos em Eden. Não fazia o menor sentido, a não ser pelo que aquela mulher falara. Alguém estava me chamando, e se eu não viesse, eles me fariam dormir e chamariam quem estivesse ao volante. E ali estava eu. Em Eden, Carolina do Norte. Apavorado, ou pelo menos um pouco assustado, mas também pensando: se o que ela disse for verdade, vou conhecer os meus pais.

Não mudara muita coisa durante os dois anos desde que eu fugira do orfanato. As coisas não mudam muito em Eden, que não é uma cidade de verdade, e sim um aglomerado de três cidadezinhas que se juntaram para diminuir a despesa da prefeitura. As pessoas ainda pensam em Eden como sendo as três cidadezinhas. Não havia ninguém que estivesse muito interessado em me ver, e eu não estava muito interessado em ver ninguém. Ninguém que estivesse vivo. Eu não fazia a menor idéia de como meus pais poderiam me encontrar, ou de como eu poderia encontrá-los, mas enquanto isso não acontecia decidi procurar as únicas pessoas por quem eu tinha algum interesse. Na esperança de que não saíssem do túmulo para se vingar de mim.

Era ainda dia claro naquela época do ano, mas o tempo estava instável, com rajadas de vento, nuvens de chuva, o sol se escondendo atrás delas. O tipo de tarde que promete esfriar você, o que para mim estava muito bom. Eu tinha me sujado escalando aquela colina e não me incomodaria com um pouco de chuva. Tomei uma Coca numa lanchonete e fui ver o velho Peleg.

Ele estava enterrado em um pequeno cemitério, perto de uma velha igreja batista. Não a batista do sul, mas a batista dos negros, o que queria dizer que não tinha uma igreja bonita, com sala de aula e uma reitoria, mas apenas um edifício caiado de branco com um pequeno campanário e um gramado que parecia que tinha sido aparado à mão. O cemitério também era bem conservado. Ninguém por perto, e estava escuro por causa das nuvens, mas não senti medo dos túmulos, fui direto até o lugar onde estava o velho Peleg. Ninguém sabia que o sobrenome dele era Lindley. Não parecia o sobrenome de um negro, mas quando pensei melhor percebi que nenhum sobrenome parecia o sobrenome de um negro, porque Eden ainda é da época em que ninguém chama um negro pelo sobrenome. Ele cresceu em um estado racista, e nunca insistiu em que o chamassem de Sr. Lindley. O velho Peleg. Não que ele me abraçasse ou me levasse para passear ou me desse aquele tipo de atenção que deixa as pessoas comovidas. Ele nunca tentou ser meu pai ou coisa parecida. E se eu ficava rondando, ele sempre me arranjava trabalho para fazer e fazia questão que eu fizesse direito, e em geral quase não falávamos de nada a não ser o trabalho que estávamos fazendo, o que me fez pensar, parado ali, por

que estava com tanta vontade de chorar e por que me detestava mais por ter matado o velho Peleg do que por ter matado os outros.

Não os vi nem os ouvi chegar nem senti o cheiro do perfume de mamãe. Mesmo assim, sabia que estavam chegando, porque o ar começou a ferver. Não olhei para trás, mas sabia que estavam ali, e a que distância, porque estavam vivos. Soltando fagulhas como eu jamais havia visto alguém fazer a não ser eu mesmo. Era como se eu estivesse me vendo à distância pela primeira vez na minha vida. Mesmo enquanto me fazia arder de desejo, a garota de Roanoke nâo estava tão viva como eles. Eram iguais a mim.

O irônico é que foi isso que estragou tudo. Eu não queria que eles fossem como eu. Eu detestava soltar fagulhas, e ali estavam eles, se mostrando para mim, me fazendo ver como era um assassino visto de longe. Levei alguns segundos para perceber que também estavam com medo de mim. Reconheci o aspecto do medo, recordando a forma como o meu próprio sistema bioelétrico era moldado e modificado pelo medo. Claro que na hora eu não estava pensando em termos de um sistema bioelétrico, ou talvez estivesse, porque ela já me contara como era, mas sabe o que estou querendo dizer. Eles estavam com medo de mim. E eu sabia que era porque eu estava soltando todas as fagulhas que solto quando estou tão zangado comigo mesmo que me sinto a ponto de explodir. Eu estava ali parado diante da sepultura do velho Peleg, odiando a mim mesmo, de modo que naturalmente eles me viam como se eu estivesse me preparando para matar metade dos habitantes da cidade. Eles não sabiam que aquele ódio todo era para mim mesmo. Naturalmente, achavam que eu podia estar zangado com eles, por terem me deixado naquele orfanato há dezessete anos. Seria bem feito para eles se eu lhes desse um bom nó nas entranhas, mas eu não podia fazer isso, falando sério, não podia fazer, não diante do túmulo do velho Peleg, que eu amava muito mais que aqueles dois estranhos, não podia bancar o assassino com minha sombra repousando no túmulo do velho.

De modo que me acalmei como pude, dei meia-volta e ali estavam, minha mãe e meu pai. E tenho de confessar que quase dei uma gargalhada. Durante todos aqueles anos eu havia visto os pastores na TV, e costumávamos rir até a barriga doer do fato de que Tammy Bakker usava uma maquilagem tão pesada que podia ser uma negra por baixo (não tinha importância dizermos isso na frente do velho Peleg porque ele fora o primeiro a dizer) e ali estava minha mãe, tão pintada quanto os pastores e com o cabelo tão duro de laquê que poderia trabalhar na construção civil sem usar capacete. E sorrindo aquele mesmo sorriso meloso, e chorando aquelas mesmas lágrimas pegajosas,

e estendendo as mãos de um jeito tal que tive a impressão de que ia dizer "Louvado seja Cristo", e então ela disse: "Louvado seja Cristo", e chegou perto de mim e me deu um beijo tão cheio de cuspe que meu rosto ficou todo molhado.

Enxuguei o rosto com a manga da camisa e senti que meu pai ficou furioso porque achava que eu estava julgando minha mãe. Tenho de admitir que estava mesmo. O perfume dela era tão forte que me deixou tonto; parecia que havia assaltado uma moça da Avon. E ali estava meu papai, usando um terno azul muito bonito, como se fosse um homem de negócios, o cabelo secado com secador, de modo que ele sabia tão bem quanto eu que aspecto deviam ter as pessoas normais. Era impossível que não sentisse vergonha de ser visto com mamãe em público. Nesse caso, por que não dizia: "Mamãe, você devia usar menos pintura?" Foi isso que pensei, e só mais tarde me dei conta de que quando sua mulher pode fazer você ficar com câncer por irritá-la, você não chega para ela e diz que parece que passou serragem molhada no rosto ou que está cheirando como uma puta. Um monte de lixo, é isso que a minha mãe era, tão seguramente como se estivesse usando um rótulo de fábrica.

— Estamos muito contentes em ver você, filho — disse meu pai.

Eu não sabia o que dizer. Certamente não estava contente em vê-los, agora que os conhecia, porque não eram exatamente o que um órfão espera que seus pais sejam. De modo que sorri amarelo e olhei de novo para a sepultura do velho Peleg.

— Não parece surpreso em nos ver — disse meu pai.

Eu poderia ter falado da garota de Roanoke, mas fiquei quieto. Não me parecia direito contar a ele. De modo que tudo que eu disse foi:

— Senti que alguém estava me chamando para cá. E vocês dois são as únicas pessoas que conheço que emitem centelhas como eu. Se estão dizendo que são meus pais, eu acredito.

Mamãe deu um risinho e disse a ele:

— Viu só, Jesse? Ele chama de "centelhas"!

— A palavra que usamos é "poeira", filho — disse papai. — Quando alguém é como nós, dizemos que está empoeirado.

— Você foi um bebê muito empoeirado — disse mamãe. — Foi por isso que não pudemos ficar com você. Nunca ninguém vira um bebê tão empoeirado. Papa Lem nos fez levá-lo para o orfanato antes mesmo de você começar a mamar. Você nunca mamou, nem uma vez que fosse. — A pintura de mamãe estava escorrendo pelo rosto.

— Calma, Deeny — disse papai. — Não há necessidade de contar tudo

a ele de uma vez.

Empoeirado Não fazia sentido. Aquilo não parecia poeira! Eram centelhas luminosas, tão brilhantes que às vezes eu tinha que apertar os olhos para conseguir ver minhas mãos.

— Não parece poeira — protestei.

— O que você acha que parece? — perguntou papai.

— Centelhas. Acho que parecem centelhas.

— Nós também achamos — concordou papai. — Mas estamos acostumados a chamar de "poeira", e é mais fácil um menino mudar do que c... do que todos nós.

As palavras de papai tinham me ensinado muita coisa. Em primeiro lugar, eu tinha certeza de que mentira ao dizer que as coisas pareciam centelhas para eles. Não senhor. Parecia mesmo o nome que eles usavam. Poeira. E isso queria dizer que eu estava vendo as coisas muito mais fortes do que eles, e era bom eu saber disso, especialmente porque estava claro que papai não queria que eu soubesse. Queria que eu pensasse que ele era capaz de ver as coisas do mesmo jeito que eu, o que certamente não era verdade. Também fiquei sabendo que não queria me revelar quantos eles eram, porque começou a dizer um número começado por c, mas acabou não dizendo. Cinqüenta? Cinco mil? O número não era tão importante quanto o fato de não querer que eu soubesse. Eles não confiavam em mim. Pensando bem, por que confiariam? Como dissera a garota, eu era mais forte do que eles, e eles não sabiam até que ponto eu estava zangado por ter sido abandonado, e a última coisa que queriam era que eu começasse a matar gente. Especialmente eles mesmos.

Fiquei ali pensando em tudo isso, e logo eles começaram a ficar nervosos e mamãe disse:

— Papai, deixe ele usar o nome que quiser. Não queremos que ele fique zangado.

Papai riu e disse:

— Ele não está zangado, está, filho?

Será que eles não podiam saber o que eu estava sentindo? Claro que não. Para eles era poeira; os dois não eram capazes de enxergar com clareza.

— Você não parece muito feliz em nos ver — disse papai.

— Jesse, não pressione o menino. Papa Lem disse para não pressionar o menino. Apenas converse com ele, explique a ele por que tivemos de tirá-lo do ninho tão cedo. Explique a ele, papai, como Papa Lem mandou.

Pela primeira vez, me ocorreu que meus pais não queriam falar comigo. Estavam fazendo isso por ordem de um tal de Papa Lem. E posso apostar

que eles obedeceram sem pestanejar, pois sabiam que Papa Lem podia... mas daqui a pouco vou falar de Papa Lem, porque vocês me pediram para contar a história na ordem certa, é o que estou tentando fazer.

Pois papai explicou as coisas como a garota de Roanoke, só que não falou de sistemas bioelétricos. Disse que eu fora "escolhido" no instante do nascimento, que eu era "um dos eleitos", o que, se eu estava bem lembrado das aulas de catecismo, queria dizer que eu era uma das pessoas salvas por Deus só que eu nunca ouvira falar de alguém que fosse salvo na hora de nascer, antes mesmo de ser batizado. Eles viram que eu era muito empoeirado e sabiam que eu iria matar muita gente antes de aprender a controlar o meu poder. Perguntei-lhes se costumavam fazer isso, separar um bebê dos pais e mandá-lo para um orfanato.

— Oh, devemos ter feito isso uma dúzia de vezes — respondeu papai.

— E sempre deu certo? — perguntei.

Ele se preparou para mentir de novo. Eu podia ver isso pelas ondulações na sua luz. Não sabia que seria tão fácil detectar as mentiras deles. Era porque eles viam poeira em vez de centelhas.

— Quase sempre — respondeu.

— Gostaria de conhecer um dos outros — disse eu. — Devemos ter muita coisa em comum. Crescemos pensando que nossos pais nos odiassem, quando na verdade tinham medo de nós.

— Quase todos são adultos e foram morar longe daqui — afirmou papai, mas estava mentindo, e mais importante que tudo era o fato de que eu praticamente dissera que eles não valiam nada como pais e tudo que papai arranjou para dizer foi que eu não podia ver os outros "órfãos", o que me fez perceber que estava mentindo para ocultar alguma coisa realmente importante.

Mas achei melhor não insistir. Olhei para o túmulo do velho Peleg e imaginei se ele teria dito uma mentira em toda a sua vida.

— Não estou surpreso de encontrar você aqui — disse papai. Acho que ele estava nervoso e tinha de mudar de assunto. — Você empoeirou ele, não foi?

Empoeirou. A palavra me deixou furioso. O que eu fizera ao velho Peleg não podia ser chamado de empoeirar. E estar zangado deve ter me mudado o suficiente para que os dois percebessem a mudança. Mas não eram capazes de interpretá-la, porque mamãe disse:

— Filho, não tome isso como uma crítica, mas não é direito orgulhar-se dos dons de Deus. Foi por isso que viemos falar com você, porque precisamos lhe contar por que Deus escolheu você para ser um dos eleitos, e

não deve glorificar-se porque é capaz de eliminar seus inimigos. Deve oferecer toda a gloria a Deus, louvar o Seu nome, porque somos todos Seus servos.

Eu estava cada vez mais furioso. Glória! O velho Peleg valia dez vezes mais que aqueles dois palhaços que haviam me mandado embora antes mesmo que eu tivesse a chance de chupar um peito, e agora me diziam que eu devia oferecer a Deus toda a glória da agonia e morte do velho Peleg? Eu não conhecia Deus muito bem; pensava nele como uma pessoa séria e sisuda, como a Sra. Bethel, que dava aulas de catecismo quando eu era pequeno, antes de morrer de leucemia, e eu nunca tivera nada para dizer a Deus. Mas se Deus me dera o poder de matar o velho Peleg, e se Deus queria a glória pelo que eu fizera, então eu queria dizer a Deus umas coisinhas. Só que eu não acreditava nele. O velho Peleg acreditava em Deus, e o Deus em que ele acreditava não seria capaz de matar um velho simplesmente porque um menino tolo estava zangado com ele.

Mas estou perdendo o fio da meada, porque foi naquela hora que papai me tocou pela primeira vez. A mão dele estava tremendo. E tinha todo o direito de tremer, porque eu estava tão zangado que se aquilo tivesse acontecido um ano antes, ele estaria com um sangramento no intestino antes de tirar a mão. Mas eu aprendera a não matar as pessoas que me tocavam quando eu estava zangado, e o engraçado foi que o fato de a mão dele estar tremendo mudou minha maneira de pensar. Eu estava pensando que estava zangado porque eles haviam me abandonado e estava zangado porque eles achavam que eu ficaria orgulhoso de matar pessoas, mas agora compreendia que eles tinham sido muito corajosos em ir falar comigo, porque como iriam saber que eu não os mataria? Mas eles foram falar comigo assim mesmo. Mesmo que tivesse sido por ordem de Papa Lem, eles estavam ali, e agora eu percebia que mamãe fora muito corajosa de me beijar no rosto, porque se eu estivesse a fim de matá-la, ela me tocou e me deu uma chance de acabar com ela antes de tentar explicar qualquer coisa. Talvez fosse uma tática para conquistar minha confiança, mas mesmo assim exigia muita coragem. E ela também não aprovava que as pessoas se orgulhassem de matar gente, o que era um ponto a seu favor. E tinha a coragem de me dizer isso claramente. De modo que dei alguns pontos positivos para mamãe. Ela podia ter uma aparência tão patética quanto a de Tammy Bakker, mas estava se revelando mais corajosa do que papai na hora de enfrentar o filho assassino.

Papai me deu um tapinha no ombro e os dois me levaram para o carro deles. Era um Lincoln Town, e provavelmente estavam achando que eu ficaria impressionado, mas tudo que pensei foi de como teria sido no orfanato se dis-

puséssemos de uma quantia em dinheiro equivalente ao valor daquele carro, mesmo há quinze anos. Provavelmente poderíamos construir uma quadra de basquete cimentada. Poderíamos comprar alguns brinquedos decentes, que não fossem velhos. Teríamos calças sem buracos nos joelhos. Nunca me senti tão pobre na minha vida como quando me sentei naquele banco macio e ouvi o rádio estéreo tocar música de elevador no meu ouvido.

Havia mais alguém no carro. O que fazia sentido. Se eu tivesse matado os dois, precisariam de alguém para dirigir o carro de volta, não é mesmo? Ele não emitia muita poeira, nem centelhas. Só um pouquinho. E o pouquinho que emitia era medo puro. E logo percebi por que estava com medo, porque estava segurando uma venda e me disse:

— Sr. Yow, vamos ter de usar isso.

Eu não disse nada, o que o deixou ainda mais assustado, porque pensou que eu estivesse zangado, mas a verdade é que não compreendi logo que o "Sr. Yow" era eu.

— É o seu sobrenome, filho — explicou meu pai. — Meu nome é Jesse Yow e o da sua mãe é Minnie Rae Yow, de modo que você se chama Mick Yow.

— Eu jamais poderia adivinhar — disse eu. Estava brincando, mas eles não entenderam, achando que eu não havia gostado do nome deles. Mas eu era Mick Winger havia tanto tempo que nâo me sentia bem em ser chamado de Yow, e a verdade é que Yow é um sobrenome engraçado. Eles falaram como se eu devesse me orgulhar do nome, o que para mim era engraçado, mas para eles era o nome do Povo Escolhido de Deus, da mesma forma como os judeus se chamavam de israelitas na Bíblia. Eu não sabia disso naquele dia, mas foi desse jeito que eles disseram, com muito orgulho. E ficaram tristes quando fiz uma brincadeira, de modo que tentei consolá-los deixando Billy (Billy era o nome do homem que estava no carro) colocar a venda.

Rodamos por várias estradas secundárias, enquanto eles falavam sem parar. Falavam de pessoas que eu não conhecia, diziam que eu iria gostar muito de tal e tal pessoa, o que parecia cada vez menos provável para mim. Uma criança há muito perdida está voltando para casa, e você lhe pede para usar uma venda. Sabia que estávamos indo para leste, porque às vezes podia sentir o sol entrar pela janela e esquentar a minha nuca, mas isso não queria dizer muita coisa. Eles tinham mentido para mim, não queriam me mostrar nada, tinham medo de mim. Quero dizer: eles não estavam exatamente oferecendo um banquete para o filho pródigo. Eu estava em liberdade condicional. Ou talvez estivesse sendo julgado. O que, se me permite observar, é exatamente o que vocês estão fazendo comigo, também, e também não estou gostando

agora, como não estava gostando naquele dia, se vocês querem saber. Quero dizer: vai chegar a hora em que alguém vai ter de resolver se é melhor me matar ou me soltar, porque não vou poder me controlar para sempre preso como um rato em uma caixa de sapatos, e a diferença é que o rato não pode sair da caixa e fulminar vocês do jeito que eu posso, de modo que, logo, alguém vai ter de resolver se é melhor confiar em mim ou acabar comigo. Pessoalmente, prefiro que confiem em mim, já que dei mais razão para confiarem em mim do que vocês me deram para confiar em vocês.

O carro rodou por mais de uma hora. Àquela altura, já podíamos estar em Winston, Greensboro ou Danville. Todos pararam de falar. Pelos roncos, papai e mamãe estavam dormindo. Eu, porém, não estava dormindo. Estava olhando. Porque não vejo as centelhas com os meus olhos, vejo com outra coisa, como se minhas centelhas pudessem ver as centelhas das outras pessoas, de modo que a venda podia me impedir de ver a estrada, mas não me impedia de ver as pessoas ali no carro comigo. Eu sabia exatamente onde estavam e o que estavam sentindo. Sempre fui capaz de saber muita coisa sobre as pessoas, mesmo quando não podia ver centelhas, mas aquela era a primeira vez que eu via alguém que soltava centelhas como eu. De modo que ali estava eu, vendo como mamãe e papai agiam um com o outro mesmo quando não estavam se tocando nem dizendo nada, apenas emitindo pequenas centelhas de raiva ou medo ou... bem que procurei amor, mas não consegui encontrar nenhum, e sabia o que estava procurando, porque já senti algumas vezes. Eles eram como dois exércitos acampados em colinas próximas, esperando que a trégua acabasse ao amanhecer. Cautelosos. Enviando pequenos grupos de observação.

Quanto mais eu compreendia o que meus pais pensavam e sentiam um em relação ao outro, mais fácil ficava para mim entender o que se passava dentro de Billy. É como depois que você aprende a ler letras grandes, você pode ler letras pequenas, também, e imaginei se um dia poderia também entender as pessoas que não emitiam nenhuma centelha. Quero dizer que isso me ocorreu naquele dia e depois vim a descobrir que era verdade. Agora que tenho um pouco de prática, posso ler uma pessoa que emite centelhas a uma grande distância, e as pessoas comuns á uma distância média, mesmo através de paredes e janelas. Mas isso eu descobri mais tarde. Como quando vocês me observam através de espelhos. Posso também ver os fios dos microfones nas paredes.

Foi durante aquela viagem de carro que comecei a ver o que podia ver com os olhos fechados, a forma do sistema bioelétrico das pessoas, a cor e a pulsação, a velocidade, o ritmo, quero dizer, são essas as palavras que uso,

porque não existem muitos livros que eu possa ler a respeito. Talvez aquele médico sueco tenha palavras bonitas para descrever o que sinto. Só posso dizer o que representam para mim. E naquela hora eu já estava dominando a coisa, porque sabia que Billy estava com medo, sim, mas não era de mim que estava com medo, mas de mamãe e de papai. De mim ele estava com ciúme. Talvez com um pouquinho de medo, mas principalmente com ciúme. Achei que talvez estivesse também com inveja porque eu surgira do nada e já possuía mais centelhas do que ele, mas depois me dei conta de que provavelmente ele não podia saber que eu tinha centelhas, porque para ele eu devia parecer empoeirado, e ele não saberia reconhecer a diferença entre a minha poeira e a dos outros. Quanto mais luz você desprende, melhor pode reconhecer a luz das outras pessoas. De modo que era eu que estava com a venda, mas podia ver melhor do que as outras pessoas do carro.

Andamos em uma estrada de saibro por uns dez minutos, depois por uma estrada de terra, cheia de buracos, e de repente estávamos de volta ao asfalto, um asfalto lisinho. Depois de uns cem metros, o carro parou. Não esperei que me dessem permissão; meio segundo depois, eu já estava sem a venda.

Era como uma cidade inteira de casas, mas no meio das árvores, sem nenhuma brecha nas copas acima de nós. Eram umas cinqüenta ou sessenta casas, algumas delas bem grandes, mas as árvores as escondiam quase por completo, pois estávamos no verão. Crianças corriam por toda parte, moleques sujos, desde garotinhos recém-saídos das fraldas até rapazes como eu. Os meninos do orfanato eram mais limpos. E todos emitiam fagulhas. Quase todos eram como Billy, não tinham muitas, mas isso explicava por que não se lavavam com muita freqüência. É difícil achar uma mãe que esteja disposta a enfiar o filho numa banheira se ele pode deixá-la doente se ficar zangado.

Devia ser umas oito e meia da noite, mas ninguém estava ainda na cama, nem os meninos menores. Eles deviam deixar as crianças brincarem até caírem de cansadas. Ocorreu-me que talvez não fosse tão ruim ser educado em um orfanato. Pelo menos eu aprendera boas maneiras e não baixava a calça e fazia xixi na frente dos outros, como aquele garotinho estava fazendo, olhando para mim enquanto eu saltava do carro, como se aquilo não fosse nada de mais. Como um cachorro molhando uma árvore. Estava com vontade e pronto Se fizesse aquilo no orfanato, levaria uma surra.

Sei lidar com estranhos quando estou viajando de carona, mas não quando sou uma visita, porque os órfãos nunca são convidados para nada e por isso não têm experiência. De modo que eu teria ficado na minha de qual-

quer maneira, mesmo que não houvesse fagulhas. Papai queria me levar logo para conhecer Papa Lem, mas mamãe viu que eu estava sujo e talvez tenha adivinhado que eu tinha passado muito tempo sem ir ao banheiro, de modo que me levou para uma casa onde eles tinham um ótimo chuveiro, e quando saí havia um sanduíche de presunto à minha espera em cima da mesa. Estava dentro de um prato, e o prato estava em cima de uma toalhinha de linho, e havia também um grande copo de leite, tão gelado que o lado de fora do copo estava suado. Quero dizer: quando um menino órfão sonha como é ter uma mãe, o sonho é assim. Não tinha importância que ela não se parecesse com um modelo do catálogo da Sears. Eu me sentia limpo, o sanduíche estava gostoso, e quando acabei de comer ela me ofereceu um biscoito.

Era muito bom, devo admitir, mas mesmo assim eu me sentia roubado. Aquilo chegara tarde demais. Gostaria de ter vivido assim quando tinha sete anos, e não dezessete.

Mas mamãe estava tentando, e não era culpa dela, de modo que comi o biscoito, bebi o resto do leite e meu relógio disse que passava das nove. Do lado de fora, já estava escuro, e a maioria das crianças tinha finalmente ido para a cama, e papai entrou e disse:

— Papa Lem disse que está ficando velho.

Ele estava do lado de fora, em uma grande cadeira de balanço instalada no gramado. Não se podia chamá-lo de gordo, mas tinha uma barriga. E não se podia chamá-lo de velho, mas tinha uma careca no topo da cabeça e o cabelo era uma penugem amarela a branca. E não se podia chamá-lo de feio, mas tinha uma boca mole, e não gostei do modo como a torcia quando falava.

Ele era gordo, velho e feio, e o odiei assim que o vi. Um tipo escorregadio. Tinha menos centelhas do que meu pai, o que queria dizer que naquele lugar não se chegava a chefe só por ter mais daquela coisa que nos tornava diferentes. Imaginei se seria meu parente. Se tivesse filhos, e se fossem parecidos com ele, deviam afogá-los por pura misericórdia.

— Mick Yow — disse, olhando para mim. — Mick, meu menino querido, Mick, meu primo querido.

— Boa noite, senhor — disse eu.

— Oh, e ele tem boas maneiras — disse ele. — Fizemos bem em doar tanto dinheiro para o orfanato. Eles cuidaram muito bem de você.

— Fizeram doações para o orfanato? — perguntei. Se haviam doado alguma coisa, certamente não fora muito.

— Fizemos. O suficiente para pagar a sua alimentação, o seu quarto, a sua educação cristã. Mas nada de luxo. Não queríamos estragá-lo, Mick. Você

tinha de ser forte e esguio. E tinha de conhecer o sofrimento, para ter compaixão dos outros. O Senhor lhe ofereceu um dom maravilhoso, uma grande porção de sua graça, um prato cheio do poder de Deus, e precisávamos ter certeza de que você merecia um lugar no banquete do Senhor.

Ele falava tão parecido com os pastores da TV que quase olhei em volta à procura de uma câmara. E ele disse:

— Mick, você já passou no primeiro teste. Perdoou os seus pais por terem deixado você pensar que era órfão. Respeitou aquele sagrado mandamento, honrar pai e mãe, que os seus dias sejam longos na terra que o Senhor Deus lhes deu. Sabe que se tivesse levantado uma das mãos contra eles, o Senhor o teria abatido. Porque na verdade lhe digo que havia dois rifles apontados para você o tempo todo, e se seu pai e sua mãe tivessem se afastado sem você, você teria caído morto ali mesmo naquele cemitério de negros, porque com Deus não se brinca.

Eu não sabia se ele estava tentando me provocar ou me assustar ou o quê, mas independente do que fosse, estava conseguindo.

— O Senhor escolheu você para ser Seu servo, Mick, assim como escolheu todos nós. O resto do mundo não compreende. Mas vovô Jake entendeu. Há muito tempo, em 1820, ele percebeu que todas as pessoas que odiava acabavam morrendo, sem que tivesse de levantar um dedo. Durante algum tempo, pensou que talvez fosse como aqueles velhos bruxos, que amaldiçoam as pessoas e elas fenecem e morrem pelo poder do demônio. Mas ele era um homem temente a Deus, e não tinha nenhum pacto com Satanás. Vivia em uma época turbulenta, em que era comum os homens se matarem por razões banais, mas vovô Jake nunca matou ninguém. Nem jamais golpeou alguém com os punhos. Era um homem pacífico, e guardava sua raiva dentro dele, como manda o Senhor no Novo Testamento. De modo que certamente não era um servo de Satanás!

A voz de Papa Lem reboava pela pequena aldeia. Ele estava falando muito alto, e notei que havia um bando de pessoas à sua volta. Não vi muitas crianças, eram quase todos adultos, talvez estivessem ali para ouvir Lem, mas era ainda mais provável que estivessem ali para me ver. Porque era como dissera a garota de Roanoke, não havia ninguém ali que emitisse tantas centelhas quanto eu.

Eu não sabia se eles podiam ver isso, mas eu podia. Comparados com as pessoas normais, eles podiam ser empoeirados, suponho, mas comparados comigo, ou mesmo com mamãe e papai, quase não tinham brilho.

— Ele estudou as escrituras para descobrir o que significava o fato de

todos os seus inimigos sofrerem de tumores, hemorragias e tosse, e encontrou o verso do Gênese em que o Senhor disse a Abraão: "Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem." Ele compreendeu em seu coração que o Senhor o escolhera da mesma forma como escolhera Abraão. E quando Isaac deu a bênção de Deus a Jacó, ele disse: "Sirvam-te povos, e nações te reverenciem: maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar." As promessas para os patriarcas foram cumpridas novamente na pessoa do vovô Jake, pois quem o amaldiçoava era amaldiçoado por Deus.

Quando ele disse essas palavras da Bíblia, Papa Lem soava como o próprio Deus. Eu me senti exaltado, sabendo que era Deus quem dava um poder tão grande à minha família. E pelo que Papa Lem estava dizendo, era para toda a família, pois o Senhor prometera a Abraão que seus filhos seriam tão numerosos quanto as estrelas do céu, o que era muito mais do que Abraão imaginava, já que ele não tinha telescópio. E aquela promessa agora se aplicava a vovô Jake, como aquela que dizia "em ti todas as famílias da terra serão abençoadas". Por isso, vovô Jake começou a estudar o livro do Gênese, para poder cumprir aquelas promessas, como os patriarcas haviam feito. Ele viu que eles haviam tomado o cuidado de se casar apenas com parentes — você sabe que Abraão se casou com a filha do irmão, Sara, e Isaac se casou com a prima Rebeca, e Jacó se casou com as primas Lia e Raquel. De modo que vovô Jake deixou a primeira mulher, que não tinha centelhas, e se interessou pela filha do irmão, e quando o irmão ameaçou matá-lo se ele tocasse na garota, vovô Jake fugiu com ela e o irmão morreu de uma praga, que foi exatamente o que aconteceu com o pai de Sara na Bíblia. Quero dizer que vovô Jake fez tudo igualzinho. E ele fez todos os seus filhos se casarem com primas em primeiro grau, para que todos os filhos tivessem muitas centelhas. Como cruzar pointers com pointers e não misturá-los com outras raças, para manter pura a linhagem.

Ele contou outras histórias a respeito de Ló e suas filhas, e que se permanecessemos fiéis seríamos os mansos que herdarão a terra porque somos o povo escolhido e o Senhor fulminaria qualquer um que estivesse no nosso caminho, mas no fundo tudo se resumia ao seguinte: você se casava com a mulher que o patriarca escolhesse para você, e Papa Lem era o patriarca. Ele obrigou papai a casar com mamãe, embora os dois, sendo primos, não gostassem particularmente um do outro, porque sabia que os dois eram bem-dotados, isto é, tinham muitas centelhas. E quando nasci, eles logo perceberam que a decisão de Papa Lem fora acertada, porque o Senhor os abençoou com

um menino que soltava mais poeira que um caminhão de lixo em uma estrada de terra.

Uma coisa que ele me perguntou com muito interesse foi se eu já havia trepado.

— Já derramou a semente entre as filhas de Ismael e Esaú? — perguntou.

Eu sabta o que era derramar a semente, por causa das aulas de catecismo. Não sabia ao certo quem eram as filhas de Ismael e Esaú, mas como eu realmente nunca havia trepado com ninguém, achei que era seguro responder que não. Mesmo assim, hesitei por um segundo, porque o que me veio à mente foi aquela garota de Roanoke, que me deixara louco de desejo e por pouco não me fizera perder a virgindade. Imaginei se a garota de Roanoke seria filha de Esaú.

Papa Lem percebeu a minha hesitação e não perdeu tempo:

— Não minta para mim, menino. Eu percebo longe quando alguém está mentindo.

Como eu percebia de longe quando alguém estava mentindo, não duvidava que os outros fossem capazes de fazê-lo. Pensando melhor, muitos adultos já me haviam dito que não havia mentiras capazes de enganá-los, mas metade do tempo me acusavam de mentir quando eu estava dizendo a verdade e a outra metade do tempo acreditavam em mim quando eu estava pregando mentiras tão grandes que seria preciso dois homens para carregá-las. De modo que talvez ele pudesse e talvez não pudesse. Resolvi dizer a verdade.

— Eu estava com vergonha que confessar que nunca dormi com uma garota — expliquei.

— Ah, as ilusões do mundo! Fazem a promiscuidade parecer tão normal que um menino tem vergonha de admitir que é casto. — Então um brilho apareceu nos seus olhos. — Sei que as filhas de Esaú têm vigiado você, tentando roubar seus direitos de nascimento. Não é verdade?

— Não sei quem é Esaú — disse eu.

Isso fez as pessoas que estavam à nossa volta começarem a resmungar.

Expliquei:

— Quero dizer, sei quem ele era na Bíblia, era o irmão de Jacó, aquele que vendeu o direito de nascimento por uma sopa de lentilhas.

— Jacó era o herdeiro de direito, o verdadeiro filho mais velho — disse Papa Lem —, e não se esqueça disso. Foi Esaú que abandonou o pai e foi viver na floresta, rejeitando as coisas de Deus e abraçando as mentiras e pecados do mundo. Foi Esaú que desposou uma mulher estrangeira, que nâo era da tribo!

Está me entendendo?

Àquela altura, eu estava entendendo muito bem. Era óbvio que alguém se cansara de viver sob a tutela de Papa Lem, ou talvez do seu antecessor, e criara uma cisão.

— Cuidado — disse Papa Lem — porque as filhas de Esaú e Ismael ainda cobiçam as bênçãos de Jacó. Elas querem corromper a semente pura de vovô Jake. Elas têm uma quantidade suficiente da bênção de Deus para saber que você é um menino notável, como José que foi vendido no Egito, e virão procurá-lo com seus planos diabólicos, como a mulher de Putifar procurou José, tentando persuadi-lo a lhes dar sua semente pura e imaculada, para que possam ter a bênção que seus pais recusaram.

Confesso que não estava gostando de que ele falasse daquele jeito da minha semente na frente de homens e mulheres, mas isso nâo era nada em comparação com o que fez em seguida. Acenou com a mão para uma garota que estava no meio do grupo e ela se aproximou de nós. Não era feia, embora tivesse cara de matuta. O cabelo estava despenteado, não parecia muito limpa e tinha um andar arrastado, mas as feições eram regulares e parecia ter todos os dentes. Bonitinha, mas não era o meu tipo, entende?

Papa Lem nos apresentou. Era sua filha, o que eu já devia ter adivinhado, e ele disse para ela:

— Quer ir com este homem?

Ela olhou para ele e disse:

— Quero.

E me deu um largo sorriso, e de repente aconteceu de novo o que ocorrera com a garota de Roanoke, só que muito mais forte, porque afinal de contas a garota de Roanoke nâo tinha muitas centelhas. Eu estava ali parado e só podia pensar que queria tirar-lhe a roupa e fazer aquilo com ela ali na frente de todo mundo, e nem mesmo me incomodava de que todas aquelas pessoas estivessem olhando, tão forte que era o meu desejo.

E eu estava gostando. Quero dizer: é impossível ignorar uma sensação daquelas. Mas outra parte de mim estava me dizendo: “Mick Winger, seu tolo, essa garota é tão sem graça quanto uma pia de cozinha, e todas essas pessoas estão assistindo enquanto ela faz você bancar o idiota”, e foi essa parte de mim que ficou zangada, porque eu não gostava que ela estivesse me obrigando a fazer alguma coisa, e não queria que acontecesse ali, na frente de todos, e principalmente não gostava de Papa Lem ali sentado, olhando para mim e para a própria filha como se estivéssemos em uma revista de sexo.

Acontece que quando fico zangado, fico cheio de centelhas, e quan-

to mais zangado eu ficava, mais podia ver como ela estava fazendo aquilo, como se fosse um ímã, atraindo-me para ela. E no momento em que pensei em nós como se fôssemos ímãs, peguei todas as centelhas da minha zanga e usei-as. Não para machucá-la, porque não coloquei as centelhas nela do jeito que fizera com as pessoas que matei. Simplesmente virei as centelhas dela de cabeça para baixo. Ela estava emitindo mais centelhas do que nunca, mas elas pararam de fazer efeito, e no momento em que isso aconteceu, foi como se tivesse desaparecido. Quero dizer: eu podia vê-la, mas não tinha mais nenhum interesse por ela. Meus olhos se recusavam a focalizá-la.

Papa Lem se levantou de um pulo e os outros abriram a boca. A garota parou de soltar centelhas, caiu de joelhos e começou a vomitar. Ou tinha um estômago muito fraco ou o que fiz com ela fora muito mais forte do que eu pensava. Ela estava dando tudo que tinha, penso eu, e quando joguei as centelhas de volta para ela, sei lá... o que sei é que quando a levantaram, mal podia andar. Estava muito nervosa, também, gritando que eu era feio e mau, e eu poderia até ter ficado ofendido, se não estivesse morrendo de medo.

Papa Lem parecia a ira divina.

— Você rejeitou o santo sacramento do matrimônio! Desprezou a companheira oferecida por Deus!

Agora vocês precisam levar em conta que eu ainda não sabia direito das coisas, caso contrário não ficaria tão assustado, mas pelo que eu sabia, Papa Lem poderia me matar de câncer na hora que quisesse. No mínimo, podia mandar aqueles pessoas me darem uma surra, de modo que, pensando melhor, eu tinha mesmo motivos para ficar com medo. O fato é que comecei a pensar em um jeito de acalmá-lo, e acho que não me saí: muito mal, porque funcionou, não funcionou?

Disse para ele, procurando não levantar a voz:

— Papa Lem, ela não é a companheira ideal para mim. — Não era à toa que eu havia assistido a todos aqueles pastores na TV. Sabia falar como na Bíblia. Continuei: — Ela não é suficientemente abençoada para ser minha esposa. Não é tão abençoada como minha mãe. Não é a companheira que o Senhor reservou para mim.

Aquilo fez Papa Lem mudar de tom.

— Eu sei — disse ele. — E não estava mais falando como um pastor, era eu que estava falando como um pastor e ele apenas tentava se defender. — Pensa que não sei? São aquelas filhas de Esaú, são elas, Mick, você deve saber disso. Tivemos cinco meninas que eram muito mais empoeiradas que minha filha, mas tivemos de mandá-las embora, porque eram como você, tão

fortes que teriam matado os próprios pais no primeiro acesso de raiva.

-— Mas vocês me trouxeram de volta, não trouxeram? — argumentei,

—- Você estava vivo, Mick, e tem de admitir que isso tornou as coisas bem mais fáceis.

— Quer dizer que essas meninas estão todas mortas?

— Foram as filhas de Esaú. Mataram três delas a tiros, estrangularam outra, e jamais encontramos o corpo da última. Nenhuma chegou aos dez anos de idade.

Pensei na garota de Roanoke, que me disse que eu estivera algumas vezes na sua alça de mira. Mas ela me deixou viver. Por quê? Por causa de minha semente? Aquelas meninas também deviam ter uma semente. Mas eles mataram as meninas e me deixaram viver. Eu não sabia por quê. Droga, ainda não sei, não se vocês pretendem me manter aqui trancado o resto da vida. Quero dizer: vocês poderiam ter acabado comigo quando eu tinha seis anos, e nesse caso várias pessoas de bem ainda estariam vivas, de modo que não agradeço pelo favor, se vocês não pretendem me libertar.

Eu disse a Papa Lem:

— Eu não sabia disso. Sinto muito.

E ele me disse:

— Mick, compreendo que esteja desapontado, agora que vejo o quanto foi abençoado pelo Senhor. Mas garanto a você que minha filha é a melhor menina em idade de casar que temos aqui. Não estava tentando impô-la a você porque é minha filha — seria uma blasfêmia, e sou um servo de Deus. As pessoas aqui presentes são testemunhas da minha honestidade; elas podem lhe dizer que eu jamais lhe ofereceria minha própria filha se ela não fosse o melhor que temos.

Se ela era o melhor que tinham, então as leis contra casamentos consangüíneos faziam muito sentido. Mas eu disse a ele:

— Por que não esperamos para ver se aparece uma menina mais jovem, que ainda não chegou à idade de casar? — Lembrei-me da história de Jacó, que eu aprendera no catecismo, e já que eles tinham tanta admiração por Jacó achei que daria certo. — Não se esqueça de que Jacó serviu durante sete anos antes de se casar com Raquel. Estou disposto a esperar.

Aquilo o deixou impressionado. Ele disse:

— Você tem o espírito de um profeta, Mick. Tenho certeza de que um dia será Papa no meu lugar, quando o Senhor me levar para o lado dos meus pais. Mas não se esqueça de que antes de Jacó se casar com Raquel ele desposou Lia, a irmã mais velha.

A irmã mais feia, pensei, mas não disse. Limitei-me a sorrir e dizer a ele que não me esqueceria disso, que teríamos muito tempo para conversar no dia seguinte, porque já era noite e eu estava cansado e passara por muita coisa, e precisava pensar. Eu estava realmente entrando no espírito bíblico, porque disse a ele:

— Lembre-se de que Jacó teve de dormir para sonhar com a escada para o céu.

Todo mundo riu, mas Papa Lem ainda não estava satisfeito. Ele estava disposto a adiar o casamento por alguns dias, mas havia uma coisa que não podia esperar. Olhou para mim nos olhos e disse:

— Mick, você tem de escolher. O Senhor disse: "Aqueles que não estão do meu lado estão contra mim." Josué disse: "Escolhei neste dia a quem servireis." E Moisés disse: "Chamo o céu e a terra para registrar este dia contra ti, que coloquei diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe a vida, para que tu e tua semente possam viver."

Acho que seria impossível descrever minha situação com maior clareza. Eu podia escolher entre viver ali, entre os escolhidos, cercado de crianças sujas e com um velho seboso me dizendo com quem casar e se eu podia ou não criar meus filhos, ou podia dizer que não e ter os miolos estourados ou talvez apenas ganhar um câncer — eu não sabia se eles preferiam me matar depressa ou devagar. Provavelmente, optariam pela morte rápida, antes que eu tivesse tempo de espalhar minha semente pelas filhas de Esaú.

Por isso, dei-lhe minha palavra mais solene e hipócrita de que serviria ao Senhor e viveria entre eles até o fim dos meus dias. Como eu já disse, não sabia se ele era capaz de saber se eu estava mentindo ou não. Mas ele fez que sim com a cabeça e sorriu, de modo que parecia ter acreditado. O problema é que eu sabia que ele estava mentindo, isto é, que não havia acreditado em mim, o que queria dizer que eu estava em grandes apuros. Na verdade, ele estava muito zangado e muito assustado, também, embora procurasse disfarçar com todos aqueles sorrisos. Mas eu sabia que ele sabia que eu não estava disposto a ficar ali no meio daqueles malucos que transavam com as primas e faziam questão de não aprender nada que prestasse. O que queria dizer que já estava planejando me matar, e quanto mais cedo melhor.

Não, é melhor eu contar a verdade. Não sou tão esperto assim. Já havia entrado na casa quando comecei a pensar se realmente ele havia acreditado em mim, e mamãe já me fizera vestir um pijama e me levara para um quarto limpo e estava levando minha calça, minha camisa e minha cueca para lavar quando me ocorreu que talvez eu fosse precisar de alguma coisa mais quente

que um pijama durante a noite. Disse a ela que ficaria muito zangado se não me devolvesse as roupas, e ela me atendeu — tinha medo do que poderia acontecer com ela se não me obedecesse. Foi aí que me ocorreu que talvez eu tivesse piorado as coisas pedindo minha roupa de volta, porque isso os faria pensar que eu estava pretendendo fugir, de modo que talvez nem estivessem planejando me matar inicialmente, mas agora certamente estariam, de modo que talvez aquilo não tivesse sido uma boa idéia. Só que, no final das contas, eu preferia estar errado em um ponto e pelo menos ter as minhas roupas do que estar errado no outro e ter de sair por aí de pijama. Não se consegue ir muito longe descalço e de pijama, mesmo no verão.

Assim que mamãe saiu do quarto e desceu a escada, vesti-me de novo, calcei os sapatos e entrei debaixo das cobertas. Estava acostumado a passar a noite ao ar livre, de modo que não me incomodava de dormir vestido. O que me deixou aflito foi deitar na cama usando sapatos. Se ainda estivesse no orfanato, levaria uma bronca daquelas.

Fiquei ali deitado, no escuro, pensando no que fazer. Eu sabia como chegar à estrada, mas de que adiantaria? Não sabia onde estava nem para onde ia a estrada, e não é seguro andar às cegas pelo interior da Carolina do Norte: se não se tropeça em alguma coisa no escuro, acaba-se esbarrando em alguma plantação de maconha ou alambique clandestino, e eles estouram os seus miolos, para não falar no perigo de que o cão de guarda de alguma plantação de tabaco pule no seu pescoço. De modo que eu estaria correndo por uma estrada que levava a lugar nenhum com eles no meu encalço, e se quisessem me atropelar, não acho que o medo de morrerem de câncer os faria pisar no freio.

Pensei em roubar um carro, mas não sabia se seria capaz de fazer uma ligação direta. É o tipo de coisa que não ensinam no orfanato. Eu conhecia a teoria da coisa, porque havia lido sobre eletricidade em um dos livros que o Sr. Kaiser me emprestara para eu talvez me preparar para o exame de segundo grau, mas não havia um capítulo sobre como ligar um Lincoln sem usar a chave. Além disso, eu não sabia dirigir. Todas aquelas coisas que se aprende com os pais ou com os colegas da escola, eu nunca aprendera.

Talvez eu tenha cochilado, talvez não, mas de repente notei que podia ver no escuro. Não era exatamente ver, é claro. Era mais sentir as pessoas em volta de mim. A princípio, apenas as mais próximas, as que estavam na casa. Era porque estavam emitindo fagulhas, é claro, mas enquanto estava ali deitado, sentindo as pessoas irem e virem, no ritmo do sono e dos sonhos, comecei a perceber que vinha sentindo as pessoas havia muito tempo, só que de for-

ma inconsciente. Mesmo que não emitissem centelhas, sabia onde estavam, como se fossem sombras no limiar do meu pensamento. Nem eu mesmo estava consciente disso, mas elas estavam lá. Era como quando Diz Riddle ganhou seu primeiro par de óculos com dez anos de idade, e de repente começou a pular e a gritar de contentamento com todas as coisas novas que estava vendo. Não que não visse antes, mas não era capaz de reconhecer metade do que via. Como as figuras nas moedas. Ele sabia que as moedas não eram lisas, mas não desconfiava que tivessem figuras, números e letras. Comigo tinha sido assim.

Fiquei ali deitado e descobri que podia fazer um mapa mental das pessoas à minha volta. E quanto mais me esforçava, melhor podia ver. Em pouco tempo, minha visão não estava mais restrita àquela casa. Podia sentir as pessoas em outras casas, embora mais fracas e desmaiadas. Entretanto, eu não via as paredes, de modo que não podia saber se alguém estava na cozinha ou no banheiro, eu tinha de tirar conclusões, e isso era difícil, exigia muita concentração. A única pista para mim é que eu podia ver os fios elétricos quando havia corrente circulando, de modo que quando uma lâmpada estava acesa ou havia um relógio elétrico no aposento, eu podia ver aquela linha fina, muito fina, diferente das sombras das pessoas. Não era muito, mas me dava uma idéia de onde estavam as paredes.

Se eu pelo menos soubesse quem era quem, poderia ter alguma idéia do que estavam fazendo. Quem estava dormindo e quem estava acordado. Mas não podia nem mesmo distinguir uma criança de um adulto, porque não podia ver tamanhos, apenas brilhos. Era pelo brilho que eu sabia quem estava longe e quem estava perto.

Eu tinha tido sorte de dormir tanto no dia em que aquele cara me dera carona de Roanoke para Eden. Pensando melhor, não tivera tanta sorte assim, pois era melhor não ter ido para Eden, mas pelo menos eu não estava com o sono atrasado e podia ficar acordado até as coisas se acalmarem.

Havia um bando de pessoas na casa ao lado. Era difícil identificá-las, mas três delas eram muito mais brilhantes que as outras, de modo que a princípio pensei que estivessem mais perto. Depois de algum tempo, compreendi que provavelmente se tratava de mamãe, papai e Papa Lem, junto com outras pessoas menos brilhantes. Devia ser algum tipo de reunião. Depois de algum tempo, a reunião terminou e todos, exceto Papa Lem, entraram na casa onde eu estava. Eu não sabia o motivo da reunião, mas vi que estavam todos zangados e assustados. Assustados, principalmente. Eu também estava assustado. Procurei acalmar-me, da maneira que andava praticando, para não matar

ninguém. Se eu evitasse emitir muitas centelhas, pensariam que eu estava dormindo. Ele não viam tão bem quanto eu, o que ajudava. Achei que iriam subir para me buscar, mas não, esperaram no andar debaixo enquanto um deles subia, e esse não entrou no quarto onde eu estava. Tudo que fez foi percorrer os outros quartos, acordando todos os ocupantes e fazendo-os descer a escada e sair de casa.

Aquilo me deixou ainda mais assustado. Sabia o que pretendiam fazer. Não queriam que eu começasse a soltar centelhas e a matar todo mundo em volta no momento em que me atacassem. Mesmo assim, quando pensei melhor, vi que era também um bom sinal. Estavam com medo de mim, e com muita razão. Eu podia ver mais longe e golpear mais forte do que eles. E eles tinham visto que eu era capaz de devolver qualquer golpe, como quando fiz com a filha de Papa Lem o que ela tentou fazer comigo. Eles não sabiam até que ponto eu era perigoso.

Nem eu.

Finalmente, todos saíram de casa, exceto os que estavam no andar térreo. Havia outros fora da casa, talvez me vigiando, talvez não, mas achei que era melhor não tentar fugir pela janela.

Foi então que alguém começou a subir a escada de novo, sozinho. Não havia ninguém mais para chamar, de modo que só podia estar atrás de mim. Era apenas uma pessoa, mas mesmo assim fiquei nervoso — bastaria um adulto armado de faca para acabar comigo. Ainda não cresci tudo que tenho para crescer, pelo menos é o que espero, e as únicas brigas em que me envolvi foram de brincadeira. Por um minuto, desejei ter tomado aulas de kung fu em vez de passar o dia lendo livros de matemática e ciências, procurando compensar o fato de haver largado a escola tão cedo. De que me adiantaria saber matemática e ciências se alguém me matasse?

O pior é que eu não podia vê-lo. Talvez tivessem apenas tirado as crianças de casa para que não me acordassem de manhã com seu barulho. Talvez estivessem apenas tentando ser gentis. E o cara que estava subindo a escada podia apenas querer saber se eu estava bem, ou me entregar roupas limpas — eu não sabia. De modo que como eu iria torcê-lo por dentro, se não sabia se estava tentando me matar ou o quê? Mas se ele estivesse tentando me matar, seria melhor torcê-lo por dentro antes que entrasse no quarto.

A verdade é que não cheguei a tomar nenhuma decisão. Enquanto eu tentava resolver o que fazer, ele acabou de subir a escada, abriu a porta do meu quarto e entrou.

Procurei respirar devagar, compassadamente, como se estivesse dor-

mindo. Tentei não emitir muitas centelhas. Se aquele cara estivesse apenas querendo saber se eu estava bem, iria embora.

Ele nâo foi embora. Pisava macio, como se nâo estivesse querendo me acordar. Estava muito assustado. Tão assustado que finalmente tive certeza de que não estava se aproximando para ajeitar as minhas cobertas e me dar um beijo de boa-noite.

De modo que resolvi torcê-lo por dentro, cobri-lo de centelhas. Mas eu não tinha centelhas para mandar! Nâo quero dizer que não estivesse zangado. Nunca havia antes tentado matar alguém de propósito, era sempre porque eu já estava zangado, perdia o controle e a coisa acontecia. Agora eu havia passado tanto tempo me acalmando que não podia mais perder o controle. Eu não tinha centelhas para mandar, só a minha sombra brilhante normal, e ele estava ali, e eu não tinha um segundo a perder, de modo que rolei na cama. Na direção dele, o que podia ter sido uma burrice, porque eu podia ter me espetado em uma faca, mas eu ainda não sabia ao certo se ele tinha uma faca. Tudo o que eu estava pensando era que tinha de derrubá-lo ou empurrá-lo ou coisa parecida.

A única pessoa que derrubei foi eu mesmo. Esbarrei nele e caí no chão. Ele cortou minhas costas com uma faca. O corte não foi nada, apenas um arranhão, mas se antes eu estava assustado, agora estava apavorado, porque sabia que ele tinha uma faca e eu, não. Rolei no chão, procurando afastar-me. Não entrava luz pela janela; era como se estivéssemos em um grande armário. Eu não podia vê-lo e ele não podia me ver. Só que, naturalmente, eu podia vê-lo, ou pelo menos sentir onde estava, e agora eu estava emitindo fagulhas em profusão, de modo que, a menos que ele fosse mais fraco do que eu pensava, devia estar me vendo também.

Acontece que ele era mais fraco do que eu pensava. Começou a andar às cegas pelo quarto, brandindo a faca. Não tinha a menor idéia de onde eu estava.

E durante todo aquele tempo eu estava tentando ficar zangado, e não estava funcionando. É impossível ficar zangado de propósito. Talvez um ator seja capaz, mas eu não sou um ator. De modo que eu estava apavorado, soltando um monte de centelhas, mas nâo conseguia usar as centelhas para acabar com ele. Quanto mais eu tentava me enfurecer, mais calmo ficava.

É como se você tivesse carregado uma metralhadora durante toda a sua vida, matando acidentalmente os seus amigos, e na primeira vez em que realmente resolvesse atirar em alguém, a metralhadora enguiçasse.

De modo que parei de tentar ficar zangado. Fiquei ali sentado no chão,

convencido de que iria morrer, de que justo no momento em que finalmente conseguira me controlar para não matar as pessoas, justo no momento em que não tinha mais vontade de me matar, tudo iria por água abaixo. E eles não tinham tido coragem de me atacar às claras. Haviam enviado um assassino sorrateiro, na calada da noite, para me cortar a garganta enquanto eu dormia. E a reunião em que minha sentença de morte fora pronunciada contara com a presença do meu pai e a minha mãe. Droga, meu papaizinho estava lá embaixo naquele exato momento, esperando o assassino descer e dizer que eu estava morto. Será que ele iria chorar por mim? Buá, perdi meu querido filhinho? Mick bateu as botas?

Eu estava zangado. O segredo era simples. Era só parar de pensar em ficar zangado e começar a pensar nas coisas que me faziam ficar zangado. Eu estava com tantas centelhas de medo que quando fiquei zangado, também, foi pior do que nunca. Só que quando soltei as centelhas, elas não foram para o cara que estava no quarto comigo, tentando me matar. Aquele pulso de fogo atravessou o piso e atingiu papai em cheio. Eu o ouvi gritar. Ele sentiu o impacto. Eu, também. Porque não era isso que pretendia fazer. Eu o conhecera naquele dia, mas ele era meu pai, e eu o tratei pior do que jamais tratara alguém em toda a minha vida. Eu não planejara aquilo. Ninguém planeja matar o próprio pai.

De repente, uma luz me cegou. Por um segundo, pensei que fosse o outro tipo de luz, as centelhas. Pensei que fossem eles contra-atacando, me torcendo por dentro. Então percebi que era luz de verdade, a luz da lâmpada do quarto. O sujeito com a faca finalmente se dera conta de que a única razão para nâo acender a luz era para não me acordar, mas agora que eu já estava acordado, era melhor ele ver o que estava fazendo. Felizmente para mim, a luz também o cegou, caso contrário eu estaria com um furo no peito antes de compreender o que se passava, mas tive tempo de recuar para um canto do quarto.

Eu não era nenhum herói, mas estava pensando seriamente em pular em cima dele, em atacar um sujeito com uma faca. Eu corria risco de ser morto, mas não podia pensar em mais nada para fazer.

Foi então que pensei em outra possibilidade. A idéia veio da forma como eu podia sentir a corrente elétrica nos fios que saíam do interruptor da parede. O que havia naqueles fios era eletricidade, e a garota de Roanoke chamara as minhas centelhas de bioeletricidade. Eu devia ser capaz de fazer alguma coisa com ela, não é mesmo?

Pensei primeiro que talvez pudesse provocar um curto-circuito, mas

duvidava que houvesse tanta eletricidade assim no meu corpo. Pensei em acrescentar a eletricidade da casa à que existia em mim, mas me lembrei de que é assim que as pessoas são eletrocutadas. Quero dizer: talvez eu pudesse usar a eletricidade da casa, mas se não pudesse, estaria morto.

Mas eu podia fazer outra coisa. Havia um abajur do meu lado. Peguei a cúpula e joguei-a no cara, que ainda estava parado perto da porta, tentando descobrir quem havia gritado. Depois, peguei o abajur, acendi-o e quebrei a lâmpada na mesinha-de-cabeceira. Centelhas. Mas só por pouco tempo.

Fiquei segurando o abajur, como se fosse uma arma, para que ele pensasse que eu estava tentando defender-me da faca com ele. E se o meu plano não desse certo, acho que é o que eu teria feito. Mas enquanto ele estava olhando para mim, preparando-se para me atacar, deixei o abajur repousar na cama. E então usei minhas centelhas, a raiva que ainda havia dentro de mim. Não podia usá-las contra o cara, ou por outra, podia, sim, mas teria sido como com o motorista do ônibus, um câncer que acabaria com ele em seis meses. Seis meses antes que isso acontecesse, eu estaria transformado em palheiro.

De modo que deixei minhas centelhas fluírem pelo meu braço em direção ao abajur. Funcionou. As centelhas começaram a se acumular na ponta do abajur, e o tempo todo eu pensava que Papa Lem estava tentando me matar porque eu achava que a filha dele era horrorosa e que ele me fizera matar meu pai antes que eu o conhecesse direito e a carga estava aumentando.

Começaram a saltar centelhas do interior da lâmpada quebrada. Centelhas de verdade, do tipo que se pode ver. Em dois segundos, o lençol da cama começou a pegar fogo. Foi nessa hora que arranquei o abajur da tomada, joguei-o no cara, e quando ele se esquivou, peguei o lençol e corri na direção dele. Não sabia qual dos dois pegaria fogo, mas imaginei que ele ficaria surpreso demais para pensar em me esfaquear através do lençol, e realmente ele não pensou, mas deixou cair a faca e tentou se defender do fogo com as mãos. O que não adiantou muita coisa. Então tentou fugir pela porta, mas eu lhe dei um chute no tornozelo e ele caiu, envolvido no lençol.

Peguei a faca e cortei-lhe a parte de trás da coxa. Puxa, como aquela faca era afiada! Ou talvez o medo e a raiva me dessem uma força a que eu não estava acostumado, mas o fato é que o corte chegou ao osso. Ele estava gritando de dor, por causa das queimaduras, e o sangue jorrou da sua perna, e o papel de parede começou, a pegar fogo, e me ocorreu que eles não poderiam me perseguir se estivessem ocupados tentando apagar um incêndio.

Também me ocorreu que eu nâo poderia correr muito bem se morresse queimado no incêndio. E isso me fez pensar que o cara estava morrendo

queimado e que era eu o responsável, que eu o condenara a uma morte tão horrível quanto o câncer, e eu não estava ligando, porque matara tantas pessoas que aquilo não era nada para mim, ainda mais que o cara estava tentando me matar. Não fiquei preocupado nem com o seu sofrimento, porque as dores que estava sentindo não eram piores que as do velho Peleg, e na verdade comecei a me sentir bem, porque era como se estivesse me vingando pela morte do velho Peleg, embora fosse eu o responsável pela morte dos dois. Quero dizer: como é que eu podia me vingar da morte do velho Peleg matando outra pessoa? Talvez fizesse um certo sentido, já que eu tinha ido parar no orfanato por culpa deles. Ou talvez fizesse sentido porque o cara merecia morrer, e Peleg não, de modo que alguém que merecesse tinha de sofrer uma morte tão horrível quanto a de Peleg. Não sei. A verdade é que naquela hora eu não estava pensando nada disso. Só sabia que estava ouvindo um cara gritar de dor e não sentia nenhuma vontade de ajudá-lo. Também não estava me divertindo, não estava pensando: "Queima, desgraçado!" ou coisa parecida. Mas compreendi naquele momento que eu não era humano, que eu era um monstro, como aqueles dos filmes de terror. Aquela cena parecia saída de um filme de terror, alguém morrendo queimado, e um monstro ao lado dele, no meio das chamas, sem se queimar.

Porque era verdade. Eu não estava me queimando. Havia chamas por toda parte, mas elas não se aproximavam de mim, porque eu estava tão cheio de centelhas de ódio por mim mesmo que as chamas não conseguiam passar. Tenho pensado muito a respeito do que aconteceu. Quero dizer: mesmo aquele cientista sueco não sabe tudo a respeito da bioeletricidade. Talvez, quando fico cheio de centelhas, meu corpo seja invulnerável. Talvez tenha sido assim que um general da Guerra Civil desafiou o inimigo de peito aberto (ou será que foi um general na Segunda Guerra Mundial? Não me lembro direito) e as balas não puderam atingi-lo. Talvez, quando você está muito carregado, as coisas não consigam chegar onde você está. Não sei. Só sei que quando finalmente resolvi abrir a porta, o quarto inteirinho estava em chamas e a porta estava em brasa e mesmo assim a abri e saí. Claro que agora tenho um curativo na mão para provar que não posso pegar em uma maçaneta quente sem me queimar um pouco, mas eu não devia ter saído vivo daquele quarto.

Corri para a escada, sem saber quem ainda estava na casa. Eu ainda não estava acostumado a ver as pessoas pelas suas centelhas, de modo que nem tentei. Desci a escada, com aquela faca ensangüentada na mão. Não havia ninguém. Todos tinham fugido antes de eu chegar lá, exceto papai. Ele estava caído no meio da sala, com o corpo dobrado em dois, a cabeça no meio

de uma poça de vômito, o traseiro no meio de uma poça de sangue, tremendo como se estivesse morto de frio. Eu tinha mesmo acabado com ele. Devia estar todo arrebentado por dentro. Não acho que tenha me visto. Mas era o meu pai, e nem um monstro teria coragem de deixar o pai ser devorado pelo fogo. De modo que segurei-o pelos braços para tentar puxá-lo para fora.

Tinha-me esquecido de que estava carregado de centelhas. No momento em que o toquei, as centelhas saíram de mim e o cobriram. Nunca acontecera antes daquele jeito. Parecia que ele estava se afogando na minha luz. Não era absolutamente o que eu pretendia fazer. Estava tentando salvá-lo e em vez disso dei-lhe um golpe ainda mais forte do que o anterior. Era mais do que eu podia suportar. Comecei a gritar.

Depois, arrastei-o para fora. Ele estava inerte, mas mesmo que eu o tivesse matado, mesmo que tivesse transformado suas entranhas em geléia, não podia deixá-lo queimar, era só nisso que eu pensava, nisso e em que eu devia entrar de novo naquela casa, subir a escada e morrer no meio do fogo.

Mas não foi isso que fiz. Havia pessoas gritando Fogo! e gritando Para trás! e achei que era melhor dar o fora. O corpo de papai estava no jardim, na frente da casa, e corri para o quintal. Achei que ouvira alguns tiros, mas poderia ser a madeira das vigas estalando no fogo, não sei. Contornei a casa e corri para a estrada, e se havia alguém no meu caminho saiu da frente, porque até o mais idiota dos moradores da aldeia poderia ver as minhas centelhas. Eu estava tão quente!

Corri até o asfalto acabar e começar a estrada de terra. O céu estava nublado, de modo que o luar não adiantava muita coisa, e era difícil eu me manter na estrada. Caí uma vez e quando estava me levantando pude ver o fogo atrás de mim. A casa inteira estaca em chamas, e havia chamas acima dela, nas árvores. Parecia que não chovia havia muito tempo naquela região e estava tudo seco. Mais do que uma casa iria pegar fogo naquela noite, pensei, e por um segundo cheguei a achar que ninguém me perseguiria.

Mas era uma idéia idiota. Quero dizer: se eles queriam me matar antes só porque eu me recusara a me casar com a filha de Papa Lem, que fariam agora, que eu havia incendiado a aldeia deles? É claro que viriam atrás de mim, e eu teria sorte se minha morte fosse rápida.

Pensei em sair da estrada e me esconder na floresta, mas achei que podia esperar até ver a luz dos faróis dos meus perseguidores.

No momento em que tomei esta decisão, a estrada desapareceu. Eu estava cercado por árvores e arbustos. Dei meia-volta e tentei encontrar de novo a estrada. Devia ter deixado de fazer uma curva, mas não sabia para que

lado. Saí tateando pelo mato, como um cego, tentando encontrar o caminho de volta para a estrada, e foi aí que vi a luz dos faróis, para o lado das casas em chamas — já havia pelo menos três casas em chamas. Eles deviam saber que a aldeia estava perdida. Provavelmente haviam deixado apenas alguns adultos para cuidar das crianças e os outros estavam atrás de mim. Pelo menos, é o que eu teria feito, e para o inferno com o câncer, sabiam que eu não podia enfrentar a todos ao mesmo tempo. Quando os faróis dos carros estivessem suficientemente próximos para mostrar onde ficava a estrada, seria tarde demais para fugir.

Eu estava a ponto de correr de volta para a floresta quando de repente um par de faróis se acendeu a menos de cinco metros de distância, apontando diretamente para mim. Quase molhei as calças. Mick Winger, pensei, desta vez você está frito.

Foi aí que ouvi a voz dela me chamando:

— Entre aqui, Mick, seu idiota, não fique aí parado, entre aqui!

Era a garota de Roanoke. Eu não podia vê-la, por causa da luz dos faróis, mas reconheci a voz. A estrada não terminava ali, apenas fazia uma curva, e ela estava estacionada bem no lugar em que a estrada de terra se encontrava com uma estrada de barro. Cheguei perto do carro que ela estava dirigindo — um Blazer de tração nas quatro rodas, talvez, sei que havia uma alavanca de tração nas quatro rodas na cabina — acontece que a porta estava trancada e ela começou a gritar comigo para que eu entrasse e eu gritei que a porta estava trancada até que finalmente ela destrancou a porta e eu entrei. Ela deu marcha à ré e manobrou o carro tão depressa que quase me jogou para fora, porque eu ainda não havia fechado a porta. Depois, engrenou uma primeira e pisou com força no acelerador. O carro deu um salto para a frente, jogando barro para todos os lados, e a porta se fechou sozinha.

— Aperte o cinto — disse para mim.

— Você me seguiu até aqui?

— Não, ia passando por acaso. Aperte esse maldito cinto!

Obedeci mas depois virei o corpo e olhei para trás. Havia cinco ou seis pares de faróis, dando o solavanco para passar da estrada de terra para a de barro. Nossa dianteira não chegava a dois quilômetros.

— Há vários anos que procuramos este lugar. Pensávamos que ficasse no condado de Rockingham, veja você como estávamos enganados.

— Onde estamos?

— No condado de Alamance.

— Não me interessa em que condado estamos! — explodi. — Acabo

de matar meu pai!

— Procure não se zangar. Principalmente comigo. Desculpe. Acalme-se.

Isso era tudo em que ela podia pensar, que se eu ficasse zangado e perdesse o controle poderia matá-la, e estava certa, porque só consegui me segurar com muito esforço. A dor na minha mão, no lugar onde eu segurara na maçaneta, estava ficando cada vez mais forte, o que não ajudava em nada.

Ela estava dirigindo muito mais depressa do que a luz dos faróis permitia. Quando havia uma curva na estrada, ela freava no último momento, o carro derrapava no barro e várias vezes tive a impressão de que iríamos capotar. Mas ela sempre conseguia recuperar o controle do carro.

Não tive coragem de olhar de novo para trás. Fiquei sentado ali, de olhos fechados, tentando acalmar-me, mas de repente me lembrei do meu pai, de quem eu na verdade não gostava, mas mesmo assim era meu pai, deitado em uma poça de sangue, e me lembrei do cara que morrera queimado no quarto, e embora eu não tivesse me importado na hora, agora eu me importava. Estava zangado e com medo, e odiei a mim mesmo com tanta força que não podia mais agüentar, mas também não podia deixar escapar, e minha vontade de morrer era cada vez maior. Foi aí que percebi que os sujeitos que nos perseguiam estavam tão próximos que eu podia senti-los. Ou talvez não estivessem tão próximos assim. É que eu estava tão zangado que podia ver suas centelhas com mais clareza que de costume. Mas se eu podia vê-los podia atingi-los, não é mesmo? Soltei as minhas centelhas em cima deles. Não sei se acertei o alvo. Não sei se minha bioeletricidade é uma coisa que posso lançar como um raio. Mas pelo menos aquilo serviu para me acalmar, e nâo machuquei a garota que estava ao volante.

Quando chegamos de novo ao asfalto, descobri que ainda não tinha visto nada em matéria de dirigir perigosamente. Ela acelerou mais ainda e começou a olhar para a curva à frente e depois desligar os faróis, só voltando a acendê-los quando estávamos no meio da curva. Era a coisa mais maluca que eu já vira, mas fazia algum sentido. Eles deviam estar seguindo as nossas luzes, e quando ela desligava as luzes do carro, ficavam por alguns momentos sem saber onde estávamos. Também não sabiam para onde seria a próxima curva, de modo que tinham de reduzir a velocidade para não sair da estrada. Claro que também nos arriscávamos a bater em uma árvore, mas ela dirigia como se soubesse o que estava fazendo.

Chegamos a uma reta, com um cruzamento a mais ou menos um quilômetro e meio de distância. Ela desligou de novo os faróis, e achei que talvez

fosse entrar na outra estrada, mas não. Seguiu em frente, mergulhando na escuridão. A reta parecia longa, mas não podia durar para sempre, e por melhor motorista que a pessoa seja, é simplesmente impossível avaliar distâncias no escuro. No momento em que achei que iríamos nos chocar com alguma coisa, ela tirou o pé do acelerador, colocou a mão para fora e acendeu uma lanterna. Ainda estávamos indo bem depressa, mas a luz da lanterna se refletiu num olho-de-gato à nossa frente, de modo que ela ficou sabendo para onde era a próxima curva, e estava mais longe do que eu pensava. Ela fez a curva e depois mais outra, acendendo a lanterna apenas por alguns segundos de cada vez. Pouco depois, tornou a acender os faróis.

Olhei para trás para ver se conseguia ver alguém.

— Você se livrou deles! — exclamei.

— Talvez — disse ela. — Você pode saber com certeza.

Tentei sentir onde eles estavam, e consegui localizá-los, um brilho difuso à distância.

— Estão espalhados.

— Isso é bom — disse ela. — Eles nâo vão desistir com tanta facilidade, você sabe.

— Eu sei.

— Você é mesmo um fenômeno — disse ela.

— E você é uma filha de Esaú.

— Filha de Esaú uma ova! Sou descendente de Jacob Yow, um homem que por acaso tinha talentos bioelétricos. Quando você é alto e atlético, provavelmente se dá bem jogando basquete. No caso da bioeletricidade é a mesma coisa: um talento natural. Só que meu antepassado ficou maluco e resolveu que os membros da sua família teriam de se casar entre si e todos ficaram com essa idéia cretina de que são os escolhidos de Deus, quando na verdade não passam de assassinos.

— Como eu.

— Você nâo pode evitar. Você não teve ninguém para lhe ensinar. Não estou acusando você de nada.

Mas eu estava me acusando.

— Ignorantes, é isso que são — disse ela. — Pois meu avô não queria continuar lendo a Bíblia e matando os fiscais de impostos, xerifes e outras pessoas que nos causavam problemas. Ele queria descobrir quem somos. Ele também não queria se casar com a puta que haviam escolhido para ele só porque não era muito empoeirado. De modo que fugiu. Eles o seguiram e tentaram matá-lo, mas ele conseguiu escapar e se casou. Ele também estu-

dou medicina e se formou e seus filhos cresceram sabendo que tinham de descobrir o que representa esse poder. É como as velhas histórias de bruxas, mulheres que ficam loucas e de repente suas vacas começam a morrer. Talvez elas nem mesmo soubessem o que estavam fazendo. Simpatias, despachos e feitiços, todo mundo pode fazer um pouquinho, como todo mundo pode arremessar uma bola de basquete e às vezes fazer uma cesta, mas algumas pessoas sabem fazer isso muito melhor que os outros. E a turma do Papa Lem pode fazer isso melhor do que todos, porque eles foram criados para isso. Nós temos de detê-los, entende? Temos de impedir que aprendam a controlar o poder que possuem. Porque agora sabemos muita coisa a respeito. Está tudo ligado à forma como o corpo humano regenera suas células. Na Suécia, estão usando a corrente elétrica para curar tumores. Câncer. O oposto do que você tem feito, mas o princípio é o mesmo. Sabe o que isso significa? Que os seguidores de Lem podiam ser médicos, em vez de assassinos. Talvez seja preciso apenas substituir o ódio por amor.

— Vocês mataram aquelas meninas nos orfanatos com amor? — perguntei.

Ela não respondeu. Apenas continuou dirigindo.

— Droga! — exclamou. — Está chovendo!

Em dois segundos, a estrada ficou escorregadia. Ela reduziu muito a velocidade. A chuva apertou. Olhei para trás e vi de novo a luz de faróis. Ainda estavam longe, mas podia vê-los claramente.

— Eles nos encontraram de novo — observei.

— Não podemos ir mais depressa com esta chuva.

— Está chovendo neles também.

— Não com a minha sorte — disse ela.

— A chuva vai apagar o incêndio. Lá onde eles moram.

— Não faz diferença. Eles vão se mudar. Sabem que foram descobertos, porque eu salvei você. Por isso, vão se mudar.

Pedi desculpas por ter atrapalhado os planos deles, e ela disse:

— Não podíamos deixar você morrer mas mãos da turma de Lem. Tínhamos de tentar salvá-lo.

— Por quê? Por que não me deixaram morrer?

— Vamos colocar as coisas de outra forma. Se você resolvesse se juntar a eles, teríamos de matá-lo.

— Você é a rainha da compaixão, sabe disso? — Pensei um pouquinho naquilo. — Vocês são como eles, sabia? Você queria um filho meu. Queria que eu me reproduzisse como um cavalo de raça!

— Se eu quisesse um filho seu, aproveitaria a oportunidade que tive na colina, esta manhã. Ontem de manhã. Você teria concordado. E eu tinha tudo para ir em frente, porque se você passasse para o lado deles, nossa única esperança era ter um filho seu que pudéssemos educar para ser uma pessoa decente. Só que você se revelou uma pessoa decente, de modo que não precisamos matá-lo. Agora podemos estudá-lo e aprenderemos muito com o maior exemplo vivo deste fenômeno.

— E se eu não quiser ser estudado? Já pensaram nisso?

— O que você quer não é importante — disse ela.

Foi nesse momento que começaram a atirar em nós. Com chuva ou sem chuva, estavam chegando cada vez mais perto, e tinham boa pontaria, porque logo o primeiro tiro entrou pela janela traseira, passou entre nós dois e fez um buraco no pára-brisa. O pára-brisa ficou todo rachado e ela teve de reduzir a marcha mais ainda, de modo que eles chegaram ainda mais perto.

Foi nesse instante que fizemos uma curva e nossos faróis iluminaram um bando de gente saltando de um carro com armas nas mãos, e ela exclamou:

— Finalmente!

Calculei que só podia ser a turma dela, que chegara para nos ajudar. Mas naquele mesmo momento os seguidores de Lem devem ter acertado num dos nossos pneus, ou talvez ela tenha feito alguma manobra brusca, porque afinal de contas não podia ver muito bem pelo pára-brisa rachado, mas de qualquer maneira ela perdeu o controle do carro, derrapamos e capotamos umas cinco vezes, tudo em câmara lenta, rolando e rolando, as portas se abrindo e sendo arrançadas, o pára-brisa se desfazendo em mil pedaços, e nós presos nos cintos de segurança, sem dizer muita coisa a não ser Oh Meu Deus, ou algo parecido, e depois batemos em alguma coisa e simplesmente paramos com um tremendo solavanco, e tudo terminou

Ouvi barulho de água. Um rio, pensei. Vamos poder nos lavar. Só que não era água, e sim gasolina derramando do tanque. Depois ouvi o ruído de tiros, vindo da estrada. Não sabia quem estava lutando contra quem, mas se os bandidos ganhassem, adorariam pôr fogo naquela gasolina. Não teríamos muita dificuldade para sair. As portas não existiam mais, de modo que não seria preciso sair pela janela ou coisa parecida.

O carro havia tombado sobre o lado esquerdo, de modo que a porta dela estava esmagada contra o chão. Disse a ela:

— Vamos ter de sair pela minha porta.

Tive suficiente presença de espírito para passar um braço para fora do

carro antes de desafivelar o cinto; icei-me para fora, firmei o corpo na lateral do carro e estendi o braço para dentro, para ajudá-la a sair.

Só que ela não estava se mexendo. Chamei e ela não respondeu. Pensei por um segundo que estivesse morta, mas depois verifiquei que ainda emitia centelhas. Engraçado, eu nunca prestara atenção nas centelhas dela, mas agora, embora fossem fracas, podia vê-las claramente. Só que não eram tão fracas. Estavam muito ativas, como se ela estivesse tentando se curar. O barulho de água continuava, e o cheiro de gasolina era cada vez mais forte. O tiroteio não cessara. E mesmo que ninguém aparecesse para nos incendiar de propósito, eu já havia visto filmes suficientes para saber que não é preciso acender um fósforo para pôr fogo em um carro acidentado. Claro que eu não queria estar perto do carro quando ele pegasse fogo, nem queria que ela estivesse dentro dele. Mas também não sabia como iria entrar de volta no carro e salvá-la. Quero dizer: não sou nenhum fracote, mas também não sou o Mr. Universo.

Devo ter ficado parado ali um minuto antes de perceber que não precisava puxá-la pelo meu lado do carro; podia tirá-la pela frente, porque o pára-brisa inteiro desaparecera e o teto estava apenas um pouquinho amassado, porque havia uma barra de reforço no carro. Tinha sido uma boa idéia, colocar uma barra de reforço. Saltei do carro. Não estava chovendo no momento, mas tinha chovido, de modo que estava tudo molhado e escorregadio. Ou talvez estivesse escorregadio por causa da gasolina. Não sei. Cheguei à frente do carro e removi os restos do vidro do pára-brisa com o pé. Depois, rastejei para dentro, segurei-a pela cintura e desafivelei o cinto de segurança. Tentei puxá-la para fora, mas as pernas dela estavam presas debaixo do volante e levei um tempo enorme para libertá-la, foi horrível, e o tempo todo eu tentava ouvir sua respiração, e ela não respirava, de modo que fui ficando cada vez mais assustado e frustrado e só pensava que ela não podia morrer, que acabara de salvar minha vida e agora estava ali inerte e não podia estar morta, e eu tinha de tirá-la do carro mesmo que tivesse de quebrar-lhe as pernas para conseguir, só que não foi preciso quebrar-lhe as pernas e finalmente ela começou a escorregar para fora, e a arrastei para longe do carro. Ele não pegou fogo, mas eu não podia ter certeza de que não iria pegar.

De qualquer forma, tudo que me preocupava no momento era ela, sem respirar, deitada no chão, com o pescoço torto, e eu a abraçava chorando e zangado e assustado e nós dois estávamos cobertos de centelhas, como se fôssemos a mesma pessoa, totalmente cobertos, e eu estava chorando e dizendo: Viva! Não podia nem chamá-la pelo nome porque não sabia o nome

dela. Só sei que estava tremendo como se estivesse com febre e ela também, e agora ela estava respirando e chorando baixinho como alguém que acabasse de pisar em um gatinho e as centelhas continuavam a nos envolver e eu me sentia como se alguém tivesse me sugado, como se eu fosse uma toalha molhada e alguém tivesse me torcido e me jogado no chão, e depois não me lembro de mais nada até acordar aqui.

O que você sentiu? O que fez a ela?

Eu me senti como se a estivesse cobrindo de luz, como se estivesse fazendo o que o corpo dela devia fazer, como se eu a estivesse curando. Talvez eu tenha tido a idéia porque ela disse alguma coisa a respeito de cura quando estava dirigindo o carro, mas ela não estava respirando quando a puxei para fora, e depois estava respirando. De modo que quero saber se a curei. Porque se ela ficou curada quando a cobri com minha luz, talvez eu não tenha matado meu pai, porque foi parecido, eu acho que foi parecido o que aconteceu quando o arrastei para fora da casa.

Estou falando há muito tempo, e vocês ainda não me disseram nada. Mesmo que achem que não passo de um assassino, precisam me contar o que aconteceu com ela. Ainda está viva?

Está.

Então por que não posso vê-la? Por que ela não está aqui com vocês?

Ela teve que ser operada. Vai levar algum tempo para ficar boa.

Mas eu a ajudei? Ou a machuquei? Vocês têm de me contar. Porque se não a ajudei é melhor eu não passar no teste e vocês me matarem porque não consigo pensar em nenhuma razão para continuar vivendo porque não mereço estar vivo quando a única coisa que sei fazer é matar pessoas.

Você a ajudou, Mick. Aquele último tiro a atingiu na cabeça. Foi por isso que ela perdeu a direção.

Mas ela não estava sangrando!

Estava escuro, Mick. Você não podia ver. Você estava todo sujo com o sangue dela. Mas isso não importa. Já extraímos a bala. Parece que o cérebro não foi lesado. Devia ter sido. Ela devia ter morrido.

Então eu a ajudei.

Ajudou, mas não sabemos como. Existem todo o tipo de histórias a respeito de curas pela fé, você sabe. Imposição das mãos. Talvez seja o tipo de coisa que você fez. Uma questão de misturar os campos eletromagnéticos. Muitas coisas ainda não fazem nenhum sentido. Não compreendemos como a pequena quantidade de eletricidade que existe no sistema bioelétrico de um ser humano pode ser capaz de influenciar uma pessoa a centenas

de quilômetros de distância, mas eles chamaram você, e você veio. Precisamos estudar você, Mick. Nunca conhecemos alguém tão poderoso como você. Para dizer a verdade, talvez nunca tenha havido alguém como você. Ou talvez todas as curas do Novo Testamento...

Não quero ouvir falar de testamentos. Papa Lem falou de testamentos até me deixar cansado de ouvir falar de testamentos.

Vai nos ajudar, Mick?

Ajudar vocês como?

Queremos estudar você.

Pois estudem.

Talvez não baste estudar como você cura pessoas.

Não vou matar ninguém para vocês. Se tentarem me fazer matar alguém, vou matar vocês primeiro. Estão me entendendo?

Calma, Mick. Não fique zangado. Vai ter muito tempo para refletir. Na verdade, estamos satisfeitos por você não ter matado mais ninguém. Se você gostasse de matar, ou mesmo se não pudesse se controlar e continuasse a matar indiscriminadamente todas as pessoas que o aborrecem, não teria chegado aos dezessete anos. Porque sim, somos cientistas, ou pelo menos estamos finalmente aprendendo que podemos começar a ser cientistas. Mas em primeiro lugar somos seres humanos, e estamos no meio de uma guerra, e crianças como você são as armas. Se eles tivessem alguém como você do lado deles, poderiam acabar conosco. É isso que queriam que você fizesse.

É verdade, isso é uma das coisas que Papa Lem me disse. Não sei se já mencionei isso antes, mas ele disse que os filhos de Israel deviam matar todos os homens, mulheres e crianças de Canaã, porque os idólatras tinham de abrir caminho para os filhos de Deus.

Foi por isso que nosso ramo da família se afastou, você entende. Não achamos que fosse uma boa idéia dizimar a raça humana e substituí-la por um bando de fanáticos religiosos, incestuosos e assassinos. Durante os últimos vinte anos, nós os impedimos de recrutar alguém como você, porque matamos as crianças que eram tão poderosas que eles tinham de colocar em orfanatos.

Exceto eu.

É uma guerra. Não gostamos de matar crianças. Mas é como bombardear um lugar onde seus inimigos estão construindo uma arma secreta. As vidas de umas poucas crianças — não, isso é uma mentira. A discussão a respeito nos dividiu muito, quase acabou conosco. Deixar você viver... isso

foi um grande risco. Votei contra todas as vezes. E não vou pedir desculpas por isso, Mick. Agora que você sabe o que eles são, e preferiu deixá-los, estou satisfeito por ter sido a minoria. Mas tantas coisas podiam ter dado errado!

Acho que eles não vão mais colocar as crianças em orfanatos. Devem ter aprendido a lição.

Mas agora nós temos você. Talvez possamos aprender a bloquear o que eles fazem. Ou a curar as pessoas que eles atacam. Ou a identificar as centelhas (é o termo que você usa, não é?) à distância. Há muitas possibilidades. Mas no futuro, Mick, você pode ser a nossa única arma. Entende?

Não quero ser uma arma.

Eu sei.

Vocês queriam me matar?

Eu queria proteger as pessoas de você. Era mais seguro. Mick, estou satisfeito porque as coisas terminaram assim.

Não sei se acredito no senhor, Sr. Kaiser. É um mentiroso nato. Achei que estava sendo bondoso comigo simplesmente porque era uma pessoa bondosa.

Oh, ele é, Mick. Ele é boa gente. E também um grande mentiroso. Precisávamos das duas qualidades na pessoa que encarregamos de vigiar você.

Seja como for, está tudo acabado.

O que está acabado?

Vocês não estão mais a fim de me matar, estão?

Isso depende de você, Mick. Se não ouvir nossos conselhos, ou começar a matar pessoas que não fazem parte da nossa guerra...

Claro que não vou fazer isso!

Mas se fizer, Mick, teremos de matá-lo.

Posso falar com ela?

Ela quem?

A garota de Roanoke! Não acham que eu devia saber o nome dela?

Venha comigo. Ela lhe dirá pessoalmente.

ISAAC ASIMOV Magazine

FICÇÃO CIENTÍFICA

- **David Brin**, ganhador dos prêmios Hugo e Nebula, estréia em nossas páginas com "O Carteiro".
- **Octavia E. Butler** reaparece com "Os Hospedeiros", noveleta que ganhou o prêmio Hugo.
- **Geoffrey A.** fala de uma astronauta perdida na lua, em "Um Passeio no Sol".
- E mais: histórias de **Finisia Fideli** e **Isaac Asimov** além de um depoimento de **Fábio Fernandes** sobre o movimento Cyberpunk e uma nova seção de biografias, que estréia com a biografia de **Geoffrey A. Landis**. Não Percam!

NÃO PERCAM O PRÓXIMO NÚMERO DE

ISAAC ASIMOV Magazine

FICÇÃO CIENTÍFICA